Escrevendo como Richard Bachman

STEPHEN KING

A LONGA MARCHA

The Long Walk

Stephen King
(Richard Bachman)

Em uma América do futuro,
a maratona é o máximo em
esportes de competição...
Uma novela de arrepiante
possibilidade macabra

Este livro é dedicado a Jim Bishop,
Burt Hatlen e Ted Holmes.

“Para mim, o Universo era destituído de Vida, de Finalidade, de Vontade, mesmo de Hostilidade. Era um motor a Vapor imenso, morto, imensurável, rolando, em sua morta indiferença, para me moer, membro após membro. Ó vasto, lúgubre, solitário Gólgota e Moinho da Morte! Por que foram os Vivos banidos para lá, sem companheiros, conscientes? Por quê, se não há o Demônio? Não, a menos que o Demônio seja seu Deus!”

— THOMAS CARLYLE

“Eu estimularia todos os americanos a andar com tanta frequência quanto possível. Isso é mais do que saudável. É divertido.”

— JOHN F. KENNEDY (1962)

“A bomba não funciona / Porque os vândalos levaram a manivela

— BOB DYLAN

PARTE UM

COMEÇANDO

CAPÍTULO 1

"Diga a palavra secreta e ganhe cem dólares.
George, quem são nossos primeiros competidores?
George..? Você está aí, George?"

— GROUCHO MARX
You Bet Your Life

Naquela manhã, um velho Ford azul entrou no pátio de funcionamento protegido por seguranças, parecendo um pequeno e cansado cachorro após uma difícil corrida. Um dos seguranças, um rapaz de fisionomia sem expressão, uniforme cáqui e cartucheira Sam Browne, pediu para ver a carteira de identidade. O rapaz que se encontrava no assento traseiro entregou-a à mãe, que a passou ao segurança. Este levou-a para um terminal de computador, que parecia estranho e deslocado no silêncio rural. O computador engoliu o cartão, que relampejou na tela:

GARRATY RAYMOND DAVIS
RD 1 POWNAL MAINE
ANDROSGOGGIN COUNTY
CI NUMERO 49-801-89
OK-OK-OK

O segurança apertou outro botão e tudo isso desapareceu, deixando a tela do terminal lisa, verde e vazia novamente. Com um gesto, mandou-os prosseguir.

— Eles não devolvem a carteira? — perguntou a sra. Garraty. — Eles não...

— Não, mamãe — respondeu pacientemente Garraty.

— Bem, eu não estou gostando disso — retrucou ela, entrando no espaço vazio.

Vinha dizendo isso desde que haviam partido na escuridão das 2:00h da manhã. Na verdade, ela estivera gemendo isso.

— Não se preocupe — tranquilizou-a o rapaz, mas sem escutar o que dizia.

Estava ocupado olhando e com sua própria confusão de expectativa e medo. Saiu do carro quase no exato momento em que o motor soltava seu último chiado asmático — um rapaz alto, benfeito de corpo, usando um desbotado uniforme de faxina do Exército, no frio de 8:00h da manhã de primavera.

A mãe era também alta, mas magra demais. Quase não tinha seios, que eram meros botões simbólicos. Os olhos dela moviam-se por ali, inseguros, um pouco chocados. O rosto era de uma inválida. O cabelo acinzentado se desmanchara sob a complicação dos grampos que supostamente deviam mantê-lo arrumado. O vestido escorria desajeitado pelo corpo, como se ela houvesse perdido recentemente muito peso.

— Ray — disse ela em uma voz sussurrada de conspirador que ele viera a odiar —, Ray, escute...

Ele baixou a cabeça e fingiu arrumar a camisa dentro da calça. Um dos seguranças comia Crations, que tirava de uma lata, e .ia uma revista de quadrinhos. Garraty observou o guarda que comia e lia e pensou pela décima milionésima vez: É tudo real. E naquele momento, pelo menos, esse pensamento começou a ganhar algum peso.

— Ainda há tempo para você mudar de ideia...

O medo e a expectativa subiram um ponto.

— Não, não há tempo pra isso — respondeu o rapaz. — A data para desistir foi ontem.

Ela, ainda naquela voz baixa de conspirador que ele odiava:

— Eles compreenderiam, sei que compreenderiam. O major...

— O major faria... — começou Garraty e viu a mãe encolher-se toda. — Você sabe o que o major faria, mamãe.

Outro carro concluíra o mesmo ritual, cruzara o portão e estacionara. Um rapaz de cabelos escuros desceu. Os pais seguiram-no e, durante um momento, os três ficaram em conferência, como preocupados jogadores de beisebol. Ele, como alguns dos outros rapazes, trazia uma mochila leve. Garraty conjeturou se não fora um pouco estúpido em não fazer a mesma coisa.

— Você não vai mudar de ideia?

Era culpa, culpa acobertando-se com a face da preocupação. Embora contasse apenas 16 anos de idade, Ray Garraty sabia alguma coisa a respeito de culpa. Ela achou que fora seca demais, cansada demais, ou talvez apenas absorvida demais em suas mágoas mais antigas para deter a loucura do filho no nascedouro — deter antes que a pesada maquinaria do estado, com seus guardas vestidos de cáqui e terminais de computador assumisse o comando, ligando cada vez mais a seu ser insensato a cada dia que passava, até a véspera, quando a tampa caíra com um estrondo final.

O rapaz pôs a mão no ombro da mãe.

— Isto é ideia minha, mamãe. Sei que não foi sua. Eu... — Olhou em volta. Ninguém prestava a menor atenção a eles. — Eu a amo, mas esta maneira é melhor, de qualquer jeito.

— Não é — retrucou ela, nesse momento prestes a chorar. — Ray, não é. Se seu pai estivesse aqui ele botaria um ponto final...

— Bem, ele não está, certo? — Foi brutal, na esperança de evitar que ela se debulhasse em lágrimas... E se os guardas tivessem que arrastá-la dali? Ouvira dizer que isso às vezes acontecia. O pensamento lê-lo sentir frio. Em voz mais suave, disse: — Esqueça isso agora, mamãe, Okay? — Forçou um sorriso. — Okay respondeu por ela.

Embora o queixo ainda lhe tremesse, ela inclinou a cabeça. Não estava certo, mas

era tarde demais. Não havia nada que alguém pudesse fazer a esse respeito.

Um vento leve murmurava através dos pinheiros. O céu era um azul puro. A estrada ficava em frente, bem como o marco simples de pedra que marcava a fronteira entre a América e o Canadá. De repente, a expectativa do rapaz tomou-se maior do que o medo e ele quis começar logo, botar o espetáculo na estrada.

— Fui eu que fiz. Você pode levá-los, não pode? Não são muito pesados, são?

E enfiou nas mãos deles um pacote de biscoitos embrulhados em papel de alumínio.

— Tudo bem.

Aceitou os biscoitos e abraçou-a desajeitado, tentando dar-lhe aquilo que ela precisava ter. Beijou-lhe o rosto. A pele dela parecia seda velha. Durante um momento, teve vontade de ele mesmo chorar. Nesse momento, lembrou-se da face sorridente, do bigode do major, e recuou um passo, enfiando os biscoitos num dos bolsos do uniforme de faxina.

— Adeus, mamãe.

— Adeus, Ray. Seja um bom menino.

A mãe ficou parada ali por um momento e ele teve a sensação de que ela era muito leve, como se até mesmo o fraco sopro da brisa que corria por aquela manhã pudesse levá-la para longe como um dente-de-leão que murchava. Depois, voltou para o carro e deu partida ao motor. Garraty permaneceu no mesmo lugar. A mãe ergueu a mão e acenou, as lágrimas correndo nesse momento. Viu-as. Acenou de volta e, enquanto ela se afastava, ele permaneceu ali, os braços caídos ao lado do corpo, consciente de como devia estar parecendo vistoso, bravo e solitário. Mas quando o carro cruzou novamente o portão, sentiu uma sensação de abandono e novamente foi apenas um rapaz de 16 anos, sozinho em um lugar estranho.

Voltou a olhar para a estrada. O outro rapaz, o de cabelos escuros, observava nesse momento os pais se afastarem. Tinha uma cicatriz feia num dos lados do rosto. Garraty aproximou-se dele e disse alô.

O rapaz moreno olhou-o de soslaio.

— Oi.

— Eu sou Ray Garraty — disse Ray, sentindo-me meio babaca.

— Eu sou Peter McVries.

— Está pronto? — perguntou Garraty.

McVries encolheu os ombros.

— Nervoso. Isso é o pior.

Garraty concordou com uma inclinação de cabeça.

Os dois dirigiram-se para a estrada e o marco de pedra. Atrás deles, outros carros

deixavam o estacionamento. Inesperadamente, uma mulher começou a gritar.

Inconscientemente, Garraty e McVries se aproximaram mais um do outro. Nenhum dos dois olhou para trás. À frente deles estendia-se a estrada, larga e preta.

— Esse composto usado no piso vai ficar quente ao meio-dia — disse bruscamente McVries. — Vou ficar junto do acostamento.

Garraty inclinou a cabeça. McVries fitou-o, pensativo.

— Quanto você pesa?

— Setenta e dois quilos e meio.

— Eu, setenta e seis e meio. Dizem que os caras mais pesados cansam mais depressa, mas acho que estou numa forma muito boa.

Para Garraty, Peter McVries parecia mais do que isso — parecia em perfeita aptidão física. Perguntou a si mesmo quem eram os eles que diziam que caras mais pesados cansavam mais cedo, quase perguntou, mas resolveu que não. O Passeio era uma dessas coisas que existiam em obras apócrifas, talismãs, lendas.

McVries sentou-se à sombra perto de dois outros rapazes e, após um momento, Garraty sentou-se ao lado dele. McVries parecia ter resolvido ignorá-lo inteiramente. Garraty olhou para o relógio. Eram 8:05h. Cinquenta e cinco minutos antes de começar. A impaciência e a expectativa voltaram e fez o melhor que podia para afastá-las, dizendo a si mesmo que desfrutasse o estar sentado ali, enquanto podia.

Todos os rapazes estavam sentados. Sentados em grupos ou sozinhos. Um dos rapazes subira para o ramo mais baixo de um pinheiro por cima da estrada e estava comendo o que parecia um sanduíche de geleia. Era magrelo e louro, usava calça púrpura e camisa azul de cambraia por baixo de uma velha suéter azul fechada por zíper e que tinha buracos nos cotovelos. Gostaria de saber se os magrelos aguentavam ou eram queimados logo.

Os rapazes perto dos quais se sentara, juntamente com McVries, conversavam nesse momento.

— Não vou me apressar — disse um deles. — Por que deveria? Se receber uma advertência, como é que eu fico? Eu me ajusto, só isso. Ajustamento é a palavra-chave aqui. Lembre-se de onde ouviu isso pela primeira vez.

Olhou em volta e descobriu Garraty e McVries.

— Mais cordeiros para o matadouro. Meu nome é Hank Olson. Andar é o meu jogo.

Disse isso sem a menor sombra de um sorriso.

Garraty deu seu nome, com cuidado. McVries mencionou o seu, distraído, ainda olhando para a estrada.

— Eu sou Art Baker — disse o outro, tranquilamente.

Falava com um leve sotaque sulista. Os quatro trocaram apertos de mão.

Após um momento de silêncio, McVries disse:

— Meio assustador, não?

Todos inclinaram as cabeças, menos Hank Olson, que deu de ombros e sorriu. Garraty viu o rapaz no pinheiro terminar o sanduíche, fazer uma bola do papel encerado do embrulho e jogá-la no acostamento de terra da estrada. Ele vai se queimar logo, concluiu. Esse pensamento fê-lo sentir-se um pouco melhor.

— Estão vendo aquele lugar bem junto do marco de pedra? — perguntou de repente Olson.

Todos olharam. A brisa lançava sombras movediças na estrada.

Garraty não teve certeza se estava ou não vendo alguma coisa.

— Aquele é da Longa Marcha do ano atrasado — continuou Olson com sinistra satisfação.

— Um garoto ficou com tanto medo que não conseguiu se mover às 9:00h.

Todos ali pensaram em silêncio no horror daquilo.

— Simplesmente, não conseguia se mover. Recebeu suas três advertências e em seguida, às 9:00h, deram-lhe o bilhete. Ali mesmo, na linha de partida.

Garraty perguntou a si mesmo se suas pernas iam imobilizar-se. Achava que não, mas isso era uma coisa que o cara não sabia com certeza até chegar a hora, e era um pensamento terrível. Especulou sobre o motivo por que Hank Olson trouxera à baila uma coisa tão terrível.

Subitamente, Art Baker levantou-se, espigou-se.

— Lá vem ele.

Um jipe de cor castanha aproximou-se do marco de pedra e parou. Era seguido por um veículo estranho, equipado com esteiras, que se movia muito mais lentamente. Viram discos de radar parecendo de brinquedo montados à frente e atrás da semilagarta. Dois soldados matavam o tempo no estrado em cima e Garraty sentiu um calafrio na barriga quando olhou para eles. Conduziam fuzis de alto calibre do exército.

Alguns rapazes levantaram-se do chão, mas não Garraty. Nem Olson nem Baker e, após um olhar inicial, McVries parecia ter recaído em seus pensamentos. O garoto magrelo no pinheiro balançava indolentemente os pés.

O major desceu do jipe. Era um homem alto, espigado, com um forte bronzeado de deserto que combinava bem com o uniforme cáqui simples. Trazia uma pistola na cartucheira Sam Browne e usava óculos espelhados. Boatejava-se que os olhos do major eram extremamente sensíveis à luz e ele nunca era visto em público sem seus óculos de sol.

— Sentem-se, rapazes — disse ele. — Não esqueçam a Regra Treze.

A Regra Treze: “Conserve energia sempre que possível.”

Sentaram-se os que haviam se levantado. Garraty olhou novamente para o relógio.

Marcava 8:16h e achou que estava um minuto adiantado. O major sempre chegava na hora. Pensou por um momento em atrasá-lo um minuto mas depois esqueceu isso.

— Não vou fazer discurso — começou o major, varrendo-os com a lente vazia que lhe cobria os olhos. — Apresento minhas congratulações ao vencedor entre vocês e presto minha homenagem à coragem dos que perderem.

Virou-se para a parte traseira do jipe. Caiu um silêncio vivo. Garraty respirou fundo o ar da primavera. Faria calor. Seria um dia bom para andar.

O major voltou-se novamente para eles, uma prancheta na mão.

— Quando eu chamar o nome, por favor, deem um passo à frente e recebam seus números. Depois, voltem a seus lugares até a hora da largada. Façam isso rapidamente, por favor.

— Você está no exército agora — disse baixinho Olson com urra sorriso. Garraty, porém, ignorou-o. Não se podia deixar de admirar o major. Seu pai, antes que as Patrulhas chegassem para levá-lo, gostara de chamar o major de o monstro mais raro e mais perigoso que qualquer nação pode produzir, um sociopata apoiado pela sociedade. Mas ele nunca vira o majorem pessoa.

— Aaronson.

Um garoto do campo, baixo e atarracado, pescoço queimado de sol, adiantou-se desajeitado, obviamente apavorado com a presença do major, e recebeu seu grande número 1 plástico. Prendeu-o à camisa com a fita de pressão e o major deu-lhe uma palmadinha nas costas.

— Abraham.

Era um garoto alto, cabelos arruivados, vestido de jeans e camisa de malha. Trazia a jaqueta amarrada em volta da cintura, ao jeito dos escolares, e seus joelhos tremiam loucamente. Olson soltou um risonho.

— Baker, Arthur.

— Sou eu — disse Baker, e levantou-se.

Movia-se com enganoso abandono e deixou Garraty nervoso. Baker ia ser uma parada dura. Baker ia durar muito tempo.

Baker voltou ao seu lugar. Pressionou o número 3 sobre o lado direito do peito.

— Ele lhe disse alguma coisa? — perguntou Garraty.

— Ele me perguntou se estava começando a fazer calor lá na minha região do sul — respondeu timidamente Baker. — Sim, ele... o major falou comigo.

— Não tão quente quanto vai começar a ficar aqui em cima — observou Olson.

— Baker, James — disse o major.

A chamada continuou até as 8:40h e correu tudo bem. Ninguém deu uma de

ausente. No pátio de estacionamento, motores deram partida e alguns carros começaram a sair dali — rapazes da lista de espera que nesse momento voltavam para casa e que assistiriam na TV a cobertura da Longa Marcha. Começou, pensou Garraty, começou realmente.

Ao chegar seu número, o major deu-lhe o número 47 e disse “Boa sorte”. De perto ele tinha um cheiro muito masculino e de certo modo esmagador. Garraty sentiu uma ânsia quase incontrolável de lhe tocar a perna e certificar-se de que ele era real.

Peter McVries recebeu o número 61. Hank Olson foi o 70. Ele ficou mais tempo com o major do que o resto. O major riu de alguma coisa que Olson disse e deu-lhe uma palmada nas costas.

— Eu disse a ele para manter um bocado de dinheiro em reserva — contou Olson, quando voltou. — Ele me disse para fazê-los passar um mau pedaço. Disse que gostava de ver que estava querendo vencer. Faça com que eles passem o diabo, rapaz, disse.

— Muito bom — comentou McVries e piscou para Garraty.

Garraty ficou sem saber o que McVries quisera dizer, piscando daquela maneira. Estaria zombando de Olson?

O nome do garoto magrelo em cima da árvore era Stebbins. Recebeu o número de cabeça baixa, não dizendo uma única palavra ao major, e depois voltou e se sentou à base da árvore. Garraty sentiu-se de alguma forma fascinado por aquele rapaz.

O número 100 era um cara ruivo, de cor vermelho-terrosa. Clamava-se Zuck. Recebeu o número e em seguida todos se sentaram por ali, à espera do que iria acontecerem seguida.

Os três soldados que estavam no alto da semilagarta desceram e começaram a distribuir cintos com bolsos de pressão. Os bolsos estavam cheios de tubos de pastas concentradas de alta energia. Mais soldados apareceram, trazendo cantis. Os competidores afivelaram os cintos e prenderam neles os cantis. Olson pendurou o seu baixo, nas cadeiras, como um pistoleiro, encontrou num dos bolsos uma barra de chocolate Waifa e começou a comê-la.

— Nada mau — disse, sorrindo.

Tomou um gole no cantil, ajudando a descer o chocolate, e Garraty perguntou a si mesmo se Olson estava simplesmente se mostrando, ou se sabia alguma coisa que ele, Garraty, desconhecia.

O major olhou-os, sério. O relógio de Garraty marcava 8:56h — como pudera o tempo correr tanto assim? O estômago mexeu-se, dolorosamente.

— Muito bem, caras, em fila em grupos de dez, por favor. Nenhuma ordem em especial.

Se quiserem, fiquem com seus amigos.

Garraty levantou-se. Sentia-se entorpecido e irreal. Era como se seu corpo nesse

momento pertencesse a alguma outra pessoa.

— Bem, lá vamos nós — disse McVries ao seu lado. — Boa sorte para todos.

— Boa sorte pra você — respondeu surpreso Garraty.

McVries disse então:

— Preciso que essa minha droga de cabeça seja examinada.

Pareceu subitamente pálido e suado, não tão maravilhosamente apto como antes. Estava fazendo força para sorrir, e não conseguindo. A cicatriz sobressaía no seu rosto como um estranho ponto de interrogação.

Stebbins levantou-se e dirigiu-se devagar para a retaguarda da fila de dez de largura e dez de profundidade. Olson, Baker, McVries e Garraty ficaram na terceira fila. Garraty sentiu a boca seca. Pensou se devia ou não beber um pouco de água. Resolveu que não.

Nunca, em toda a vida, estivera tão consciente assim dos pés. Conjeturou se eles ficariam imobilizados e receberia sua multa na linha de partida. E se Stebbins entregaria os pontos logo... Stebbins com seu sanduíche de geleia e calça púrpura. Ou se ele entregaria os pontos primeiro. E o que sentiria se...

O relógio marcava 8:59h.

O major examinava um cronômetro de bolso de aço inoxidável. Ergueu devagar os dedos e tudo ficou suspenso de sua mão. Os cem rapazes observaram-na atentamente em meio ao silêncio terrível e imenso. O silêncio era tudo.

O relógio de Garraty chegou às 9:00h mas a mão no ar não desceu.

Faça isso! Por que ele não fazia?

Sentiu vontade de gritar.

Nesse momento, lembrou-se que seu relógio estava adiantado um minuto. Podia-se acertar o relógio pelo major, apenas não fizera isso, esquecera.

Os dedos do major baixaram.

— Boa sorte a todos — disse.

O rosto permaneceu impassível e os óculos espelhados esconderam-lhe os olhos. Os competidores começaram a andar suavemente, sem esbarrarem um no outro.

Garraty acompanhou a turma. Não ficara imobilizado. Ninguém ficara. Seus pés ultrapassaram o marco da pedra, em compasso de parada com os de McVries à esquerda e Olson à direita. O som dos passos era muito alto.

É isso, é isso, é isso.

Sentiu uma súbita e insana ânsia de parar. Apenas para ver se eles levavam aquilo realmente a sério. Indignado e um pouco medroso, rejeitou o pensamento.

Saíram da sombra para o sol, o quente sol de primavera. Gostoso. Relaxou, enfiou

as mãos nos bolsos e manteve o passo com McVries. O grupo começou a se espalhar, cada pessoa encontrando seu próprio ritmo e velocidade. A semilagarta seguia barulhenta pelo acostamento de grama, levantando poeira fina. Os minúsculos discos de radar giravam ativamente, monitorando a velocidade de cada competidor com um sofisticado computador de bordo. A baixa velocidade de desligamento era exatamente de 6,4km/h.

— Advertência! Advertência ao 88!

Garraty sobressaltou-se e olhou em volta. Stebbins. Stebbins era o número 88. De repente, teve certeza de que Stebbins ia receber sua multa ali mesmo, ainda à vista da linha de partida.

— Sabido — comentou Olson.

— O quê? — perguntou Garraty.

Teve que fazer um esforço consciente para mover a língua.

— O cara recebe uma advertência enquanto ainda está descansado e faz uma ideia de onde fica o limite. E ele pode cancelar isso fácil, fácil. Se anda uma hora sem receber nova advertência, você cancela uma das antigas. Você sabe disso.

— Claro que sei — respondeu Garraty. Isso estava no livro das regras, Davam ao cara três advertências. Na quarta vez em que o cara ficava abaixo dos 6,4km... bem, ele ficava fora da Marcha. Mas se recebera três advertências e conseguia caminhar por três horas, voltava a concorrer.

— De modo que ele agora sabe — observou Olson. — Às 10:02h, ele está novamente limpo.

Garraty continuou a andar em bom ritmo. Estava se sentindo bem. A linha de partida desapareceu de vista quando subiram uma colina e começaram a descer para um vale comprido, pontilhado de pinheiros. Aqui e ali viam campos retangulares, com a terra recentemente movida.

— Batatas, segundo me disseram — observou McVries.

— As melhores do mundo — respondeu automaticamente Garraty.

— Você é do Maine? — perguntou Baker.

— Sou, do sul do estado.

Olhou para a frente. Vários rapazes haviam se destacado do grupo principal, fazendo talvez 9,6km/h. Dois deles usavam casacos de couro idênticos, com o que pareciam ser águias nas costas. Era uma tentação estugar o passo, mas Garraty recusou-se a apressar-se. “Conserve energia sempre que puder.” Regra 13.

— A estrada passa perto de sua cidade natal? — perguntou McVries.

— A mais ou menos 11km de um lado. Acho que minha mãe e minha namorada vão aparecer por lá para me ver. — Após uma pausa, acrescentou alegremente: — Se eu ainda estiver andando, claro.

— Não teremos percorrido nem 40km ainda quando chegarmos ao sul do estado — observou Olson.

Um silêncio caiu entre eles a essas palavras. Garraty sabia que não era assim e achou que Olson sabia, também.

Dois outros garotos receberam advertências e, a despeito do que Olson dissera, o coração de Garraty saltou a cada vez. Olhou para trás à procura de Stebbins. Ele continuava na rabeira, e comendo outro sanduíche de geleia. Viu um terceiro sanduíche projetando-se do bolso da suéter verde esmolambada. Garraty pensou se a mãe dele preparara aqueles sanduíches e lembrou-se dos biscoitos que a mãe lhe dera — enfiando os com torça em sua mão, como se para afastar os maus espíritos.

— Por que é que não deixam que pessoas assistam ao começo da Longa Marcha? — perguntou Garraty.

— Prejudica a concentração dos Competidores — disse uma voz seca.

Garraty virou a cabeça. Era um rapaz moreno, baixo, de expressão séria, o número 5 colado à gola da jaqueta. Garraty não conseguiu lembrar-se do nome dele.

— Concentração? — perguntou.

— Isso mesmo — O rapaz adiantou-se e começou a andar ao lado de Garraty. — O major disse que é muito importante concentrar-se na calma, no início da Longa Marcha.

Empurrou pensativamente com o polegar a ponta do nariz bastante afilado. Havia ali uma espinha vermelha, brilhante. — Concordo. Agitação, multidões, TV, depois. Neste exato momento, o que precisamos é de localização. — Olhou para Garraty com os olhos escuros encapuçados e repetiu: — Focalização.

— Tudo o que estou focalizando agora é pegar umas garotas e meter nelas — disse Olson.

O número 5 deu a impressão de se sentir insultado.

— Você tetra que se ritmar. Tem que focalizar-se em si mesmo. Você precisa ter um plano. Meu nome é Gary Barkovitch, por falar nisso. Moro em Washington, D.C.

— E o meu nome é John Carter — respondeu Olson. — Eu moro em Barsoom, Marte.

Barkovitch encrespou o lábio em uma expressão desdenhosa é atrasou o passo.

— Há um cuco em todo relógio, acho — disse Olson.

Garraty, porém, pensou que Barkovitch estava pensando com grande clareza pelo menos até que um dos guardas gritou “Advertência! Advertência número 5!”, uns cinco minutos depois.

— Estou com uma pedra no sapato! — disse irascivelmente Barkovitch.

O soldado não respondeu. Desceu da semilagarta e se postou no acostamento da estrada, em frente a Barkovitch. Tinha na mão um cronômetro de aço inoxidável igual

ao do major. Barkovitch parou inteiramente e tirou o sapato. Sacudiu dele um pequeno seixo.

Moreno, sério, a face encovada, azeitonada, lustrosa de suor, não deu atenção quando o soldado disse em voz alta: "Segunda advertência, número 5!" Em vez disso, alisou com todo cuidado a meia sobre o arco do pé.

— Oh, oh — disse Olson.

Todos eles haviam se virado e estavam andando de costas.

Stebbins, ainda na rabeira, passou por Barkovitch, mas sem olhá-lo. Nesse momento

Barkovitch ficou isolado, ligeiramente à direita da linha branca, voltando a dar o laço no sapato.

— Terceiro aviso, número 5. Aviso final.

Surgiu alguma coisa na barriga de Garraty que lhe pareceu uma pegajosa bola de muco.

Não queria olhar, mas não podia desviar a vista. Não estava conservando energia sempre que possível andando assim, de costas, mas também não pôde evitar isso. Quase que podia sentir os segundos de Barkovitch diminuindo e desaparecendo.

— Oh, poxa — disse Olson. — Aquele merda burro vai receber sua multa.

Mas Barkovitch logo se levantou. Espanou um pouco da poeira da estrada de cima dos joelhos. Depois, iniciou um trote, emparelhou-se com o grupo, e voltou a seu passo de marcha. Passou por Stebbins, que continuou a hão olhá-lo, e emparelhou-se com Olson.

Sorriu, os olhos castanhos faiscando.

— Viu? Simplesmente consegui um descanso. Está tudo no meu plano.

— Talvez você pense assim — respondeu Olson, a voz mais alta do que o habitual. — Tudo que vi foi que você recebeu três advertências. Por sua merda de minuto e meio você vai ter que andar três... merdas... de horas. E por quê, com todos os diabos, você precisava de descanso? A gente apenas começou, pelo amor de Deus!

Barkovitch pareceu insultado. Virou olhos ardentes para Olson.

— Vamos ver quem recebe sua multa primeiro — disse. — Está tudo em meu plano.

— Seu plano e a coisa que sai de meu cu têm uma suspeita semelhança entre si disse Olson.

Baker soltou uma risadinha.

Com uma fungadela, Barkovitch passou por eles.

Olson não conseguiu resistir a uma observação de despedida:

— Simplesmente, não tropece, meu chapa. Não vão adverti-lo novamente. Vão simplesmente...

Barkovitch nem mesmo olhou para trás e Olson calou-se, enojado.

Às 9:13h pelo relógio de Garraty (ele se dera ao trabalho de atrasá-lo em um minuto), o jipe do major apareceu no alto da colina que eles haviam acabado de descer. Passou por eles usando o acostamento oposto ao que era usado pela lenta semilagarta e levou aos lábios um alto-falante a bateria:

— É um prazer anunciar que vocês concluíram os primeiros 1.600 metros da jornada, rapazes. Gostaria também de lembrar a vocês que a mais longa distância que um grupo completo de Competidores percorreu foi de 12,4km. Tenho esperança de que vocês superem essa marca.

O jipe acelerou à frente do grupo. Olson pareceu estar analisando essa informação com espanto atordoado, mesmo temeroso. Menos de treze quilômetros, pensou Garraty. Não era nem de perto tão longe quanto teria imaginado. Não esperara que ninguém — nem mesmo Stebbins — recebesse uma multa até fins da tarde, no mínimo. Pensou em Barkovitch. Tudo o que ele teria que fazer era cair abaixo da velocidade na hora seguinte.

— Ray? — Era Art Baker quem falava. Tirara o casaco e o pendurara num braço. Alguma razão particular por que você se inscreveu na Longa Marcha?

Garraty soltou o cantil e tomou um rápido gole. Fria e gostosa. Deixou gotas de umidade no lábio superior e lambeu-as. Era bom, era bom sentir coisas como essas.

— Realmente, não sei — respondeu, dizendo a verdade.

— Eu, também não. — Baker pensou por um momento. — Você fazia esporte de pista ou coisa parecida? Na escola?

— Não.

— Nem eu. Mas acho que isso não tem importância, certo? Não, agora.

— Não, agora, não — concordou Garraty.

A conversa diminuiu. Passaram por uma pequena aldeia com um desses armazéns do interior e uma bomba de gasolina. Dois velhos sentados em cadeiras de desarmar fora da bomba de gasolina observaram-nos passar com aqueles olhos encapuçados e reptilianos dos muito idosos. Nos degraus do armazém, uma mulher moça ainda ergueu alto o filho pequenino para que ele os visse passar. E uns dois garotos mais velhos, por volta dos 12 anos, pensou Garraty, seguiram-nos desejosamente com os olhos até que eles desapareceram.

Alguns rapazes começaram a especular sobre quantos quilômetros haviam percorrido.

Chegou a informação de que uma segunda lenta semilagarta fora enviada para cobrir a marcha da meia dúzia de rapazes que estava na vanguarda... Nesse momento,

não podiam mais ser avistados. Alguém disse que eles estavam fazendo 11,2km por hora.

Outro disse que eram 16km. Mas alguém lhes disse com ares de autoridade que o cara lá na frente estava começando a atrasar e que fora advertido duas vezes. Garraty perguntou a si mesmo por que não o alcançavam, se isso era verdade.

Olson terminou a barra de chocolate Waifa que começara na fronteira e bebeu um pouco de água. Outros estavam comendo, também, mas Garraty resolveu esperar até ficar realmente com fome. Ouvira dizer que os concentrados eram muito bons. Os astronautas usavam-nos quando partiam para o espaço.

Um pouco depois das 10:00h passaram por uma tabuleta que dizia LIMESTONE 16km.

Garraty lembrou-se da única Longa Marcha que o pai o deixara ver. Haviam ido a Freeport e observaram-nos quando eles passaram. A mãe estivera com eles. Os Competidores estavam cansados, de olhos encovados e mal notaram os aplausos, os acenos e os hurras constantes enquanto pessoas ovacionavam seus favoritos e aqueles em quem haviam apostado. Seu pai lhe dissera mais tarde naquele dia que havia espectadores na estrada desde Bangor. Na região alta a coisa não era tão interessante e a estrada era rigorosamente isolada — talvez para que eles pudessem se concentrar na calma, como dissera Barkovitch. Mas à medida que o tempo passava, a estrada melhorava, claro.

Quando os Competidores passaram por Freeport naquele ano já estavam na estrada há 72 horas. Garraty tinha dez anos na ocasião e ficara impressionadíssimo com tudo aquilo. O major fizera um discurso para a multidão enquanto os rapazes se encontravam ainda a 8km da cidade. Começara com Competição, passara ao Patriotismo e terminara com alguma coisa chamada Produto Nacional Bruto. Garraty rira ao ouvir isso porque, para ele, bruto significava alguma coisa ruim, como fanchona. Comera seis cachorros-quentes e quando finalmente viu os Competidores havia molhado a calça.

Um dos rapazes estivera gritando. Essa era sua recordação mais vívida. Cada vez que baixara o pé, gritara: Não posso. NÃO POSSO. Não posso. NÃO POSSO. Mas continuara a andar. Antes de muito tempo todos haviam passado por L.L. Bean na Estrada Federal 1 e desapareceram. Garraty ficara levemente desapontado por não ter visto ninguém receber a multa. Nunca mais haviam assistido a outra Longa Marcha.

Mais tarde naquela noite, ouvira o pai falando embolado ao telefone, da maneira que fazia quando estivera bebendo ou falando em política, e sua mãe no fundo falando em seu sussurro conspiratório, implorando-lhe que parasse, por favor, parasse com aquilo, antes que alguém identificasse a linha do partido.

Bebeu mais um pouco d’água e pensou em como estava indo Barkovitch.

Nesse momento, passavam por mais casas. Sentadas nos gramados em frente às casas, famílias sorriam, acenavam, bebendo Coca-Cola.

— Garraty — disse McVries —, poxa, poxa, veja só o que você arranjou.

Uma moça bonita de uns 16 anos de idade, usando blusa branca e calça três quartos erguia alto uma tabuleta escrita com pincel mágico: PRA FRENTE-PRA FRENTE GARRATY, NÚMERO 47 Nós amamos você, Ray, “Favorito do Maine”.

Garraty sentiu o coração inchar. De repente, teve certeza de que ia vencer. A garota desconhecida provara isso.

Olson assoviou baixinho e começou a enfiar e tirar rapidamente o dedo indicador da outra mão, levemente fechada. Garraty achou que era uma coisa muito doentia o que ele estava fazendo.

O diabo que levasse a Regra 13. Correu para o lado da estrada. A moça viu-lhe o número e soltou um grito agudo. Lançou-se a ele e beijou-o com força. Garraty ficou de repente em um assanhamento suado. Beijou-a também vigorosamente. A boca, delicadamente, enfiou duas vezes a língua em sua boca. Mal sabendo o que estava fazendo, colocou uma das mãos numa nádega redonda e apertou-a suavemente.

— Advertência! Advertência, número 47!

Garraty recuou e sorriu.

— Obrigado.

— Oh... oh... de nada!

Os olhos dela estavam iluminados.

Tentou pensarem mais alguma coisa para dizer, mas viu o soldado abrindo a boca para lhe fazer a segunda advertência. Voltou trotando para seu lugar, arquejando um pouco e sorrindo. Mas, ainda assim, sentiu-se um pouco culpado por ter ignorado a Regra 13.

Olson também estava sorrindo.

— Por aquilo eu teria topado três advertências.

Garraty não respondeu, mas virou-se e andou de costas, acenando para a garota. Quando ela desapareceu de vista, deu a volta sobre si mesmo e voltou a caminhar em passos firmes. Uma hora, antes que sua advertência fosse cancelada. Tinha que ter cuidado para não receber outra. Mas sentia-se bem. Sentia-se apto. Achava que podia andar até a Flórida. Começou a andar mais rápido.

— Ray — disse McVries, ainda sorrindo —, por que essa pressa toda?

Sim, estava certo. Regra 6: Devagar você chega lá.

— Obrigado.

McVries continuou a sorrir.

— Não me agradeça demais. Eu também estou aqui para vencer.

Garraty fitou-o, desconcertado.

— Quero dizer, não vamos levar esta coisa na base dos Três Mosqueteiros. Gosto de você e é óbvio que você é um grande sucesso com moças bonitas. Mas se você cair, não vou levantá-lo do chão.

— É isso — disse Garraty, sorrindo em resposta, mas um sorriso capenga.

— Por outro lado — disse Baker em voz arrastada —, nós estamos nisto juntos e bem que podemos nos divertir uns aos outros.

McVries sorriu.

— Por que não?

Chegaram a uma ladeira e economizaram o fôlego para andar. A meio caminho, Garraty tirou a jaqueta e pendurou-a no ombro. Momentos depois, passaram pela suéter que alguém deixara cair na estrada.. Naquela noite, pensou Garraty, alguém ia desejar tê-la ainda. À frente, uns dois Competidores que estavam na dianteira começaram a perder terreno.

Garraty concentrou-se em emparelhar-se com eles e passá-los. Ainda se sentia bem.

Ainda se sentia forte.

CAPÍTULO 2

"Agora você tem o dinheiro, Ellen, e pode ficar com ele. A menos, claro, que queira trocá-lo pelo que está atrás da cortina."

— MONTY HALL,
Let's Make a Deal

— Eu sou Harkness, número 49. Você é Garraty, número 47. Certo?

Garraty olhou para Harkness, que usava óculos e tinha cabelo de recruta. O rosto de Harkness estava vermelho e suado.

— Certo.

Harkness tinha na mão uma caderneta. Nela escreveu o nome e o número de Garraty. O cursivo dele era estranho e irregular, as letras subindo e descendo enquanto ele andava.

Trombou com um cara chamado Colhe Park, que lhe disse, merda, olhe para onde está indo. Garraty abafou um sorriso.

— Estou anotando o nome e o número de todo mundo — disse Harkness.

Quando levantou a vista, o sol de meados da manhã faiscou nas lentes dos óculos, e Garraty teve que apertar os olhos para ver o rosto. Eram 10:30h e estavam a 12,8km de Limestone e tinham que percorrer apenas mais 2,8km para bater o recorde de maior distância coberta por um grupo completo da Longa Marcha.

— Acho que você está curioso para saber por que estou anotando o nome e o número de todo mundo — disse Harkness.

— Você faz parte dos Esquadrões — disse em tom de piada Olson, por cima do ombro dele.

— Não. Vou escrever um livro — respondeu cordialmente Harkness. — Quando tudo isto acabar, vou escrever um livro.

Garraty sorriu.

— Se vencer, você vai escrever um livro, é isso o que você quer dizer.

Harkness deu de ombros.

— Sim, acho que sim. Mas olhe o caso deste ângulo: um livro sobre a Longa Marcha escrito por alguém que dela participou pode me fazer rico.

McVries explodiu numa gargalhada.

— Se vencer, você não vai precisar de um livro para torná-lo rico.

Harkness franziu as sobrancelhas.

— Bem... acho que não. Mas ainda assim daria um livro danado de interessante,

acho.

Continuaram a andar e Harkness continuou a anotar nomes e números. A maioria os deu de boa vontade, brincando a respeito do grande livro.

Nesse momento haviam percorrido 9,6km. Chegou a notícia de que pareciam boas as probabilidades de quebra do recorde. Garraty pensou por um momento por que eles deveriam querer quebrar o recorde. Quanto mais rápido diminuísse a concorrência, melhores as probabilidades dos que continuavam na prova. Acho que era uma questão de orgulho. Chegou também a notícia de que aguaceiros eram previstos para a tarde.

Alguém tinha um rádio transistor, pensou. Se verdade, isso era uma má noticia. Os aguaceiros de princípios de maio não eram os mais quentes.

Continuaram a andar.

McVries andava em passos firmes, mantendo a cabeça alta e balançando ligeiramente os braços. Tentara o acostamento, mas a areia frouxa ali fizera-o desistir. Não fora avisado e se a mochila estava lhe criando problema ou esfolamento, não deu sinais disso.

Conservava sempre os olhos indagadores no horizonte. Quando passavam por pequenos grupos de pessoas, acenava e sorria aquele seu sorriso de lábios finos. Não mostrava sinais de cansaço.

Baker continuava a andar, movendo-se em um tipo de arrastamento com os joelhos flexionados que parecia cobrir o terreno quando ninguém estava olhando. Balançava preguiçosamente o casaco, sorria para as pessoas que apontavam e às vezes assoviava um baixo trecho de alguma música. Garraty pensou que ele dava a impressão de que poderia continuar para sempre.

Olson não estava mais conversando tanto e a cada poucos momentos dobrava um joelho rapidamente. Em todas as ocasiões, Garraty ouvia a articulação estalar. Olson estava endurecendo um pouco, pensou, começando a mostrar o esforço de uma marcha de 9,6km. Achou que um dos cantis dele devia estar quase vazio. Olson teria que urinar antes de muito tempo.

Barkovitch mantinha o mesmo ritmo errático, ora à frente do grupo principal, como se quisesse se emparelhar com os Competidores do pelotão avançado, ora caindo para a posição de Stebbins na rabeira. Cancelou uma de suas três advertências, e voltou a recebê-la cinco minutos mais tarde. Garraty chegou à conclusão de que ele gostava de andar à beira de coisa nenhuma.

Stebbins simplesmente continuava a andar no seu próprio ritmo. Garraty não o vira trocar palavra com ninguém. Teve vontade de saber se Stebbins estava se sentindo cansado ou solitário. Ainda pensava que Stebbins entregaria os pontos logo — talvez fosse o primeiro — embora não soubesse por que pensava assim. Stebbins tirara a velha suéter verde e levava na mão o último sanduíche de geleia. Não olhava para ninguém.

Seu rosto era uma máscara.

Continuaram a andar.

A estrada era cortada por outra e policiais detiveram o tráfego, enquanto os Competidores passavam. Prestaram continência a todos os Participantes e uns dois meninos, seguros de sua impunidade, fizeram gestos imorais. Garraty não gostou disso.

Sorriu e inclinou a cabeça ao receber as continências e conjecturou se a polícia pensava que todos eles eram loucos.

Os carros buzinavam. Uma mulher gritou para o filho. Estacionara ao lado da estrada, e aparentemente queria certificar-se de que seu garoto continuava na Marcha.

— Percy! Percy!

Ele era o número 31. Enrubesceu, acenou um pouco e em seguida continuou a andar, apressado, a cabeça ligeiramente encurvada. A mulher tentou correr para a estrada. Os guardas no alto da semilagarta endureceram, mas um dos policiais pegou-a pelo braço e conteve-a com suavidade. Em seguida, a estrada descreveu uma curva e o cruzamento desapareceu da vista.

Passaram por uma ponte de madeira. Um pequeno riacho gorgolejava embaixo. Garraty aproximou-se do balaústre e, olhando por cima, viu por um curto momento a imagem distorcida de seu próprio rosto.

Deixaram para trás uma tabuleta que dizia LIMESTONE 11,2km e a seguir sob uma faixa ondeante com os dizeres LIMESTONE ORGULHA-SE DE DAR AS BOASVINDAS AOS PARTICIPANTES DA LONGA MARCHA. Garraty achou que deviam estar a menos de 1,5km da quebra do recorde.

Mas nesse momento chegou uma notícia e desta vez sobre um rapaz chamado Curley, número 7. Curley estava com um estiramento e já recebera sua primeira advertência.

Garraty estugou o passo e emparelhou-se com McVries e Olson.

— Onde está ele?

Olson indicou com o polegar um rapaz magrelo, desengonçado, vestido de blue jeans.

Curley andara tentando criar costeletas. Que não haviam crescido. O rosto magro e sério nesse momento apresentava rugas de terrível concentração e ele olhava fixamente para a perna direita. Estava poupando-a. Perdia terreno e o rosto mostrava isso.

— Advertência! Advertência, número 7!

Curley obrigou-se a andar mais rápido. Arquejava um pouco. Tanto de medo quanto de esforço, pensou Garraty, que perdeu toda noção de tempo. Esqueceu tudo, menos Curley. Observou-o lutar, compreendendo de forma vaga que aquela poderia ser sua luta dentro de uma hora ou de um dia.

Era o espetáculo mais fascinante que já presenciara.

Curley atrasou-se, devagar, e várias advertências foram feitas a outros participantes antes que o grupo se desse conta de que estava ajustando sua velocidade na fascinação por aquilo. O que significava que Curley estava quase no seu limite.

— Advertência! Advertência, número 7! Terceira advertência, número 7!

— Estou com um estiramento! — gritou, rouco, Curley. — Isso não é justo, se a pessoa está com um estiramento!

Nesse momento ele estava quase junto de Garraty, que viu o pomo-de-adão de Curley subir e descer. Curley massageava freneticamente a perna. E Garraty sentiu o pânico desprendendo-se dele em ondas e aquilo era como um limão maduro, recém-cortado.

Começou a adiantar-se e logo depois Curley exclamou:

— Graças a Deus! Está melhorando!

Ninguém disse nada. Garraty sentiu um irritado desapontamento. Era vil e antiesportivo, pensou, mas queria ter certeza de que alguém receberia uma multa antes dele. Quem quer deixar uma prova em primeiro lugar?

O relógio marcava nesse momento 11:05h. Pensou que isso significava que haviam quebrado o recorde, calculando duas horas multiplicadas por 6,4km. Chegariam logo a Limestone. Viu Olson flexionar inicialmente um joelho e em seguida o outro. Curioso, tentou ele mesmo fazer isso. As juntas do joelho estalaram audivelmente e ficou surpreso ao descobrir quanto enrijecimento se acumulara ali. Ainda assim, os pés não doíam. Isso era alguma coisa.

Passaram por um caminhão de leite na entrada de uma pequena estrada vicinal de terra.

Sentado no capô do caminhão, o leiteiro acenou bem-humorado:

— Aguentem aí, rapazes.

Garraty sentiu uma súbita raiva. E vontade de gritar: Porque não tira essa bulida gorda daí de cima e vem andar conosco? O leiteiro, porém tinha mais de 18 anos. Na verdade, estava muito além dos 30. Era um velho.

— Muito bem, todo mundo, cinco minutos de descanso — disse de repente Olson, provocando riso em alguns.

O caminhão de leite desapareceu de vista. Nesse momento começaram a aparecer mais policiais e pessoas tocando as buzinas de seus carros e acenando. Alguém jogou confete neles. Garraty começou a sentir-se importante. Ele era, afinal de contas, "O Orgulho do Maine".

Inesperadamente, Curley soltou um grito. Garraty olhou para trás, por cima do ombro.

Viu Curley dobrado em dois, segurando a perna e gritando. De alguma maneira,

incrivelmente, ele continuava a andar, mas muito devagar. Devagar demais.

Tudo ali começou a mover-se lentamente, como se para acompanhar a maneira como Curley andava. Os soldados na parte traseira da lenta semilagarta ergueram suas armas. A multidão arquejou; como se não tivesse sabido que a coisa era assim, e os Competidores também, como se não tivessem sabido, e Garraty arquejou com eles, mas claro que soubera, claro que todos sabiam, era tudo muito simples. Curley ia receber sua multa.

Travas de segurança deram pequenos estalidos. Como aves assustadas, os rapazes que estavam em volta de Curley dispersaram-se. Ele ficou de repente sozinho na estrada inundada de sol.

— Não é justo! — gritou ele. — Simplesmente, não é justo!

Os rapazes entraram numa clareira sombreada, alguns olhando para trás, outros olhando fixamente para a frente, com medo de ver. Garraty olhava. Tinha que olhar. Os espectadores dispersos que acenavam haviam caído no silêncio, como se alguém os houvesse simplesmente desligado.

— Não é...

Quatro fuzis dispararam nesse momento. Com grande estrondo. O som viajou como se fosse uma bola de boliche, atingiu as colinas e voltou.

A cabeça angulosa, cheia de espinhas de Curley, desapareceu e transformou-se numa massa de sangue, cérebro e fragmentos de crânio. O que sobrou dele caiu para a frente sobre a linha branca da estrada como se fosse um saco de correspondência.

Noventa e nove agora, pensou nauseado Garraty. Noventa e nove garrafas de cerveja em cima do muro e se uma daquelas garrafas por acaso caísse... oh, Jesus... oh, Jesus...

Stebbins passou por cima do cadáver. O pé escorregou numa poça de sangue e o passo seguinte com aquele pé deixou uma trilha sangrenta na estrada, tal como uma fotografia na revista Official Detective. Stebbins não olhou para baixo, para o que sobrara de Curley. Nem mudou a expressão de seu rosto. Stebbins, seu filho da puta, pensou Garraty, todo mundo esperava que você fosse o primeiro, não sabia? Mas depois mudou a vista. Não queria sentir-se mal. Não queria vomitar.

Uma mulher que estava ao lado de um ônibus Volkswagen enterrou o rosto nas mãos.

Sua garganta emitiu estranhos ruídos. Garraty descobriu que podia olhar de baixo para cima do vestido dela, até a calcinha. Calcinha azul. Inexplicavelmente, descobriu que estava novamente excitado. Um homem gordo, careca, olhava para Curley enquanto esfregava freneticamente uma verruga ao lado da orelha. Passou a língua pelos lábios grossos e grandes e continuou a olhar, esfregando a verruga. Continuava olhando quando Garraty passou por ele.

A marcha prosseguiu. Quando deu por si, Garraty estava andando novamente ao

lado de Olson, Baker e McVries. Era quase como se estivessem se protegendo mutuamente.

Nesse momento, todos eles olhavam diretamente para a frente, conservando, com todo cuidado, os rostos sem expressão. O eco dos fuzis parecia ainda reverberar no ar.

Garraty continuou a pensar nas pegadas sangrentas deixadas pelo tênis de Stebbins.

Teve curiosidade em saber se continuava a deixar marcas vermelhas no chão e quase virou a cabeça para olhar, mas controlou-se e disse a si mesmo para não ser idiota. Mas não pôde deixar de pensar nisso. E a pensar se aquilo doera em Curley. Se Curley sentira as balas com ponta de gás penetrarem em seu corpo ou se ele estivera simplesmente vivo num segundo e morto no outro.

Mas claro que doera. Doera, antes, na pior e mais destruidora maneira, sabendo que não haveria mais você, mas que o universo continuaria a rolar do mesmo jeito, intacto e livre.

Chegou o aviso de que haviam percorrido quase 14km antes de Curley ter comprado sua passagem final. Dizia-se que o major estava contentíssimo. Garraty pensou consigo mesmo: como, diabo, alguém pode saber onde o major está?

Olhou para trás, subitamente, querendo saber o que estava sendo feito com o corpo de Curley. mas já haviam entrado em outra curva da estrada. Curley não podia mais ser visto.

— O que é que você tem aí na mochila? — perguntou subitamente Baker a McVries.

Estava fazendo um esforço para manter a voz rigorosamente neutra, mas ela saiu alta e fina, quase no ponto de rompimento.

— Uma camisa limpa — respondeu McVries. — E alguns hambúrgueres de carne crua.

— Hambúrgueres de carne crua... — disse Olson, fazendo cara de nojo.

— Energia boa e rápida em hambúrgueres de carne crua — explicou McVries.

— Você está brincando. Vai vomitar por todo lado.

McVries simplesmente sorriu.

Garraty desejou ter, ele também, trazido alguns hambúrgueres de carne crua. Não sabia de coisa alguma sobre energia rápida, mas gostava de hambúrgueres de carne crua. Era melhor do que tabletes de chocolate e concentrados. Subitamente, pensou nos biscoitos, mas, depois do que acontecera a Curley não tinha muita fome. Depois do que acontecera a Curley poderia, realmente, ter pensado em comer hambúrgueres de carne crua?

A notícia de que um dos Competidores recebera sua multa correu pelos espectadores e, por alguma razão, eles começaram a aplaudir ainda mais alto. Aplausos

que estalavam como pipoca. Garraty pensou se era ou não embaraçoso ser morto na frente de pessoas e chegou à conclusão de que o cara, quando chegava a hora, não dava a mínima bola para tal detalhe. Curley tampouco parecera preocupar-se no mínimo com isso. Tinha que urinar, porém. Seria ruim. Resolveu não pensar no caso.

Os ponteiros do relógio estavam nesse instante parados no meio-dia. Cruzaram uma ponte de ferro enferrujado que passava por cima de uma ravina alta e seca e encontraram no outro lado um cartaz: VOCÊS ESTÃO ENTRANDO NOS LIMITES DA CIDADE DE LIMESTONE — SEJAM BEM-VINDOS, CAMINHANTES!

Alguns rapazes deram vivas, Garraty, porém, economizou o fôlego.

A estrada alargou-se e os participantes se espalharam confortavelmente e o grupo afrouxou ligeiramente o passo. Final de contas, nesse momento Curley ficara uns 4,5km para trás.

Tirou os biscoitos da mochila e durante alguns momentos girou nas mãos o embrulho de papel de alumínio. Pensou com saudade na mãe, mas depois reprimiu esse sentimento.

Veria a mãe e Jan em Freeport. Elas haviam prometido isso. Comeu um biscoito e sentiu-se melhor.

— Quer saber de uma coisa? — disse McVries.

Garraty sacudiu a cabeça. Tomou um gole no cantil e acenou para um casal idoso, sentado ao lado da estrada, e que mostrava um pequeno cartaz que dizia GARRATY.

— Não tenho a mínima ideia do que vou querer se ganhar esta prova — continuou McVries. — Não há nada de que eu realmente necessite. Quero dizer, não tenho uma mãe velha e doente inválida em casa ou um pai ligado a uma máquina renal, ou qualquer coisa assim. E nem mesmo um irmãozinho morrendo tristemente de leucemia.

Soltou uma risada e tirou o cantil do suporte.

— Você tem um bom argumento aí — concordou Garraty.

— Você quer dizer, eu não tenho nenhum argumento. Esta coisa toda não faz sentido.

— Você não está realmente falando sério — respondeu confiante Garraty. — Se tivesse que recomeçar tudo isto...

— Sim, sim, eu ainda faria, mas...

— Hei! — O rapaz que ia à frente deles, Pearson, apontou: — Calçadas!

Estavam finalmente entrando na cidade propriamente dita. Belas casas recuadas da estrada como que os olhavam da posição privilegiada de gramados verdes que subiam.

Os grasnados estavam cheios de gente, acenando e aplaudindo. Achou que quase todos ali estavam sentados. Sentados no chão, em cadeiras de gramado, como os velhos

que vira na bomba de gasolina, sentidos em cima de mesas de piquenique. Sentados mesmo em balanços e escorregas de terraço. Sentiu uma pontada de raiva ciumenta.

Continuem e aplaudam até se cansarem. O diabo me leve se eu responder mais. Regra 13. Conserve energia sempre que possível.

Mas terminou por chegar à conclusão de que estava sendo tolo. Podiam pensar que ele estava ficando proa. Ele era, afinal de contas, "O Favorito do Maine". Resolveu que ia acenar para todas as pessoas que portassem cartazes com a palavra GARRATY. E para todas as moças bonitas.

Ruas secundárias e cruzamentos passaram ininterruptamente. Sycamore Street e Clark Avenue, Exchange Street e Juniper Lane. Deixaram para trás um armazém de esquina com um anúncio de cerveja Narragansett na vitrina e uma loja de "tudo até 55 centavos" cheia de fotos do major.

Havia pessoas nas calçadas, mas poucas. No todo, ficou desapontado. Sabia que as verdadeiras multidões apareciam mais adiante, mas aquilo de certo modo parecia-se com um buscapé molhado. E o pobre Curley perdera mesmo isso.

O jipe do major saiu subitamente de uma rua lateral e começou a acompanhar o grupo principal. A vanguarda continuava ainda alguma distância à frente.

Explodiu uma tremenda salva de palmas. O major inclinou a cabeça, sorriu e acenou para a multidão. Depois; fez uma meia-volta para a esquerda e saudou os rapazes.

Garraty sentiu um arrepio subir pela espinha. Os óculos de sol do major brilharam à luz de começos da tarde.

Em algum lugar às suas costas, uma voz disse, baixinho mas distintamente:

— Santa merda.

Virou a cabeça, mas não havia ninguém ali, apenas quatro ou cinco rapazes observando atentos o major (um deles deu-se conta de que estava fazendo continência e baixou a mão, embaraçado) e Stebbins, que não parecia nem mesmo estar olhando para o major.

O jipe adiantou-se com um rugido do motor. Um momento depois, o major desapareceu.

Chegaram ao centro de Limestone por volta de 12:30h. Ficou desapontado. Aquilo se parecia muito com uma cidadezinha que só tinha um hidrante. Havia uma rua de lojas, três pátios de venda de carros usados, um McDonalds, um Burger King e um Pizza Hut, além de um parque industrial, e isso era Limestone.

— Não é lá muito grande, é? — disse Baker.

Olson riu.

— Provavelmente, é um bom lugar para se morar — disse em tom de justificativa Garraty.

— Deus me livre de bons lugares para morar — disse McVries, mas estava sorrindo.

— Bem, bom pra morar é aquilo que dá tesão na gente — disse Garraty, meio sem jeito.

O terreno tornou-se mais acidentado. Sentiu o primeiro verdadeiro suor do dia começando a lhe ensopar o corpo. A camisa colou-se às costas. À direita, nuvens de chuva começavam a se formar, mas estavam ainda muito longe. Soprava uma brisa leve e isso ajudava um pouco.

— Qual é a próxima grande cidade. Garraty? — perguntou McVries.

— Caribou, acho.

Estava pensando se Stebbins já comera seu último sanduíche. Stebbins se metera em sua cabeça como um trecho de música pop que continua a reaparecer até que o cara pensa que vai ficar louco com aquilo. O relógio marcava 1:30h. A Longa Marcha já cobrira 26,5km.

— A que distância fica?

Garraty pensou em qual seria o recorde para quilômetros percorridos com um único participante eliminado. Vinte e seis quilômetros e meio pareceu-lhe uma marca muito boa. Vinte seis quilômetros e meio era um número do qual um homem teria motivos para se orgulhar. Eu andei 26,5km. Vinte e seis quilômetros e meio.

— Eu disse... — começou pacientemente McVries.

— Talvez uns 48km a partir daqui.

— Quarenta e oito quilômetros — repetiu Pearson. — Jesus!

— É uma cidade maior do que Limestone — explicou Garraty.

Continuava ainda a sentir-se na defensiva, só Deus sabia por quê. Talvez porque tantos daqueles rapazes morreriam ali, talvez todos eles. Provavelmente, todos. Só seis

Participantes na história haviam chegado à fronteira estadual em New Hampshire e apenas um alcançara Massachusetts, e os especialistas diziam que aquilo era a mesma coisa que Hank Aaron acertar 130 rebatidas no beisebol, ou coisa parecida... um recorde que nunca seria igualado. Talvez ele também morresse ali. Talvez morresse. Mas isso era diferente. O solo natal. Pensou que o major gostaria daquilo. “Ele morreu em seu solo natal”.

Emborcou o cantil e descobriu que estava vazio.

— Cantil. — gritou. — Número 47 pedindo um cantil!

Um dos soldados saltou da semilagarta e lhe entregou um cantil cheio. Quando ele se virou para ir embora, tocou de leve o fuzil que trazia à bandoleira às costas. Fez isso furtivamente. McVries, porém, notou.

— Por que foi que você fez isso?

Garraty sorriu e sentiu-se confuso.

— Não sei. Talvez seja a mesma coisa que bater em madeira, para dar sorte.

— Você é um garoto bacana, Ray — disse McVries e estugou o passo para se emparelhar com Olson, deixando-o sozinho e mais confuso do que nunca.

O número 93 — não sabia o nome dele — passou a sua direita. Olhava para os pés e os lábios moviam-se silenciosamente, como se ele estivesse contando os passos.

Cambaleava um pouco.

— Oi — disse Garraty.

O número 93 encolheu-se. Havia um vazio nos seus olhos, o mesmo vazio que vira nos olhos de Curley quando ele começara a perder a luta com o estiramento muscular. Ele está cansado, pensou. Sabe disso e está com medo. De repente, sentiu o estômago dar uma cambalhota e endireitar-se lentamente.

As sombras que projetavam andavam ao lado deles nesse instante. Faltava um quarto para as 2:00h. Às 9:00h da manhã, frio, sentado na grama à sombra, era coisa de um mês atrás.

Pouco antes de 2:00h da tarde, outras informações. Estava obtendo uma lição em primeira mão sobre o sistema informal de comunicações. Alguém descobria alguma coisa e, de repente, todos sabiam. Os boatos eram formados por respiração boca a boca.

Parece que vai chover. As possibilidades são de que haja chuva. Vai chover logo. O cara que tem um rádio diz que vai cair logo o maior toró. E quando chegou a notícia de que alguém estava se atrasando, que alguém estava com problemas, o sistema sempre acertava.

Dessa vez, a informação fora que o número 9, Ewing, estava com calos d'água e que fora advertido duas vezes. Muitos rapazes haviam sido advertidos, mas isso era normal.

Mas as informações eram que as coisas pareciam ruins para o lado de Ewing.

Transmitiu a informação a Baker, que pareceu surpreso.

— Aquele cara negro? — perguntou. — Tão negro que até parece azul?

Garraty respondeu que não sabia se Ewing era branco ou negro.

— E negro, sim — afirmou Pearson.

Apontou para Ewing. Garraty viu pequenas pérolas de suor brilhando no rosto de Ewing. Com uma sensação que lhe pareceu horror, notou que Ewing estava usando sapatos de tênis.

Regra 3. Não, repetimos, não use sapatos de tênis. Na Longa Marcha, nada produz bolhas mais rapidamente do que sapatos de tênis.

Baker acelerou-se até se emparelhar com Ewing. Falou com ele durante muito

tempo.

Depois, atrasou-se lentamente para evitar ser advertido. Não havia expressão em seu rosto.

— Ele começou a formar bolhas uns 3km após a partida. Começaram a se romper em Limestone. Está andando em cima do pus formado pelas bolhas estouradas.

O grupo escutou sem comentários. Garraty pensou novamente em Stebbins. Ele também usava sapatos de tênis. Talvez Stebbins estivesse sofrendo nesse momento problemas com bolhas d'água.

Nesse momento, os soldados olhavam para Ewing com grande atenção. O que faziam também os participantes. Ewing ocupava o centro do palco. As costas de sua camisa de malha, surpreendentemente branca em contraste com a pele negra, estavam ensopadas de suor no meio, ao longo da coluna. Garraty viu os grandes m ósculos das costas ondularem enquanto Ewing se movia. Músculos suficientes para aguentar durante dias e Baker dissera que ele estava andando em cima de pus. Bolhas d'água e estiramentos.

Arrepiou-se. Morte súbita. Todos aqueles músculos, todo aquele treinamento, não haviam conseguido vencer as bolhas d'água e os estiramentos. O que, em nome de Deus, pensara Ewing quando calçara aqueles P.F. Flyers?

Barkovitch reuniu-se a eles. Também olhava para Ewing.

— Bolhas d'água! — Disse isso num tom que parecia estar chamando de puta a mãe de Ewing. — O que, diabo, a gente pode esperar de um negro burro? É isso que estou perguntando a vocês.

— Desguie — disse Baker em voz calma —, ou lhe dou uma porrada.

— Isso é contra as regras — retrucou Barkovitch com um risinho safado. — Não esqueça disso, cara.

Mas foi embora. E como se houvesse levado consigo uma pequena nuvem de veneno.

Às 2:00h transformaram-se em 2:30h. As sombras dos maratonistas tornaram-se mais compridas. Subiram uma longa colina e no alto Garraty teve uma visão das montanhas baixas, enevoadas e azuis à distância. As nuvens de chuva que vinham do oeste haviam se tornado mais escuras e a brisa ganhara força, provocando-lhe arrepios enquanto o suor secava no corpo.

Um grupo de homens reunidos em volta de uma caminhonete Ford com uma casinhola de acampamento na caçamba aplaudiu-os freneticamente. Estavam todos muito bêbados. Os atletas responderam aos acenos. Até mesmo Ewing. Eram os primeiros espectadores que viam desde o menininho em macacão remendado.

Sem ler o rótulo, Garraty abriu um tubo de concentrado e comeu o conteúdo. A coisa tinha um leve gosto de carne de porco. Pensou no hambúrguer de McVries. E também em um grande bolo de chocolate com uma cereja decorativa em cima. Pensou

em panquecas. Por alguma razão maluca, sentiu vontade de comer panqueca fria coberta com geleia de maçã, o almoço frio que sua mãe sempre preparava quando ia caçar com o pai em novembro.

Ewing comprou uma cova dez minutos depois.

Andava em meio a um grupo de rapazes quando caiu abaixo da velocidade mínima pela última vez. Talvez tivesse pensado que os rapazes em volta lhe serviriam de proteção.

Os soldados fizeram bem seu trabalho. Eram especialistas. Empurraram para o lado os outros rapazes. Arrastaram Ewing para o acostamento da estrada. Ewing tentou resistir, mas não muito. Um dos soldados prendeu-lhe os braços atrás das costas, enquanto o outro encostava a boca do fuzil na cabeça do negro e puxava o gatilho. Uma das pernas dele escoiceou convulsivamente.

— Ele sangra igualzinho a todo mundo — disse de repente McVries.

As palavras soaram muito altas após o único tiro. Seu pomo-de-adão subiu e desceu e alguma coisa lhe estalou na garganta.

Dois a menos. As probabilidades haviam se ajustado infinitesimalmente em favor dos que restavam. Houve algumas conversas abafadas e Garraty pensou novamente no que fariam com os corpos.

Você pensa demais! berrou ele de repente, em silêncio, para si mesmo.

E deu-se conta de que estava cansado.

PARTE DOIS

DESCENDO A ESTRADA

CAPÍTULO 3

> *"Você tem trinta segundos e, por favor, lembre-se de que sua resposta tem que ser em forma de pergunta."*
>
> *— ART FLEMING*
> *Jeopardy*

ÀS 3:00h DA TARDE AS PRIMEIRAS GOTAS de chuva caíram na estrada, grandes, escuras e redondas. O céu por cima, enfarruscado e preto, fascinava em sua selvageria.

Em algum lugar acima das nuvens, o trovão ribombou. À frente, a forquilha azul de um raio caiu sobre a terra.

Garraty vestira o casaco logo depois de Ewing receber seu bilhete azul de despedida deste mundo. Harkness, o candidato a escritor, guardara com cuidado sua caderneta de notas em uma sacola impermeável. Barkovitch cobrira a cabeça com um chapéu de chuva de vinil amarelo. O chapéu fizera alguma coisa incrível com o rosto dele, mas teria sido difícil identificar exatamente o quê. Olhou por baixo da aba como se fosse um truculento faroleiro.

Ouviu-se a ensurdecedora explosão do trovão.

— Lá vem ela — exclamou Olson.

A chuva caiu, torrencial. Durante alguns momentos, foi tão forte que Garraty se sentiu inteiramente isolado dentro de uma cortina ondulante de água. Imediatamente, ficou encharcado até os ossos. Os cabelos transformaram-se numa pelagem gotejante. Virou o rosto para a chuva, sorrindo. Pensou consigo mesmo se os soldados poderiam vê-lo.

Perguntou-se se uma pessoa poderia concebivelmente...

Enquanto fazia conjetures, o primeiro violento assalto líquido amainou um pouco e pôde enxergar novamente. Por cima do ombro, olhou para Stebbins, que nesse momento andava encurvado, as mãos segurando o ventre. No princípio, pensou que ele estava com câimbras. Por um momento, uma sensação forte de pânico empolgou-o, nada absolutamente igual ao que sentira quando Curley e Ewing haviam comprado seus bilhetes azuis. Não queria mais que Stebbins entregasse os pontos cedo.

Mas depois viu que Stebbins estava apenas protegendo a última metade de seu sanduíche de geleia, e voltou a olhar para a frente, aliviado. Chegou à conclusão de que Stebbins devia ter uma mãe muito burra para não embrulhar a droga do sanduíche em papel de alumínio, dada a eventualidade de chuva.

O trovão ribombou alto, erra um exercício de artilharia nos céus. Sentiu-se jubiloso e parte do cansaço pareceu ser levado pela água, juntamente com o suor. A chuva voltou, grossa e violenta e, finalmente, acomodou-se num chuvisco persistente. No alto, as nuvens começaram a se esgarçar.

Pearson caminhava nesse momento a seu lado. Arregaçou as calças. Usava jeans grandes demais para ele e tinha que subir frequentemente a calça. As lentes de seus óculos de aros de osso pareciam os fundos de garrafas de Coca-Cola. Tirou-os e começou a secá-los na fralda da camisa. E olhou para o mundo naquele jeito míope, indefeso, de pessoas com vista fraca quando tiram os óculos.

— Que tal seu banho de chuveiro, Garraty?

Garraty inclinou a cabeça na direção dele. À frente McVries urinava nesse momento.

Andava de costas enquanto se aliviava, borrifando o acostamento da estrada a uma distância considerável dos demais.

Garraty levantou a vista para os soldados. Estavam encharcados, também, claro, mas se por acaso se sentiam incomodados, não demonstravam nada. Conservavam os rostos em imobilidade pétrea. O que é que uma pessoa sente, pensou, quando passa fogo em outra? Será que a faz sentir-se poderosa? Lembrou-se da mocinha com o cartaz, de tê-la beijado, de lhe ter apalpado as nádegas. Sentindo-lhe a calcinha macia por baixo da calça três quartos. Aquilo o fizera sentir-se poderoso.

— Aquele cara lá atrás fala muito, não é? — perguntou de repente Baker.

Com o polegar, indicou Stebbins, cuja calça branca se tornara quase preta com aquela água toda.

— Não, não, não fala.

McVries recebeu advertência por ter demorado demais subindo o fecho da calça.

Emparelharam-se com ele e Baker repetiu o que dissera a respeito de Stebbins.

— Ele é um tipo solitário. E daí? — disse McVries e deu de ombros. — Eu acho...

— Hei — interrompeu-o Olson. Era a primeira vez já há algum tempo que dizia alguma coisa. — Minhas pernas estão esquisitas.

Garraty examinou-o com atenção e notou nos olhos dele já começos de pânico. Aquela aparência de jactância já era.

— Esquisitas como?

— Como se os músculos estivessem todos se tornando... flácidos.

— Relaxe — aconselhou McVries. — Isso me aconteceu há umas duas horas. E desaparece.

Alívio apareceu nos olhos de Olson.

— Desaparece?

— Claro que desaparece.

Olson não disse mais nada, embora seus lábios se movessem. Por outro momento,

Garraty pensou que ele estivesse rezando, mas depois viu que ele estava contando

os passos.

Dois tiros ecoaram subitamente, seguidos de um grito e de um terceiro tiro.

Olharam e viram um rapaz de suéter azul e calça branca suja de pescador de caranguejo caído com o rosto numa poça d'água. Um dos sapatos dele se soltara.

Garraty notou que ele estivera usando meias brancas de atletismo. A Regra 12 recomendava-as.

Passou por cima do corpo, não procurando demais por furos de balas. Veio a informação de que esse garotão morrera de atraso. Nem bolhas d'água nem estiramento muscular, ele simplesmente se atrasara com uma frequência grande demais e comprara seu bilhete azul.

Não sabia nem o nome nem o número dele. Achou que mais tarde chegaria uma palavra a esse respeito, mas isso nunca aconteceu. Talvez ele houvesse sido um solitário como Stebbins.

Nesse momento já haviam percorrido 40km da Longa Marcha. A paisagem transformou-se em um mural contínuo de bosques e campos cultivados, interrompidos por uma ou outra casa ou um cruzamento de estradas, onde pessoas acenavam e aplaudiam a despeito da garoa que continuava a cair. Uma velha permanecia imóvel sob um guarda-chuva preto, e nem falava, nem acenava e nem sorria. Com olhos que pareciam verrumas observou-as passar. Nenhum sinal de vida ou movimento nela, salvo a barra do vestido preto que adejava ao vento. No dedo médio da mão direita ela usava um anel largo com uma pedra púrpura. À altura da garganta exibia um camafeu.

Cruzaram um leito de via férrea abandonado há muito tempo, os cravos enferrujados e grama do campo nascendo entre os dormentes. Alguém tropeçou, caiu, recebeu uma advertência, levantou-se e continuou a andar, sangrando nos joelhos.

Faltavam apenas 30km para chegaram a Caribou, mas a noite chegaria antes disso.

Nenhum descanso para os maus, pensou Garraty, e achou isso engraçado. Riu alto.

McVries olhou-o atentamente.

— Está ficando cansado?

— Não — respondeu Garraty. — Já estou cansado há muito tempo. — Fitou-o com o que pareceu animosidade. — Você quer dizer que não está?

— Simplesmente continue a dançar assim comigo, Garraty, e eu nunca me cansarei.

Arranharemos com nossos sapatos as estrelas e ficaremos pendurados de cabeça para baixo da lua.

Jogou um beijo para Garraty e afastou-se.

Garraty acompanhou-o com os olhos. Não sabia que conclusão tirar a respeito de McVries.

Às 5:00h o céu desanuviava e um arco-íris apareceu no oeste, onde o sol se punha por trás de nuvens orladas de ouro. Os raios inclinados da luz de fins da tarde coloriam os campos recém-revolvidos por onde passavam, tornando pretos e nítidos os leirões nos pontos em que contornavam as colinas longas e inclinadas.

O som do carro meia-lagarta era baixo, quase tranquilizador. Deixou a cabeça pender sobre o peito e tirou um semi-cochilo enquanto andava. Em algum lugar à frente ficava Freeport. Mas não naquela noite ou no dia seguinte. Havia ainda um bocado de passos a dar. Muita terra para cobrir. Descobriu que ainda tinha um número grande demais de perguntas e não um número suficiente de respostas. Aquela Marcha toda parecia apenas um ponto de interrogação cada vez maior. Disse a si mesmo que uma coisa como aquela tinha que ter alguma significação profunda. Certamente que tinha. Uma coisa como aquela devia fornecer uma resposta a qualquer pergunta. Era simplesmente uma questão de conservar o pé no acelerador. Bem, se ele pudesse apenas...

Colocou o pé numa poça d'água e acordou inteiramente. Pearson fitou-o ironicamente e empurrou os óculos para cima do nariz.

— Conhece aquele cara que caiu e se cortou quando cruzamos os trilhos?

— Conheço. Zuck, não?

— Esse mesmo. Acabei de ouvir que ele continua sangrando.

— Quanto falta ainda até Caribou, maníaco? — perguntou alguém.

Virou-se. Barkovitch. Enfiara o chapéu impermeável no bolso traseiro da calça, onde ele batia obscenamente.

— Como, diabo, posso saber isso?

— Você mora por estas bandas, não?

— Faltam uns 28km. Agora, vá vender seus jornais noutra freguesia, garoto.

Barkovitch assumiu uma expressão de quem fora insultado e afastou-se.

— Ele é um cara provocador — observou Garraty.

— Não deixe que ele o encha— aconselhou McVries. — Simplesmente, concentre-se em andar e em enterrá-lo.

— Tudo bem, treinador.

McVries deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— Parece que estamos andando desde sempre, não é?

— É isso aí.

Garraty passou a língua pelos lábios, querendo expressar-se e simplesmente não sabendo como.

— Você já ouviu aquela história dizendo que quando um homem está se afogando toda a vida dele desfila diante de seus olhos?

— Acho que li isso uma vez. Ou ouvi alguém dizer isso no cinema.

— Você já pensou que isso pode acontecer conosco? Na Marcha?

McVries fingiu um calafrio.

— Cristo, tomara que não.

Garraty ficou calado por alguns momentos e depois disse:

— Você já pensou... Não tem importância. O diabo que leve tudo isso.

— Não, continue. Eu já pensei no quê?

— Você acha que poderíamos viver o resto de nossas vidas nesta estrada? Era isso o que queria dizer. A parte que teríamos tido se não tivéssemos... você sabe.

McVries enfiou a mão no bolso e puxou um maço de cigarros Mellow.

— Fuma?

— Não.

— Nem eu — disse McVries.

Tirou um cigarro e colocou-o na boca. Encontrou noutro bolso uma caixa de fósforos onde havia também uma receita de molho de tomate. Acendeu o cigarro, puxou uma tragada e tossiu a fumaça. Garraty pensou na Regra 10: Economize o fôlego. Se fuma habitualmente, tente não fumar na Longa Marcha.

— Eu pensei que ia aprender — disse desafiador McVries.

— É uma porcaria, não é? — perguntou, triste, Garraty.

McVries fitou-o, surpreso, e jogou fora o cigarro.

— É — disse. — Acho que é.

O arco-íris desapareceu por volta das 4:00h. Davidson, número 8, atrasou-se e começou a andar ao lado deles. Era um rapaz de boa aparência, com exceção de uma coleção de espinhas na testa.

— Aquele cara, Zuck, está sofrendo como o diabo — disse ele. Ele usara uma mochila na última vez em que Garraty o vira, mas devia tê-la jogado fora em algum ponto do caminho.

— Está sangrando ainda? — perguntou McVries.

— Como um porco. — Davidson sacudiu a cabeça. — É curioso como as coisas acontecem, não? A gente caiem qualquer outra ocasião e apenas sofre uns arranhões. Ele precisa levar uns pontos. — Apontou para a estrada. — Olhem para isso.

Garraty olhou e viu pequeninos pontos pretos no leito da estrada.

— Sangue?

— Não é melaço — respondeu sombriamente Davidson.

— Ele diz que não dá a mínima bola — continuou Davidson. — Eu estou com

medo. — Esbugalhou os olhos cinzentos. — Estou com medo por todos nós.

Continuaram a andar. Baker apontou para outro cartaz com o nome de Garraty.

— Que merda — disse Garraty, sem levantar a vista.

Estava seguindo a trilha do sangue de Zuck como um Daniel Boone rastreando um índio ferido. A trilha guinava de um lado para o outro, cruzando a linha branca.

— McVries — disse Olson.

A voz tornara-se mais baixa do que nas duas últimas horas. Garraty chegara à conclusão de que gostava dele, a despeito de sua aparência de cara imprudente. Mas não estava gostando de ver Olson começar a ficar com medo, quanto a isso não havia a menor dúvida.

— O quê? — perguntou McVries.

— Não está passando. Aquela sensação de flacidez de que lhe falei. Não está indo embora.

McVries ficou calado. A cicatriz que tinha no rosto pareceu muito branca à luz do sol que se punha.

— Parece que minhas pernas vão simplesmente se desmilinguir. Como um alicerce ruim de uma casa. Mas isso não vai acontecer, vai? Vai?

A voz de Olson se tornara um pouco aguda.

McVries continuou calado.

— Alguém me arranja um cigarro? — pediu Olson.

A voz, novamente, baixa.

Olson acendeu um dos Mellows com a facilidade da prática, protegendo o fósforo com a mão em concha e fez fiau para um dos soldados, que o observava do carro meia-lagarta.

— Não última hora, mais ou menos, eles estão me olhando daquele jeitão esquisito.

Parece que têm um sexto sentido a esse respeito. — A voz ergueu-se novamente. — Vocês gostam disso, não é, caras? Gostam, certo? Certo mesmo, não é?

Vários dos caminhantes deram uma olhada em volta dele e em seguida desviaram rapidamente a vista. Garraty, também, quis olhar para outro lado. Havia histeria na voz de Olson. Os soldados fitavam-no impassíveis. Garraty pensou se a notícia sobre Olson ia se espalhar rapidamente e não conseguiu reprimir um calafrio.

Por volta da 4:30h haviam coberto 48km. O sol praticamente desaparecera e se transformara em sangue no horizonte. As nuvens de tempestade já haviam viajado muito para o leste e o céu adquirira uma tonalidade azul cada vez mais escura. Mais uma vez, Garraty pensou em seu hipotético homem na água. Não tão hipotético assim.

A noite que se aproximava era como a água que logo depois o cobriria.

Uma sensação de pânico subiu em suas entranhas. Sentiu uma súbita e terrível certeza de que estava olhando para o último dia de sua vida. Queria que ele se esticasse. Queria que durasse. Queria que a penumbra que precede a noite se prolongasse durante horas.

— Advertência! Advertência, número 100! Sua terceira advertência, número 100!

Zuck olhou em volta, uma expressão atordoada, perplexa, nos olhos. Sangue seco lhe empastelava a perna direita da calça. De repente, ele começou a correr a toda velocidade. Passou entre os Participantes como um dianteiro que arremete para fazer um gol certo. E corria com a mesma expressão de embriaguez no rosto.

A meia-lagarta aumentou a velocidade. Zuck ouviu o som da aproximação e correu mais rápido. Mas uma corrida esquisita, trôpega, manquejante. O ferimento no joelho abrira novamente e, quando ele passou à frente do grupo principal, Garraty viu gotas de sangue novo voando do corte da calça. Zuck correu até a elevação seguinte e, durante um momento, ficou em nítida silhueta contra o céu vermelho, uma forma galvânica preta, imobilizado por um momento no meio de uma passada, como um corvo em pleno voo. Em seguida, desapareceu e a meia-lagarta foi em seu encalço. Os dois soldados que haviam descido do veículo caminhavam juntamente com os rapazes, as faces vazias.

Ninguém pronunciou palavra. Ficaram todos só à escuta. Nenhum som se ouviu durante longo tempo. Um tempo incrível, inacreditavelmente longo. Fora isso, apenas uma vez, uns poucos grilos precoces de maio e, em algum lugar atrás deles, o zumbido de um avião.

Mais depois, um único, seco estalo. Seguido de outro.

— Para terem certeza — disse alguém, como quem se sente mal.

Ao chegarem ao alto da colina, viram o meia-lagarta parado no acostamento, a uns 800m de distância. Fumaça azul evolava-se de seus canos de escape geminados. De Zuck, nenhum sinal. Nenhum, absolutamente.

— Onde está o major? — gritou alguém. A voz estava à beira crua do pânico. Pertencia a um rapaz de cabeça redonda chamado Gribble, número 48. — Eu quero falar com o major, droga! Onde está ele?

Os soldados que andavam à beira da estrada não responderam. Ninguém respondeu.

— Está fazendo outro discurso? — disse furioso Gribble. — É isso o que ele está fazendo?

Bem, ele é um assassino! É isso o que ele é, um assassino! Eu... eu vou dizer isso a ele!

Pensam que não vou? Vou dizer isso na cara dele! Vou dizer isso bem na cara dele!

Em sua agitação, ele caíra abaixo do ritmo, quase parando, e os soldados, pela primeira vez, demonstraram interesse por sua pessoa.

— Advertência! Advertência, número 48!

Gribble perdeu um passo, parou, mas logo suas pernas recobraram velocidade. Olhou para os pés enquanto andava. Pouco depois, chegaram ao local onde a meia-lagarta esperava. O carro começou a arrastar-se novamente ao lado deles.

Por volta de 4:45h, Garraty tomou a ceia — um tubo de atum processado, alguns biscoitos Snappy com cobertura de queijo, e um bocado de água. Mas teve que se obrigar a ficar nisso. Podia-se obter um cantil em qualquer ocasião, mas não haveria novo suprimento de concentrados até as 9:00h da manhã seguinte... e ele poderia querer fazer um lanche à meia-noite. Droga, ele poderia precisar de um lanche à meia-noite.

— Isto pode ser uma questão de vida ou de morte — comentou Baker —, mas de maneira alguma prejudica seu apetite.

— Não posso deixar que isso aconteça — respondeu Garraty. — Não gosto da ideia de desmaiar às 2:00 da manhã.

Bem, isso é o que chamava de um pensamento realmente desagradável. Você nem saberia, provavelmente. Não sentiria nada. Simplesmente acordaria na eternidade.

— Faz a gente pensar, não? — perguntou baixinho Baker.

Garraty fitou-o. À luz que se desvanecia, o rosto de Baker era suave. jovem, belo.

— É isso aí. Ando pensando em um bocado de coisas.

— Tais como?

— Ele, por exemplo — disse, indicando Stebbins com um movimento de cabeça.

Stebbins continuava a andar no mesmo ritmo que vinha adotando desde o início da marcha. A calça dele estava secando no corpo. Sombras envolviam-lhe o rosto. E continuava a economizar o último meio sanduíche.

— O que é que tem ele?

— Gostaria de saber por que ele está aqui, por que não diz nada. E se ele vai viver ou sobrar.

— Garraty, todos nós vamos morrer.

— Mas tomara que não hoje à noite — retrucou Garraty.

Conservou a voz alegre, mas um calafrio sacudiu-lhe subitamente o corpo. Não sabia se Baker o vira ou não. Seus rins contraíram-se. Virou-se e abriu a braguilha e começou a andar para trás.

— O que é que você acha do Prêmio? — perguntou Baker.

— Não vejo muito sentido em pensar nisso — disse Garraty, e começou a urinar.

Terminou, subiu o fecho e virou-se outra vez, levemente surpreso por ter completado toda a operação sem provocar uma advertência.

— Eu penso — disse Baker, sonhador. — Não tanto no Prêmio em si como no dinheiro.

Toda aquela nota preta.

— Ricos não entram no Reino dos Céus — observou Garraty.

Observava os pés, as únicas coisas que o impediriam de descobrir se havia ou não um Reino dos Céus.

— Aleluia — exclamou Olson. — Vai haver refrigerantes depois da reunião.

— Você é um cara religioso? — perguntou-lhe Baker.

— Não, não especialmente. Mas não sou doido por dinheiro.

— Poderia ser, se tivesse crescido tomando apenas sopa de batatas com couve retrucou Baker. — Canse na sopa apenas quando seu pai ganhava uns extras.

— Isso pode fazer uma diferença — concordou Garraty e depois parou, pensando em se devia dizer mais alguma coisa. — Mas o dinheiro nunca é a coisa realmente importante.

Notou que Baker o olhava sem compreender e um tanto desdenhoso.

— Caixão de defunto não tem gaveta, é o que você vai dizer em seguida observou McVries.

Garraty olhou-o de soslaio. Na boca de McVries viu novamente aquele sorriso irritante, torto.

— É verdade, rio é? — respondeu. — Nós não trazemos nada para este mundo e de jeito nenhum levamos nada daqui.

— Certo, mas o período entre esses dois eventos é mais agradável quando temos conforto, não acha? — perguntou McVries.

— Oh, conforto, merda — retrucou Garraty. — Se um daqueles bandidos em cima daquele carrinho de brinquedo tamanho família passar fogo em você, nenhum médico do mundo vai ressuscitá-lo com uma transfusão de notas de vinte e cinquenta dólares.

— Eu não estou morto — disse baixinho Baker.

— Certo, mas poderia estar. — De repente, tornou-se muito importante para ele transmitir o que pensava. — O que é que você vai fazer se ganhar esta prova? E se passar as próximas seis semanas pensando no que vai fazer com o dinheiro — esqueça o Prêmio, pense só no dinheiro — e se na primeira vez que sair para comprar alguma coisa for achatado no chão por um táxi?

Harkness se aproximara e nesse momento andava ao lado de Olson.

— Eu não, meu chapa — disse ele. — A primeira coisa que eu faria seria comprar uma frota inteira de carros. Se eu ganhar esta prova, nunca mais andarei em toda minha vida.

— Você não compreende — disse Garraty, mais exasperado do que nunca. — Sopa

d. batata ou filet mignon, uma mansão ou uma cabana, logo que o cara morre, botam-no mima geladeira, como fizeram com Zuck ou Ewing, e é isso aí. É melhor viver um dia de cada vez, é isso o que estou dizendo. Se a pessoas vivessem apenas um dia de cada vez, elas seriam muito mais felizes.

— Oh, quanta conversa fiada — disse McVries.

— É mesmo? — gritou Garraty. — Que volume de planejamento você anda fazendo?

— Bem, neste exato momento estou mais ou menos ajustando meus horizontes, isso é verdade...

— Pode apostar que é — retorquiu, seco, Garraty. — A única diferença é que, neste exato momento, estamos metidos nesse negócio de morrer.

Um silêncio total seguiu-se a essas palavras. Harkness tirou os óculos e começou a limpá-los. Olson pareceu um pouco mais pálido. Garraty arrependeu-se de ter dito aquilo. Fora longe demais.

Atrás deles, alguém disse em voz muito clara:

— Apoiado, apoiado!

Garraty olhou em volta, certo de que fora Stebbins, mesmo que nunca tivesse ouvido a voz dele. Stebbins, porém, não deu sinal algum. Olhava simplesmente para a estrada.

— Acho que me deixei levar — murmurou Garraty, mesmo que não fosse a pessoa que se deixara levar. Quem se deixara levar fora Zuck. — Alguém quer um biscoito?

Distribuiu biscoitos e deviam ser umas 5:00h. O sol parecia suspenso a meio caminho sobre o horizonte. A terra poderia ter parado de girar. Os três ou quatro caras mais esforçados conservavam-se ainda à frente do grupo principal, mas a distância diminuíra e eles só se encontravam a uns 50m do grosso da turma.

Pareceu a Garraty que a estrada se transformara em uma manhosa combinação de subidas sem as descidas correspondentes. Pensou que se isso fosse verdade, todos eles terminariam respirando antes de muito tempo através de máscaras de oxigênio. Nesse momento, seu pé desceu sobre um cinto abandonado de concentrados de alimento.

Surpreso, levantou a vista. Fora Olson. As mãos dele se contorciam à altura da cintura.

No rosto dele, uma expressão de carrancuda surpresa.

— Deixei-o cair— disse. — Queria comer alguma coisa e deixei-o cair. — Riu, como se para mostrar que coisa tola fora aquilo. Mas o riso parou subitamente. — Estou com fome.

Ninguém respondeu. Por essa altura, todos haviam passado e não havia mais oportunidade de apanhar o cinto. Garraty olhou para trás e viu o cinto de Olson atravessado na linha branca interrompida de passagem.

— Estou com fome — repetiu pacientemente Olson.

O major gosta de ver alguém que está ansioso para começar, não fora isso o que Olson dissera quando voltara à turma depois de receber seu número? Olson não parecia mais tão ansioso para partir. Olhou para os pacotes no seu próprio cinto. Tinha ainda três tubos de concentrado, além dos biscoitos Snappy e o queijo. O queijo, porém, estava muito rançoso.

— Tome — disse e deu o queijo a Olson.

Olson não disse nada, mas comeu o queijo.

— Mosqueteiro — disse McVries, com aquele mesmo sorriso torto.

Por volta de 5:30h, o ar estava enevoado com a penumbra do anoitecer. Uns poucos vaga-lumes mais apressados do que outros voavam sem destino. Um nevoeiro baixo coalhara, leitoso, nas valetas e nas ravinas baixas dos campos. À frente, alguém perguntou o que aconteceria se a névoa se adensasse tanto que eles saíssem da estrada por engano.

A voz inconfundível de Barkovitch foi ouvida novamente, rápida e grosseira:

— O que é que você acha, seu tapado?

Quatro já morreram, pensou Garraty. Oito horas e meia na estrada e só quatro mortos.

Sentiu um pequeno aperto no estômago. Eu nunca sobreviverei a todos eles, pensou.

Não a todos eles. Por outro lado, por que não? Alguém tem que chegar ao fim.

A conversa morrera com o desaparecimento da luz do dia. Tornou-se opressivo o silêncio que se estabeleceu. A escuridão que avançava, a névoa baixa que formava pequenas poças de leite coalhado... pela primeira vez aquilo lhe pareceu perfeitamente real e inteiramente antinatural e teve vontade de estar com Jan ou a mãe, alguma mulher, e pensou no que diabo estava fazendo e como jamais se metera naquilo. Não podia nem mesmo enganar-se dizendo a si mesmo que não fora informado, porque fora.

E tampouco fizera aquilo sozinho. No momento desfilavam naquela parada 95 outros idiotas.

A bola de muco voltou-lhe à garganta e foi difícil engoli-la. Notou que alguém à frente soluçava baixinho. Não ouvira o começo do som e ninguém lhe chamara a atenção para ele. Era corno se aquilo estivesse acontecendo o tempo todo.

Mais 16 quilômetros até Caribou e lá pelo menos haveria luzes. O pensamento alegrou-o um pouco. Estava tudo bem, afinal de contas, não? Estava vivo e não adiantava pensar na ocasião em que não estaria. Como dissera McVries, tudo aquilo era uma questão de ajustar os horizontes.

A um quarto para as 6:00h, chegou a informação sobre um rapaz chamado Travin,

um dos líderes, que nesse momento perdia posições e recuava através do grupo principal.

Travin estava com diarreia. Ouviu o boato e não pôde acreditar que fosse verdade, mas quando viu Travin, teve certeza de que era. O rapaz andava e segurava as calças ao mesmo tempo. A cada vez que se acocorava para evacuar, recebia uma advertência.

Enojado, Garraty perguntou a si mesmo por que Travin simplesmente não deixava que as fezes rolassem pernas abaixo. Melhor sujo do que morto.

Travin seguia encurvado, andando como Stebbins com seu sanduíche e a cada vez que ele estremecia, sabia que outra câimbra estomacal estava dilacerando-o. Sentiu-se repugnado. Não havia fascínio nisso, nenhum mistério. Um rapaz com dor de barriga, só isso, e era impossível sentir outra coisa que não nojo e uma espécie de terror animal.

Seu estômago contraiu-se, nauseado.

Os soldados observavam atentos Travin. Observavam e esperavam. Finalmente. Travin acocorou-se em parte e parcialmente caiu e os soldados mataram-no enquanto ele ainda estava com as calças arriadas. Travin rolou para trás, fazendo uma careta para o céu, feio e deplorável. Alguém vomitou, barulhentamente, e recebeu uma advertência.

Garraty teve a impressão de que o rapaz em causa estivera vomitando as tripas.

— Ele vai ser o próximo — disse Harkness, falando em voz prática de homem de negócios.

— Cale essa boca — berrou Garraty, sufocando. — Será que você não pode calar essa merda de boca?

Ninguém respondeu. Harkness, parecendo envergonhado, voltou a limpar os óculos. O garoto que vomitara não foi morto.

Passaram por um grupo de adolescentes que os aplaudiram, sentados em um cobertor e bebendo cocas. Reconheceram Garraty e levantaram-se para ovacioná-lo. Garraty sentiu-se embaraçado. Uma das mocinhas tinha seios muito grandes. O namorado dela observava-os subir e descer enquanto ela saltava no mesmo lugar. Garraty chegou à conclusão de que estava se transformando num maníaco sexual.

— Olhem só para aquelas tramas — disse Pearson. — Deus, Deus do céu.

Garraty conjeturou se ela era virgem, como ele.

Passaram por uma lagoa de águas paradas, quase circular, parcialmente encoberta pela névoa. Lembrava um espelho levemente embaciado e no misterioso emaranhado de plantas aquáticas em volta uma rã coaxava rouca. Achou que aquela lagoa era uma das coisas mais belas que já vira em toda a vida.

— Este estado é danado de grande — comentou Barkovitch em algum lugar à frente do grupo.

— Aquele cara é um verdadeiro chute no meu saco — disse em tom solene McVries. — Neste exato momento, um de meus objetivos na vida é durar mais do que

ele.

Olson rezava uma Ave-Maria.

Garraty olhou-o, alarmado.

— Quantas advertências ele recebeu? — perguntou Pearson.

— Nenhuma que eu saiba — respondeu Baker.

— Pois é, mas ele não parece nada bem.

— Nesta altura do campeonato, nenhum de nós parece — disse McVries.

Caiu outro silêncio. Pela primeira vez, Garraty notou que os pés lhe doíam. Não apenas as pernas, que vinham lhe causando problemas já há algum tempo, mas os pés também.

Notou que, inconscientemente, estivera andando sobre o lado externo das solas, mas, de vez em quando, punha chato o pé no chão e se contraía de dor. Correu o fecho da jaqueta até em cima c virou a gola para o pescoço. O ar continuava úmido e picante.

— Hei! Ali! — gritou alegre McVries.

Garraty e os outros olharam para a esquerda. Passavam em frente a um cemitério situado no alto de um morrete arborizado. Era cercado por um muro de pedra. Nesse momento, o nevoeiro se insinuava lentamente em torno das lápides inclinadas. Um anjo de asa quebrada fitou-os com olhos vazios. Um pica-pau cinzento pousado no alto de um mastro de bandeira enferrujado e despelando, resto de alguma festividade patriótica, olhou-os, empertigado.

— Nosso primeiro campo santo — continuou McVries. — Está de seu lado, Ray, e você perde todos os seus pontos. Lembra-se daquele jogo?

— Você fala demais — explodiu de repente Olson.

— Qual é o problema com cemitério, Henry, meu velho chapa? Um local bom e privado, como disse o poeta. Um bom caixão estanque...

— Simplesmente, cale esse bico!

— Bolas — disse McVries, a cicatriz parecendo muito branca à luz que morria. Você realmente não se importa com a ideia de morrer, importa-se, Olson? Como disse também o poeta, não é morrer, é deitar-se na cova por um longo tempo. É isso o que o está incomodando, seu bobalhão? — McVries começou a berrar: — Bem, coragem, Charlie! Um dia mais esplendoroso está se...

— Deixe-o em paz — disse baixinho Baker.

— Por que deveria deixar? Ele está se convencendo de que não pode cagar toda vez que tem vontade. Que se apenas parar, morre, que não será tão ruim como todo mundo diz.

Bem, não vou deixar que ele se safe com essa.

— Se ele não morrer, você morre — lembrou Garraty.

— Sim, estou me lembrando disso — respondeu McVries, e dirigiu a Garraty seu sorriso tenso, torto... Apenas desta vez não havia nele absolutamente nenhum humor. De repente, McVries pareceu ficar furioso e Garraty quase teve medo dele. — É ele quem está esquecendo. Essa besta aí.

— Não quero mais fazer isso — disse Olson em voz oca, sem expressão. — Estou cansado disso.

— Doido para começar— lembrou McVries, virando-se para ele. — Não foi isso que você disse? Foda-se, então. Por que simplesmente não se deita e morre?

— Deixe-o em paz — repetiu Garraty.

— Ouça aqui, Ray...

— Não, você é quem escuta. Um Barkovitch já é demais. Deixe que ele faça a coisa à sua maneira. Nada de mosqueteiros, lembre-se.

McVries sorriu novamente.

— Tudo bem, Garraty. Você venceu.

Olson não disse coisa nenhuma. Simplesmente continuou a ouvir e a guardar o que eles diziam.

A escuridão completa caiu por volta de 6:30h. Caribou, nesse momento a apenas 9km de distância, podia ser vista no horizonte como um brilho apagado. Poucas pessoas à margem da estrada viram-nos entrar na cidade. Todo mundo parecia ter ido para casa cear. O nevoeiro gelava os pés de Garraty. E cobria as colinas como flâmulas moles e sobrenaturais. As estrelas apareciam nesse momento, mais brilhantes, Vênus luzindo firme e a Ursa Maior no seu lugar costumeiro. Ele sempre fora competente em matéria de constelações. Apontou Cassiopeia para Pearson, que simplesmente grunhiu.

Pensou em Jan, a namorada, e sentiu uma pontada de culpa por causa daquela pequena que beijara mais cedo naquele dia. Não conseguia mais lembrar-se de como era a pequena, mas ela o excitara. Pôr a mão na bunda dela daquele jeito o excitara. O que teria acontecido se houvesse tentado enfiar a mão entre as coxas dela? Sentiu uma pressão de mola entre as pernas que o fez contrair-se um pouco enquanto andava.

Jan possuía cabelos compridos que lhe desciam quase até a cintura. Tinha 18 anos, mas não seios tão grandes como os da moça que o beijara. Pegara um bocado nos seios dela, que o deixavam louco. Mas não queria fazer amor com ele e nem sabia como obrigá-la a isso. Ela queria, mas não deixava. Sabia que alguns rapazes podiam fazer isso, podiam convencer a garota a topar, mas aparentemente ele não possuía personalidade suficiente — ou, quem sabe, não vontade suficiente — para convencê-la. Quantos outros ali eram também virgens como ele? Gribble chamara o major de assassino. Gribble seria virgem?

Provavelmente, sim.

Cruzaram os limites da cidade de Caribou, onde havia uma grande multidão e uma camioneta de uma das redes de televisão. Uma bateria de luzes banhou a estrada em

um quente calor branco. Aquilo era como entrar de repente em uma lagoa quente de luz do sol, vadeando-a e saindo no outro lado.

Um jornalista gordo, usando terno com colete, trotou ao lado deles, estendendo a diferentes participantes um microfone na ponta de uma longa haste. Atrás dele, dois técnicos desenrolavam ativamente um tambor de cabo elétrico.

— Como é que você se sente?

— Bem. Acho que bem.

— Cansado?

— Estou, bem, você sabe. Estou. E continuo em forma.

— O que é que acha de suas probabilidades agora?

— Não sei... Tudo, bem, acho. Eu ainda me sinto muito forte.

O jornalista perguntou a um cara que parecia um touro de forte, um tal Scramm, o que pensava da Longa Marcha. Scramm sorriu, disse que achava que era a coisa mais importante que já vira na vida. O repórter fez com os dedos movimentos de tesoura para os dois técnicos. Um deles respondeu com um aceno cansado de cabeça.

Pouco depois, chegou ao fim do cabo do microfone e começou a costurar o caminho de volta à unidade móvel, tentando evitar as laçadas do cabo. A multidão, atraída tanto pela turma da tevê como pelos próprios competidores, aplaudiu entusiasticamente. Cartazes com o rosto do major eram erguidos e baixados ritmicamente, pregados em varas e eram tão novos que ainda pingavam tinta. Quando as câmeras focalizaram-nos numa panorâmica, os espectadores aplaudiram mais freneticamente do que nunca e mandaram mensagens para tia Betty e tio Fred.

Concluíram urna curva e passaram por uma pequena loja onde o dono, um homenzinho usando branco manchado, instalara no lado de fora um balcão de refrigerantes encimado por um cartaz que dizia: POR CONTA DA CASA PARA OS PARTICIPANTES DA LONGA MARCHA!!! CORTESIA DO SUPERMERCADO EV'S! Uma radiopatrulha parara perto dali e dois policiais explicavam pacientemente a EV, como sem dúvida faziam todos os anos, que era contra as regras que espectadores oferecessem qualquer tipo de ajuda ou assistência — incluindo refrigerantes — aos atletas.

Deixaram para trás o Caribou Paper Mills, Inc., um prédio enorme e sujo de fuligem à margem de um rio imundo. Do outro lado das cercas anticiclone, os operários aplaudiam e acenavam bem-humorados. Um apito tocou quando o último dos caminhantes — Stebbins — passou por ali. Garraty, olhando por cima do ombro, viu os operários voltarem para o interior do prédio.

— Ele lhe perguntou? — indagou uma voz estridente.

Sentindo um grande cansaço, Garraty olhou para Gary Barkovitch.

— Quem me perguntou o quê?

— O repórter, seu estúpido. Ele lhe perguntou como você se sentia?

— Não, ele não chegou até mim.

Queria que Barkovitch fosse embora. Queria que a dor latejante nos pés fosse embora também.

— Ele me perguntou — disse Barkovitch. — Sabe o que foi que eu disse?

— Ahn?

— Eu disse que me sentia maravilhosamente — respondeu agressivo Barkovitch. Disse que me sentia muito forte. Disse que me sentia preparado para continuar sem parar. E sabe o que foi mais que eu disse a ele?

— Oh, cale a boca — disse Pearson.

— Quem foi que lhe perguntou a coisa, seu compridão feioso? — retrucou Barkovitch.

— Caia fora — ameaçou McVries. — Você me dá dor de cabeça.

Insultado mais uma vez, Barkovitch subiu a linha e agarrou Collie Parker.

— Ele lhe perguntou o que...

— Saia daqui antes que eu arranque esse seu nariz de merda e o obrigue a comê-lo — rosnou Collie Parker.

Barkovitch afastou-se rapidamente. O que se dizia sobre Collie Parker era que ele era um filho da puta danado de perverso.

— Aquele cara me fez subir pelas paredes — comentou Pearson.

— Ele teria prazer em ouvir isso — comentou McVries. — Gosta. Disse também ao repórter que pensava em saracotearem cima de um bocado de sepulturas. E estava falando sério, também. É isso o que o faz continuar a andar.

— Na próxima vez que ele chegar por aqui, acho que vou lhe dar um calço resolveu

Olson, mas a voz parecia sem expressão e esgotada.

— Não, não — lembrou McVries. — Regra 8: Nenhuma interferência no que interessa a seus companheiros de marcha.

— Você sabe o que pode fazer com a Regra 8 — disse Olson, um pálido sorriso nos lábios.

— Cuidado — sorriu McVries —, você está começando a parecer bem animado novamente.

Às 7:00h da noite, o ritmo, que estivera caindo para bem perto do limite mínimo, acelerou-se um pouco. Fazia frio e andando mais rápido conservava-se o calor.

Cruzaram por baixo uma passagem de nível e várias pessoas aplaudiram-nos com as bocas cheias por trás da parede de vidro da Dunkin' Donuts, situada perto da base da rampa de saída.

— A gente volta a encontrar a via expressa em algum lugar, não? — perguntou Baker.

— Em Oldtown — esclareceu Garraty. — Aproximadamente 190km.

Harkness assoviou entre os dentes.

Pouco depois, chegaram ao centro de Caribou. Estavam a 70km do ponto de partida.

CAPÍTULO 4

“A última palavra em programa Perde-Paga seria aquela em que o perdedor fosse morto.”

— CHUCK BARRIS
Criador do Programa Perde-Paga

Todo mundo ficou desapontado com Caribou.

Um lugarzinho exatamente igual a Limestone.

As multidões foram mais numerosas, mas, à parte isso, era apenas outra cidade com uma fábrica de papel e empresas de serviço, com um punhado de lojas e postos de abastecimento de gasolina e um shopping center que estava, de acordo com cartazes pregados por toda parte, fazendo NOSSA MARCHA ANUAL DE TODO VALOR POR SUA COMPRA, e um parque com um monumento aos mortos da guerra. Uma banda pequena e desafinada de escola secundária tocou o Hino Nacional, em seguida um pot-pourri de marchas de Sousa e encerrou, com um mau gosto quase medonho, com Marchando para Pretória.

A mesma mulher que criara uma confusão num cruzamento tantos quilômetros atrás voltou a reaparecer. Ainda à procura de Percy. Dessa vez, conseguiu furar o cordão de isolamento da polícia e chegar à estrada. Abriu caminho aos empurrões entre os rapazes e sem querer fez um deles tropeçar. Gritava dizendo a seu Percy que voltasse para casa logo, logo. Os soldados agarraram seus fuzis e durante um momento tudo indicava que a mamãe de Percy ia comprar um bilhete azul por interferência. Nesse momento, porém, um guarda deu-lhe uma chave de braço e arrastou-a para longe. Um menino sentado num barril com a legenda MANTENHA O MAINE LIMPO ficou comendo placidamente um cachorro-quente enquanto os guardas enfiavam a mamãe de Percy num carro da radiopatrulha. A mamãe de Percy foi o ponto alto da passagem por Caribou.

— O que é que vem depois de Oldtown, Ray? — perguntou McVries.

— Eu não sou um mapa rodoviário ambulante — respondeu irritado Garraty. Bangor, acho.

Depois, Augusta. Kittery em seguida e a fronteira do estado a uns 530km daqui. Mais ou menos alguns quilômetros. Okay? Agora estou limpo até o osso.

Alguém assoviou.

— Quinhentos e trinta quilômetros.

— Inacreditável — disse sombrio Harkness.

— A droga da coisa toda é que é inacreditável — opinou McVries. — Onde estará o major?

— Dormindo em Augusta bem-acompanhado — sugeriu Olson.

Todos sorriram e Garraty refletiu como era estranho o caso do major, que passara de Deus para Mammon em apenas dez horas.

Ainda 95 horas. Mas isso nem era mais o pior. O pior era tentar visualizar McVries comprando seu bilhete azul, ou Baker. Ou Harkness, com aquela sua ideia tola sobre um livro.

Logo que Caribou ficou para trás, a estrada tornou-se praticamente deserta. Passaram por um cruzamento de estradas rurais com um único alto poste, que os iluminou como se fosse um farol, criando nítidas sombras pretas quando passaram por baixo de seu fulgor. Muito longe soou o apito de um trem. A lua jogava uma luz duvidosa sobre o nevoeiro que se colava ao chão, tornando-o perolado e opalescente nos campos.

Garraty tomou um gole d'água.

— Advertência! Advertência, número 12! Esta é a sua advertência final, número 12!

O número era um rapaz chamado Fenter que usava uma camisa de meia de. propaganda com a legenda EU ANDEI NO FUNICULAR DE MONTE WASHINGTON. Fenter passou a língua pelos lábios. A informação era que o pé estava lhe criando sérios problemas. Quando foi morto dez minutos depois, Garraty não sentiu muita coisa.

Estava cansado demais. Deu a volta em torno do corpo de Fenter. Olhando pari baixo, viu alguma coisa brilhando na mão de Fenter. Uma medalha de são Cristóvão.

— Se eu escapar desta — disse bruscamente McVries —, sabem o que é que vou fazer?

— O quê? — perguntou Baker.

— Foder até que meu pau fique azul. Nunca estive tão tesudo em toda minha vicia como neste exato minuto, a um quarto para as 8:00h da noite do dia 1 °— de maio.

— Está falando sério? — perguntou Garraty.

— Estou — garantiu McVries. — Eu poderia mesmo ficar com tesão por você, Ray, se você não precisasse fazer a barba.

Garraty soltou uma risada.

— O Príncipe Encantado, é isso que sou — continuou McVries. Levou a mão à cicatriz no rosto e tocou-a. — Agora, só preciso da Bela Adormecida. Eu poderia acordá-lo com um grande e molhado beijo e nós dois tomaríamos um transporte para o pôr do sol. Pelo menos até o Holiday Inn mais próximo.

— Ande — disse apaticamente Olson.

— Hummm?

— Ande até o pôr do sol.

— Andar até o pôr do sol, tudo bem — concordou McVries. — Amor autêntico, de

qualquer maneira. Você acredita no verdadeiro amor, Hank querido?

— Eu acredito numa boa trepada — respondeu Olson e Art Baker estourou numa gargalhada.

— Eu acredito no verdadeiro amor — disse Garraty, mas logo se arrependeu de ter falado.

Aquilo parecia ingênuo.

— Quer saber por que eu não acredito? — indagou Olson. Levantou a vista para Garraty e sorriu amedrontado e furtivo. — Pergunte a Fenter. Pergunte a Zuck. Eles sabem.

— Essa sua atitude é danada de negativa — protestou Pearson.

De algum lugar ele saíra da escuridão e passara a andar novamente com eles. Estava mancando, não muito, mas evidentemente mancando.

— Não, não é — defendeu-o McVries e, após um momento, acrescentou com um ar de mistério. — Ninguém ama um defunto.

— Edgar Allan Poe amava! — disse Baker. — Na escola, escrevi um trabalho sobre ele e li por aí que ele tinha tendências ne-necro...

— Necrofílicas — concluiu Garraty.

— É isso aí.

— É isso aí o quê? — perguntou Pearson.

— Significa que o cara tem uma ânsia danada de meter com uma morta — explicou Baker.

— Ou com um defunto, se você é mulher.

— Ou se é bicha — sugeriu McVries.

— Como, diabo, a gente começou isso? — grasnou Olson. — Exatamente como, com todos os diabos, passamos a falar nesse assunto de foder cadáver? Isso é simplesmente nojento.

— Por que não? — perguntou uma voz profunda, sombria. Abraham. Alto e parecendo desconjuntado, dava a impressão de andar num perpétuo arrastamento. — Acho que a gente podia parar um momento e pensar no tipo de vida sexual que possa Haver no outro mundo.

— Eu fico com Marilyn Monroe — resolveu McVries. — Você pode ficar com Eleanor Roosevelt, meu velho.

Abraham mostrou-lhe o dedo médio, esticado. À frente, um dos soldados fez monotonamente uma advertência a alguém.

— Apenas um momento aí. Apenas uma droga de momento aí — disse lento Olson, como se estivesse lutando com um tremendo problema de expressão. — Vocês estão inteiramente por fora do assunto. Inteiramente por fora.

— "A Qualidade Transcendental do Amor", uma conferência do famoso filósofo e rato de cadeia etíope Henry Olson — disse McVries. — Autor de Um Pêssego não É um Pêssego sem um Caroço e outras obras de...

— Espere! — gritou Olson, a voz tão aguda como vidro partido. — Esperem aí apenas uma merda de segundo! O amor é simplesmente uma mentira! Não é nada! Nada vezes nada! Sacaram?

Ninguém respondeu. Garraty olhou para a frente, para um ponto em que as colinas pretas como carvão encontravam-se com a escuridão pontilhada de estrelas no céu.

Estaria por acaso sentindo as primeiras pontadas de um estiramento no arco do pé esquerdo. Quero me sentar, pensou irritado. Diabos levem tudo isso, quero me sentar.

— O amor é uma impostura! — berrava nesse momento Olson. — Só há três grandes verdades no mundo e elas são uma boa refeição, uma boa foda e uma boa cagada, e isso é tudo! E quando o cara fica como Fenter e Zuck...

— Cale a boca — disse uma voz cansada.

Garraty teve certeza de que era Stebbins falando. Mas, quando olhou para trás, Stebbins simplesmente olhava para a estrada, andando ao lado do acostamento da esquerda.

Um avião a jato passou, arrastando o som dos motores e riscando uma linha quase indistinta no céu noturno. Voava baixo o suficiente para que lhe vissem as luzes de navegação, piscando era: amarelo e verde. Baker voltara a assoviar. Garraty deixou as pálpebras caírem quase inteiramente. Os pés moviam-se automaticamente.

A mente semi-adormecida começou a escapar de seu controle. Pensamentos aleatórios começaram a se perseguir indolentes pelo seu campo de visão. Lembrou-se da mãe, cantando uma canção de ninar irlandesa quando ele era muito pequeno... alguma coisa sobre amêijoas e mexilhões, vivos, oh, tão vivos. E o rosto dela, tão grande e belo, conto a face de uma atriz na tela de um cinema. Querendo beijá-la e amá-la para sempre.

Quando crescesse, iria casar com ela.

Esse pensamento foi substituído pelo bem-humorado rosto polonês de Jan, com seus cabelos escuros caindo quase até a cintura. Usava maiô de duas peças por baixo de uma saída de praia porque iam naquele momento para a Reid Beach. Ele usava uma bermuda jeans esmolambada e sandálias japonesas.

Jan desapareceu, o rosto dela substituído pelo de Jimmy Owens, o garoto que morava no mesmo quarteirão que eles. Os dois tinham cinco anos de idade e a mãe de Jimmy os flagrara brincando de médico em um buraco que havia por trás da casa de Jimmy. Os dois estavam com uma ereção. Era assim que se dizia, ereção. A mãe de Jimmy clamara a mãe dele, que viera buscá-lo, mandara-o sentar no quarto e lhe perguntara o que acharia se o mandasse sair e andar nu pela rua. O corpo sonolento

contraiu-se com o embaraço medroso que aquilo lhe provocara, a enorme vergonha. Chorara e implorara que ela não o obrigasse a andar nu pela rua... e que não dissesse nada ao rapai.

Sete anos de idade nesse momento. Ele e Jimmy Owens olhando pela janela encardida do escritório da Burr's Building Materiais para folhinhas com estampas de mulheres nuas, sabendo para o que estava olhando mas não entendendo realmente, sentindo uma vergonhosa e furtiva expectativa de alguma coisa. De alguma coisa. Uma loura tinha um pedaço de seda azul envolvendo-lhe obliquamente os quadris e eles haviam olhado para aquilo durante muito, muito tempo. Haviam discutido sobre o que poderia haver por baixo daquele pano. Jimmy disse que sabia. Jimmy dissera que era cabeludo e que tinha um corte. Recusara-se a acreditar porque o que Jimmy dissera era repugnante.

Ainda assim, tinha certeza de que mulheres deviam ser diferentes de homens ali embaixo e passaram um longo e quente verão discutindo aquilo, espantando mosquitos e olhando um jogo de beisebol improvisado no terreno da companhia de mudanças no outro lado da rua, em frente a Burr's. Podia sentir, realmente sentir naquele sonho semiacordado a sensação do duro meio-fio da rira sob as nádegas.

No ano seguinte, atingira Jimmy Owens na boca com o cano de sua espingarda de ar comprimido enquanto brincavam e Jimmy precisara levar quatro pontos no lábio superior. Um ano depois disso, a família de Jimmy se mudara. Não tivera intenção de atingir Jimmy. Aquilo fora um acidente. Disso tinha certeza, mesmo que, por essa ocasião, já soubesse que Jimmy tinha razão porque vira sua própria mãe nua (não tivera intenção de vê-la nua — aquilo fora um acidente). Elas eram cabeludas ali embaixo.

Cabeludas e com um corte aberto.

Psiu, não é um tire, Pião, amor, é apenas seu ursinho de Pelúcia, viu?... Amêijoas e mexilhões, vivos, oh como estão vivos... Mamãe ama o bebezinho dela... Psiu... Durma, durma...

— Advertência! Advertência, número 47!

Alguém enfiou rudemente um cotovelo em suas costelas.

— É você, rapaz. Acorde e brilhe.

Era McVries, sorrindo para ele.

— Que horas são? — perguntou em voz sonolenta Garraty.

— Oito e trinta e cinco.

— Então eu... cochilou durante horas — completou McVries. — Conheço essa sensação.

— Bem, parece que foi mesmo.

— É a sua mente— disse McVries —, usando a velha rota de fuga. Você não

gostaria que seus pés pudessem fazer isso?

Garraty pensou que recordações eram como urna linha riscada na areia. Quanto mais se recuava, mais difícil se tornava ver a linha, até que, finalmente, nada mais havia que areia lisa e um buraco preto de nada do qual emergia a pessoa. De certa maneira, recordações eram como a estrada. Alia estrada era real, dura e tangível. Mas a estrada do começo, aquela estrada das 9:00h da manhã, era uma coisa muito distante e sem sentido.

Já haviam, coberto quase 80km da Marcha. Chegou a notícia de que o major, em seu jipe, passaria em revista a eles e que faria um curto discurso quando chegassem realmente à distância de 80km. Garraty achou que, com toda probabilidade, aquilo era conversa fiada.

Subiram uma longa e íngreme ladeira c sentiu novamente a tentação de tirar a jaqueta.

Não fez isso. Mas depois baixou o fecho e andou para trás um minuto. As luzes de Caribou piscaram para ele e lembrou-se da mulher de Lot, que olhara para trás e fora transformada em uma estátua de sal.

— Advertência! Advertência, número 47! Segunda advertência, número 47!

Garraty precisou de um momento para se dar conta de que aquilo era com ele. Sua segunda advertência em dez minutos. Mais uma vez, começou a sentir medo. Lembrou-se daquele rapaz cujo nome não conhecia e que morrera simplesmente porque baixara o ritmo um número excessivo de vezes. Seria isso o que estava fazendo?

Olhou em volta McVries, Harkness, Baker e Olson fitavam-no. Olson dava-lhe um olhar particularmente demorado. Mesmo no escuro interpretou bem aquela expressão atenta tio rosto de Olson. Ele sobrevivera já a seis. E que ele, Garraty, fosse o sétimo, o número da sorte. Queria a sua morte.

— Está vendo alguma coisa diferente? — perguntou-lhe irritado.

— Não — respondeu Olson, desviando a vista. — Claro que não.

Passou a andar cheio de determinação, os braços balançando agressivamente. Faltavam vinte minutos para as 9:00h. Às 20 para as 11 — mais 15km estrada abaixo — estaria novamente livre. Sentiu necessidade histérica de proclamar que podia conseguir, não precisaria mandara notícia fila abaixo, eles não iam vê-lo comprar um bilhete azul... pelo menos, não ainda.

A névoa baixa espalhava-se pela estrada em fitas, como se fosse fumaça. As formas dos rapazes cruzava o nevoeiro rasteiro como. se fossem ilhas escuras à deriva. Ao completarem os 80km da marcha, passaram por uma garagem pequena, fechada, com uma bomba de gasolina enferrujada em frente. Aquilo era mais do que uma forma agourenta, inclinada, do nevoeiro. A luz fluorescente clara da cabine telefônica lançava o único brilho que havia por ali. O major não veio. Nem ninguém.

A estrada fez uma curva suave a apareceu uma tabuleta rodoviária amarela. A

palavra chegou de boca em boca, mas antes de ouvi-la, ele mesmo leu a tabuleta:

LADEIRA ÍNGREME CAMINHÕES SUBAM EM PRIMEIRA

Gemidos e lamentos. Em algum lugar à frente, Barkovitch berrou alegre:

— Pé na tábua, irmãos! Quem quer apostar uma corrida comigo até o alto?

— Cale essa merda de boca, seu tarado — disse calmamente alguém.

— Venha me calar, seu estúpido! — responde Barkovitch em voz aguda. — Suba até aqui e venha me encarar!

— Ele está entregando os pontos — comentou Baker.

— Não — replicou McVries. — Ele está simplesmente dando o máximo que tem. Caras como ele têm um bocado de máximo para dar.

Ouviram nesse momento a voz, mortalmente calma de Olson:

— Eu não acho que consiga subir esse morro. Não a 6,5km por hora.

A colina estendia-se bem alta acima deles. Estavam quase chegando a ela. O nevoeiro impedia que lhe avistassem o topo. Pelo que sabemos, ela pode continuar subindo para sempre, pensou Garraty.

Iniciaram a subida.

Não era tão ruim assim, descobriu, se o cara olhava para os pés e se inclinava um pouco para a frente. O cara olhava apenas para um pequeno trecho de estrada entre os pés e isso lhe dava a impressão de que estava caminhando em nível plano. Claro que ninguém podia enganar a si mesmo acreditando que os pulmões e a respiração não estavam esquentando na garganta porque estavam.

Notícias começaram a descer — que algumas pessoas ainda tinham fôlego de sobra, aparentemente. A informação era que essa ladeira prolongava-se por 400m. E também que nenhum participante jamais recebera seu bilhete azul naquela ladeira. Depois, que três rapazes haviam-nos recebido no ano passado. Depois disso, as informações cessaram.

— Não vou conseguir— dizia Olson monotonamente. — Não posso mais andar.

Respirava entrecortado como um cachorro, mas continuava a andar e todos também.

Tornaram-se audíveis pequenos sons de grunhidos e explosões baixas de respiração. O único outro som era a cantilena de Olson, o arrastamento de muitos pés e o som irritante, de catraca, da meia-lagarta que continuava a acompanhá-los pelo acostamento.

Garraty sentiu um medo confuso no estômago. Podia, realmente, morrer ali. Não seria difícil, absolutamente. Fizera besteira e recebera duas advertências. Não podia, nesse momento, estar muito longe de seu limite. Tudo o que tinha que fazer era maneirar o ritmo um pouco e receberia o número três — a advertência final. E em

seguida...

— Advertência! Advertência, número 70!

— Estão tocando sua música, Olson — disse McVries entre arquejos. — Mexa esses pés.

Quero ver você subir dançando esta ladeira como se fosse Fred Astaire.

— No que é que isso lhe interessa? — perguntou ferozmente Olson.

McVries não respondeu. Olson encontrou um pouco mais de força dentro de si mesmo e conseguiu aumentar o ritmo. Morbidamente, Garraty pensou se o pouco mais que Olson descobrira era sua última reserva. Especulou também sobre Stebbins? Ficando cansado?

À frente, um rapaz chamado Larson, número 60, sentou-se de repente na estrada.

Recebeu uma advertência. Os demais rapazes se separaram e passaram em volta dele como o mar Vermelho em torno dos filhos de Israel.

— Vou simplesmente descansar um pouco, okay? — disse Larson com um sorriso de neurótico de guerra. — Não poso andar mais neste momento, okay?

O sorriso alargou-se mais e voltou-o mais e voltou-o para o soldado que saltara da meia lagarta, tirando o fuzil e com o cronômetro de aço inoxidável na mão.

— Aviso, número 60 — disse o soldado. — Segunda advertência.

— Escute, eu me emparelho com os outros depois — apresentou-se Larson a dizer. — Estou simplesmente descansando um pouco. Um cara não pode andar o tempo todo. Não o tempo todo. Pode, caras?

Olson soltou um pequeno gemido ao passar por Larson e esquivou-se quando ele tentou tocar-lhe as calças.

Garraty sentiu, quentes, as batidas do coração na testa. Larson recebeu sua terceira advertência... Agora ele vai entender, pensou Garraty, agora ele vai se levantar e começar a dar tudo. No fim, Larson, aparentemente compreendeu. A realidade chegou-lhe como um choque.

— Hei! — disse Larson às costas deles. A voz estava aguda e alarmada. — Hei, espere só um segundo, não faça isso, vou me levantar. Hei, não faça isso! Não...

O tiro. Continuaram a subir a colina.

— Noventa e três garrafas de cerveja ainda na prateleira — disse baixinho McVries.

Garraty não respondeu. Olhou fixamente para os pés e andou, reunindo toda sua concentração para chegar ao alto sem aquela terceira advertência. Ela não podia continuar por muito mais tempo, essa ladeira monstruosa. Certamente que não.

À frente alguém soltou um grito alto, engolido, e logo depois os fuzis trovejaram em uníssono.

— Barkovitch — disse rouco Baker. — Aquele foi Barkovitch. Tenho certeza que foi.

— Errado, caipira! — gritou Barkovitch da escuridão. — Cem por cento errado!

Nunca chegaram a ver o rapaz que fora morto depois de Larson. Fizera parte da vanguarda e fora arrastado da estrada antes que chegassem ao local da execução.

Garraty arriscou um olhar para o piso da estrada e se arrependeu imediatamente. Mas já podia ver o alto do morro — mal. Tinham que percorrer ainda mais ou menos o comprimento de um campo de futebol. Mas parecia uma centena de quilômetros.

Ninguém disse mais nada. Todos haviam se retirado para seus mundos privados de dor e esforço. Os segundos pareciam se transformarem horas.

Perto do alto do morro, uma estrada de terra ramificava-se a partir da principal e ali estavam um fazendeiro e sua família. Observaram a passagem dos caminhantes um velho de rosto profundamente enrugado, uma mulher de rosto comprido e fino usando um casaco de pano frouxão e três filhos adolescentes, todos com cara de débil mental.

— Tudo o que ele precisa é de um forcado — disse McVries respirando com dificuldade, o suor escorrendo-lhe pelo rosto. — E... Grant Wood... para pintar o retrato dele.

Alguém gritou:

— Oi, pai!

O fazendeiro, a mulher e os filhos continuaram calados. Os humildes ficam sozinhos, pensou idiotamente Garraty. O fazendeiro e a família não sorriram. Não fecharam a cara. Não exibiram tabuletas. Não acenaram. Olharam. Garraty lembrou-se de filmes do

Oeste que vira nas tardes de sábado de sua juventude, nos quais o herói era deixado para morrer no deserto e os urubus chegavam e ficavam circulando no alto. Ficaram para trás e sentiu-se satisfeito. Pensou que o fazendeiro, a mulher e os três débeis mentais estariam ali por volta de 9:00h do próximo dia 1° de maio... e no seguinte... e no terceiro. Quantos rapazes eles haviam visto ser mortos a tiro? Uma dezena? Duas? Não quis pensar nisso. Tomou um gole no cantil e movimentou a água dentro da boca, tentando derreter a saliva empastada. Cuspiu tudo.

A colina continuava à frente. Na dianteira, Toland desmaiou e foi morto depois que o soldado deixado a seu lado advertiu por três vezes o corpo inconsciente. Garraty achou que estavam subindo aquele morro há pelo menos um mês. Sim, tinha que ser pelo menos um mês e era uma estimativa conservadora porque eles vinham caminhando há pelo menos três anos. Riu um pouco, tomou outro gole d’água, enxaguou a boca e engoliu-a. Nada de câimbras. Uma câimbra naquele momento seria seu fim. Mas podia acontecer. E podia porque alguém mergulhara seus sapatos em chumbo líquido quando ele não estivera olhando.

Nove já haviam morrido e um terço deles havia conseguido chegar à colina. O

major dissera a Olson para dar a eles o gosto do inferno e se aquilo não era o inferno, era uma aproximação muito boa. Uma aproximação muito...

Oh, meu Deus...

De repente, deu-se conta de que se sentia muito tonto, como se fosse desmaiar.

Levantou uma mão e deu uma bofetada em si mesmo, para a frente e para trás, com força.

— Você está bem? — perguntou McVries.

— Estou me sentindo tonto.

— Derrame... — respiração rápida, assoviada — ...derrame a água do cantil em cima da cabeça.

Foi o que ele fez. Eu te batizo como Raymond Davis Garraty, pax vobiscum. A água estava muito fria. Passou a sensação de tonteira. Parte da água escorreu por dentro da camisa, congelando em frios regatos.

— Cantil! Número 47 — gritou.

O esforço que fez para gritar deixou-o esgotado novamente. Desejou ter esperado um pouco.

Um dos soldados trotou até ele e entregou-lhe um cantil cheio. Sentiu os olhos duros e inexpressivos como mármore do soldado avaliando-o.

— Vá embora — disse rudemente, pegando o cantil. — Você ganha para atirarem mim, não para me olhar.

O soldado afastou-se, a expressão imutável. Obrigou-se a andar um pouco mais ligeiro.

Continuaram a subir, ninguém foi morto e chegaram ao alto do morro. Eram 9:00h.

Estavam há 12 horas na estrada. Mas isso não significava coisa nenhuma. A única coisa que importava era a brisa fresca que varria o alto do morro. E o som de uma ave. E a sensação produzida pela camisa úmida na pele. E as recordações em sua cabeça. Essas coisas eram importantes e agarrou-se a elas com uma percepção desesperada. Eram coisas suas e ainda as possuía.

— Pete?

— Ahn?

— Homem, como estou feliz em estar vivo.

McVries não respondeu. Estava descendo a ladeira nesse momento. Era fácil caminhar.

— Vou me esforçar o mais que puder para continuar vivo — continuou Garraty, quase em tom de desculpa.

A estrada encurvava-se suavemente para baixo. Estavam ainda a 185km de

Oldtown e do piso relativamente plano da estrada expressa.

— A ideia é essa, não é? — perguntou finalmente McVries.

A voz lhe saiu partida e pegajosa da garganta, como se estivesse vindo de uma adega empoeirada.

Nenhum deles disse mais nada durante algum tempo. Ninguém conversava. Baker marchava firmemente — não recebera ainda nenhuma advertência — com as mãos nos bolsos, a cabeça inclinada ligeiramente com o ritmo de pés chatos de sua marcha. Olson voltara à Ave-Maria, cheia de graça, o rosto transformado em uma mancha branca na escuridão. Harkness comia alguma coisa.

— Garraty — disse McVries.

— Estou aqui.

— Você viu alguma vez o fim da Longa Marcha?

— Não. Você viu?

— Diabo, não. Pensei simplesmente que você, morando tão perto e tudo mais...

— Eu vi.

Garraty deu um salto ao ouvir aquela voz. Stebbins. Ele quase se emparelhara, conservava ainda a cabeça inclinada para a frente, os cabelos louros batendo em volta das orelhas como se fossem um halo doente.

— Como foi? — perguntou McVries, a voz de certa forma remoçada.

— Você não vai querer saber — respondeu Stebbins.

— Eu perguntei, não perguntei?

Stebbins não respondeu. A curiosidade de Garraty a respeito dele tornou-se mais forte do que nunca. Stebbins não entregara os pontos. Não dava sinais de que ia fazer isso.

Andava sem queixas e não recebera aviso algum desde a linha de partida.

— Sim, como foi? — ouviu sua voz perguntando.

— Eu vi o fim há quatro anos — disse Stebbins. — Tinha 13 anos de idade. Acabou a uns 25km depois da fronteira de New Hampshire. Haviam mobilizado a Guarda Nacional e 16 esquadrões federais para reforçar a Polícia Estadual. Tiveram que fazer isso. De cada lado da estrada, por 80km, a multidão era imensa. Mais de vinte pessoas foram pisoteadas até a morte antes que a coisa acabasse. Isso aconteceu porque o povo estava tentando acompanhar os participantes, tentando ver o fim da Marcha. Eu tinha um assento de primeira fila, que papai arranjou para mim.

— O que é que seu pai fez? — perguntou Garraty.

— Ele é dos esquadrões. E calculou tudo direitinho. Não tive nem mesmo que me mover.

A Marcha terminou praticamente à minha frente.

— O que foi que aconteceu? — perguntou baixinho Olson.

— Ouvi-os antes de poder vê-los. Todos podíamos ouvir. Era uma grande onda sonora, aproximando-se cada vez mais. E uma hora ainda antes que chegassem perto o suficiente para serem vistos. Não estavam olhando para a multidão, nenhum dos dois que haviam sobrado. Era como se nem soubessem que a multidão estava ali. Olhavam era para a estrada. Vinham cambaleando, os dois. Como se houvessem sido crucificados, retirados da cruz e obrigados a caminhar com os cravos ainda perfurando-lhes os pés.

Todos escutavam nesse momento Stebbins. Um silêncio horrorizado caíra sobre eles como se fosse um lençol de borracha.

— A multidão gritava para eles, quase como se eles pudessem ouvir. Alguns berravam o nome de um dos caras e outros o nome do outro, mas a única coisa que realmente se ouvia era aquele cântico filais um pouco... Alais um pouco... Alais um pouco. Eu estava sendo empurrado de um lado para o outro como se fosse uma trouxa. O cara que estava junto de mim mijou-se ou se masturbou nas calças, a gente não podia saber o que era.

“Passaram bem na minha frente. Um deles era um louro e alto, com a camisa aberta no peito. A sola de um dos sapatos se descolara, ou se descosera, ou o que quer que fosse, e estava batendo. O outro cara nem mais sapatos tinha. Estava de meias. Que terminavam nos calcanhares. O resto delas... ora, ele simplesmente as gastara andando, não? Os pés dele estavam vermelho-escuros. A gente podia ver vasos sanguíneos rompidos nos pés.

Não acho que ele realmente sentisse mais alguma coisa. Talvez tenham podido fazer depois alguma coisa com os pés dele. Não sei. Talvez tenham feito.”

— Pare, pelo amor de Deus; pare com isso.

Era McVries e parecia estonteado, doente.

— Você quis saber— lembrou Stebbins, quase alegremente. — Você não disse isso?

Nenhuma resposta. A meia-lagarta chiou, bateu e tossiu ao longo do acostamento e um pouco mais adiante alguém recebeu uma advertência.

— Quem perdeu foi o louro grandalhão. Os dois haviam justamente passado pelo lugar onde eu estava. Ele levantou os braços, como se fosse o Super-Homem. Mas, cai vez de voar, ele simplesmente caiu sobre a cara e deram-lhe o bilhete azul depois de trinta segundos porque ele estava andando com três advertências. Ambos haviam recebido três.

“Nesse momento, a multidão começou a aplaudir. Aplaudiram, e aplaudiram e então viram que o garoto que vencera estava querendo dizer alguma coisa. De modo que todos por ali calaram a boca. Ele caíra de joelhos, vocês sabem, como se fosse rezar,

apenas ele estava simplesmente chorando. Depois, ele rastejou até onde estava O outro rapaz e colou o rosto à camisa do louro grandalhão. Depois, começou a dizer o que quer que fosse que queria dizer, mas não podíamos ouvir. Estava falando na camisa do garoto morto. Estava dizendo alguma coisa a ele. Logo em seguida, os soldados correram para ele e lhe disseram que ele ganhara o Prêmio e lhe perguntaram como ele queria começar."

— O que foi que ele respondeu? — perguntou Garraty.

Acho que, com essa pergunta, punha toda sua vida na linha.

— Ele não respondeu nada aos soldados, não naquele momento — continuou Stebbins. — Estava falando com o garoto morto. Estava dizendo alguma coisa a ele, mas não podíamos ouvi-lo.

— O que foi que aconteceu depois? — perguntou Pearson.

— Não me lembro — respondeu Stebbins, a voz distante.

Ninguém disse nada. Garraty sentiu uma sensação de pânico, de encurralamento, como se alguém o houvesse empurrado para um cano subterrâneo apertado demais para escapar dali. À frente, uma terceira advertência foi feita e um rapaz emitiu um som de grasnado, de desespero, como um corvo moribundo. Por favor, Deus, não permita que eles matem alguém agora, pensou Garraty. Eu enlouqueço se ouvir som de tiro agora.

Por favor, Deus, por favor, Deus.

Minutos depois, os fuzis trovejaram seu som de morte a aço na noite. Dessa vez foi um rapaz baixo que usava uma camisa de futebol de jérsei, vermelha e branca. Por um momento, Garraty pensou que a mamãe de Percy não teria que procurá-lo mais, mas não fora Percy — fora um garoto chamado Quincy, Quentin, ou coisa parecida.

Não enlouqueceu. Virou-se para mimosear Stebbins com algumas palavras iradas — perguntar a ele, talvez, como ele se sentia depois de ter infligido tal horror aos últimos momentos de um menino — mas Stebbins voltara à sua posição habitual e ficou novamente sozinho.

Continuaram a andar, os noventa.

CAPÍTULO 5

"Você não disse a verdade e, portanto, terá que arcar com as consequências."

— BOB BARKER
Truth or Consequences

Aos 20 minutos para as 10:00h daquele interminável 1° de maio, descartou-se de uma de suas duas advertências. Mais dois participantes haviam-nas recebido desde a morte daquele rapaz da camisa de futebol. Mal notou isso, porém. Estava fazendo um cuidadoso exame de si mesmo.

Uma cabeça, um pouco confusa e baratinada, mas, no fundo, em boas condições. Dois olhos como se estivessem cheios de terra. Um pescoço, duro pra burro. Dois braços, nenhum problema nesse particular. Um tronco, tudo bem, exceto por uma sensação na barriga que os concentrados não podiam satisfazer. Duas pernas danadas de cansadas.

Músculos doloridos. Por quanto tempo as pernas o levariam por si mesmas — quanto tempo antes que o cérebro assumisse o comando e começasse a castigá-las, obrigando-as a trabalhar além de qualquer limite sensato, a fim de impedir que uma bala se alojasse em seu berço ósseo? Quanto tempo antes que as pernas começassem a escoicear e finalmente travassem protestando e a seguir se imobilizassem numa parada definitiva?

As pernas estavam cansadas, mas tanto quanto podia avaliar, ainda em forma muito boa.

E dois pés. Doendo. Estavam doendo, não adiantava negar. Ele era um cara alto.

Aqueles pés estavam mudando 72kg de peso de um lado para o outro. As solas doíam.

Nelas de vez em quando sentia estranhas pontadas. O dedão grande do pé esquerdo furara a meia (lembrou-se da história de Stebbins e sentiu uma sensação sorrateira de horror) e começava a atritar desagradavelmente com o sapato. Mas estavam funcionando e neles não haviam bolhas. Achou que os pés estavam ainda em boa forma.

Conversou consigo mesmo, estimulando-se: Garraty, você está em boa forma. Doze caras já estão mortos, duas vezes esse número podem estar sofrendo dores, mas você está bem. Está indo bem. Você é o maior. Você está vivo.

A conversa, que morrera violentamente ao fim da história de Stebbins, recomeçou.

Conversar, era isso o que os vivos faziam. Yannick, número 98, estava discutindo as virtudes das mães dos soldados que ocupavam a meia-lagarta, isso em voz muito alta, tendo como interlocutor o número 97, Wyman. Concordaram ambos que elas eram

mestiças, coloridas, cabeludas e ordinárias.

Bruscamente, Pearson perguntou a Garraty:

— Você já tomou um clister alguma vez?

— Clister? — repetiu Garraty. Pensou um momento. — Não, acho que não.

— E vocês, caras? — perguntou Pearson. — Falem a verdade.

— Eu já tomei — respondeu Harkness, e soltou uma risadinha. — Minha mãe aplicou um em mim, quando eu era pequeno, depois do Dia das Bruxas. Eu havia comido quase uma sacola de supermercado cheia de balas.

— Você gostou? — insistiu Pearson.

— Droga, não! Quem, diabo, ia gostar de um quarto de litro de água de sabão morna dentro do...

— Meu irmão pequeno — disse melancólico Pearson. — Perguntei ao safadinho se ele estava triste porque eu ia participar da Marcha e ele disse que não porque mamãe disse a ele que poderia tomar um clister se ficasse bonzinho e não chorasse. Ele adora clister.

— Isso é doentio — comentou Harkness em voz alta.

— Também achei — concordou sombrio Pearson.

Minutos depois, Davidson juntou-se ao grupo e falou das vezes em que se embebedara na Steubenville State Fair e rastejara para dentro da tenda da mulher-montanha e fora atingido na cabeça por uma dita cuja que usava apenas biquíni. Quando lhe disse (pelo menos foi isso o que contou) que estava bêbado e que pensava que entrara na tenda de tatuagem, a mulher-montanha deixara que ele pegasse nela ali embaixo por algum tempo (pelo menos segundo ele). Dissera a ela que queria mandar tatuar a bandeira americana no estômago.

Art Baker falou do concurso que havia em sua cidade natal para ver quem conseguia soltar o peido mais alto. Um garoto de cu cabeludo chamado Davey Popham conseguira queimar quase todo os cabelos do cu e também da parte baixa das costas. O cheiro parecera de capim queimado, disse Baker. A história provocou tais gargalhadas em Harkness que ele acabou levando uma advertência.

Depois disso, a corrida começou. Uma história inacreditável seguiu-se a outra até que toda a frágil estrutura desabou. Mais um garoto foi advertido e não muito tempo depois o outro Baker (James) recebeu seu bilhete azul. O bom humor do grupo acabou. Alguns começaram a falar nas namoradas e a conversa tornou-se entrecortada e sentimental.

Garraty nada disse sobre Jan, mas quando as cansadas dez horas chegaram finalmente, um saco de carvão preto manchado de branco do nevoeiro rasteiro, achou que ela fora a melhor coisa que já acontecera em sua vida.

Passaram por baixo de um curto trecho de postes de rua iluminados a mercúrio,

cruzando uma cidadezinha adormecida e fechada, todos eles controlados, falando em murmúrios. Na frente de uma loja, perto do fim da grande praça em que a rua se alargava, viram um jovem casal dormindo sentado em um banco público, as cabeças juntas. Ao lado deles, uma tabuleta que não podia ser lida. A moça era muito jovem — não parecia ter mais de 14 anos —, o namorado usava uma camisa esporte que fora lavada um número grande demais de vezes para dar a impressão de muito esportiva.

Suas sombras na rua formavam uma única que os caminhantes transpuseram em silêncio.

Garraty olhou por cima do ombro, certo de que o ronco da meia-lagarta devia tê-los acordado. Mas eles continuavam a dormir, sem perceber que o Grande Evento chegara e passara por eles. Ela parecia muito moça. Diria aquela tabuleta "Para a Frente, Garraty, Favorito do Maine"? Por alguma razão, tinha esperança de que não. Por algum motivo, essa ideia era um pouco repulsiva.

Comeu o último dos concentrados e sentiu-se um pouco melhor. Não sobrara nada para Olson dar-lhe uma facada. Curioso, esse Olson. Seis horas antes, teria apostado que ele estava quase no fim. Mas continuava a andar e, naquele momento, sem mais nenhuma advertência. Achou que pessoas podem fazer um bocado de coisas quando estão com a vida em risco. Nesse momento já haviam percorrido 85km.

A última conversa morreu com aquela cidade sem nome. Marcharam em silêncio durante uma hora, mais ou menos, e voltou a sentir frio. Comeu o último dos biscoitos feitos pela mãe, amassou o papel de alumínio e jogou-o numas moitas ao lado da estrada. Apenas mais um pouco de lixo jogado no grande tomateiro da vida.

Entre todas as coisas imagináveis, McVries tirara da mochila uma escova e estava muito ocupado escovando os dentes. E a vida continua, pensou espantado Garraty. A gente arrota e diz desculpa. Acena para as pessoas que acenam para a gente porque isso é a coisa delicada a fazer. Ninguém discute muito com ninguém (com exceção de Barkovitch) porque isso é também a coisa polida a fazer. E a vida continua, como antes.

Ou continua mesmo? Lembrou-se de McVries soluçando e gritando com Stebbins para calar a boca. De Olson, aceitando o queijo com a humildade estúpida de um cão surrado. Tudo aquilo parecia revestir-se de maior intensidade, um contraste mais nítido de cores, luzes e sombras.

Às 11:00h, várias coisas aconteceram quase simultaneamente. Lá da frente chegou a informação de que uma pequena ponte de tábuas fora levada por um violento aguaceiro naquela tarde. Derrubada a ponte, os caminhantes teriam que fazer uma parada temporária. Um grito de aplauso fraco subiu das fileiras esgarçadas e Olson, em voz muito baixa, murmurou:

— Graças a Deus.

Um momento depois, Barkovitch explodiu numa torrente de palavrões contra um rapaz que andava a seu lado, um cara atarracado, feio, que tinha o infeliz nome de Rank. Rank deu-lhe um soco — o que era expressamente proibido pelas regras e recebeu uma

advertência por isso. Barkovitch nem mesmo interrompeu as passadas. Simplesmente baixou a cabeça, passou por baixo do soco e continuou a berrar:

— Venha, seu filho da puta! Vou dançar em cima de sua maldita cova! Venha, estúpido, mexa essas pernas! Não torne as coisas fáceis demais para mim!

Rank desfechou outro murro. Barkovitch, agilmente, deu um passo para o lado, evitando o golpe, mas derrubou o garoto que andava ao seu lado. Os dois receberam advertências dos soldados, que nesse momento observavam atentos mas indiferentemente os fatos — como homens observando duas formigas lutarem por uma migalha de pão, pensou amargamente Garraty.

Rank começou a andar mais rápido, não mais olhando para Barkovitch, que, furioso por ter sido advertido (o rapaz que ele derrubara era Gribble, o tal que quisera dizer ao major que ele era um assassino), berrou:

— Sua mãe chupa pau na 42nd Street, Rank!

Ouvindo isso, Rank virou-se bruscamente e partiu para cima de Barkovitch.

Gritos de “Parem com isso!” e “Acabem com essa merda!’, encheram o ar. Rank, porém, não lhes deu atenção. Continuou na direção de Barkovitch, cabeça baixa, rugindo.

Barkovitch esquivou-se, dando um passo para o lado, e Rank continuou tropeçando e girando sobre si mesmo até o acostamento, derrapou: na areia e caiu sentado com os pés abertos. Recebeu a terceira advertência.

— Venha, estúpido! — provocou-o Barkovitch. — Levante-se!

Rank de fato levantou-se. Mas escorregou em alguma coisa e caiu de costas. Parecia tonto e desorientado.

A terceira coisa que aconteceu por volta das 11 horas foi a morte de Rank. Caiu um momento de silêncio quando as carabinas foram. apontadas e ouviu-se a voz de Baker, alta e clara:

— Barkovitch, você agora não é mais um chute no saco. Agora você é um assassino.

As armas trovejaram. O corpo de Rank foi erguido no ar pela força das balas. Depois ficou imóvel, estatelado, um dos braços na estrada.

— Foi culpa dele! — gritou Barkovitch. — Vocês viram, ele me socou primeiro! Regra 8! Regra 8!

Ninguém disse nada.

— Vão se foder! Vocês todos!

Em voz tranquila, McVries falou:

— Volte e dance um pouco em cima dele, Barkovitch! Distraia a gente. Dance um pouco em cima dele, Barkovitch.

— Sua mãe chupa pau na 42nd Street, cicatriz na cara — respondeu em voz rouca Barkovitch.

— Você não pode esperar pare ver seus miolos espalhados por toda a estrada? — perguntou calmamente McVries. A mão subira para a cicatriz e a estava coçando, coçando, coçando. — Vou aplaudir quando isso acontecer, seu filhinho da puta assassino.

Barkovitch murmurou baixinho alguma coisa. Os outros se afastaram como se ele estivesse com a peste e ele passou a andar sozinho.

Completaram 95km às 11:10h e nada de sinal de ponte de qualquer tipo. Garraty começara a pensar que o sistema subterrâneo de informações falhara dessa vez quando chegaram ao alto de uma pequena colina e olharam para baixo. Ali, em uma clareira de luz, um grupo de homens movia-se muito ocupado.

As luzes eram os feixes dos faróis de vários caminhões, dirigidos para uma ponte de madeira que cruzava um regato de águas correntes turbulentas.

— Juro que amo de verdade aquela ponte — disse Olson, servindo-se de um dos cigarros de McVries. — Sinceramente.

Ao se aproximarem, porém, Olson emitiu um som baixo e feio no fundo da garganta e jogou o cigarro nas moitas. Um dos pilares da ponte e duas das pesadas pranchas haviam sido levados pelas águas, mas o esquadrão estivera trabalhando diligentemente.

Um poste telefônico serrado fora plantado no leito do riacho, ancorado no que parecia uma gigantesca rolha de cimento. Não haviam tido tempo ainda de reparar as pranchas, mas haviam-nas substituído pela tampa da caçamba de um dos caminhões do comboio.

Improvisado, mas funcionava.

— A Ponte de San Luis Ray — disse Abraham. — Talvez, se os caras que estão na frente pisarem com força, ela caía outra vez.

— Duvido muito — disse Pearson e depois acrescentou em uma voz entrecortada, chorosa:

— Ah, merda!

A vanguarda, reduzida nesse momento a três ou quatro rapazes, chegara à ponte, as passadas soando ocas quando a cruzaram. Chegaram ao outro lado e continuaram, sem olhar para trás. A meia-lagarta parou. Dois soldados saltaram e acompanharam os rapazes, andando no mesmo ritmo. No outro lado da ponte, dois outros começaram a acompanhar a vanguarda. As pranchas da ponte ribombavam ininterruptamente nesse instante.

Dois homens usando casacos de veludo cotelê estavam encostados em um caminhão de asfalto identificado por uma placa: MANUTENÇÃO DE RODOVIA. Fumavam.

Usavam botas de borracha verde. Observaram a passagem dos caminhantes. No momento em que Davidson, McVries, Olson, Pearson, Harkness, Baker e Garraty passaram formando um grupo solto, um deles bateu a cinza do cigarro e jogou-o na água do riacho, dizendo:

— É ele. Esse aí é o Garraty.

Garraty notou alguns pedaços de postes telefônicos cerrados na caçamba do caminhão.

Aqueles eram os caras que queriam ter certeza de que ele iria continuar, gostasse disso ou não. Ergueu a mão num aceno para eles e cruzou a ponte. A tampa da caçamba que substituíra as pranchas emitiu um som metálico sob seus pés e logo depois a ponte ficou para trás. A estrada entrou em subida e a única recordação do descanso que quase haviam tido foi uma mancha de luz em forma de cunha nas árvores ao lado do acostamento. Logo depois, isso também desapareceu.

— Será que uma Longa Marcha jamais parou por algum motivo? — perguntou Harkness.

— Acho que não — respondeu Garraty. — Mais material para seu livro?

— Não — retrucou Harkness. Parecia cansado. — Apenas para minha informação pessoal.

— Ela para todos os anos — disse Stebbins às costas deles. — Uma vez.

Ninguém respondeu a essas palavras.

Meia hora depois, McVries emparelhou-se com Garraty e andou ao lado dele em silêncio durante algum tempo. Finalmente, baixinho, disse:

— Você acha que vai ganhar, Ray?

Garraty pensou na pergunta durante muito, muito tempo.

— Não — disse por fim — Não, eu... não.

O franco reconhecimento do fato assustou-o. Pensou novamente em receber um bilhete azul, não, em receber uma bala, o meio segundo imóvel final de conhecimento total, vendo os canos sem fundo dos fuzis virando em sua direção.

Pernas congeladas. Tripas se contorcendo e agarrando. Músculos, órgãos genitais, cérebro, procurando, acovardados, afastar-se do vazio a uma pulsação de distância.

Engoliu em seco.

— E você?

— Acho que não — confessou McVries. — Lá pelas nove horas da noite, deixei de pensar que tinha alguma probabilidade real. Entenda, eu... — pigarreou. — É difícil dizer, mas..: entrei nisto com os olhos abertos, sabia? — Fez um gesto abrangendo os rapazes em volta. — Muitos desses caras não fizeram isso, sabia? Eu conhecia as probabilidades. Mas não contei com as pessoas. E acho que nunca compreendi a dura

verdade do que é isto.

Pensava que quando o primeiro cara chegasse a um ponto em que não pudesse continuar mais, os soldados apontariam para ele os fuzis, puxariam os gatilhos, e pequenos pedaços de papel com a palavra SANGUE sairiam dos canos... e o major diria "1º de abril', e todos nós voltaríamos para casa. Você está entendendo absolutamente o que estou dizendo?

Garraty lembrou-se de seu próprio e dilacerante choque quando Curley caíra em um borrifo de sangue e miolos como se fosse aveia, miolos no chão e em cima da linha branca.

— Sim — respondeu —, entendo o que você está querendo dizer.

— Demorei algum tempo para compreender, mas depois a coisa ficou mais fácil quando ladeei aquele bloqueio mental. Ande ou morra, tal é a moral desta história. Só isso. Não é uma questão da sobrevivência dos fisicamente mais aptos. Foi nisso que errei quando me meti nesta trapalhada. Se fosse, eu teria boas chances. Mas há homens fracos que podem levantar carros, se suas mulheres estão presas embaixo deles. O cérebro, Garraty.

— A voz de McVries caíra para o nível de um rouco sussurro. — Não é uma questão de homem ou Deus. É alguma coisa... no cérebro.

Um curiango piou na escuridão. O nevoeiro rasteiro estava desaparecendo.

— Alguns desses caras continuarão andando depois que as leis da bioquímica e da vantagem comparativa tiverem sido desmentidas. Houve um cara no ano passado que rastejou durante três quilômetros, a 4,5km por hora, depois que os dois pés ficaram paralisados por câimbras. Lembra-se de ter lido sobre isso? Olhe para Olson, está esgotado mas continua a andar. Aquele maldito Barkovitch está funcionando na base de ódio de alta octanagem e simplesmente continua, fresco como uma flor. Eu não acho que possa fazer isso. Não estou cansado — não realmente cansado, ainda. Mas vou ficar.

— A cicatriz sobressaiu no rosto encovado enquanto ele olhava para a escuridão à frente.

— E acho que... quando ficar cansado de verdade... acho que vou simplesmente me sentar.

Garraty permaneceu calado, mas ficou alarmado. Realmente alarmado.

— Mas eu vou sobreviver a Barkovitch — disse McVries, quase como se falando para si mesmo. — Isso eu posso fazer, pelo amor de Deus.

Garraty olhou para o relógio e viu que marcava 11:30h. Passaram por um cruzamento onde estava estacionado um sonolento patrulheiro rodoviário. O possível tráfego que fora mandado ali para deter era inexistente. Deixaram-no para trás, dentro do brilhante círculo de luz formado pela única lâmpada de mercúrio. A escuridão novamente caiu sobre eles como se fosse um saco de carvão.

— A gente poderia escapulir para o mato agora e eles nunca nos veriam — disse pensativo Garraty.

— Experimente — sugeriu Olson. — Eles têm varredores a raios infravermelhos, juntamente com quarenta outros tipos de equipamento de monitoração, incluindo microfones de alta intensidade. Ouvem tudo que a gente está dizendo. Podem quase captar as batidas do coração. E veem-no como se você estivesse à luz do dia, Ray.

Como se para enfatizar esse argumento, um rapaz às costas deles recebeu a segunda advertência.

McVries se afastara. A escuridão parecia isolar cada um deles e Garraty sentiu-se em um poço de intensa solidão. Ouviu murmúrios e meios ganidos toda vez que alguma coisa cruzava barulhento o bosque pelo qual estavam passando. Com um certo divertimento, deu-se conta de que um passeio tarde da noite pelos bosques do Maine podia ser uma espécie de piquenique para os garotos de cidade que faziam parte do grupo. Uma coruja emitiu um ruído misterioso em algum lugar à esquerda. No outro lado, alguma coisa roçou na vegetação, parou, roçou de novo, parou, e em seguida correu a toda para alguma área menos populosa. Ouviu-se um grito nervoso:

— O que foi aquilo?

No alto, caprichosas nuvens de primavera começaram a correr pelo céu, em forma de peixes, prometendo mais chuva. Garraty virou para cima a gola da jaqueta e prestou atenção ao som de seus pés batendo no piso da estrada. Havia um macete naquilo, um ajustamento mental sutil, tal como a visão noturna que melhora quanto mais tempo o cara fica no escuro. Naquela manhã, não ouvira o som dos pés. Havia-se perdido no pisotear de 99 outros pares, para não mencionar o ronronar baixo da meia-lagarta.

Naquele momento, porém, ouvia claramente sua própria andadura particular e o modo como o pé esquerdo arrastava-se de vez em quando pelo piso. Achou que o som das passadas havia se tornado tão alto em seus ouvidos como o som de sua própria pulsação.

Som vital, de vida e morte.

Os olhos estavam secos, terrosos, aprisionados em suas órbitas. As pálpebras pesavam.

A energia como que se exauria através de algum ralo situado no meio de seu corpo.

Advertências eram feitas com monótona regularidade, mas ninguém foi morto.

Barkovitch calara a boca. Stebbins se transformara novamente em fantasma e não era nem visível às costas deles.

Os ponteiros do relógio marcaram 11:40h.

Chegando a hora das feiticeiras, pensou, a hora em que os cemitérios bocejam e arrotam seus mortos bolorentos, quando todos os meninos bonzinhos estão dormindo, quando mulheres e amantes encerraram por aquela noite a batalha carnal, quando

passageiros dormem inquietos a bordo de um ônibus Greyhound a caminho de Nova York, quando Glenn Miller toca sem que o interrompam no rádio e garções pensam em pôr as cadeiras em cima das mesas e...

O rosto de Jan surgiu mais uma vez em sua mente. Lembrou-se de tê-la beijado no

Natal, há quase meio ano, sob a planta de plástico que sua mãe pendurara sob o grande globo da cozinha. Coisa boba de criança. Olhe só onde você está. Os lábios dela haviam demonstrado surpresa e maciez, e não resistido. Um beijo lindo. Para sonhar com ele. O primeiro beijo de verdade. Repetiu a dose quando a levou para casa, os dois na entrada de carros da casa dela, no cinzento silêncio da neve de Natal que caía. Mas aquilo fora mais do que um beijo gostoso, braços em volta da cintura dela, ela enlaçando-lhe o pescoço, colados um no outro, os olhos dela fechados (ele espiara), aquele toque macio de seios — amortecido pelo casaco dela, claro — contra seu corpo. Quase lhe dissera que a amava, mas, não... aquilo teria sido apressado demais.

Depois daquilo, um ensinara ao outro. Ela lhe ensinara que livros deviam, às vezes, ser lidos e abandonados, não estudados (ele era uma espécie de cu-de-ferro, o que divertia Jan, e o divertimento dela o exasperara no princípio, mas depois vira também o lado engraçado da coisa). Ele lhe ensinara a tricotar. Isso tinha sido a coisa engraçada. Seu pai, logo ele, lhe ensinara a tricotar... antes que os Esquadrões o pegassem. O pai dele lhe ensinara, também. Aquilo era uma espécie de tradição masculina no clã Garraty. Jan ficara fascinada com o padrão de aumentos e diminuições de pontos e o ultrapassara logo depois, deixando para trás os xales e mitenes que ele laboriosamente fazia e passando a suéteres e peças mais complicadas, até que desistiu logo que dominou a habilidade.

Ele lhe ensinara também a dançar a rumba e o cha-cha-chá, que aprendera em intermináveis manhãs de sábado na Escola de Danças Modernas da sra. Amelia Dorgen... Aquilo fora ideia da mãe, à qual objetara vigorosamente. Ela, porém, insistira e vencera, graças a Deus.

Pensou nesse momento nos planos de luz e sombra no oval quase perfeito do rosto de Jan, na maneira como ela andava, na subida e descida da voz, no fácil e desejável bamboleio dos quadris, e se perguntou cheio de terror o que era que estava fazendo ali, andando numa estrada escura. Queria-a naquele momento. Queria fazer tudo aquilo outra vez, mas de maneira diferente. Nesse momento, quando pensava no rosto bronzeado do major, no bigode grisalho, nos óculos de sol espelhados, sentia um horror tão profundo que suas pernas se transformavam em borracha mole, de tão fracas. Por que estou aqui? perguntou-se em desespero, não ouviu resposta, e repetiu a pergunta.

Por quê...

Fuzis estrugiram na escuridão e o som foi seguido pela pancada surda inconfundível de um corpo caindo no concreto. O medo voltou, o medo quente, sufocante, que o fazia querer fugir correndo cegamente dali, mergulhar nas moitas e

continuar a correr até encontrar Jan e segurança.

McVries tinha Barkovitch para mantê-lo em funcionamento. Ele se concentraria em Jan.

Andaria ao encontro dela. Nas linhas da frente, à chegada, os organizadores reservavam espaço para os parentes e pessoas queridas dos caminhantes.

Lembrou-se de ter beijado aquela outra moça e sentiu-se envergonhado.

Como é que você sabe que vai conseguir chegar ao fim? Uma câimbra... calos d'água... um corte feio ou uma hemorragia nasal que não para... um grande morro que é simplesmente grande demais e comprido demais. Como é que você sabe que vai conseguir?

Vou conseguir, vou conseguir.

— Parabéns — disse McVries ao seu ombro, sobressaltando-o.

— Ahn?

— É meia-noite. Vamos ter que lutar outro dia, Garraty.

— E muitos deles — acrescentou Abraham. — Quero dizer, eu. Não que eu tenha raiva de você, entenda. — Cento e setenta quilômetros até Oldtown, se quer saber interrompeu-os cansadamente Olson.

— Quem é que dá a menor merda para Oldtown? — perguntou McVries. — Já esteve lá, Garraty?

— Não.

— O que é que me diz de Augusta? Cristo, eu pensei que essa cidade ficava na Georgia.

— Sim, estive em Augusta. É capital do estado...

— Regional — disse Abraham.

— Lá fica também a mansão do governador, há uns dois balões de tráfego, uns dois cinemas...

— Vocês têm essas coisas no Maine? — perguntou McVries.

— Bem, é a capital de um pequeno estado, certo? — disse Garraty, sorrindo.

— Espere até chegarmos a Boston — disse McVries.

Gemidos.

Em algum lugar a frente estrugiram aplausos, gritos e assovios. Alarmado, Garraty ouviu seu próprio nome. À frente, a uns 800m de distância, viu uma casa de fazenda, deserta e em ruínas. Mas um amassado holofote Klieg fora ligado e uma enorme tabuleta, escrita com ramos de pinheiro em frente à casa; dizia:

A LONGA MARCHA

GARRATY É O NOSSO HERÓI!!!
Associação de Pais do Condado de Aroostook

— Hei, Garraty, onde estão os pais? — berrou alguém.

— Em casa, fazendo bebês — respondeu embaraçado Garraty.

Não poderia haver dúvida de que o Maine era sua terra, mas descobrira que as tabuletas, aplausos e piadas dos outros concorrentes deixavam-no um pouco mortificado.

Descobrira — entre outras coisas — nas últimas 15 horas que não morria de amores pelas luzes da ribalta. O pensamento de um milhão de pessoas em todo O estado torcendo por ele e apostando nele (com uma vantagem de 12 a um, disse aquele operário de manutenção de estrada... Isso era bom ou ruim?) assustava um pouco.

— A gente esperaria que deixassem uns país gordinhos e suculentos à espera por aí — comentou Davidson.

— Gente da Associação de Pais e Professores copulando por aí? — perguntou Abraham.

As zombarias foram meio desanimadas e não duraram muito. A estrada matava a maior parte dos motejos, e rapidamente. Cruzaram outra ponte, esta de cimento e que cruzava um rio de bom tamanho. A água corria por baixo deles como se fosse seda negra.

Alguns grilos cricrilaram cautelosos e, por volta de 12:15h, após um relâmpago, caiu a chuva.

À frente, alguém começou a tocar uma gaita de boca. A música durou pouco, (Conselho n° 6: Conserve o Fôlego), mas foi agradável enquanto durou. Parecia com Old Black Joe, pensou Garraty. Ali no milharal, ouçam o triste som. Todos os negros estão chorando. Chorando no chão frio, frio.

Não, aquela não era Old Black Joe, aquela música era outra clássico racista de Stephen Foster. Bom e velho Stephen Foster. Bebera até morrer. O mesmo fizera Poe, segundo se dizia. Poe, o necrófilo, o cara que se casara com a prima de 14 anos de idade. Esse fato transformava-o também em pedófilo. Caras inteiramente depravados, ele e Stephen Foster. Se eles apenas tivessem vivido o suficiente para ver a Longa Marcha, pensou.

Poderiam ter colaborado na primeira Revista Musical Mórbida do mundo. O Sinhô na Estrada Fria, Fria ou A Passada Informativa... ou...

À frente alguém começou a gritar e sentiu o sangue gelar. Era uma voz muito moça.

Não gritava palavras. Estava apenas gritando. Uma figura escura separou-se do grupo, cruzou o acostamento da estrada em frente à meia-lagarta (não podia sequer

lembrar-se quando a meia-lagarta voltara a se reunir aos caminhantes, após o reparo na ponte) e mergulhou na direção do bosque. Os fuzis estrugiram. Ouviu-se um som de coisa se rasgando quando um peso morto caiu pelas moitas de zimbro e mato rasteiro até o chão.

Um dos soldados saltou e arrastou pelas mãos a forma inerte. Garraty olhou apaticamente para a cena e pensou que até o horror se torna comum. Há saturação mesmo de morte.

O tocador de gaita iniciou satiricamente Taps e alguém — Collie Parker, a julgar pela voz — disse-lhe furioso que parasse com aquela merda. Stebbins soltou uma gargalhada.

Subitamente furioso com Stebbins, quis virar-se para ele e lhe perguntar se ele gostaria que alguém risse com sua morte. Aquilo era uma coisa que se esperaria de Barkovitch.

Ele dissera que dançaria sobre um bocado de sepulturas e já havia 16 sobre as quais poderia dançar.

Duvido que ele tenha muito dos pés de sobra para dançar, pensou Garraty. Uma violenta pontada de dor percorreu o arco de seu pé direito. O respectivo músculo contraiu-se com uma força quase de parar o coração mas em seguida afrouxou. Com o coração na boca, esperou que aquilo acontecesse novamente. E seria pior. Transformar-lhe-ia o pé em um bloco inútil de madeira. Mas não aconteceu.

— Não posso ir muito mais longe — grasnou Olson.

Seu rosto era uma mancha branca na escuridão. Ninguém lhe respondeu.

A escuridão. A maldita escuridão. Achou que haviam sido enterrados vivos nela.

Emparedados nela. O amanhecer estava a um século de distância. Muitos ali nunca o veriam. Ou o sol. Estavam enterrados a uma profundidade de dois metros na escuridão.

Só faltava mesmo a cantilena monótona do padre, a voz abafada mas não inteiramente obliterada pela nova escuridão compactada, acima da qual se postavam os pranteadores.

Os pranteadores nem mesmo sabiam que eles estavam ali, que estavam vivos, que estavam gritando, arranhando e unhando a tampa de caixão da escuridão, o ar estava despelando e enferrujando, estava se transformando em gás venenoso, a esperança desaparecendo até que ela mesma se tornava escuridão e, acima de tudo aquilo, a voz de sino de capela do padre e o arrastamento de pés impaciente dos pranteadores, ansiosos para sair dali para o quente sol de maio. E, superando tudo aquilo, o coro ciciante, arrastando dos bichos e insetos, abrindo túneis na terra, chegando para o banquete.

Eu poderia enlouquecer, pensou Garraty. Poderia pirar inteiramente.

Uma fraca brisa ciciou através dos pinheiros.

Garraty virou-se e urinou. Stebbins aproximou-se um pouco e Harkness emitiu um som de tosse e de ronco. Estava andando semi-adormecido.

Tornou-se agudamente consciente dos sons de vida: alguém puxou o catarro do peito e escarrou, alguém espirrou, alguém à frente e à esquerda mastigava ruidosamente alguma coisa. Alguém perguntou baixinho a alguém como se sentia. Houve uma resposta murmurada. Yannick cantarolava ao nível de sussurro, baixinho e muito desafinado.

Percepção. Tudo aquilo era uma função da percepção. Mas não ia durar para sempre.

— Por que foi que eu me meti nisto? — perguntou de repente em desespero Olson, ecoando os pensamentos de Garraty minutos antes. — Por que foi me deixei envolver nisto?

Ninguém lhe respondeu. Ninguém lhe respondia havia muito tempo. Garraty pensou em Olson como se ele já estivesse morto.

Caiu outra leve chuvarada. Passaram por outro cemitério antigo, uma igreja contígua, um minúsculo distrito comercial e logo depois cruzavam uma pequena comunidade da Nova Inglaterra, de pequenas e bem arrumadas casas. A estrada passava por um setor comercial em miniatura onde talvez uma dezena de pessoas havia se reunido para vê-los passar. Aplaudiram, mas em tom baixo, como se receosos de acordar os vizinhos.

Nenhuma daquelas pessoas era jovem, notou Garraty. O mais moço era um homem de olhos sérios, de uns 35 anos de idade. Usava óculos sem aros e um casaco esporte ordinário, bem apertado no corpo para protegê-lo do frio. O cabelo arrepiava-se atrás do crânio e, divertido, Garraty notou que ele estava com a braguilha meio aberta.

— Vão em frente! Vocês são os maiores! Em frente! Em frente! Vocês são os maiores! — entoava ele baixinho.

Incansavelmente, acena com a mesma mão gorda e seus olhos pareciam queimar cada um deles, à medida que passavam.

No outro lado da povoação, um policial de olhos sonolentos mandou parar uma carreta barulhenta até que todo o grupo passou. Deixaram para trás mais alguns postes de iluminação, um prédio abandonado em ruínas com as palavras EUREKA GRANGE Nº 81 escritas sobre as portas duplas da frente e em seguida o povoado desapareceu. Por nenhuma razão que pudesse identificar, Garraty sentiu-se como se acabasse de andar através de um conto de Shirley Jackson.

McVries cutucou-o.

— Olhe para aquele almofadinha — disse.

O “almofadinha” era um rapaz alto que usava uma ridícula capa de chuva verde, que lhe batia em volta dos joelhos, enquanto ele andava com os braços em volta da

cabeça, como se fossem uma gigantesca cataplasma. Cambaleava de um lado para o outro.

Garraty observou-o com grande atenção, numa espécie de interesse científico. Não se recordava de ter visto aquele caminhante em qualquer outra ocasião... mas, claro, a escuridão mudava os rostos.

O rapaz tropeçou num dos próprios pés e quase caiu. Mas continuou a andar. Garraty e McVries seguiram-no com os olhos, em fascinado silêncio, por uns dez minutos, esquecendo suas próprias dores e cansaço na luta do rapaz de capa de chuva. Ele não emitia nenhum som, nem lamento nem gemido.

Finalmente, ele caiu de fato e recebeu uma advertência. Garraty achou que ele não teria forças para levantar-se, mas ele conseguiu, de alguma maneira. Nesse momento caminhava quase emparelhado com Garraty e os outros em volta dele. Era um rapaz de extraordinária feiúra, com o número de pressão 45 pregado na capa.

Olson sussurrou:

— Qual é o problema com você?

O rapaz, porém, aparentemente não o ouviu. As pessoas ficavam assim, notara Garraty.

Inteiramente retiradas e recolhidas dentro de si, fechadas a tudo e a todos em volta.

Tudo, menos a estrada. Olhavam para a estrada com uma espécie de fascinação horrorizada, como se fosse uma corda esticada sobre a qual teriam que caminhar interminavelmente, estendida sobre um abismo sem fundo.

— Qual é o seu nome? — perguntou ele ao rapaz, mas não obteve resposta.

E de repente, descobriu que ele mesmo estava repetindo sem parar a pergunta que fizera ao rapaz, em uma espécie de ladainha idiota que o salvaria de qualquer destino pavoroso que viesse ao seu encontro, saindo da escuridão como se fosse um preto trem expresso de carga: “Qual é o seu nome? Qual é o seu nome, qual é o seu nome, qual é...”

— Ray.

McVries puxava-lhe nesse momento a manga do casaco.

— Ele não quer me dizer, Pete, obrigue-o a me dizer, obrigue-o a me dizer seu nome.

— Não o aborreça — retrucou McVries. — Ele está morrendo, não o incomode.

O rapaz com o número 45 pregado na capa caiu novamente, desta vez sobre o rosto. Ao levantar-se, de arranhões em sua testa o sangue escorria lentamente. Nesse momento, encontrava-se atrás do grupo de Garraty, mas ainda ouviram quando ele recebeu a advertência final.

Passaram por um oco de escuridão mais profunda que era uma passagem de nível ferroviária. Chuva gotejava, cavernosa e misteriosa nessa garganta de pedra. A

umidade era muito grande ali. Emergiram e Garraty notou satisfeito que havia à frente um trecho longo, reto e plano.

O número 45 caiu mais uma vez. Passos apressados quando os rapazes se dispersaram.

Não muito depois, o som dos fuzis. Garraty chegou à conclusão de que o nome do rapaz, afinal de contas, não fora importante.

CAPÍTULO 6

"E agora nossos concorrentes estão nas cabinas indevassáveis."

— JACK BERRY
Twenty-One

Três horas e trinta minutos da manhã.

Ray Garraty achou que fora o mais longo minuto da mais longa noite de sua vida. Era hora de maré baixa, maré vazia, quando o mar recua deixando atrás a praia empapada coberta de algas espalhadas, latas de cerveja enferrujadas, camisas de vênus rasgadas, tampões vaginais podres, garrafas partidas, boias quebradas e esqueletos esverdeados ainda vestidos com calções de banhos em frangalhos. Era a maré da morte.

Mais sete haviam recebido o bilhete azul de saída desta vida desde a morte do rapaz da capa de chuva. Em certa ocasião, por volta das 2:00h da manhã, três haviam sido abatidos quase juntos, como pés de milho secos na primeira forte ventania de outono.

Nesse momento já haviam percorrido 120km da marcha e 24 rapazes tinham morrido.

Mas nada disso tinha importância. Tudo o que importava era a maré da morte. Três e trinta da manhã e a maré da morte. Outra advertência e, pouco depois, os fuzis troaram novamente. Desta vez o rosto era conhecido, o número 8, Davidson, que dissera que certa vez entrara sorrateiramente na tenda da mulher-montanha na Steubenville State Fair.

Apenas por um momento, Garraty olhou para o rosto branco, coberto de sangue de Davidson, antes de voltar a olhar para a estrada. E naquele momento ficou olhando para ela durante muito tempo. Às vezes, a linha branca era contínua, em outros trechos era interrompida, em alguns casos passava a ser dupla, como se fossem trilhos de bonde. De que maneira poderiam pessoas viajar por aquela estrada em todos os outros dias do ano e não verem os desenhos de vida e morte naquela linha branca? Ou será que viam, afinal de contas?

O piso da estrada fascinava-o. Como seria bom e fácil sentar-se naquele piso. A gente começaria acocorando-se e as articulações duras dos joelhos estalariam como pistolas de ar comprimido de criança. Depois, a gente poria as mãos como suporte na superfície fria e pedregosa e arriaria as nádegas e sentiria a pressão insuportável de 75kg de peso deixar os pés... para depois deitar, simplesmente cair para trás e ficar estendido ali, braços e pernas abertos, sentindo a coluna cansada esticar-se... olhando para as árvores em volta e o giro majestoso das estrelas... sem ouvir advertências, simplesmente olhando para o céu e esperando... esperando.

Isso mesmo.

Ouvindo o som de passos que se dispersavam enquanto os caminhantes se afastavam da linha de fogo, deixando-o ali, sozinho, como uma oferenda sacrificial. Ouvindo os sussurros. É o Garraty, hei, é o Garraty recebendo o bilhete azul! Talvez houvesse tempo de ouvir Barkovitch rir enquanto calçava seus sapatos de dança metafóricos mais uma vez. O giro das carabinas apontando para ele, e então...

Obrigou-se a desviar avista da estrada e olhou turvamente para as sombras móveis em volta, depois para o horizonte, procurando até mesmo um vestígio da luz do amanhecer.

Não viu nenhum, claro. A noite ainda era escura.

Haviam passado por mais duas ou três pequenas cidades, todas elas fechadas, nas trevas.

Desde meia-noite tinham encontrado talvez três dezenas de sonolentos espectadores, o tipo renitente que, sombriamente, observa o Ano-Novo chegar no dia 31 de dezembro, chova ou faça sol. O resto das três últimas três horas e meia nada mais fora do que a montagem de um sonho, o pesadelo acordado do insone semi-adormecido.

Olhou com mais atenção para os rostos em volta mas nenhum deles lhe pareceu conhecido. Um medo irracional assaltou-o vagarosamente. Bateu no ombro do caminhante à sua frente.

— Pete? Pete, é você?

O indivíduo afastou-se dele com um grunhido irritado e não olhou para trás. Olson estivera à sua esquerda, Baker à direita, e naquele momento não havia ninguém à esquerda e o cara à direita era muito mais gordo do que Art Baker.

De alguma maneira, extraviara-se da estrada e começara a andar no meio de uma turma de escoteiros em excursão noturna. Deveriam estar à sua procura. Caçando-o. Armas de fogo, cães, esquadrões com radar e detectores de calor e...

Sentiu um grande alívio. Aquele ali era Abraham, à frente, na direção das quatro horas.

Tudo o que tinha que fazer era virar um pouco a cabeça. Aquela forma desengonçada era inconfundível.

— Abraham — disse num alto sussurro de palco. — Abraham, você está acordado?

Abraham murmurou alguma coisa.

— Eu disse, você está acordado?

— Estou, droga, Garraty, deixe-lhe em paz.

Pelo menos, continuava na companhia deles. A sensação de desorientação total desapareceu.

Alguém à frente recebeu a terceira advertência, e pensou: Não tenho nenhuma no meu débito. Eu poderia me sentar por um minuto, ou um minuto e meio. Eu poderia.

Mas ele nunca desistiria.

Sim, desistiria, respondeu a si mesmo. Claro que eu desistiria se apenas...

Se apenas morresse. Lembrou-se de ter prometido à mãe que à veria e a Jan em Freeport. Fizera a promessa de coração leve, quase descuidadamente. Às 9:00h da manhã da véspera, sua chegada a Freeport fora favas contadas. Mas nesse momento não era mais um jogo, era uma realidade tridimensional e a possibilidade de entrar em Freeport pisando com nada mais que um par de cotos sangrentos parecia uma possibilidade horrendamente possível.

Mais um participante foi abatido a ticos... às suas costas, desta vez. A pontaria foca má e o infeliz portador do bilhete azul gritara em voz rouca durante o que parecera um tempo muito longo antes que outra bala apagasse o som. Por nenhuma razão, absolutamente, pensou em bacon e cuspe grosso e azedo formou-se em sua boca e quase o fez engasgar-se. Perguntou a si mesmo se 26 liquidados eram um número inusitadamente alto ou baixo para 125krn da Longa Marcha.

A cabeça pendeu lentamente entre os ombros e os pés levaram-no para a frente em movimento próprio. Lembrou-se de um enterro a que comparecera no tempo de menino.

O enterro de Aborto D'Allessio. Não que o nome verdadeiro dele fosse Aborto, o nome era George, mas todos os garotos da vizinhança chamavam-no de Aborto porque os olhos dele brigavam um com o outro...

Lembrava-se de Aborto esperando para ser chamado nos jogos de beisebol, sempre sendo o último, seus olhos desarticulados olhando esperançosos de um time para o outro como um espectador numa partida de tênis. Ele sempre jogava no centro do campo, para onde poucas bolas eram jogadas e onde ele poderia prejudicar menos. Um dos olhos era quase cego e ele não possuía percepção suficiente de profundidade para julgar as bolas que lhe eram lançadas. Uma vez mergulhou por baixo de uma delas e agarrou com a luva um punhado de ar enquanto a bola lhe atingia a testa com um alto bonk! como se fosse um melão sendo aberto com o cabo de uma faca de cozinha. Os fios da costura da bola haviam deixado na testa dele uma marca que durara uma semana, como se ele houvesse sido ferrado.

Aborto fora atropelado por um carro tia U.S. 1 nas vizinhanças de Freeport. Um de seus amigos, Eddie Klipstein, vira o acidente. Mantivera os garotos fascinados durante seis semanas, fora isso ó que Eddie Klipstein fizera, contando-lhes como o carro atingira Aborto, que voara por cima do guidom, arrancado das botas presas aos pedais pelo impacto, as pernas seguindo-o em um aleijado esplendor enquanto o corpo fazia seu curto voo sem asas do selim da Schwinn para uma parede de pedra onde Aborto batera e abrira a cabeça como se fosse um bocado de cola úmida em cima da pedra.

Fora ao enterro de Aborto e antes de chegar lá quase vomitara o almoço pensando

se iria ver a cabeça de Aborto espalhada no caixão como se fosse um bocado de Cola Elmer, mas ele havia sido todo arrumado com um casaco esporte e Medalha de Assiduidade dos Escoteiros, e parecia pronto para sair dali daquele caixão no momento em que alguém dissesse beisebol. Os olhos que não combinavam estavam fechados e, de modo geral, ele, Garrara, se sentira muito aliviado.

Aquele fora o primeiro cadáver que vira antes de tudo isso e fora de um morto limpo e arrumado. Nada parecido com Ewing ou com o garoto de capa de chuva, ou mesmo Davidson, o rosto lívido e cansado coberto de sangue.

Isso é doentio, pensou com uma desalentada compreensão, é simplesmente doentio.

A um quarto para as 4:00h recebeu sua primeira advertência e esbofeteou-se duas vezes no rosto, com força, para obrigar-se a acordar de todo. Sentiu o corpo gelado, da cabeça às pontas dos pés. Os rins incomodavam-no, mas, ao mesmo tempo, achava que não tinha que urinar ainda. Podia ser imaginação, mas as estrelas no leste pareciam um pouco mais claras. Realmente espantado, ocorreu-lhe que a essa hora na véspera estivera dormindo na traseira do carro enquanto a mãe guiava até o marco de pedra na fronteira. Quase que se podia ver estirado no banco de trás, esparramado ali, nem mesmo se morrendo. Sentiu uma forte vontade de estar de volta naquele lugar. Apenas para trazer de volta a manhã do dia anterior.

Dez minutos para as 4:00h.

Olhou em volta, obtendo um tipo superior, solitário, de satisfação por saber que era um dos poucos inteiramente despertos e conscientes ali. Estava definitivamente mais claro nesse instante, claro o suficiente para distinguir detalhes de feições nas silhuetas que caminhavam. Baker ia à frente — sabia que era Art por causa da camisa de listras vermelhas que batia em volta do corpo — e McVries caminhava a seu lado. Viu Olson um pouco afastado à esquerda, mantendo-se no mesmo ritmo da meia-lagarta e ficou surpreso. Tivera certeza de que Olson fora um dos contemplados com o bilhete azul nas primeiras horas da manhã e se sentira aliviado por não tê-lo visto cair. Estava muito escuro mesmo nessa ocasião para ver qual a aparência dele, mas a cabeça dele subia e descia em compasso com o movimento dos pés, como se fosse a cabeça de uma boneca de trapos.

Percy, cuja mãe continuava a dar as caras, estava atrás de Stebbins nesse momento.

Andava com uma espécie de rolamento inclinado, como um marinheiro que desce à terra pela primeira vez depois de muito tempo no mar. Viu também Gribble, Harkness, Wyman e Collie Parker. A maioria dos rapazes que conhecia continuava na marcha.

Por volta das quatro horas já havia uma faixa de luz no horizonte e sentiu a animação voltar. Com verdadeiro horror, olhou para trás e para o longo turno da noite e se perguntou como conseguira chegar ao outro lado.

Acelerou um pouco e aproximou-se de McVries, que nesse momento andava com o queixo colado ao peito, os olhos semiabertos mas vidrados e vazios, mais adormecido do que acordado. Um fio fino, delicado, de saliva escorria-lhe por um canto da boca, captando os primeiros trêmulos toques do dia com uma fidelidade perolada, bela.

Fascinado, olhou para esse estranho fenômeno. Não queria tirar McVries do cochilo.

Por algum tempo, era suficiente estar perto de alguém de quem gostava, mais um que sobrevivera à noite.

Passaram por um prado rochoso e muito ladeiroso, onde cinco vacas ao lado de uma cerca de estacas que despelavam olharam para os caminhantes e continuaram a ruminar pensativamente. Um cão pequeno escapou de um pátio de fazenda e latiu asperamente para eles. Os soldados a bordo da meia-lagarta levantaram altos os fuzis, prontos para matar o animal se ele interferisse na marcha. O cão, porém, apenas correu de um lado para o outro no acostamento, bravamente ladrando de uma distância segura seu desafio e direitos de território. Alguém berrou em voz embolada com o cão para que acabasse com aqueles latidos, droga.

Ficou fascinado com o amanhecer que despontava. Observou céu e terra se iluminarem gradualmente. Notou que a faixa branca no horizonte escurecia e se tornava de um rosa delicado, depois vermelha e finalmente dourada. Os fuzis troaram mais uma vez antes que o resto da noite fosse finalmente banido, mas quase não ouviu isso. O primeiro arco vermelho do sol olhava por cima do horizonte, meio obscuro por trás do fofo de uma nuvem, mas reapareceu com toda força. Parecia que ia fazer um dia perfeito e saudou-o de maneira apenas meio coerente pensando: Graças a Deus posso morrer à luz do dia.

Uma ave cantou sonolenta. Passaram por outra casa de fazenda, onde um homem barbado acenou para eles, depois de arriar no chão um carrinho cheio de enxadas, ciscadores e sementes.

Um corvo grasnou rouco no bosque escuro. O primeiro calor do dia tocou-lhe suavemente o rosto e gostou. Sorriu e gritou alto pedindo um cantil.

McVries torceu estranhamente a cabeça, como um cão interrompido em um sonho de caça ao gato e olhou em volta com olhos turvos.

— Meu Deus, já é dia, já é dia. Dia. Garraty, que horas são?

Garraty consultou o relógio e descobriu surpreso que marcava um quarto para as 5:00h.

Mostrou o mostrador a McVries.

— Quantos quilômetros? Alguma ideia?

— Mais ou menos 150km, acho. E 27 mortos. Estamos a um quarto do caminho até em casa, Pete.

— Isso mesmo — sorriu McVries. — É isso mesmo, não é?

— Ora se é. Sente-se melhor? — perguntou Garraty.

— Mais ou menos mil por cento.

— Eu, também. Acho que é o dia.

— Deus do céu, aposto que hoje vamos ver algumas pessoas. Você leu aquele artigo na World's Week sobre a Longa Marcha?

— Passei os olhos por ele — respondeu Garraty. — Principalmente para ver meu nome em letra de fôrma.

— Dizia que, todos os anos, as apostas feitas na Longa Marcha passam de dois bilhões de dólares. Dois bilhões!

Baker acordara do cochilo e se reunira a eles.

— A gente fazia uma espécie de loteria em minha escola secundária — disse ele. Todo mundo contribuía com 25 centavos, cada um tirava um papel com três números de um chapéu e d cara que tinha o número mais próximo da quilometragem da Marcha ficava com o dinheiro.

— Olson! — gritou alegremente McVries —, simplesmente pense em todo o dinheiro apostado em você, rapaz! Pense nas pessoas com um bocado de dinheiro dependendo dessa sua bunda magra!

Em voz cansada, acabada, Olson respondeu que as pessoas que apostavam um montão de dinheiro em sua bunda magra podiam fazer consigo mesmo dois atos obscenos, o segundo sendo uma continuação direta do primeiro. McVries, Baker e Garraty riram.

— Hoje deve haver um bocado de garotas bonitas na estrada — alvitrou Baker, olhando brincalhão para Garraty.

— Estou com o saco cheio desse troço — respondeu Garraty. — Tenho uma pequena me esperando lá na frente. Vou ser um bom rapaz daqui por diante.

— Puro em pensamento, palavra e ato — disse solenemente McVries.

Garraty deu de ombros.

— Interprete do jeito que quiser — disse.

— As probabilidades são de um em cem de você ter uma oportunidade de dar adeusinho para ela outra vez — disse McVries secamente.

— Setenta e cinco por cento agora.

— Mas ainda muito baixas.

O bom humor de Garraty, porém, continuava sólido:

— Eu me sinto como se pudesse andar para sempre — disse inocentemente.

Uns dois caminhantes em volta dele fizeram caretas.

Passaram em frente a um posto de gasolina que ficava aberto a noite toda e o

frentista saiu para acenar. Praticamente todos responderam ao aceno. O frentista gritava encorajamento paca um rapaz em particular, Wayne, o número 94.

— Garraty — disse McVries baixinho.

— O quê?

— Não sei o nome de todos os caras que morreram. Você sabe?

— Não.

— Barkovitch?

— Não. Na dianteira. Em frente a Scramm. Está vendo?

McVries olhou.

— Oh, estou, acho que estou.

— Stebbins continua lá atrás, também.

— Não estou surpreso. Cara estranho ele, não?

— É mesmo.

Caiu um silêncio entre eles. McVries exalou um profundo suspiro, tirou a mochila do ombro e pegou alguns biscoitos. Ofereceu-os a Garraty, que pegou um.

— Eu gostaria que isto tivesse terminado — disse. — De uma maneira ou de outra.

Comeram os biscoitos em silêncio.

— Devemos estar a quase metade do caminho para Oldtown, ahn? — perguntou McVries. — Cento e trinta quilômetros percorridos e mais 130 para andar?

— Acho que sim — respondeu Garraty.

— Nesse caso, só chegaremos lá hoje à noite.

A referência à noite provocou um arrepio na pele de Garraty.

— Não — disse. E depois, bruscamente: — Como foi que você pegou essa cicatriz, Pete?

Involuntariamente, a mão de McVries subiu para o rosto e a cicatriz.

— É uma longa história — disse ele sucintamente.

Garraty olhou-o com mais atenção. Os cabelos dele estavam despenteados e empastados de poeira e suor. As roupas pendiam frouxas e enrugadas e no rosto pálido os olhos espiavam de dentro de círculos escuros e globos oculares injetados de sangue.

— Você está parecendo uma merda — disse e de repente estourou numa gargalhada.

McVries sorriu.

— Você não se parece exatamente com um tubo de desodorante, Ray.

Os dois riram então, por muito tempo e histericamente, agarrando-se e tentando caminhar ao mesmo tempo. Era uma maneira tão boa como qualquer outra para pôr, de

uma vez por todas, um fim naquela noite. E a coisa continuou assim até que os dois foram advertidos. Pararam de rir e conversar e voltaram à rotina do dia.

A pensar, pensou Garraty. Essa é a rotina do dia. Pensar. Pensamento e isolamento, porque não importa se você passa o dia em companhia de alguém ou não porque, no fim, você fica sozinho. Acho que havia andado tantos quilômetros com o cérebro como com os pés. Os pensamentos continuavam a aflorar e não havia maneira de evitá-los.

Era suficiente para fazer o cara pensar no que Sócrates pensara imediatamente depois de ter emborcado. aquele coquetel de cicuta.

Pouco depois das cinco horas passaram pelo grupo de primeiros genuínos espectadores, quatro menininhos sentados de pernas cruzadas como índios no lado de fora de uma pequena tenda armada em um campo coberto de orvalho. Um deles estava ainda enrolado no seu saco de dormir, solene como um esquimó. As mãos dele mexiam-se de um lado para o outro como se fossem metrônomos. Nenhum deles sorriu.

Pouco depois, a estrada ramificou-se em outra, mais larga. Esta era uma faixa lisa e larga de asfalto, com a largura de três pistas para automóvel. Passaram por um ponto de parada de caminhoneiros e todo mundo assoviou e assoviou para as três jovens garçonetes sentadas nos degraus, apenas para mostrar a elas que continuavam em forma.

O único que pareceu meio sério foi Collie Parker.

— Sexta-feira à noite — gritou. — Não esqueça, você e eu, sexta-feira à noite.

Garraty achou que todos ali estavam se comportando com um pouco de imaturidade, mas acenou polidamente e as garçonetes não pareceram se importar. Os caminhantes espalharam-se pela largura da estrada à medida que mais deles despertavam inteiramente para a manhã ensolarada do dia 2 de maio. Vislumbrou novamente Barkovitch e perguntou a si mesmo se ele não era realmente um dos espertos. Sem amigos, a pessoa não tinha que sofrer.

Minutos depois, chegou uma informação e desta vez era uma piada. Bruce Pastor, o rapaz que estava imediatamente à sua frente, virou-se e disse:

— Surpresa, surpresa, Garraty.

— Quem é que está lá à frente?

— O major.

— O major quem?

— O major fode a mãe dele antes do café da manhã — disse Bruce Pastor e riu gostosamente.

Garraty soltou uma risadinha, contou a piada a McVries, que a passou adiante a Olson.

Quando a piada voltou, o major estava fodendo a avó antes do café da manhã. Na

terceira vez, ele estava fodendo Bedlington, o cão terrier que aparecia com ele em tantas de suas notas à imprensa.

Ria ainda com essa última quando notou que o riso de McVries diminuíra e finalmente desaparecera. Nesse momento ele olhava com uma estranha fixidez para os soldados de rostos impassíveis em cima da meia-lagarta. E impassivelmente eles retribuíam o olhar.

— Você acha isso engraçado? — berrou ele subitamente.

O som do grito cortou de um lado para o outro o riso e silenciou-o. O rosto de McVries estava escuro de sangue concentrado. A cicatriz sobressaía pálida em um mortal contraste. Durante um momento cheio de medo, pensou que ele estava tendo um derrame cerebral.

— O major mete em si mesmo, é isso o que penso! — gritou rouco McVries. Vocês, caras, provavelmente fodem uns aos outros. Muito engraçado, hem? Muito engraçado, seu bando de filhos da puta? Dando de ENGRAÇADO, estou certo?

De repente, McVries correu na direção da meia-lagarta. Dois dos três soldados ergueram as armas prontos para atirar. McVries, porém, parou, parou de repente e ergueu os punhos para eles, sacudindo-os acima da cabeça como se fosse um maestro louco.

— Desçam para aqui! Encostem esse fuzis e desçam para aqui! Vou mostrar a vocês o que é engraçado!

— Advertência — disse um deles em voz perfeitamente neutra. — Advertência, número 61.

Segunda Advertência. Oh, meu Deus, pensou letargicamente Garraty. Ele vai receber um tiro e está tão perto... tão perto deles... vai voar pelo ar como Aborto D'Allessio.

McVries começou a correr, emparelhou-se com a meia-lagarta, parou e cuspiu no lado do veículo. O cuspe cortou um risco claro na poeira que cobria o lado da meia-lagarta.

— Vamos! — gritou McVries. — Desçam para aqui! Um de cada vez ou todos ao mesmo tempo, não dou a mínima merda para isso!

— Advertência! Terceira advertência, número 61, advertência final.

— Metam no cú suas advertências!

De repente, inconsciente do que fazia, Garraty virou-se e correu para trás, provocando a própria advertência. Só a ouviu com parte da mente. Os soldados concentravam-se em McVries naquele momento. Garraty agarrou-lhe o braço.

— Vamos.

— Saia daqui, Ray, vou lutar com eles!

Garraty estendeu as mãos e deu um forte empurrão em McVries.

— Você vai levar uma bala, seu estúpido.

Stebbins passou por eles.

McVries olhou para Garraty, parecendo reconhecê-lo pela primeira vez. Um segundo depois, Garraty recebeu sua terceira advertência e teve certeza de que McVries estava a segundos de receber seu bilhete azul.

— Vá pro inferno — disse McVries em uma voz sem expressão, esgotada. Começou a andar novamente.

Garraty acompanhou-o.

— Eu pensei que você ia receber seu bilhete, só isso — disse.

— Mas não recebi, graças ao mosqueteiro — retrucou mal-humorado McVries. Levou a mão à cicatriz. — Porra, todos nós vamos recebê-lo.

— Alguém tem que vencer. Pode ser um de nós dois.

— Isso é uma burla — disse McVries, a voz tremendo. — Não há vencedor, nenhum Prêmio.

Pegam o último cara, levam-no para trás de um celeiro e passam fogo nele, também.

— Não seja tão burro assim! — gritou-lhe furioso Garraty. — Você não tem a menor ideia do que está dizendo...

— Todo mundo perde — retrucou McVries.

Seus olhos espiavam de dentro das cavernas escuras das órbitas como se fossem animais maléficos. Nesse momento os dois andavam sozinhos. Os outros caminhantes mantinham distância, pelo menos por ora. McVries perdera a cabeça e, de certa maneira, Garraty, também — que fora contra seus melhores interesses ao correr para trás e pegar McVries. Com toda probabilidade, impedira que McVries se tornasse o número 28.

— Todos perdem — repetiu McVries. — É melhor você acreditar nisso.

Passaram por cima de trilhos ferroviários. Andaram por baixo de uma ponte de cimento.

No outro lado, viram um estabelecimento da Dairy Queen com uma tabuleta que dizia:

REABRIRÁ NA PRÓXIMA ESTAÇÃO. 5 DE JUNHO.

Olson recebeu uma advertência.

Sentindo uma pancadinha no ombro, Garraty voltou-se. Stebbins. Nem parecia melhor nem pior do que na noite anterior.

— Seu amigo aí está urna fera com o major — disse.

McVries nenhum sinal deu de que ouvira.

— É o que parece — concordou Garraty. — Eu mesmo passei do ponto em que o convidaria para ir tomar chá em minha casa.

— Olhe para trás.

Garraty olhou. Uma segunda meia-lagarta aparecera e, enquanto olhavam, uma terceira passou a seguir a segunda, vindo de uma estrada lateral.

— O major está chegando — disse Stebbins —, e todo mundo vai aplaudir. — Sorriu, um sorriso estranhamente semelhante ao de um lagarto. — Eles não o odeiam ainda. Ainda não. Pensam simplesmente que sim. Acham que passaram pelo inferno. Mas espere até hoje à noite. Espere até amanhã.

Garraty fitou-o, inquieto.

— E se eles assoviarem, vaiarem, jogarem cantis nele, ou coisa parecida?

— Você vai assoviar, vaiar e jogar seu cantil?

— Não.

— Nem ninguém. Você vai ver.

— Stebbins?

Stebbins ergueu as sobrancelhas.

— Você acha que vai ganhar esta, não acha?

— Acho — respondeu calmamente Stebbins. — Tenho certeza absoluta.

E recuou para a sua posição Habituai.

Às 5:25h Yannick recebeu seu bilhete azul. E à 5:30h, exatamente como previra Stebbins, o major chegou.

Ouviu-se um ruído alto, continuado, quando o jipe em que ele vinha saltou por cima do alto do morro atrás deles. Depois passou com um rugido pelo acostamento da estrada. O major estava em rigorosa posição de sentido. Como antes, mantinha-se ereto, prestando continência, olhos voltados para a direita. Um curioso frio de orgulho apareceu no peito de Garraty.

Nem todos, porém, aplaudiram. Collie Parker cuspiu no chão. Barkovitch fez um gesto de troça, com o polegar no nariz e os dedos espalhados. Olson, aparentemente, nem notou quando o major passou. Voltara a olhar para os pés.

Garraty aplaudiu. O mesmo fez Percy Qual-É-o-Nome-Dele e Harkness, que queria escrever um livro, e Wyman, Art Baker, Abraham e Sledge, que acabara de receber sua segunda advertência.

O major desapareceu em seguida, afastando-se dali rapidamente. Garraty sentiu vergonha de si mesmo. Afinal de contas, desperdiçara energia.

Pouco depois, passaram por um pátio de venda de carros usados, onde foram brindados com uma saudação de 21 buzinadas. Uma voz amplificada, passando por cima de fileiras duplas de bandeiras de plástico disse aos caminhantes — e aos

espectadores— que ninguém vendia mais barato do que a McLaren’s Dodge. Garraty achou aquilo tudo um pouco desestimulante.

— Está se sentindo melhor? — perguntou hesitante a McVries.

— Claro — respondeu McVries. — Maravilhosamente bem. Vou simplesmente continuar a andar e ver todos eles caírem em volta de mim. Como isto é divertido. Acabei de fazer mentalmente toda a divisão — a matemática era meu forte na escola — e calculo que vamos poder andar 500km ao ritmo que estamos mantendo. E isso nem mesmo é um recorde de distância.

— Por que você simplesmente não desguia daqui e vai para outro lugar, se pretende continuar falando assim, Pete? — disse Baker.

Ele parecia tenso pela primeira vez.

— Sinto muito, mamãe — retrucou mal-humorado McVries, mas calou-se.

O dia tornou-se mais claro. Garraty abria a jaqueta do uniforme de serviço militar e passou-a por cima do ombro. Plana nesse trecho, a estrada era ladeada por residências, pequenas lojas e uma ou outra fazenda. Os pinheiros que haviam margeado a estrada na noite passada tinham sido substituídos por Dairy Queens, postos de gasolina e pequenas propriedades, ranchos de casas de madeira. Muitos dos ranchos estavam à venda, com tabuletas alusivas. Em duas janelas, Garraty viu a tabuleta conhecida: MEU FILHO PERDEU A VIDA NOS ESQUADRÕES.

— Onde fica o oceano? — perguntou Collie Porter a Garraty. — Até parece que voltei a Illynoy.

— Simplesmente, continue a andar— respondeu Garraty. Novamente, pensava em Jan e em Freeport, que ficava à beira do mar. — Fica pra lá. Mais ou menos a 110km ao sul.

— Merda — disse Collie Parker. — Que estado de merda é este aqui.

Parker, um louro grandalhão e musculoso, usava camisa polo. Nem mesmo a noite na estrada conseguira apagar aquela expressão insolente em seu olho.

— Drogas de árvores por toda parte! Não há uma única cidade grande nesta bosta de lugar?

— Nós aqui somos meio esquisitos — retrucou Garraty. — Achamos divertido respirar ar de verdade, em vez de smog.

— Não há smog em Joliet, seu matuto idiota — retrucou furioso Collie. — O que é que você está querendo comigo?

— Nada de smog, mas um bocado de ar quente — disse Garraty.

Estava muito zangado.

— Se a gente estivesse noutro lugar, eu torceria seus colhões por causa disso.

— Calma aí, rapazes — interveio McVries. Recuperara a calma e voltara a ser o

mesmo tipo sardônico de antes. — Por que não resolvem isso como cavalheiros? O primeiro que tiver sua cabeça estourada por um tiro paga uma cerveja para o outro.

— Odeio cerveja — retrucou automaticamente Garraty.

Parker soltou uma risadinha.

— Seu matuto de merda — disse, e afastou-se.

— Ele está nervoso — observou McVries. — Todo mundo está nervoso nesta manhã. Até eu. E que belo dia. Concorda, Olson?

Olson permaneceu calado.

— Olson também está nervoso — confidenciou McVries a Garraty. — Olson! Hei, Hank!

— Por que não o deixa em paz? — irritou-se Baker.

— Hei, Hank! — gritou McVries, ignorando Baker. — Que tal a gente dar um passeio?

— Vá pro inferno — murmurou Olson.

— O quê? — exclamou alegremente McVries, levando uma mão em concha ao ouvido. — O que foi que você disse, chefe?

— Inferno! Inferno! — gritou Olson. — Vá pro inferno!

— Foi isso o que você disse — e McVries inclinou solenemente a cabeça.

Olson voltou a olhar para os pés e McVries cansou-se de provocá-lo... se era isso o que fizera.

Garraty pensou no que Parker dissera. Parker era um calhorda. Parker era um caubói de botequim e valentão de sábados à noite. Era um herói de jaqueta de couro. O que era que ele sabia sobre o Maine? Ele, Garraty, vivera no Maine toda sua vida, em uma pequena cidade chamada Porterville, que ficava exatamente a oeste de Freeport, população 970 habitantes, nada de muito importante e, afinal de contas, o que é que há de tão especial a respeito de Joliet, Illy-Noy?

Seu pai costumava dizer que Porterville era a única pequena cidade do país que possuía mais cemitérios do que pessoas. Mas era um lugar limpo, embora com taxa de desemprego alto, carros enferrujados, e gente fodendo adoidada, mas era um lugar limpo. A única ação era o bingo dos sábados na associação dos fazendeiros (no último jogo o prêmio fora um peru de 10kg e uma nota de 20 dólares), mas era limpo. E tranquilo. O que era que havia de errado nisso?

Ressentido, voltou a olhar para Collie Parker. Você deu uma fora, cara. Pegue Joliet, seus botequins baratos, suas usinas e meta todos eles naquele lugar. E meta-os atravessados, se derem.

Pensou novamente em jan. Precisava dela. Amo-a, Jan, pensou. Não era nenhum estúpido e sabia que ela se tornara para ele mais do que realmente era. Transformara-

se em um símbolo de vida, um escudo contra a morte súbita que vinha da meia-lagarta.

Cada vez mais queria-a porque ela simbolizava o tempo em que poderia ter alguma coisa — ele mesmo.

Nesse momento o relógio marcava um quarto para as 6:00h. Olhou para um grupo de donas-de-casa reunidas em um cruzamento, v pequeno centro nervoso de uma aldeia desconhecida. Uma delas usava calças compridas justas e uma suéter ainda mais justa.

O rosto era comum. Usava três braceletes de ouro no braço direito, que tilintaram quando ela acenou. Respondeu ao aceno, sem pensar realmente no que fazia. Pensava em Jan, que viera de Connecticut, que parecia tão suave e autoconfiante, com seus longos cabelos louros e sapatos sem saltos. Usava sempre esses sapatos porque era muito alta. Conheceu-a na escola. A coisa começara lenta mas finalmente engrenara.

Deus, como engrenara.

— Garraty?

— Ahn!

Era Harkness. Parecendo preocupado.

— Estou com uma câimbra esquisita no pé, homem. Não sei se vou poder continuar a andar assim.

Parecia implorar a Garraty que fizesse alguma coisa.

Não soube o que dizer. A voz de Jan, o riso dela, a suéter cor-de-caramelo que usava com a calça comprida vermelha, cor de uva-do-monte, a ocasião em que os dois levaram o irmãozinho dele para andar de trenó e acabaram se enfiando em um banco de neve (antes de ela enfiar neve pelo seu casacão abaixo)... essas coisas eram vida. Harkness era morte. Nesse momento, podia sentir-lhe o odor.

— Não posso ajudá-lo — respondeu. — Você mesmo tem que fazer alguma coisa.

Harkness fitou-o em uma consternação cheia de pânico, mas depois ficou sombrio e inclinou a cabeça. Parou, ajoelhou-se, e mexeu e tirou o mocassim.

— Advertência! Advertência, número 49!

Nesse momento ele massageava o pé. Garraty dera uma volta sobre si mesmo e andava de costas para poder observá-lo. Dois menininhos da Pequena Liga, com suas luvas de beisebol penduradas nos guidons das bicicletas olhavam-no também de um dos lados da estrada, ambos de boca aberta.

— Advertência! Segunda advertência, número 49!

Harkness levantou-se e começou a mancar, apenas com a meia calçada naquele pé, a perna boa esforçando-se para sustentar o peso extra que estava carregando. Deixou cair o sapato, estendeu a mão para pegá-lo, segurou-o com dois dedos, soltou-o, e perdeu-o.

Parou para apanhá-lo e recebeu a terceira advertência.

O rosto normalmente rosado de Harkness tinha nesse momento a cor de um caminhão de bombeiro. A boca se abrira em um molhado e mole O. Garraty descobriu que estava torcendo por ele. Vamos, pensou, vamos, emparelhe-se com a gente, Harkness, você pode.

Harkness mancou mais rápido. Os menininhos da Pequena Liga começaram a pedalar, observando-o. Garraty virou-se para a frente, não querendo mais olhar para Harkness.

Olhou diretamente para a frente, tentando lembrar-se do que sentira ao beijar Jan, ao lhe tocar nos seios cheios.

Um posto de gasolina da Shell apareceu aos poucos à direita. No pátio do posto, sentados na caçamba de uma camioneta de para-choque amassado, dois Homens usando camisas quadriculadas rubro-negras de caçador bebiam cerveja. Garraty viu também uma caixa de correio ao fim de uma entrada de automóveis suja e esburacada, a tampa aberta como se fosse uma boca. Um cão latia rouca e incansavelmente em algum lugar fora da vista.

As carabinas baixaram lentamente no alto da meia-lagarta e encontraram Harkness.

Transcorreu um longo e terrível momento de silêncio e em seguida elas voltaram novamente à posição anterior, tudo de acordo com as regras, tudo de acordo com o manual. Depois, baixaram novamente. Garraty ouviu a respiração apressada, úmida, de Harkness.

Os fuzis subiram, desceram e lentamente voltaram à posição de descanso.

Os dois menininhos da Pequena Liga continuavam a acompanhar o grupo.

— Caiam fora daqui! — disse de repente Baker, rouco. — Vocês não vão querer ver isso. Fora daqui!

Os dois olharam com uma curiosidade vazia para Baker e continuaram a acompanhá-los.

Haviam olhado para Baker como se ele fosse alguma espécie de peixe. Um deles, um garoto pequeno de cabeça redonda e cabelos cortados rentes e olhos enormes, tocou a buzina aparafusada ao guidom da bicicleta e sorriu. Usava aparelho de correção dos dentes e o sol tirou de sua boca um selvagem brilho metálico.

Os fuzis desceram novamente, numa espécie de movimento de dança, como num ritual.

Harkness andava no gume da espada. Leu algum bom livro ultimamente? pensou insanamente Garraty. Desta vez eles vão matá-lo. Apenas um passo lento demais.

Eternidade.

Tudo congelou naquele momento.

Em seguida, os fuzis voltaram para a posição de descanso.

Olhou para o relógio. O ponteiro de segundos deu uma, duas, três voltas no mostrador.

Harkness emparelhou-se com ele e ultrapassou-o. Tinha o rosto duro, rígido, olhos diretamente para a frente, pupilas contraídas e transformadas em pontos minúsculos, lábios com uma leve tonalidade azulada, e o semblante afogueado desmaiara para a cor de creme de leite, com exceção de duas extravagantes manchas de cor, uma em cada bochecha. Mas não estava poupando mais o pé ruim. A câimbra afrouxara. O pé calçado de meia batia ritmicamente na estrada. Quanto tempo você vai aguentar sem sapatos? perguntou mentalmente Garraty.

Ainda assim, sentiu o peito relaxar-se e ouviu quando Baker soltou a respiração. Era estúpido sentir-se dessa maneira. Quanto mais cedo Harkness parasse de andar, mais cedo deixaria de andar. Essa era a simples verdade. Isso era lógica. Mas alguma coisa ia mais fundo, uma lógica mais verdadeira, mais assustadora. Harkness fazia parte do grupo do qual ele era parte, era um segmento de seu subclã, parte de um círculo mágico a que ele pertencia. E se uma parte desse círculo pudesse ser quebrada, qualquer outra poderia, também.

Os meninos da Pequena Liga acompanharam-nos por mais uns três quilômetros antes de perderem o interesse e voltarem. Melhor assim, pensou Garraty. Não importava se haviam olhado Baker como se ele fosse um animal de zoológico. Era melhor para eles serem roubados da morte que queriam presenciar. Acompanhou-os com a vista até que eles desapareceram.

À frente, Harkness formara uma nova vanguarda de um homem só, andando com grande rapidez, quase correndo. Nem olhava para a direita nem para a esquerda. No que estaria ele pensando? perguntou-se Garraty.

CAPÍTULO 7

“Gosto, realmente, de pensar que sou um cara interessante. Pessoas que conheço julgam-me esquizofrênico apenas porque sou completamente diferente fora da tela do que pareço ser diante das câmeras.”

— NICHOLAS PARSONS
Sale of the Century
(Versão britânica)

Scramm, número 85, não o fascinava por causa de sua brilhante inteligência, porque Scramm não era tão esperto assim. Tampouco o fascinava por causa de sua cara de lua cheia, cabelos cortados à escovinha, ou o corpo, que tinha alguma coisa de alce. Fascinava-o porque era casado.

— É verdade? — perguntou Garraty pela terceira vez. Não estava ainda convencido de que Scramm não lhe contava uma patranha. — Você é mesmo casado?

— Sou, mesmo. — Scramm olhou com real prazer para o sol de começos da manhã. — Abandonei os estudos quando tinha 14 anos. Não havia razão para continuar, não para mim. Eu não era nenhum criador de casos, apenas não conseguia passar de ano. E nosso professor de história leu um artigo sobre o excesso de população escolar nos estabelecimentos. De modo que pensei, por que não dar meu lugar para alguém que possa aprender, e eu começar a cuidar de minha vida? Afinal de contas, eu queria casar com Cathy.

— Qual era a sua idade? — perguntou Garraty, mais fascinado do que nunca.

Nesse momento cruzavam juntos uma pequena cidade, com as calçadas cheias de faixas e espectadores, mas quase não olhou. Os espectadores encontravam-se em um outro mundo, sem relação nenhuma com sua pessoa. Para todos os efeitos, poderiam estar atrás de uma chapa de vidro blindado.

— Quinze — respondeu Scramm e coçou o queixo, azulado com o restolho de uma barba por fazer.

— Ninguém tentou convencê-lo a mudar de ideia?

— Lá na escola havia um conselheiro vocacional, ele me falou um bocado de merda sobre continuar os estudos e não ser um cavador de valetas, mas ele tinha também coisas mais importantes a fazer do que me manter na escola. Acho que você poderia dizer que ele usou comigo o convencimento suave. Além do mais, alguém tem que cavar valetas, não tem?

Acenou entusiasticamente para um grupo de mocinhas que faziam um número espástico de balizas, saias pregueadas e joelhos arranhados voando.

— De qualquer modo, eu nunca cavei valeta nenhuma. Nem uma única em toda minha carreira. Fui trabalhar numa fábrica de lençóis em Phoenix, a três dólares a hora.

Eu e Cathy, nós somos felizes. — Scramm sorriu. — Às vezes, a gente está assistindo à TV, Cathy me agarra e diz: “A gente é feliz, meu docinho”. Ela é um chuchu.

— Você tem filhos? — perguntou Garraty, achando cada vez mais que aquilo era uma conversa de doidos.

— Bem, Cathy está grávida agora. Disse que ia esperar até a gente ter dinheiro suficiente no banco para o parto. Quando a gente juntou 700, ela disse é agora, e a gente mandou brasa. Ela engravidou logo, logo. — Scramm olhou severamente para Garraty. — Meu filho vai para a faculdade. Dizem que caras burros como eu nunca têm filhos sabidos, mas Cathy é bastante esperta por nós dois. Cathy terminou a escola secundária. Eu a obriguei a terminar. Quatro cursos noturnos e depois ela fez os exames. Meu filho vai pra tantas faculdades quantas quiser.

Garraty ficou calado. Não conseguiu pensar no que dizer. Ao lado, McVries entretinha-se numa conversa séria com Olson. Baker e Abraham divertiam-se com um jogo de palavras chamado Fantasma. Onde andaria Harkness? De qualquer maneira, não estava à vista. O mesmo acontecia com Scramm. Realmente longe da vista. Hei, Scramm, acho que você cometeu um grande erro. Você tem mulher, ela está grávida, mas isso não lhe confere nenhum direito especial por aqui. Setecentos dólares no banco? Você não soletra grávida com apenas três números, Scramm. E nenhuma companhia de seguro no mundo venderia apólice a um participante da Longa Marcha.

Garraty olhou fixamente para e através de um homem usando uma jaqueta toda retalhada embaixo e que acenava delirantemente com um chapéu de palha de aba estreitíssima.

— Scramm, o que é que vai acontecer se você receber o bilhete azul? — perguntou cautelosamente.

Scramm sorriu, tranquilo.

— Eu, não. Sinto-me como se pudesse andar para sempre. Escute, sempre quis participar da Longa Marcha desde que tive idade de querer alguma coisa. Andei 140km há apenas duas semanas e nem suei.

— Mas suponha que aconteça alguma coisa...

Scramm, porém, apenas riu.

— Qual é a idade de Cathy?

— Um ano mais velha do que eu. Quase 18. Está com os pais agora, lá em Phoenix.

Garraty achou que os pais de Cathy Scramm sabiam de alguma coisa que o próprio Scramm ignorava.

— Você deve amá-la um bocado — disse, um pouco desejoso.

Scramm sorriu, mostrando os últimos teimosos sobreviventes da dentadura.

— Não olhei pra nenhuma outra mulher desde que me casei com ela. Cathy é um chuchu.

— E você está fazendo isto.

Scramm riu.

— E não é divertido?

— Não para Harkness — disse azedamente Garraty. — Vá perguntar a ele se acha isto divertido.

— Você não tem a menor compreensão das consequências — interveio Pearson, colocando-se entre Garraty e Scramm. — Você poderia perder. Você tem que reconhecer que poderia perder.

— O sistema de probabilidade de Vegas disse que eu era o favorito pouco antes de a Marcha começar— garantiu Scramm. — Com vantagem.

— Certo — concordou sombrio Pearson. — E você está em forma, qualquer um pode ver isso. — O próprio Pearson parecia pálido e esgotado depois da longa noite na estrada.

Sem interesse olhou para a multidão reunida no pátio de estacionamento de um supermercado por onde passavam naquele momento. — Todos os que não estavam em forma estão mortos agora, ou quase mortos. Mas nós ainda somos 72.

— Sim, mas...

Uma carranca pensativa espalhou-se pelo largo circulo do rosto de Scramm. Garraty quase que podia ouvir o som do funcionamento da maquinaria que havia ali em cima: lenta, pesadona, mas, no fim, tão certa como a morte e tão inescapável como os impostos. Era uma coisa de certa maneira horrível.

— Não quero deixar vocês, caras, danados de raiva — disse Scramm. — Vocês são bons caras. Mas não entraram nisso pensando em vencer e ganhar o Prêmio. A maioria desses caras não sabe por que se inscreveu. Olhe para aquele Barkovitch. Ele não está nisto para ganhar o Prêmio. Está andando simplesmente para ver outros caras morrerem. Ele vive disso. Quando alguém recebe o bilhete azul, ele ganha um pouco mais de energia.

Mas não é suficiente. Ele vai secar exatamente igual a uma folha numa árvore.

— E eu? — perguntou Garraty.

Scramm pareceu embaraçado:

— Ahn, diabo...

— Não, continue.

— Bem, do jeito que eu vejo a coisa, você também não sabe por que está andando. É a mesma coisa. Você continua agora porque tem medo, mas... isso não é suficiente. Isso se gasta. — Olhou para a estrada embaixo dos pés e esfregou as mãos. — E quando se gastar, acho que você vai receber o bilhete azul como o resto, Ray.

Garraty lembrou-se de McVries dizendo “Quando eu ficar cansado... cansado

mesmo..., ora, acho que vou me sentar."

— Você vai ter que andar muito tempo para me vencer — disse, mas a avaliação simples que Scramm fizera da situação abalara-o profundamente.

— Eu — disse Scramm — estou pronto para andar durante muito tempo.

Seus pés subiram e desceram sobre o asfalto, levando-os para a frente, em volta de uma curva, descendo uma depressão e passando por cima de trilhos de estrada de ferro que eram sulcos de metal na estrada. Passaram por uma barraca, fechada, de venda de caranguejo frito. Entraram novamente em campo aberto.

— Eu entendo o que é morrer, acho — disse bruscamente Pearson. — Agora, entendo, afinal de contas. Não a morte em si. Não consigo compreender isso ainda. Mas morrer. Se parar de andar, eu acabo. — Engoliu seco e a garganta estalou. Exatamente como um disco de vitrola, depois do último sulco. — Olhou seriamente para Scramm. — Talvez seja como você diz. Talvez não seja suficiente. Mas... eu não quero morrer.

Scramm fitou-o quase desdenhosamente.

— Você acha que simplesmente saber o que é a morte vai impedir que morra?

Pearson teve um sorriso esquisito, um pequeno sorriso doentio, tal como um homem de negócios em um barco que joga no mar e que faz força para não vomitar o jantar.

— Neste exato momento, isso é praticamente tudo que me faz continuar.

Garraty sentiu uma profunda satisfação porque suas defesas não haviam sido reduzidas até esse ponto. Pelo menos, ainda não.

À frente, de modo inteiramente inesperado, como se para ilustrar o assunto que vinham discutindo, um rapaz que usava suéter preta de gola rulê teve uma convulsão. Caiu na estrada e começou a estrebuchar, abrir braços e pernas e puxar violentamente os joelhos para o corpo. Os membros sacudiam-se e caíam. A garganta emitia um esquisito som de gorgolejo, aaa-aaa-aaa, um som quase de ovelha, inteiramente desumano. No momento em que passava apressado por ele, uma das mãos trêmulas tocou o sapato de Garraty, que sentiu uma sensação de completo nojo. O rapaz tinha os olhos virados para cima, aparecendo apenas o branco. Manchas pie espuma haviam se formado em seus lábios e queixo. Nesse momento recebia a segunda advertência, mas, claro, quando seus dois minutos terminaram, mataram-no como se ele fosse um cão.

Não muito tempo depois, chegaram ao alto de um aclive suave e de lá olharam para o campo verde e deserto à frente. Garraty ficou feliz com a fria brisa matutina que esfriava-lhe o corpo muito suado.

— Que paisagem! — exclamou Scramm.

A estrada era vista por talvez uns 3Okm à frente. Descia pelo longo declive, corria em ziguezagues planos através de bosques como se fosse uma marca de carvão de um lado a outro de um pedaço de papel crepom verde. Bem longe, voltava a subir e desaparecia na névoa rosada da luz de começos da manhã.

— Isso aí deve ser o que chamam de Hainesville Woods — disse Garraty, sem ter muita certeza. — O cemitério dos caminhoneiros. Um inferno no inverno.

— Nunca vi nada parecido — comentou Scramm, cheio de reverência. — Não há tanto verde assim em todo o estado do Arizona.

— Aprecie enquanto pode — aconselhou Baker, reunindo-se ao grupo. — O dia hoje vai ser de um calor danado. Já está quente e são apenas 6:30 da manhã.

— Acho que você está acostumado com isso, no lugar onde mora — disse Pearson, quase ressentido.

— A gente não se acostuma a isso — respondeu Baker, tirando a jaqueta leve e passando a levá-la em volta do braço. — A gente simplesmente aprende a conviver com isso.

— Eu gostaria de construir uma casa aqui em cima — disse Scramm. Espirrou violentamente, duas vezes, parecendo um pouco com um touro no cio. — Construí-la bem aqui, com minhas próprias mãos e olhar para a paisagem todas as manhãs. Eu e Cathy.

Talvez faça isso, algum dia, quando tudo isto acabar.

Ninguém comentou.

Por volta de 6:45h, a colina já estava acima e atrás deles, a brisa desaparecera na maior parte e o calor já caminhava com eles. Garraty tirou a jaqueta, enrolou-a e amarrou-a seguramente em volta da cintura. A estrada que cruzava o bosque não estava mais deserta. Aqui e ali, madrugadores haviam estacionado seus carros fora da estrada e permaneciam em pé ou sentados em grupos, aplaudindo, acenando, exibindo cartazes.

Viram duas moças ao lado de um amassado MG no fundo de uma depressão. Usavam bermudas curtas e justas, blusas com a barriga de fora e alpercatas. Os caminhantes aplaudiram e assoviaram. O rosto dessas moças estava quente, afogueado, excitado por alguma coisa antiga, tortuosa, e, para Garraty, quase erótica a ponto de ser uma coisa insana. Sentiu um desejo animal despertar no corpo, uma coisa agressivamente viva que lhe fez o corpo sacudir-se com uma febre intermitente própria.

Gribble, o radical entre eles, inesperadamente correu na direção das moças, os pés levantando pequenas nuvens de pó ao longo do acostamento da estrada. Uma das moças inclinou-se para trás sobre o capô do MG e abriu ligeiramente as pernas, inclinando os quadris na direção dele. Gribble envolveu-lhe os seios com as mãos. A moça nenhum gesto fez para detê-lo. Recebeu uma advertência, hesitou e em seguida mergulhou para a moça, como uma figura assustada, zangada, frustrada, vestida de camisa branca suada e calças de veludo cotelê que se lançava, jogava, contra ela. A moça enganchou os tornozelos em volta das panturrilhas de Gribble e enlaçou-o de leve pelo pescoço.

Beijaram-se.

Gribble recebeu a segunda advertência, logo depois a terceira e, talvez com 15 segundos de graça, afastou-se dela cambaleando e começou uma corrida frenética, trôpega. Caiu, levantou-se, levou as mãos crispadas à virilha e cambaleou de volta para a estrada, o rosto magro fortemente afogueado.

— Não pude — soluçou ele. — Não havia tempo suficiente, ela queria que eu metesse nela e não pude... Eu...

Chorava e cambaleava, as mãos em cima da virilha. As suas palavras pouco mais eram do que lamentos incompreensíveis.

— De modo que você deu a elas um pouco de excitação — comentou Barkovitch —, alguma coisa para elas contarem no programa Conte sua Experiência Inesquecível de amanhã.

— Simplesmente, cale essa boca! — berrou Gribble. Apertou com força a virilha. — Dói. Estou com uma câimbra...

— Gonorreia — disse Pearson. — É isso o que ele tem.

Gribble fitou-o através dos fios duros dos cabelos pretos que lhe haviam caído sobre os olhos. Parecia uma fuinha baratinada.

— Dói — murmurou novamente.

Caiu lentamente sobre os joelhos, as mãos no baixo ventre, a cabeça pendendo para o peito, as costas encurvadas. Tremia e fungava e Garraty viu gotas de suor no pescoço do rapaz, algumas delas presas nos pelos finos da nuca — o que seu pai sempre chamara de penugem.

Um momento depois, estava morto.

Garraty virou a cabeça para olhar as moças, mas elas haviam se retirado para dentro do MG e nesse momento nada mais eram do que sombras.

Fez um esforço resoluto para expulsá-las da mente, mas elas continuaram a voltar, sorrateiramente. Como deveria ter sido meter a seco naquela carne quente, desejosa? As coxas dela haviam tremido, meu Deus, haviam se mexido espasmodicamente, numa espécie de convulsão, de orgasmo, oh Deus, o desejo incontrolável de apertar e acariciar... e, acima de tudo, sentir aquele calor... aquele calor...

Sentiu-se gozar, aquele fluxo quente, aquela sensação de disparo, aquecendo-o.

Molhando-o. Oh, Cristo, ia melar suas calças e alguém notaria. Notaria, apontaria um dedo e lhe perguntaria que tal ele andar pelo bairro inteiramente nu, e andar... andar... andar...

Oh, Jan, eu a amo, de verdade, pensou, mas foi um sentimento confuso, misturado com alguma outra coisa.

Voltou a amarrarem nova posição a jaqueta em torno da cintura e continuou a andar como antes. A recordação diminuiu e amareleceu com grande rapidez, como um

negativo de Polaroid deixado ao sol.

O ritmo da marcha acelerou. Nesse momento desciam uma ladeira íngreme e era difícil andar devagar. Músculos trabalhavam, subiam e desciam como pistões e se apertavam uns contra os outros. O suor corria em bicas. Incrivelmente, descobriu-se desejando novamente a volta da noite. Olhou curioso para Olson, querendo saber como ia ele.

Olson voltara a olhar para os pés, o pescoço encordoado com nós e saliências, os lábios repuxados para os cantos em um sorriso congelado.

— Ele está quase no fim — disse McVries ao seu lado, surpreendendo-o. — Quando um cara começa a ficar com uma meia esperança de que alguém lhe dê um tiro para que possa descansar os pés, ele não está longe do fim.

— É assim? — perguntou irritado Garraty. — Por que todo mundo aqui sabe muito mais sobre isso do que eu?

— Porque você é tão bonzinho — respondeu ternamente McVries, e depois acelerou, deixando que as pernas sentissem a força de puxada da ladeira e ultrapassando Garraty.

Stebbins. Fazia muito tempo que não pensava em Stebbins. Virou a cabeça, procurando-o.

E viu-o. O grupo se espaçara na descida da longa ladeira e Stebbins se encontrava a talvez uns 400m para trás, mas não havia como confundir aquela calça púrpura e camisa de trabalho de cambraia. Stebbins continuava a seguir a matilha como se fosse um abutre, esperando apenas que eles caíssem...

Sentiu uma onda de raiva. Teve uma vontade súbita de correr lá para trás e estrangular Stebbins. Não havia motivo ou razão para isso, mas teve que fazer uma grande força para dominar a compulsão.

Ao chegar à base da ladeira, sentiu as pernas moles e inseguras. O estado de cansaço embotado em que suas carnes haviam mais ou menos se acomodado foi interrompido por inesperadas pontadas nos pés e pernas, ameaçando provocar-lhe câimbras nos músculos. Jesus, pensou, por que não? Estavam na estrada há 22 horas. Vinte e duas horas de caminhada sem um único descanso. Aquilo era inacreditável.

— Como é que você está se sentindo agora? — perguntou a Scramm, como se houvesse feito pela última vez essa pergunta havia vinte horas.

— Apto e em boas condições — respondeu Scramm. Passou as costas da mão pelo nariz, fungou e cuspiu. — Tão apto e bem como poderia estar.

— Parece que você está pegando um resfriado.

— Não, é pólen. Isso acontece todas as primaveras. Febre de feno. Pego isso até no Arizona. Mas nunca fico resfriado.

Garraty abriu a boca para responder quando ouviu atrás da cabeça um som oco de

tiro.

Tiro de fuzil. Chegou a informação. Harkness dera o que tinha para dar.

Sentiu uma sensação estranha de coisa subindo pelo estômago quando passou adiante a informação. O círculo mágico fora quebrado. Harkness nunca escreveria aquele livro sobre a Longa Marcha. Harkness estava sendo arrastado da estrada adiante como se fosse um saco de farinha ou sendo jogado em um caminhão, acondicionado em segurança em uma mortalha de lona. Para Harkness, a Longa Marcha terminara.

— Harkness — disse McVries —, o velho Harkness comprou um bilhete azul para o outro mundo.

— Por que você não lhe escreve um poema? — gritou Barkovitch.

— Cale a boca, assassino — respondeu distraído McVries. Sacudiu a cabeça. — O velho Harkness, o filho da puta.

— Eu não sou assassino nenhum! — berrou Barkovitch. — Vou dançar em cima de sua sepultura, cicatriz! Eu vou...

Um coro de gritos furiosos silenciou-o. Praguejando entre dentes, Barkovitch olhou cheio de raiva pra McVries. Em seguida, começou a andar um pouco mais rápido, sem olhar para os lados.

— Sabe o que meu tio fez? — perguntou de repente Baker.

Passavam nesse momento por um túnel sombreado de árvores copadas e Garraty esforçava-se para esquecer Harkness e Gribble e pensar apenas em coisas frias.

— O que foi? — retrucou Abraham.

— Ele era papa-defunto — explicou Baker.

— Bom negócio — comentou desinteressado Abraham.

— Quando era menino, eu sempre ficava em dúvida — continuou vagamente Baker.

Pareceu perder o fio dos pensamentos, lançou um olhar rápido a Garraty e sorriu. Um sorriso estranho. — Sobre quem ia embalsamá-lo, quero dizer. Assim como a gente pergunta quem corta os cabelos do barbeiro e quem retira os cálculos renais do médico, entendeu?

— É preciso um bocado de cálculo para ser medido — disse solenemente McVries.

— Você entende o que quero dizer.

— Então, quem é que foi chamado quando chegou a hora? — quis saber Abraham.

— Isso mesmo — concordou Scramm. — Quem foi?

Baker olhou para os galhos grossos e folhudos sob os quais passavam nesse momento e, mais uma vez, Garraty notou que ele parecia exausto. Não que todos nós não estejamos com essa cara, pensou.

— Vamos — cutucou-o McVries. — Não deixe a gente nesse suspense. Quem foi que o enterrou?

— Essa é a piada mais antiga do mundo — decidiu Abraham. — Baker vai dizer: por que você está pensando que ele morreu?

— Mas morreu — disse Baker. — De câncer pulmonar. Há seis anos.

— Ele fumava? — perguntou Abraham, acenando para uma família de quatro pessoas e respectivo gato. O gato usava coleira. Persa. Parecia perverso e bufou.

— Não, nem mesmo cachimbo — esclareceu Baker. — Tinha medo que isso lhe causasse câncer.

— Oh, pelo amor de Deus — explodiu McVries —, quem foi que o enterrou? Diga logo para a gente poder depois discutir os problemas mundiais, beisebol, controle da natalidade ou outra coisa.

— Eu acho que o controle da natalidade é um problema mundial — disse com toda seriedade Garraty. — Minha namorada é católica e...

— Vamos! — mugiu McVries. — Quem, com todos os diabos, enterrou seu avô, Baker?

— Meu tio. Ele era meu tio. Meu avô era advogado em Shreveport. Ele...

— Não dou a mínima merda para isso! — cortou-o McVries. — Não dou a mínima merda se o velho tinha três caralhos. Quero simplesmente saber quem o enterrou, de modo que a gente possa continuar a conversar.

— Para dizer a verdade, ninguém o enterrou. Ele quis ser cremado.

— Oh, meus pobres e doloridos colhões — disse Abraham, e riu amarelo.

— Minha tia guardou as cinzas dele num vaso de cerâmica. Na casa dela, em Baton Rouge. Ela tentou manter o negócio em funcionamento — casa funerária — mas ninguém parecia confiar muito numa papa-defunta.

— Duvido que tenha sido isso — opinou McVries.

— Não?

— Não. Acho que sei! tio botou mau-olhado nela.

— Botou? Que história é essa?

Baker estava interessado.

— Bem, você tem que reconhecer que aquilo não foi um bom anúncio ou publicidade para o negócio.

— O que, morrer?

— Não — explicou McVries. — Ser cremado.

Scramm soltou uma risadinha abafada pelo nariz entupido.

— Ele o pegou aí, meu velho.

— Acho que sim — concordou Baker.

Ele e McVries se olharam sorridentes.

— O seu tio — disse rudemente Abraham — me enche o saco. E eu poderia também acrescentar que...

Nesse momento, Olson começou a implorar a um dos guardas que o deixasse descansar.

Não parou nem diminuiu o ritmo o suficiente para ser advertido, mas a voz subiu e desceu implorando, suplicando, numa ladainha monótona de cara acovardado que provocou em Garraty um arrepio de embaraço. A conversa perdeu a animação.

Espectadores olhavam para Olson com uma horripilada fascinação. Garraty desejou que Olson calasse a boca, antes que provocasse um olho preto nos outros. Tampouco queria morrer, mas se isso tivesse que acontecer, queria passar desta para a melhor sem que ninguém o julgasse covarde. Os soldados olharam por cima de Olson, através dele, em volta dele, fisionomias pétreas, surdos e mudos. Mas faziam ocasionais advertências, de modo que não se podia julgá-los mudos.

Devia ser um quarto para as 8:00h quando chegou a informação de que eles estavam a apenas 10km dos 160km. Garraty lembrou-se de ter lido que o maior número a completar os primeiros 160km da longa Marcha fora de 63. Parecia ser coisa certa que iam quebrar aquele recorde: o grupo continuava ainda com 69 participantes. Não que isso tivesse importância, de um jeito ou de outro.

As súplicas de Olson subiam numa ladainha constante, truncada, à esquerda de Garraty, parecendo, de alguma maneira, tomar o dia mais quente e incômodo do que já era.

Vários rapazes haviam gritado com Olson mas ele aparentemente não ouvira ou não se importava.

Passaram por uma ponte coberta de madeira, as pranchas batendo e ecoando sob seus pés. Garraty ouviu as batidas de asas e os arrulhos baixos de andorinhas que tinham seus ninhos entre as vigas do telhado da ponte, refrescantemente frias. Por isso mesmo, o sol pareceu dardejar seus raios com um calor ainda mais intenso quando chegaram ao outro lado. Espere até mais tarde, se pensa que está quente agora, disse a si mesmo. Espere só até entrar em terreno descampado. Poxa!

Gritou pedindo um cantil e um soldado aproximou-se trotando, entregou-o sem palavra a Garraty, e voltou trotando para a meia-lagarta. O estômago de Garraty rosnava também por comida. Às 9:00h, pensou. Tinha que continuar andando até essa hora. O diabo me leve se for morrer de estômago vazio.

Baker passou por ele rapidamente, olhou em volta para ver se havia gente olhando, não viu ninguém, arriou as calças e acocorou-se. Recebeu uma advertência. Garraty ultrapassou-o e ouviu o soldado adverti-lo novamente. Uns 20 segundos depois disso, emparelhou-se com Garraty e McVries outra vez, quase sem fôlego. Estava amarrando a

calça.

— A cagada mais rápida que jamais fiz — disse, quase sem poder respirar.

— Você devia ter trazido um catálogo telefônico — sugeriu McVries.

— Nunca consegui andar muito sem cagar — explicou Baker. — Alguns caras, diabo, cagam apenas uma vez por semana. Eu sou do tipo uma vez por dia. Se não cago, tomo um purgante.

— Esses purgantes vão acabar com seus intestinos — avisou Pearson.

— Oh, merda — zombou Baker.

McVries jogou a cabeça para trás e riu.

Abraham torceu a cabeça, para entrar na conversa:

— Meu avô nunca tomou um purgante em toda sua vida e viveu até os...

— Você manteve registros, suponho— disse Pearson.

— Você não vai duvidar da palavra de meu avô, vai?

— Deus me livre — respondeu Pearson, e rolou os olhos para cima.

— Tudo bem. Meu avô...

— Olhe — disse baixinho Garraty.

Sem nenhum interesse por nenhum dos lados da discussão sobre purgantes, estivera observando preguiçosamente Percy Qual-É-O-Nome-Dele? Nesse momento, porém, olhava-o com toda atenção, mal acreditando no que os olhos lhe diziam. Percy estivera se aproximando aos poucos, cada vez mais, da borda da estrada. Nesse momento, andava sobre o acostamento de terra. De vez em quando, lançava um olhar rápido e assustado para os soldados no alto da meia-lagarta, em seguida para a direita, para a densa cortina de árvores a menos de três metros de distância.

— Acho que ele vai tentar fugir — observou Garraty.

— Vão passar fogo nele tão certo como dois e dois são quatro — disse Baker, a voz caindo para um sussurro.

— Não parece que os soldados estejam olhando para ele — respondeu Pearson.

— Então, pelo amor de Deus, não dê nenhuma dica a eles — berrou furioso McVries. — Seu bando de estúpidos! Deus!

Nos dez minutos seguintes ninguém disse nada que fizesse sentido. Fingiam conversar e observavam Percy, que observava os soldados, observando e calculando mentalmente a curta distância que o separava do bosque.

— Ele não tem colhão para isso — murmurou finalmente Pearson.

Mas antes que alguém pudesse responder, Percy começou a andar, lentamente, sem pressa, na direção do bosque. Dois passos, três. Mais um, dois no máximo e chegaria lá.

As pernas vestidas de jeans moviam-se lentas, os cabelos louros descorados pelo sol apenas levemente despenteados por um sopro da brisa. Para todos os efeitos, poderia ser um escoteiro que saíra para um dia de observação de aves.

Não houve advertência. Percy perdera seu direito a ela no momento em que o pé direito passou por cima da borda do acostamento. Deixara a estrada e os soldados haviam sabido o tempo todo que ele ia fazer isso. O velho Percy Qual-É-O-Nome-Dele? não enganara ninguém. Ouviu-se um tiro seco, nítido, e Garraty virou rápido os olhos, de Percy para o soldado de pé na traseira da meia-lagarta. O soldado era uma escultura de linhas enxutas e angulosas, o fuzil encaixado na cava do ombro, a cabeça meio inclinada sobre o cano.

Depois, a cabeça girou novamente para Percy. Percy era o verdadeiro espetáculo, não?

Percy continuava de pé, os pés na borda relvada da floresta de pinheiros, tão imóvel e esculpido como o homem que acabara de atirar nele. Os dois juntos poderiam ter servido de tema para Miguel Ângelo, pensou Garraty. Percy permanecia inteiramente imóvel, silhuetado contra o céu azul de primavera. Uma das mãos pressionava o peito, como um poeta prestes a declamar, olhos bem abertos, algo extáticos.

Sangue brilhante corria entre seus dedos, luzindo à luz do sol. O velho Percy Qual-É-ONome-Dele? Hei, Percy, sua mãe está chamando. Hei, Percy, sua mãe sabe que você já era? Hei, Percy, que tipo de nome de bicha é esse, Percy. Mas, Percy, você não está bonitinho? Percy transformado em um Adônis refulgente, iluminado pelo sol, em contraste com o caçador selvagem, vestido de cáqui. E um, dois, três, pingos de sangue em forma de moeda caíram em cima dos sapatos pretos e empoeirados de viagem de Percy e tudo aquilo aconteceu no espaço de apenas três segundos. Garraty não dera nem mesmo dois passos completos e não fora advertido, e, oh, Percy, o que é que sua mãe vai dizer? Você, diga pra mim, você tem realmente coragem para morrer?

Percy teve. Caiu para a frente, bateu em uma pequena e torta muda de árvore, deu uma meia-volta e estatelou-se no chão, o rosto virado para o céu. A graça, a simetria congelada, haviam desaparecido. Percy estava simplesmente morto.

— Que esse terreno seja plantado com sal — disse de repente McVries, falando muito rápido. — De modo que nenhum pé de milho ou pé de trigo cresça aqui. Amaldiçoados sejam os filhos deste solo e amaldiçoadas sejam suas entranhas. Amaldiçoadas sejam também suas ovelhas é aves domésticas. Ave-Maria cheia de graça, vamos explodir esta droga de lugar.

McVries estourou na gargalhada.

— Cale-se — bradou Abraham, a voz rouca. — Deixe de falar desse jeito.

— Todo o mundo é Deus — continuou McVries, rindo histericamente. — Estamos andando sobre o Senhor, e lá atrás as moscas estão fervilhando em cima do Senhor, de modo que abençoado seja o fruto de teu ventre, Percy. Amém, aleluia, manteiga de

amendoim. Pai nosso que estais embrulhado em papel de alumínio, santificado seja vosso nome.

— Eu lhe dou uma porrada! — avisou Abraham. Estava muito pálido. — Eu dou, Pete!

— Um homem religioso! — zombou McVries, e riu novamente. — Quem diria! Oh meu santo colhão!

— Eu lhe dou uma porrada se você não calar essa boca! — mugiu Abraham.

— Não faça isso — interveio Garraty, assustado. — Por favor, não briguem... Vamos ser... educados.

— Quer uma opinião? — perguntou alucinado Baker.

— Quem foi que lhe perguntou alguma coisa, seu caipira de merda?

— Ele era moço demais para participar desta marcha — disse, triste, Baker. — Se tinha 14 anos, o diabo me leve.

— A mãe estragou-o com mimos — disse Abraham em voz trêmula. — A gente podia sentir isso. — Olhou suplicante para Garraty e Pearson. — Vocês também podiam sentir isso, não podiam?

— Ela não vai estragá-lo mais — disse McVries.

Olson, subitamente, começou novamente a dirigir frases desconexas aos soldados. O que matara Percy, sentado nesse momento, comia um sanduíche. Continuaram a andar e passava das oito horas. Passaram por uma ensolarada bomba de gasolina, onde um mecânico usando macacão graxento aguava com uma mangueira o pátio.

— Eu gostaria que ele nos desse um banho com aquilo — observou Scramm. Estou pegando fogo.

— Eu pensava que nunca fizesse calor no Maine — disse Pearson. Parecia mais cansado do que nunca. — Achava que o Maine era um estado frio.

— Bem, agora você sabe que não é assim — retrucou secamente Garraty.

— Você é um bocado divertido, Garraty — recomeçou Pearson. — Sabia disso? Você é mesmo um bocado divertido. Poxa, como estou satisfeito por tê-lo conhecido.

McVries riu.

— Quer saber de uma coisa? — respondeu Garraty.

— O quê?

— Acho que você tem manchas de manteiga na cueca — retrucou Garraty. Foi a coisa mais engraçada em que conseguiu pensar com aviso tão curto.

Passaram por outra parada de caminhoneiro. Duas ou três grandes carretas tiveram ordem de sair da estrada, sem dúvida para desimpedi-la para os caminhantes da Longa Marcha. Um dos motoristas, nervoso ao lado do reboque, um enorme baú refrigerado, apalpava-lhe os lados. Procurando sentir o frio que estava escapando no

sol da manhã.

Várias garçonetes aplaudiram quando os rapazes passaram. O motorista que estivera apalpando o lado do baú virou-se e deu uma banana para eles. Era um homenzarrão, com um pescoço vermelho saindo apertado de uma camisa de meia suja.

— Hei, por que será que ele fez isso? — exclamou Scramm. — Deve ser um safado sem esportividade.

McVries riu alto.

— Esse aí é o primeiro cidadão Honesto que vimos desde que começou esta pândega, Scramm. Homem, adoro aquele cara!

— Provavelmente, ele está levando produtos perecíveis para Montreal — sugeriu Garraty. — Viajando desde Boston. Nós o obrigamos a sair da estrada. Ele, provavelmente, está com medo de perder o emprego ou a carreta, se é um autônomo.

— E isso não é um horror? — zurrou Collic Parker. — Simplesmente, não é um horror danado? Só nos dois últimos meses é que começaram a dizer qual seria a rota da Marcha. Ele é simplesmente outro caipira ordinário, só isso.

— Você parece saber um bocado de coisas a esse respeito — observou Abraham, dirigindo-se a Garraty.

— Um pouco — respondeu Garraty, olhando fixamente para Parker— Meu pai dirigia uma carreta antes de pegar... antes de ir embora. É duro ganhar dinheiro nesse trabalho.

Provavelmente, aquele cara pensou que tinha tempo de chegar até o próximo desvio.

Não teria vindo por aqui se houvesse um caminho mais curto.

— Ele não tinha que dar uma banana para a gente — insistiu Scramm. — Não tinha que fazer isso. Pelo amor de Deus, aqueles tomates podres dele não significam vida ou morte, como isto aqui.

— Seu pai abandonou sua mãe? — perguntou McVries a Garraty.

— Meu pai foi pegado pelos Esquadrões — respondeu secamente Garraty.

Em silêncio, desafiou Parker— ou qualquer outro ali — a abrira boca mas ninguém disse nada.

Stebbins continuava na rabeira. Mal passara pela parada de caminhões e o parrudo motorista da carreta saltara para a cabine. Bem à frente, os fuzis pronunciaram sua única palavra. Um corpo girou, desabou e ficou imóvel. Dois soldados arrastaram-no para o acostamento. Um terceiro jogou para eles um saco de acondicionar cadáveres.

— Tive um tio que foi apanhado pelos Esquadrões — aventurou, hesitante, Wyman.

Garraty observou que a lingueta do sapato esquerdo de Wyman escapara do

cadarço e que nesse momento batia obscenamente.

— Só os idiotas é que são agarrados pelos Esquadrões — disse Collie Parker em voz muito clara.

Garraty fitou-o e quis sentir raiva, mas ele baixou a cabeça e passou a olhar para a estrada. O pai dele, Garraty, fora um grandiosíssimo idiota, tudo bem. Um beberrão ordinário que não conseguia juntar dois tostões no mesmo lugar por muito tempo, por mais empregos que tentasse, um homem sem bom-senso suficiente para guardar para si mesmo suas opiniões políticas. Garraty sentiu-se velho e doente.

— Feche essa boca fedorenta — disse McVries friamente.

— Quer experimentar me fazer...

— Não, não quero experimentar fazer você fechar essa boca fedorenta. Simplesmente, cale essa boca, seu filho da puta.

Collie Parker retardou o passo e se colocou entre Garraty e McVries. Pearson e Abraham afastaram-se um pouco. Os próprios soldados se espigaram, prontos para um arranca-rabo. Parker olhou para Garraty durante um longo tempo, o rosto largo e coberto de suor, os olhos ainda arrogantes. Depois, deu uma palmadinha no braço de Garraty.

— Acho que, às vezes, digo o que não devia. Não foi intenção insultar. Tudo bem? — Garraty inclinou cansadamente a cabeça e Parker virou a vista para McVries. Quanto a você, foda-se. — disse, e apressou novamente o passo para se juntar à vanguarda.

— Que calhorda mais esquisito — disse sombrio McVries.

— Não é pior do que Barkovitch — consolou-o Abraham. — Talvez até um pouco melhor.

— Além do mais — acrescentou Pearson —, o que significa ser agarrado pelos Esquadrões?

É muito pior morrer, certo?

— Como se pode saber? — perguntou Garraty. — Como é que algum de vocês sabe?

Seu pai fora um gigante louco de voz trovejante e uma risada que parecia um mugido e que, para suas pequenas orelhas de criança, dera impressão de uma montanha se partindo. Depois de perder sua própria carreta, ganhara a vida dirigindo caminhões do governo, com sede em Brunswick. Aquela vida teria sido satisfatória se Jim Garraty houvesse mantido para si mesmo suas opiniões políticas. Mas quando o cara trabalha para o governo, o governo parece duas vezes mais ciente de que o cara esta vivo, duas vezes mais pronto para clamar um Esquadrão se as coisas parecerem um pouco esquisitas. E Jim Garraty nunca fora dos maiores entusiastas da Longa Marcha. Um dia, recebeu um telegrama, no dia seguinte dois soldados apareceram à sua porta, Jim Garraty fora embora cot. eles, protestando, a esposa fechara a porta, o rosto branco como cal e quando ele, Garraty, lhe perguntara aonde ia o papai com aqueles

soldados, ela o esbofeteara com força suficiente para fazê-lo sangrar na boca e lhe dissera para calar a boca, calar mesmo. Nunca mais vira o pai. Isso acontecera havia 11 anos. Aquilo tinha sido uma eliminação bem-feita. Inodora, sanitarizada, pasteurizada, sanforizada e livre de caspas.

— Tive um irmão que se meteu com a lei — disse Baker. — Não com o governo, apenas com a lei. Roubou um carro e fugiu de nossa cidade para Hattiesburg, Mississipi. Pegou dois anos de prisão com sutis. Mas agora está morto.

— Morreu?

A voz era seca, fantasmagórica. Olson se reunira a eles. O rosto encovado parecia projetar-se a um quilômetro do corpo.

— Teve um ataque cardíaco — explicou Baker. — Era apenas três anos mais velho do que eu. Minha mãe dizia que ele era a cruz dela, mas ele só se meteu numa fria uma vez. Eu fiz pior. Fui terrorista durante três anos.

Garraty fitou-o. Havia vergonha no rosto cansado de Baker, mas também dignidade, silhuetada contra uma empoeirada lança de luz que se filtrava através das árvores.

— Isso é crime punido pelos Esquadrões, mas eu não me importava. Tinha apenas 12 anos quando me meti nisso. E praticamente ninguém, a não ser garotos, praticam terrorismo agora. Os mais velhos são mais sabidos. Dizem à gente para agir e nos dão palmadinhas na cabeça, mas não se arriscam, não eles. Caí fora depois que queimamos uma cruz no gramado da casa de algum negro. Eu estava verde de medo. E envergonhado, também. Por que diabo alguém iria queimar uma cruz no gramado da casa de um negro? Deus, isso é história antiga, não é? Claro que é. — Baker sacudiu vagamente a cabeça. — Não era direito.

Nesse momento, os fuzis fizeram-se ouvir novamente.

— Lá vai mais um — disse Scramm.

A voz soou estranha e anasalada e ele limpou o nariz com as costas da mão.

— Trinta e quatro — calculou Pearson. Tirou uma moeda de centavo de um bolso e colocou-a noutro. — Trouxe comigo noventa e nove moedas de centavo. Toda vez que alguém compra um bilhete azul, transfiro uma delas para o outro bolso. E quando...

— Isso é horrível! — protestou Olson, os olhos obcecados fitando funestamente Pearson. — Cadê o relógio para marcar o tempo que falta para a morte do condenado? Cadê suas bonecas de vodu?

Pearson não respondeu. Com ansioso embaraço, olhou para o campo em pousio por onde passavam nesse momento. Finalmente, murmurou:

— Eu não queria dizer nada com isso. Trouxe as moedas para me darem sorte, só isso.

— Isso é sujo — grasnou Olson —, é imundo, é...

— Oh, pare com isso — rosnou Abraham. — Pare de darem cima de meus nervos.

Garraty olhou para o relógio. Marcava 8:20h. Quarenta minutos ainda antes de receberem a ração. Pensou em como seria bom entrar num daqueles pequenos restaurantes em tão grande número à beira da estrada, acomodar a bunda em um daqueles tamboretes acolchoados, colocar os pés no cano que servia de descanso perto do chão (oh, Deus, o alívio de simplesmente fazer isso) e pedir bife e cebolas fritas, com um acompanhamento de batatas fritas e para sobremesa uma grande taça de sorvete de baunilha com cobertura de molho de uva-do-monte. Ou, talvez, um grande prato de espaguete com almôndegas, e como acompanhamento pão italiano e ervilhas nadando em manteiga. E leite. Uma jarra cheia de leite. O diabo que levasse os tubos e os cantis de água destilada. Leite, comida sólida e um lugar para sentar e comer. Isso não seria uma maravilha?

Imediatamente à frente, uma família de cinco— mãe, pai, menino, menina e uma avó de cabelos grisalhos — espalhava-se embaixo de um copado olmo, fazendo um desjejum de piquenique composto de sanduíches e o que parecia chocolate quente. Todos ali acenaram entusiasticamente para os caminhantes.

— Monstros — murmurou Garraty.

— O que foi que você disse? — perguntou McVries.

— Eu disse que queria me sentar e comer alguma coisa. Olhe para aquelas pessoas. Um maldito bando de porcos.

— Você estaria fazendo a mesma coisa — lembrou McVries.

Acenou e sorriu, reservando o maior e mais cordial sorriso para a avó, que acenava também enquanto mastigava — entupia-se seria mais correto — com o que parecia ser um sanduíche de salada de ovo.

— O diabo que eu faria. Ficar sentado ali enquanto um grupo de caras famintos...

— Dificilmente famintos, Ray. Simplesmente não parece que estamos.

— Com vontade de comer, então...

— O domínio da mente sobre a matéria — disse McVries, fazendo um encantamento. —

Domínio da mente sobre a matéria, meu jovem amigo.

O encantamento, porém, tornara-se uma imitação barata de W.C. Fields.

— Vá pro inferno. Você simplesmente não quer reconhecer. Aqueles tipos, eles são animais. Querem ver os miolos de alguém espalhados pela estrada, foi por isso que saíram de casa. E para eles tanto faria que fossem seus miolos.

— Não é isso o que interessa — retrucou calmo McVries. — Você mesmo não disse que quando era mais moço saía de casa para ver a Longa Marcha?

— Disse, quando não sabia o que estava dizendo!

— Bem, isso torna a coisa clara, não? — McVries soltou uma risada curta, de um som feio.

— Claro, eles são animais. Você acha que acaba de descobrir um novo princípio? Às vezes, eu pergunto até que ponto você é realmente ingênuo. Os nobres franceses, homens e mulheres, costumavam foder depois que um deles era guilhotinado. Os velhos romanos se empanturravam durante os jogos de gladiadores. Isso é diversão, Garraty.

Não tem nada de novo.

Riu novamente. Garraty fitou-o, fascinado.

— Continue — disse alguém. — Você está na segunda base, McVries. Quer tentar a terceira?

Garraty não teve que virar a cabeça. Era Stebbins, claro, Stebbins, o Buda magro. Os pés continuavam a carregá-lo automaticamente, mas Garraty ficou obscuramente consciente de que estavam inchados e escorregadios, como se estivessem se enchendo de pus.

— A morte é uma coisa maravilhosa para os apetites do homem — continuou McVries. — O que é que vocês me dizem daquelas duas garotas e Gribble? Elas queriam saber o que sentiriam fedendo com um morto. Agora, passando a Alguma Coisa Inteiramente Nova e Diferente. Não sei se Gribble tirou muita coisa daquilo, mas tenho tanta certeza como merda é merda que elas tiraram. O mesmo acontece com todo mundo. Não importa se estão comendo, bebendo ou sentados sobre os traseiros. Gostam mais, sentem melhor e acham gostoso porque estão mortos.

— Mas nem mesmo isso é o motivo real desta pequena expedição, Garraty. O importante é que eles é que são os espertos. Eles não estão sendo lançados aos leões. Eles não estão cambaleando pela estrada e alimentando a esperança de que não tenham que parar para cagar se já têm duas advertências. Você é estúpido, Garraty. Você, eu, Pearson, Barkovitch e Stebbins, todos nós somos estúpidos. Scramm é porque pensa que compreende e não manja nada. Olson é estúpido porque compreendeu demais tarde demais. Eles são animais, certo. Mas por que diabo você tem tanta certeza de que isso nos transforma em seres humanos?

Parou, quase sem fôlego.

— Viu o que vocês fizeram? — perguntou. — Provocaram-me e me botaram pra falar, Sermão 342, de uma série de seis mil, et cetera, et cetera. Provavelmente, isso diminuiu minha esperança de vida em cinco horas ou mais.

— Se é assim, por que está fazendo isso? — perguntou-lhe Garraty. — Se sabe de tudo isso e está tão seguro assim, por que está fazendo isso?

— Pela mesma razão que todos nós — respondeu Stebbins. Sorriu suavemente, quase carinhosamente. Seus lábios estavam um pouco queimados pelo sol; à parte isso, o rosto continuava ainda liso e aparentemente invencível. — Nós queremos morrer, é

esse o motivo por que estamos aqui. Por que outro motivo, Garraty? Por que outro?

CAPÍTULO 8

"Três-seis-nove, o ganso bebeu vinho,
O macaco mascou fumo na linha do bonde,
A linha quebrou
O macaco sufocou
E foram todos pro céu num lindo barquinho...

— Canção de ninar

Ray garraty apertou com força a cinta de concentrados em volta da cintura e, firme, disse a si mesmo que não ia comer coisa alguma até pelo menos às 9:30h. Sabia que ia ser uma resolução difícil de cumprir. O estômago lhe doía e rosnava.

Em volta dele, todos os caminhantes celebravam compulsivamente o fim das primeiras 24 horas na estrada.

Scramm sorriu-lhe alegremente com a boca cheia de pasta de queijo e disse alguma coisa agradável mas intraduzível. Baker pegara seu vidro de azeitonas — azeitonas de verdade — e estava enfiando-as na boca com biscoitos cobertos com pasta de atum, enquanto McVries comia lentamente pasta de galinha. Tinha os olhos semicerrados e poderia estar sentindo dor extrema ou o máximo em prazer.

Mais dois deles haviam sido executados entre 8:30 e 9:00h um deles fora Wayne, aplaudido há uma eternidade atrás. Mas haviam percorrido 158km com a perda de apenas 36 deles. Não é maravilhoso, pensou Garraty, sentir a saliva aflorar à boca, enquanto McVries espremia do tubo a última gota de concentrado de galinha e em seguida jogava fora a casca vazia? Maravilhoso. Tomara que todos eles caiam mortos agora mesmo.

Um garoto usando jeans disputou uma corrida com uma dona-de-casa de meia-idade para pegar o tubo vazio de McVries, que deixava de ser algo útil para iniciar sua nova carreira como souvenir. A mulher estava mais perto, mas o adolescente era mais rápido e venceu-a por meio corpo.

— Obrigado — gritou ele para McVries, elevando alto no ar o tubo amassado e torcido.

Voltou correndo para junto dos amigos, levando-o ainda alto no ar. A dona-de-casa olhou-o azedamente.

— Você não está comendo nada? — perguntou McVries.

— Estou me obrigando a esperar.

— Pelo quê?

— Pelas 9:30h.

McVries fitou-o pensativamente.

— Aquele velho troço de autodisciplina?

Garraty deu de ombros, pronto para a continuação do sarcasmo, mas McVries continuou simplesmente a fitá-lo.

— Quer saber de uma coisa? — disse finalmente McVries.

— O quê?

— Se eu tivesse um dólar... apenas um dólar, note... acho que apostaria em você, Garraty.

Acho que você tem uma boa chance de ganhar esta coisa.

Garraty riu, meio embaraçado.

— Querendo passar manteiga em mim?

— Querendo o quê?

— Passar manteiga. Como quase se diz ao lançador no beisebol que o troço vai ser fácil, fácil.

— Talvez esteja — retrucou McVries. Estendeu as mãos à frente do corpo. Elas tremiam ligeiramente. Olhou carrancudo para elas, numa espécie de concentração distraída. Um olhar meio alucinado. — Tomara que Barkovitch tire logo seu bilhete azul — disse.

— Pete?

— O quê?

— Se você tivesse que fazer tudo isto novamente... se soubesse que poderia chegar até aqui e ainda em condições de andar... você faria isto novamente?

McVries baixou as mãos e olhou-o fixamente.

— Você está brincando? Tem que estar?

— Não, estou falando sério.

— Ray, acho que não faria isso novamente nem que o major encostasse uma pistola nos meus colhões. Esta é a coisa que mais se aproxima de suicídio, apenas o suicídio é mais rápido.

— É verdade — disse Olson. — Como é verdade.

Teve um sorriso vazio, de campo de concentração, que provocou um arrepio na barriga de Garraty.

Dez minutos depois passaram por uma enorme faixa vermelha e branca que proclamava:

160 QUILÔMETROS! PARABÉNS DA CÂMARA DE COMÉRCIO DA JEFFERSON PLANTATION!
PARABÉNS AO “CLUBE DO SÉCULO” DESTE ANO, CAMINHANTES!

— Eu conheço um lugar onde poderiam enfiar esse Clube do Século — disse Collie Parker.

— É comprido, marrom e o sol nunca o ilumina.

De repente, os grupos de pinheiros e abetos de segundo corte que haviam margeado a estrada em trechos maltratados desaparecem, ocultados pela primeira autêntica multidão que via. Uma ovação tremenda estrugiu, seguida por uma e mais outra. Até parecia onda batendo em pedra. Flashes de fotógrafos explodiam e ofuscavam. A polícia estadual mantinha a multidão sob controle, por trás de cordas de náilon de cor alaranjada viva ao longo das calçadas. Um policial lutava para acalmar um menininho que berrava. O menino, de rosto sujo e nariz pingando, agitava um planador de brinquedo numa mão e um livro de autógrafos na outra.

— Jesus! — berrou Baker. — Jesus, olhem para eles, simplesmente olhem para essa gente toda!

Collie Parker acenava e sorria e só quando se aproximou dele é que Garraty conseguiu ouvir o que ele dizia em típico sotaque do Meio-Oeste:

— Prazer em vê-los, seus idiotas de merda! — Um sorriso e um aceno. — Como vai, mãe McCree, sua velha de merda? Sua cara e meu cu, que combinação. Como vai, como vai?

Garraty tapou a boca com as mãos e riu histericamente. Um homem na primeira fila, agitando uma tabuleta relaxadamente escrita com o nome de Scramm, havia aberto a braguilha da calça. Uma fila atrás, uma mulher gorda usando um ridículo traje de tomar banho de sol estava sendo imprensada por dois estudantes universitários que bebiam cerveja. Gorducha sem-vergonha, pensou Garraty, e riu ainda mais.

Você vai ter um ataque Histérico, oh, meu Deus, não deixe que isso me aconteça, pense em Gribble... e não deixe... não deixe... não...

Mas estava acontecendo. O riso saiu dele como se fosse um rugido até que o estômago contraiu-se numa câimbra, começou a andar com as pernas dobradas e alguém lhe gritou, abafando os gritos da multidão. Era McVries.

— Ray! Ray! O que é? Você está bem?

— Eles são engraçados! — Nesse momento quase chorava de tanto rir. — Pete, Pete, eles são tão engraçados, apenas... apenas... eles são tão engraçados!

Uma menininha de rosto duro, vestindo jardineira suja, boca fechada num muxoxo e sobrancelhas franzidas, fez uma careta horrível quando eles passaram. Garraty quase caiu de tanto rir e recebeu uma advertência. Continuou a rir em explosões curtas, como se fossem gemidos, que era tudo que os pulmões cansados podiam ainda dar.

— Ele vai vomitar! — gritou alguém num êxtase de deleite. — Olhe para ele, Alice, ele vai vomitar!

— Garraty! Garraty, pelo amor de Deus! — gritava nesse momento McVries.

Passou um braço em volta das costas de Garraty e introduziu uma mão em sua axila. De alguma maneira, conseguiu pô-lo de pé e Garraty seguiu, cambaleando.

— Oh, Deus — arquejou Garraty. — Oh, Jesus Cristo, eles estão me matando. Eu... eu não posso.

Mais uma vez, desatou num riso frouxo, pingado. Os joelhos se dobraram. McVries, mais uma vez, colocou-o de pé. Rompeu-se a gola da camisa de Garraty. Os dois foram advertidos. Esse é meu último aviso, pensou obscuramente Garraty. Estou a caminho para conhecer aquelas famosas paragens celestiais. Sinto muito, Jan, eu...

— Vamos, cara eu não posso carregá-lo nas costas! — silvou McVries.

— Não consigo — arquejou Garraty. — Meu fôlego acabou, eu...

McVries esbofeteou-o duas vezes, rapidamente, palma da mão na bochecha direita, costas da mão na esquerda. Depois, afastou-se em passos ligeiros, sem olhar para trás.

O riso acabara nele, mas os intestinos pareciam feitos de geleia, os pulmões estavam vazios e aparentemente não conseguiria reenchê-los. Continuou a tropeçar para a frente, tombando de um lado para o outro, tentando recuperar o fôlego. Pontos negros dançaram em frente dos olhos e uma parte dele compreendeu como estava perto de desmaiar. Um pé tropeçou no outro, tropeçou e quase caiu, mas, de alguma maneira, conseguiu manter o equilíbrio.

Se cair, morro. Nunca vou conseguir me levantar.

Observavam-no nesse instante. A multidão observava-o. Os aplausos Haviam morrido e se transformado em um murmúrio quase sexual. Estavam à espera de que casse.

Continuou a andar, concentrando-se nesse momento apenas em colocar um pé na frente do outro. Certa vez, no oitavo ano primário, lera um conto escrito por um homem chamado Ray Bradbury sobre multidões que se reúnem nos locais de acidentes fatais, multidões que têm sempre as mesmas faces e que parecem saber se os feridos vão morrer ou escapar. Vou viver um pouco mais, disse à multidão. Vou viver um pouco mais.

Obrigou os pés a subirem e descerem em compasso com uma cadência regular na cabeça. Apagou tudo mais, mesmo jan. Não estava consciente do calor, de Collie

Parker, ou de Aborto D'Allessio. Nem mesmo da ininterrupta dor vaga nos pés e rigidez dos músculos costureiros atrás dos joelhos. Um único pensamento ressoava em sua mente como se fosse um grande tímpano, como uma pulsação do coração: Viva um pouco mais. Viva um pouco mais. Viva um pouco mais. Até que as próprias palavras perderam o sentido e nada mais lhe disseram.

O som de tiros arrancou-o bruscamente daquele estado.

Na imobilidade silenciosa da multidão o som ecoou chocantemente alto e ouviu alguém gritando. Agora você sabe, pensou, você vive o suficiente pari ouvir o troar dos

fuzis, o suficiente para se ouvir gritando...

Um dos pés, porém, chutou uma pequena pedra, sentiu dor e não fora ele que recebera o bilhete azul, mas o número 64, um rapaz agradável e sorridente chamado Frank Morgan.

Nesse momento, arrastavam-no da estrada, os óculos dele também arrastados e batendo no piso da estrada, ainda teimosamente presos a uma das orelhas. A lente esquerda tinha se quebrado.

— Não estou morto — disse a si mesmo, aturdido. O choque atingiu-o como se fosse uma quente onda azul, ameaçando, mais uma vez, transformar-lhe as pernas em água.

— Não, mas devia estar— disse McVries.

— Você o salvou — disse Olson, como que transformando essas palavras em praga. — Por que fez isso? Por que fez isso? — Seus olhos estavam brilhantes e vazios como uma maçaneta de porta. — Eu o mataria, se pudesse. Odeio-o. Você vai morrer, McVries.

Espere só pra ver. Deus vai matá-lo pelo que você fez. Vai matá-lo e você vai virar merda de cachorro.

Falava em voz vazia, sem expressão. Garraty quase que podia sentir nele o cheiro de mortalha. Levou as mãos à boca e gemeu nelas. A verdade era que o cheiro de mortalha estava em todos eles.

— Foda-se — respondeu calmo McVries. — Pago minhas dívidas, só isso. — Olhou para Garraty. Estamos quites. É o fim, certo?

Afastou-se, sem pressa e logo depois era apenas outra camisa colorida a uns 20m à frente.

O fôlego voltou, mas muito devagar e durante muito tempo Garraty teve certeza que sentia uma pontada num lado... mas finalmente isso passou. McVries lhe salvara a vida.

Ele ficara histérico, tivera um acesso de riso e McVries impedira que ele desabasse.

Estamos quites, homem. É o fim, certo? Tudo bem.

— Deus vai castigá-lo. — Hank Olson falava com mortal e sobrenatural segurança. — Deus vai fulminá-lo.

— Cale essa boca ou eu mesmo vou fulminá-lo — disse Abraham.

O dia ficou mais quente e pequenas brigas e discussões surgiram como se fossem fogo de palha. A enorme multidão diminuiu um pouco à medida que saíam do alcance das câmeras e microfones de TV, mas não desapareceu ou mesmo fracionou-se em grupos isolados de espectadores. A multidão chegara e viera para ficar. As pessoas que a compunham fundiam-se num anônimo Rosto da Multidão, uma fisionomia insossa,

séria, que se reproduzia quilômetro após quilômetro. Enchia soleiras de portas, gramados, entradas de automóvel, áreas de piquenique, pátios de postos de gasolina (onde proprietários sabidos cobraram ingresso) e, na cidade seguinte pela qual passaram, ambos os lados das ruas e o pátio de estacionamento do supermercado. O Rosto da Multidão fazia caretas, tagarelava incoerente, aplaudia, mas permanecia basicamente sempre o mesmo. E observou com voraz interesse quando Wyman se acocorou para evacuar. Homens, mulheres, crianças, o Rosto da Multidão era sempre o mesmo, e Garraty logo se cansou dele.

Queria agradecer a McVries, mas, por alguma razão, duvidara que ele quisesse isso.

Dali podia vê-lo à frente, andando atrás de Barkovitch. McVries olhava, concentrado, para o pescoço de Barkovitch.

As 9:30h chegaram e passaram. Parecia que a multidão intensificava o calor. Garraty abriu a camisa logo acima do cinto. Teria Aborto D'Allessio sabido que ia comprar um bilhete azul antes de fazer isso? Achou que, de nenhuma maneira, saber disso teria mudado as coisas para ele.

A estrada transformou-se numa íngreme ladeira e a multidão desapareceu momentaneamente enquanto por cima dos quatro conjuntos de trilhos na direção leste oeste que corriam por baixo, brilhando quentes em seus leitos de cinzas. No alto, quando cruzavam a ponte de madeira, Garraty viu o outro cinturão de bosque à frente, à esquerda e direita, e a área urbana, densamente construída, pela qual haviam acabado de passar.

Uma brisa fria passou por cima da pele suada e provocou-lhe um arrepio. Scramm espirrou forte três vezes.

— Estou pegando um resfriado — anunciou ele, enojado.

— Isso vai acabar com você — disse Pearson. — É tiro e queda.

— Eu vou simplesmente ter que me esforçar mais — retrucou Scramm.

— Você deve ser feito de aço — comentou Pearson. — Se pegasse um resfriado, acho que capotaria e morreria, tão pouca é a energia que me resta.

— Capote e morra agora! — gritou para trás Barkovitch. — Economize alguma energia!

— Cale essa boca e continue a andar, seu assassino — bradou McVries.

Barkovitch virou a cabeça para olhá-lo.

— Por que não sai de trás de mim, McVries? Vá andar por algum outro lugar.

— Isto aqui é uma estrada pública. Ando por onde Vem quiser.

Barkovitch puxou catarro do peito, escarrou e passou a ignorá-lo.

Garraty abriu um dos tubos de concentrados e começou a comer pasta de queijo com biscoitos. O estômago protestou zangado à primeira porção e ele teve que se

controlar para não comer tudo. Espremeu um tubo de concentrado de rosbife na boca e engoliu-o.

Rebateu a refeição com água e obrigou-se a parar aí. Passaram por um depósito de madeira, onde viram homens de pé em cima de tábuas, silhuetados contra o céu como se fossem índios, acenando para eles. Entraram em seguida nos bosques e o silêncio caiu sobre ele com um estrondo. Não estava silencioso, claro: os caminhantes conversavam, a meia-lagarta continuava a mover-se com seu ruído mecânico, alguém soltou uma ventosidade, alguém riu, alguém atrás de Garraty emitiu um pequeno som desesperado de gemido. As margens da estrada continuavam ocupadas por espectadores mas a multidão do “Clube do Século” desaparecera e aquele trecho, em comparação, parecia silencioso. Aves cantavam nas altas copas das árvores, uma brisa furtiva aliviava de vez em quando o calor, parecendo urna alma perdida enquanto ciciava pelas árvores. Um esquilo marrom imobilizou-se num alto galho, a cauda cheia estirada, os olhos pretos brutalmente atentos, uma noz segura entre as patas dianteiras, que pareciam de rato.

Chiou para eles e depois subiu rapidamente para um nível mais alto e desapareceu. Um avião zumbia longe, como se fosse uma mosca gigantesca.

Garraty achou que todos ali estavam, deliberadamente, dando-lhe o tratamento de silêncio. McVries continuava a andar atrás de Barkovitch. Pearson e Baker falavam sobre xadrez. Abraham comia ruidosamente e enxugava as mãos na camisa. Scramm rasgara um pedaço da camisa de meia e usava-o como lenço. Collie Parker discutia garotos com Wyman. Quanto a Olson... não queria nem mesmo olhar para ele, que parecia determinado a incluir todo mundo mais como acessório em sua própria morte próxima.

Por tudo isso, começou a reduzir o passo, com muito cuidado, apenas um pouco de cada vez (muito consciente de suas três advertências) até que emparelhou com Stebbins. A calça púrpura estava nesse momento coberta de poeira e círculos escuros apareciam nas cavas da camisa de cambraia. O que quer mais que Stebbins fosse, ele não era o Super-homem.

Olhou para Garraty por um momento, uma expressão de curiosidade no rosto magro e pôs em seguida os olhos de volta para a estrada. Uma vértebra na parte posterior de seu pescoço destacava-se muito clara.

— Por que não há mais gente por aqui? — perguntou hesitante Garraty. — Vendo a gente passar, quero dizer.

Por um momento, achou que Stebbins não ia responder. Finalmente, porém, ele levantou a vista, afastou o cabelo da testa e disse:

— Vai haver. Espere um pouco. Vão formar filas de três de profundidade no alto dos telhados para olhar para você.

— Alguém disse que bilhões são apostados nesta marcha. A gente pensaria que estariam em filas de três durante todo o caminho. E que haveria cobertura de TV...

— Isso foi desestimulado.

— Por quê?

— Por que é que você me pergunta?

— Porque você sabe — disse exasperado Garraty.

— Como é que você sabe?

— Jesus, você me lembra às vezes aquela lagarta em Alice ato País das Maravilhas — retrucou Garraty. — Você nunca conversa, simplesmente?

— Quanto tempo você duraria ouvindo pessoas gritarem para você de ambos os lados da estrada? O cheiro de corpo de toda aquela gente apenas seria suficiente para deixar uma pessoa louca depois de algum tempo. Seria a mesma coisa que andar 450km através da Times Square na Véspera do Ano-Novo.

— Mas, de fato deixam que o povo venha assistir à passagem, não? Alguém disse que a partir de Oldtown a assistência se transformava numa única enorme multidão.

— De qualquer modo, eu não sou a lagarta — respondeu Stebbins com trai pequeno sorriso misterioso. — Sou mais o tipo do coelho branco, não acha? Exceto que deixei meu relógio de ouro em casa e ninguém me convidou para o chá. Pelo menos, tanto quanto sei, ninguém convidou. Talvez seja isso o que vá pedir quando vencer esta prova.

Quando me perguntarem o que vou querer como Prêmio, responderei: “Ora, quero ser convidado para um chá.”

— Droga!

Ampliou-se o sorriso de Stebbins, mas ele continuava a ser um exercício de repuxamento de lábios.

— Isso mesmo, a partir de Oldtown ou por aí, a restrição acaba. Por essa ocasião, ninguém vai estar pensando muito sobre coisas mundanas cano cheiro de corpo. E haverá cobertura contínua de TV a partir de Augusta. A Longa Marcha é o passatempo nacional, afinal de contas.

— Se é, por que não aqui?

— Cedo demais — disse Stebbins —, cedo demais.

Logo em seguida à curva seguinte, os fuzis troaram novamente, espantando um faisão, que subiu das moitas batendo freneticamente as penas. Garraty e Stebbins completaram a curva mas o corpo já se encontrava fechado dentro de um saco. Trabalho rápido. Não conseguiram identificar o executado.

— A gente chega a um ponto — continuou Stebbins — em que a multidão deixa de importar, seja conto incentivo seja conto desestímulo. Ela deixa de estar ali. É como um Homem num patíbulo, acho. A gente se enfurna, fugindo da multidão.

— Enfurna-se até que ponto, é o que eu gostaria de saber.

— Que profundidade tem você?

— Não sei.

— Bem, isso é uma coisa que você vai descobrir, também. Sondar as profundidades até agora não sondadas de Garraty. Isso até parece anúncio de viagem, ahn? Você se enfurna até atingir o leito rochoso. Depois, se enfurna no leito rochoso. E, finalmente, chega ao fundo. E depois se entrega. É essa a minha ideia. Vamos ouvir a sua.

Garraty ficou calado. Nesse exato momento não tinha ideia alguma.

A Marcha continuou. O calor continuou. O sol permanecia suspenso imediatamente acima da linha de árvores atravessada pela estrada.

Suas sombras se transformavam em entroncados anões. Por volta das dez Horas, um dos soldados desapareceu no alçapão da traseira ela meia-lagarta e reapareceu com uma longa vara na mão. Os dois terços superiores da vara eram revestidos de pano. Fechou a escotilha e enfiou a extremidade da vara em uma abertura no metal. Enfiou a mão por baixo do pano e fez alguma coisa... mexeu em alguma coisa, provavelmente em um botão. Um momento depois, desfraldava-se na ponta da vara um grande guarda-sol de cor parda, que cobriu a maior parte da superfície de metal da meia-lagarta. Ele e dois outros soldados nesse momento de serviço sentaram-se de pernas cruzadas à sombra do guarda-sol do exército.

— Seus filhos da puta nojentos — gritou alguém. — Meu Prêmio vai ser a castração pública de vocês.

Os soldados não pareceram exatamente apavorados de terror a esse pensamento.

Continuaram a vigiar os caminhantes com seus olhos vazios, consultando ocasionalmente o consolo computadorizado.

— Eles provavelmente descontam isso nas esposas — sugeriu Garraty —, quando a Marcha acaba.

— Oh. tenho certeza que sim — concordou Stebbins, e riu.

Garraty não quis mais continuar andando ao lado de Stebbins, não naquele momento.

Stebbins deixava-o nervoso. Só podia aceitá-lo em pequenas doses. Apressou o passo, deixando Stebbins novamente sozinho. Dez horas e dois minutos. Em 23 minutos, descartaria uma advertência, mas naquele momento continuava ainda com três nas costas. :Nas o fato o assustou da maneira que pensara que isso aconteceria. Continuava a haver a confiança inabalável, cega, de que o organismo Ray Garraty não poderia morrer. Os outros, sim, eles eram extras no filme de sua vida, mas não Ray Garraty, estrela desse filme de sucesso de longa metragem, A história de Ray Garraty. Talvez, com o tempo, viesse a compreender não só emocional mas intelectualmente a inverdade de tudo aquilo... talvez essa fosse a profundidade final de que falara Stebbins. Mas era um pensamento arrepiante, desagradável.

Sem se dar conta, percorrera três quartas partes do caminho através do grupo principal.

Nesse momento, descobriu que estava novamente atrás de McVries. Três outros andavam à frente dele numa espécie de linha de conga: Barkovitch à testa da fila, tentando ainda parecer arrogante, mas se rompendo um pouco pelas costuras; McVries, com a cabeça caída sobre o peito, mãos semicerradas, nesse momento poupando um pouco o pé esquerdo; e fechando a raia, o astro de A história de Ray Garraty, ele mesmo. E que tal eu pareço? perguntou a si mesmo.

Levou a mão a um lado do rosto e ouviu o som áspero do atrito com o restolho da barba por fazer. Provavelmente, não parecia também uma coisa vistosa.

Acelerou um pouco mais e começou a andar ao lado de McVries, que o fitou por um instante e depois voltou a olhar para as costas de Barkovitch. Olhos sombrios e difíceis de interpretar.

Subiram uma ladeira curta, íngreme e cruelmente ensolarada e cruzaram em seguida outra pequena parte. Passaram-se 15 minutos, depois, vinte. McVries continuava calado.

Duas vezes, Garraty pigarreou para falar mas nada disse. Pensou que quanto mais tempo o indivíduo passa sem falar. mais difícil é romper o silêncio. Provavelmente, nesse momento, McVries estava puto de raiva porque lhe salvara a vida. Provavelmente se arrependera. Esse pensamento provocou-lhe uma contração no estômago vazio. Aquilo tudo era estúpido, irremediável, sem propósito, acima de tudo tão sem propósito que realmente dava pena. Abriu a boca para dizer isso a McVries, mas, antes de poder, McVries falou:

— Está tudo bem. — Barkovitch deu um salto ao ouvir-lhe a voz e McVries acrescentou: — Não com você, assassino. Nada jamais vai ficar bem pra você. Simplesmente continue a andar.

— Chupe meu pau — rosnou Barkovitch.

— Acho que lhe causei algum problema — disse Garraty em voz baixa

— Eu lhe disse, uma mão lava a outra, estamos quites e isso é final — respondeu tranquilo McVries. — Não vou fazer aquilo novamente. Quero que saiba disso.

— Eu entendo — disse Garraty. — Eu queria apenas...

— Não me machuque! — gritou alguém. — Por favor, não me machuque!

Era um ruivo que trazia a camisa quadriculada amarrada em volta da cintura. Parara no meio da estrada e estava chorando. Recebeu a primeira advertência. Correu pari a meia lagarta, as lágrimas deslizando como riachos pela poeira suada do rosto, os cabelos ruivos brilhando como fogo ao sol.

— Não... eu não posso... por favor... minha mãe... eu não posso... não... não... meus pés...

Tentava subir pelos lados da meia-lagarta. Um dos soldados desceu sobre as mãos dele, com toda força, a coronha do fuzil. O rapaz caiu e desabou como uma trouxa.

Gritou novamente, em uma nota incrivelmente alta e que parecia suficientemente aguda para estilhaçar vidros e o que gritava era:

— Meus pééééééééééééééééééééés...

— Jesus — murmurou Garraty. — Por que ele não acaba com isso?

Os gritos continuaram, continuaram, continuaram.

— Duvido que ele possa — observou clinicamente McVries. — A esteira traseira da meia lagarta passou por cima das pernas dele.

Garraty olhou e sentiu o estômago saltar para a garganta. Era verdade. Era natural que o garoto ruivo estivesse gritando a respeito dos pés. Haviam sido esmagados.

— Advertência! Advertência, número 38!

— Éééééééééééééééééééé...

— Quero voltar pra minha casa — disse alguém baixinho atrás de Garraty. — Oh, Cristo, como quero voltar pra minha casa.

Um momento depois, o rosto do ruivo foi arrancado com uma bala.

— Vou ver minha namorada em Freeport — disse rapidamente Garraty. — Não vou receber mais nenhuma advertência e vou beijá-la, oh, Deus, como sinto falta dela, Jesus, você viu as pernas dele? Ainda estavam advertindo-o, Pete, como se ele pudesse levantar-se e andar...

— Outro garoto foi morar no Reino dos Céus, foi, foi... — começou a cantar Barkovitch.

— Cale essa boca, assassino — disse distraidamente McVries. — Ela é bonita, Ray? Sua namorada?

— Bela. Amo-a.

McVries sorriu.

— Vai casar com ela?

— Vou — respondeu Garraty, balbuciando. — Vamos ser o Sr. e Sra. Casal Normal, quatro filhos, um cachorro collie, as pernas, ele não tinha mais pernas, passaram por cima dele, eles não podem passar por cinta de um cara, isso não está nas regras, alguém devia denunciar isso, alguém...

— Dois meninos e duas meninas, é isso o que vão ter?

— Isso mesmo, isso mesmo, ela é bela, eu simplesmente queria não ter...

— E o primeiro garoto vai clamar-se Ray Junior e o cachorro vai ter um prato com o nome dele, certo?

Garraty levantou lentamente a cabeça, como um boxeador estonteado por tanta

pancada.

— Está tirando sarro comigo, ou o quê?

— Não! — exclamou Barkovitch. — Ele está cagando em cima de você, cara! E não esqueça isso! Em seu nome, vou dançarem cima da sepultura dele, não se preocupe.

E soltou uma curta gargalhada.

— Cale essa boca, assassino — disse McVries. — Eu não estou cagando em cima de você, Ray. Vamos, vamos sair de junto desse assassino aí.

— Meta isso no cu! — gritou Barkovitch às costas deles.

— Ela o ama? Sua namorada? Jan?

— Sim, acho que sim.

McVries sacudiu devagar a cabeça.

— Toda essa merda romântica... sabia?, é verdade. Pelo menos, para algumas pessoas, por algum tempo. Foi para mim. Eu me sentia igualzinho a você. — Olhou para Garraty. — Ainda quer saber a respeito da cicatriz?

Completaram uma curva na estrada e um grupo de crianças gritou agudamente e acenou para eles.

— Quero.

— Por quê?

Olhou para Garraty, mas seus olhos subitamente desguarnecidos poderiam estar examinando a si mesmo.

— Quero ajudá-lo — respondeu Garraty.

McVries olhou para o pé esquerdo.

— Dói. Não posso mexer mais os dedos como antes. O pescoço está duro e os rins me incomodam. Acabei descobrindo que minha namorada era puta, Garraty. Meti-me nesta merda da Longa Marcha da mesma maneira como aqueles caras que entravam na Legião Estrangeira. Nas palavras daquele grande poeta do rock and roll, dei-lhe meu coração, ela o rasgou e quem dá o mínimo peido pelo estado em que estou?

Garraty conservou-se calado. Eram 10:30 da manhã e Freeport ainda estava longe.

— O nome dela era Priscilla— continuou McVries. — Você pensa que tem um caso? Eu era o apaixonado da tradição, inteiramente perdido de amores por ela. Beijava-lhe as pontas dos dedos. Dei mesmo para ler Keats para ela nos fundos da casa, quando o vento era o certo. O pai dela criava vacas e o cheiro de merda de vaca, para dizer a coisa da maneira mais delicada possível; combina-se de uma maneira muito peculiar com as obras de John Keats. Talvez eu devesse ter lido Swinburne para ela quando o vento soprava errado.

McVries soltou uma risada.

— Você esta falseando o que sentia — disse Garraty.

— Ah, não, você é que está falseando, Ray. Não que isso tenha alguma importância. Tudo que você lembra é o Grande Romance, não as vezes em que voltou para casa e tocou urna punheta depois de murmurar palavras de amor nas orelhas cor-de-rosa dela.

— Você falseia de sua maneira, eu falseio da minha.

Aparentemente, McVries não o ouviu.

— Essas coisas, elas nem mesmo justificam uma conversa — disse. J. D. Salinger... John Knowles... até mesmo James Kirkwood e aquele cara, Don Bredes... eles destruíram o estado de alguém ser um adolescente, Garraty. Se você tem 16 anos de idade, não pode discutir mais com qualquer decência o amor adolescente. Você acaba parecendo apenas um safado como Ron Howard com uma ereção.

McVries riu, um pouco histericamente. Garraty não fazia a mínima ideia do que ele estava falando. Seguro em seu amor por Jan, não se sentia o mínimo embaraçado a esse respeito. Seus pés continuaram a raspar a estrada. Garraty achou que o salto direito estava fraquejando. Antes de muito tempo, as tachas cederiam e ele jogaria fora o salto como se fosse uma pele morta. Atrás deles, Scramm explodiu num acesso de tosse. Era a Marcha que o preocupava, não essa merda esquisita sobre amor romântico.

— Mas isso nada tem a ver com a história — recomeçou McVries, como se lhe estivesse lendo o pensamento. — A respeito da cicatriz. Isso aconteceu no verão passado. Nós dois queríamos fugir de casa, fugir de nossos pais, fugir do cheiro de toda aquela merda de gado, de modo que o Grande Romance pudesse florescer com toda força. De modo que arranjamos emprego trabalhando para uma fábrica de pijamas de Nova Jersey. O que é que você acha disso, Garraty? Uma fábrica de pijamas em Nova Jersey.

— Arranjamos apartamentos separados em Newark. uma grande cidade. Newark, em certos dias podemos sentir nela todo o cheiro de merda de vaca que há em Nova Jersey. Nossos pais estrebucharam um pouco, mas, com apartamentos separados e bons empregos de verão, não estrebucharam muito. Eu dividia meu apartamento com dois outros caras e Pris o dela com três moças. Viajamos no dia 3 de junho em meu carro, paramos por volta das três hora da tarde em um motel e resolvemos o problema da virgindade. Eu me sentia como um verdadeiro canalha. Ela não queria realmente foder, mas queria me agradar. A coisa aconteceu no motel Shady Nook. Quando terminamos, joguei a camisinha na latrina do Shady Nook e enxaguei a boca com um copo de papel Shady Nook. Tudo muito romântico, muito etéreo.

— Em seguida, pegamos a estrada para Newark, sentindo cheiro de bosta de vaca mas absolutamente convencidos de que era uma bosta de vaca diferente. Deixei-a no apartamento dela e fiei para o meu. Na segunda-feira seguinte começamos a trabalhar na fábrica Plymouth Sleepwear. A coisa não se parecia muito com o cinema, Garraty. O lugar fedia a paio cru e meu contramestre era um safado. Na hora do almoço, a gente

tentava pegar com ganchos de puxar sacos os ratos que corriam por baixo do pano. Mas eu não me importava porque estava apaixonado. Entendeu? Eu estava apaixonado.

Cuspiu seco no chão, tomou um gole no cantil e gritou, pedindo outro. Nesse momento subiam um longo morro com curvas de nível e as palavras saíam aos arrancos:

— Pris trabalhava no térreo, a vitrina para todos aqueles turistas idiotas que não tinham nada melhor a fazer do que visitar o lugar que fabricava seus pijamas. Era agradável o lugar onde Pris trabalhava. Paredes em tom pastel, boa maquinaria moderna, ar condicionado. Pris pregava botões das 7:00h da manhã até às 3:00h da tarde. Pense só nisso, há homens em todo o país usando pijamas abotoados com os botões que Priscilla pregou. Isso é um pensamento para aquecer o coração mais frio.

— Eu trabalhava no quinto andar. Era embalador. A coisa era assim: no porão tingiam o pano cru e enviavam-no ao quinto andar por aqueles tubos de ar quente. Tocavam uma campainha quando a partida inteira estava pronta, eu abria meu depósito e lá estava uma carga inteira de fibras soltas, de todas as cores do arco-íris. Eu as retirava com um forcado, colocava-as em sacos de 100kg e erguia os sacos com uma grua e os colocava em uma pilha enorme de outros sacos, que iam entrar na máquina de separação. A máquina separava-as, outras máquinas teciam-nas, uns caras cortavam o tecido e o transformavam em pijamas. Lá embaixo, naquele bonito primeiro andar de tons pastel, Pris pregava os botões, enquanto turistas imbecis a observavam e a outras moças através do vidro... exatamente conto as pessoas estão nos observando hoje. Você está entendendo o que estou contando, Garraty?

— A cicatriz — lembrou-lhe Garraty.

— Eu continuo a me extraviar dessa parte, não é? — McVries enxugou a testa e desabotoou a camisa ao chegarem ao alto do morro.

Bosques em ondas estendiam-se à frente deles até um horizonte eriçado de montanhas.

Encaixavam-se com o céu como se fossem pedras de um quebra-cabeça. Talvez a uns 15km de distância, quase perdida na névoa seca, uma torre de vigilância de incêndio projetava-se do meio do verde. A estrada cortava tudo aquilo como se fosse uma serpente cinzenta coleante.

— No começo, a alegria e a bem-aventurança foram Keatsville puro. Fodi com ela três outras vezes, todas elas num drive-in, com o cheiro de merda de vaca, que vinha da pastagem próxima, entrando pela janela do carro. Eu nunca conseguia tirar todos os fios soltos de tecido de meus cabelos, por mais que os lavasse, e a pior coisa era que ela estava se afastando de mim, ficando fora do meu alcance, eu a amava, realmente amava, sabia que amava e não havia maneira de eu lhe dizer como a amava para que ela compreendesse. Não podia nem mesmo meter essa verdade nela. 1lavia sempre aquele cheiro de bosta de vaca.

— O problema, Garraty, era que a fabrica trabalhava no regime de tarefa. Isso

significava que ganhávamos um salário de merda, mas também uma percentagem sobre tudo que fazíamos acima de certo mínimo. Eu não era um embalador muito bom. Preparava 23 fardos por dia, mas a norma era em geral de uns trinta. E isso não me transformava num favorito dos rapazes, porque eu estava bagunçando a rotina deles. Harlan, que trabalhava na seção de fingimento, não podia ganhar extras porque eu estava retardando seus tubos de remessa com meus depósitos cheios. Ralph, na máquina de separar, também não podia porque eu não lhe fornecia sacos em número suficiente. Não era uma coisa agradável. Eles providenciaram para que não fosse. Entendeu?

— Entendi. — disse Garraty. Passou as costas da mão pelo pescoço e em seguida enxugou-a na calça, deixando uma mancha escura.

— Enquanto isso, tia seção de botões, Pris estava se mantendo muito ocupada. Em algumas noites, ela falava durante horas sobre suas amigas e era sempre a mesma cantiga: quanto esta estava ganhando; quanto aquela outra estava recebendo. E, principalmente, quanto ela estava fazendo. E estava ganhando um bocado. De modo que tive que descobrir como é divertido entrarem concorrência com a moça com quem a gente quer casar. Ao fim da semana, eu voltava pra casa com um cheque de US$64,40 e botava um pouco de creme nas minhas bolhas d'água. Ela estava ganhando uns noventa por semana e guardando tudo com a mesma rapidez com que podia ir ao banco. E quando eu sugeria que a gente fosse a algum lugar dividindo as despesas, até parecia que eu havia sugerido um assassinato ritual.

— Depois de algum tempo, deixei de meter nela. Eu gostaria de dizer que deixei de ir para a cama com ela, é mais elegante, mas nós nunca tivemos uma cama para ir. Não podia levá-la para meu apartamento, onde Havia sempre uns 16 caras bebendo cerveja, e Havia sempre gente no dela — pelo menos, era o que ela sempre dizia — e eu não podia pagar outro quarto de motel e, claro, não ia sugerir que a gente dividisse as despesas nisso, de modo que eu só metia nela no assento traseiro do carro no drive-in. E podia ver que ela estava ficando enojada disso. E desde que eu sabia disso e começara a odiá-la, mesmo que ainda a amasse, pedi que se casasse comigo. Imediatamente. Ela começou a rir, tentando me desconcertar, mas eu insisti, sim ou não.

— E foi não.

— Claro que foi. — Pete, nós não temos condições para casar. O que mamãe ia dizer, Pete.

Temos que esperar. — Pete isto e Pete aquilo e a verdadeira razão o tempo todo era o dinheiro dela, o dinheiro que estava ganhando pregando botões.

— Bem, você foi muito injusto em pedi-la em casamento.

— Claro que foi injusto! — respondeu selvagemente McVries. — Eu sabia. Queria que ela se sentisse como uma putinha gananciosa e egoísta porque ela estava me fazendo sentir um fracassado.

Levou a mão até a cicatriz.

— Apenas ela não tinha que fazer com que eu me sentisse um fracasso porque eu era um fracasso. Eu não tinha nada em particular em meu nome. exceto um pau para meter nela, e ela nem mesmo me fazia sentir como um homem, recusando-se a isso.

Os fuzis troaram atrás deles.

— Olson? — perguntou McVries.

— Não. Ele continua lá atrás.

— Oh...

— A cicatriz — lembrou-lhe Garraty.

— Poxa, por que não esquece isso?

— Você salvou minha vida.

— Foda-se.

— A cicatriz.

— Eu me meti numa briga — disse finalmente McVries após uma longa pausa. Com Ralph, o cara da máquina separadora. Ele me deu dois olhos pretos e disse que era melhor eu cair fora dali, ou quebraria também meus braços. Pedi as contas e disse a Pris naquela noite que eu havia desistido. Ela podia ver por si mesma como eu estava. Compreendeu. Disse que, provavelmente, era a melhor coisa a fazer. Disse a ela que ia voltar pra casa e pedir a ela para ir comigo. Ela respondeu que não podia. Eu disse que ela nada mais era do que uma escrava de suas drogas de botões e que queria nunca tê-la conhecido. Havia tanto veneno assim em mim, Garraty. Eu disse que ela era uma puta idiota e sem sentimentos que não podia ver um palmo além daquele maldito talão de cheques que levava na bolsa. Nada do que eu disse foi justo, mas... havia alguma verdade naquilo, acho. O suficiente. Estávamos no apartamento dela. Era a primeira vez que eu ia ali mim momento em que as companheiras dela se encontravam fora. Tinham ido ao cinema. Tentei levá-la para a cama e ela cortou meu rosto com um abridor de cartas. Era um abridor de fantasia, que uma amiga lhe mandara da Inglaterra. Decorado com um urso de brinquedo. Ela me cortou como se eu estivesse tentando estuprá-la. Como se eu fosse um germe que pudesse contaminá-la. Está pegando o sentido da coisa, Ray?

— Estou, estou entendendo— respondeu Garraty.

À frente deles, um furgão branco com as palavras WHGH NEWSMOBILE pintadas nos lados, foi intimada a sair da estrada. Aproximando-se do veículo, um tipo com os cabelos começando a rarear e vestindo um terno lustroso começou a filmá-los com uma grande câmera de noticiário de cinema. Pearson, Abraham e Jensen pegaram os colhões com a mão esquerda e deram bananas com a direita. Nesse pequeno gesto de desafio houve uma precisão de movimentos que divertiu Garraty.

— Chorei — disse McVries. — Chorei feito um bebê. Caí de joelhos, agarrei a barra

da saia dela e implorei que me perdoasse e, enquanto isso, o sangue escorria pelo chão. Foi uma cena basicamente nojenta, Garraty. Ela sentiu vontade de vomitar e correu para o banheiro. Vomitou. Ouvi-a vomitando. Quando saiu de lá, trouxe uma toalha para estancar o sangue. Disse que nunca mais queria me ver. Chorando. Perguntou por que eu fizera aquilo com ela, magoando-a daquela maneira. Disse que eu não tinha o direito de fazer isso. E ali estava eu, Garraty, com o rosto aberto de um lado ao outro e ela me perguntando por que eu a magoara.

— Ahn...

— Saí de lá com a toalha tapando o rosto. Levei 12 pontos, essa é a história da fabulosa cicatriz, e não está contente em tê-la ouvido?

— Esteve com ela desde então?

— Não. Eu não tenho nenhuma grande vontade de voltar a vê-la. Ela agora me parece muito pequena, muito distante. Nesta altura de minha vida, Pris nada mais é do que um ponto no horizonte. Ela era, realmente, um caso mental, Ray. Alguma coisa... a mãe dela, talvez, a mãe era alcoólatra... alguma coisa provocara nela uma fixação em dinheiro. Era uma unha de fome como nunca vi igual. A distância confere perspectiva, é o que dizem. Ontem pela manhã Pris ainda era muito importante para mim. Agora, não é mais nada. Essa história que lhe contei, pensei que ia me machucar, não machucou em nada. Além do mais, duvido que ela tenha realmente alguma coisa a ver com o motivo por que estou aqui. Na ocasião, ela foi apenas uma desculpa conveniente.

— Como assim?

— Por que é que você está aqui, Garraty?

— Não sei.

Respondeu mecanicamente, como uma voz de boneca. Aborto D’Allessio nunca pudera ver a bola que chegava — os olhos dele não prestavam, seu senso de profundidade era torto —, ela batia na testa dele, e marcou-o com vários pontos. E mais tarde (ou mais cedo... todo seu passado estava nesse momento confuso e fluido) ele atingira o melhor amigo na boca com o cano de sua espingarda de ar comprimido. Talvez ele tivesse uma cicatriz como McVries. Jimmy. Ele e Jimmy brincaram uma vez de médico.

— Você não sabe — disse McVries. — Está morrendo e não sabe por quê.

— Isso não é importante depois que o cara morre.

— É, talvez — concordou McVries —, mas há uma coisa que você deve saber, Ray, de modo que tudo isto não seja sem sentido.

— O quê?

— Ora, que você foi embrulhado. Quer dizer que não sabe realmente disso, Ray? Não sabe, realmente?

CAPÍTULO 9

"Muito bem. Nordestino, esta é a sua pergunta que vale dez pontos."

— ALLEN LUDDEN
College Bowl

À 1:00h da tarde, garraty fez novo levantamento da situação.

Cento e oitenta e cinco quilômetros percorridos. Estavam a 70km ao norte de Oldtown, a 200km de Augusta, a capital estadual, a 240km (ou mais... sentiu medo terrível de que houvesse uma distância de mais de 40km entre Augusta e Freeport), de Freeport, provavelmente dois terços até a fronteira de New Hampshire. E o que se dizia era que essa Marcha chegaria com certeza a esse ponto.

Durante muito tempo — noventa minutos, mais ou menos — ninguém recebera o bilhete azul. Andavam, escutavam parcialmente os aplausos à beira de calçadas e estradas e olhavam para quilômetro após monótono quilômetro de bosques de pinheiros.

Descobriu novas agulhadas de dor na panturrilha esquerda que foram fazer companhia ao latejamento contínuo, duro, que se alojara em ambas as pernas e o sofrimento baixo que eram os pés.

Por volta de meio-dia, quando o calor do dia subia para o auge, os fuzis voltaram a ser ouvidos. Um rapaz chamado Tressler, número 92, sofreu um ataque de insolação e foi morto enquanto jazia inconsciente na estrada. Outro rapaz sofreu uma convulsão e recebeu seu bilhete azul; estrebuchava, emitindo ruídos feios com a língua que engolira.

Aaronson, número 1, teve câimbras em ambos os pés e foi morto em cima da linha branca, de pé como se fosse uma estátua, o rosto virado para o sol numa concentração que lhe espichava o pescoço. Aos 5min para 1:00h, outro rapaz que não conhecia caiu também com um ataque de insolação.

Foi aqui onde entrei, pensou, dando a volta em torno da forma esperneante na estrada para onde apontavam os fuzis, vendo as joias de suor nos cabelos do rapaz exausto e que logo depois estaria morto. Foi aqui onde entrei, não posso ir embora agora.

Os fuzis troaram e um grupo de alunos de escola secundária, à sombra escassa de um acampamento de escoteiros, aplaudiu por alguns momentos.

— Eu queria que o major aparecesse — disse irritadamente Baker. — Quero falar com o major.

— O quê? — perguntou mecanicamente Abraham.

Ficara mais encovado nas últimas horas, os olhos mais fundos nas órbitas, uma

sugestão azulada de barba cobrindo-lhe o rosto.

— Para que eu possa mijar em cima dele — disse Baker.

— Relaxe — aconselhou Garraty. — Simplesmente, relaxe. Havia descartado todas as suas três advertências.

— Relaxe você — retrucou Baker. — E veja o que é que isso lhe consegue.

— Você não tem o direito de odiar o major. Ele não o forçou.

— Forçou? Se ele me FORÇOU? Ele está me MATANDO. Só isso.

— Ainda assim não é...

— Cale essa boca — ordenou seco Baker, e Garraty calou-se.

Coçou por um momento a nuca e olhou para o céu branco-azulado. A sombra que projetava era uma trouxa deformada quase embaixo dos pés. Emborcou o terceiro cantil do dia e esvaziou-o.

— Desculpe — disse Baker. — Não tive intenção de gritar com você. Meus pés...

— Claro — desculpou-o Garraty.

— Nós todos estamos ficando dessa maneira — continuou Baker. Às vezes, acho que esta é a pior parte.

Garraty fechou os olhos. Sentia-se muito sonolento.

— Você sabe o que eu gostaria de fazer? — perguntou Pearson.

Nesse momento, andava entre Garraty e Baker.

— Urinar em cima do major— disse Garraty. — Todo mundo quer mijar no major. Quando ele aparecer novamente, a gente se junta, derruba-o, abre a braguilha e o afoga em mijo...

— Não é isso o que eu quero fazer. — Pearson andava como um homem nos últimos estágios da embriaguez ainda consciente. Sua cabeça girava em semicírculos, as pálpebras se fechavam e abriam rapidamente como venezianas espásticas. — Não é nada que tenha a ver com o major. Queria entrar no campo mais próximo, deitar-me e fechar os olhos. Simplesmente ficar deitado de costas no trigo...

— No Maine não se planta trigo — esclareceu Garraty. — Planta-se feno.

— ... no feno, então. E compor um poema. Enquanto caía no sono.

Garraty procurou no novo cinto de alimentos e nada encontrou na maioria dos bolsos.

Finalmente, encontrou um pacote de Saltines em papel encerado e começou a comê-los rebatendo com água.

— Eu me sinto como se fosse uma peneira — disse. — Bebo e a água aparece na pele dois minutos depois.

Os fuzis detonaram novamente e outro corpo caiu, sem graça nenhuma,

simplesmente como um mamulengo cansado.

— Sessenta quilômetros — disse Scramm, juntando-se a eles. — Acho que, a este ritmo, não chegaremos nem a Portland.

— Você não parece lá muito bem — observou Pearson e bem que poderia haver um cauteloso otimismo em sua voz.

— Sorte minha estarem boas condições físicas — respondeu alegre Scramm. — Se não fosse isso, acho que estaria com febre agora.

— Jesus, como é que você consegue continuar? — perguntou Abraham e havia uma espécie de medo religioso em sua voz.

— Eu? Está falando sobre mim? — perguntou Scramm. — Olhe pra ele! Como é que ele consegue continuar? Era isso que eu queria saber!

E, com o polegar, indicou Olson.

Olson não falava havia duas horas. Nem mesmo tocara no cantil recebido por último.

Olhares gananciosos eram lançados a seu cinto de alimentos, que permanecia quase intacto. Seus olhos, parecendo obsidiana preta, estavam diretamente fixados à frente. O rosto eriçado por uma barba de dois dias tinha um aspecto doentiamente vulpino. Até mesmo o cabelo, enrolado atrás e caído sobre a testa, reforçava a impressão geral que ele dava de aparência vampiresca. Os lábios calcinados pelo calor enchiam-se de bolhas.

A língua pendurada sobre o lábio inferior lembrava uma serpente morta á beira da toca.

Seu rosado sadio fora substituído por um cinzento sujo, coberto de poeira da estrada.

Ele já chegou lá, pensou Garraty, certamente que chegou. Ao lugar onde todos chegaremos, como disse Stebbins, se continuarmos a andar por tempo suficiente. Até que ponto dentro de si mesmo ele desceu? Quilômetros? Anos-luz? Até que profundidade e até que escuridão? E a resposta lhe ocorreu: Fundo demais para olhar para fora. Está escondido ali, na escuridão, e ela é funda demais para que ele possa olhar para fora.

— Olson? — disse baixinho. — Olson?

Não obteve resposta. Em Olson, nada se movia, exceto os pés.

— Eu gostaria que ele pelo menos puxasse a língua para dentro — sussurrou nervoso Pearson.

A Marcha continuou.

Os bosques dissolveram-se às costas dos caminhantes que nesse momento passavam por outro trecho largo da estrada, ou rua, as calçadas cheias de espectadores que os ovacionavam. Mais uma vez, predominavam tabuletas com o nome de Garraty.

Porém, logo em seguida os bosques se fecharam sobre eles. Mas nem mesmo podiam nesse momento impedir a presença de espectadores, que nesse momento começavam a ocupar os acostamentos de terra da estrada. Moças bonitas usando bermudas e frentes-únicas, rapazes enfiados em calções de beisebol e camisas-regata.

Um feriado alegre, pensou Garraty.

Não podia mais desejar não estar ali; estava cansado e entorpecido demais para fazer um retrospecto. O que fora feito havia sido feito. Nada no mundo podia mudar aquilo.

Antes de muito tempo, especulou, seria um esforço grande demais até mesmo falar com os outros. Desejou poder esconder-se dentro de si mesmo como um menininho enrolado dentro de um tapete, sem mais preocupações. Dessa maneira, tudo se tornaria muito mais simples.

Pensou durante muito tempo no que McVries lhe dissera. Que todos eles haviam sido embrulhados, engazopados. Mas isso não podia ser verdade, insistiu teimoso consigo mesmo. Um deles não havia sido embrulhado. Um deles ia embrulhar todos os outros... não era verdade?

Passou a língua pelos lábios e bebeu um pouco de água.

Passaram por uma pequena tabuleta verde que informava que a estrada expressa do Maine se encontrava a 7km dali.

— É isso — disse, não se dirigindo a ninguém em particular. — Setenta quilômetros até Oldtown.

Ninguém respondeu e Garraty estava justamente pensando em atrasar um pouco o passo para se emparelhar com McVries quando chegaram a outro cruzamento e uma mulher começou a gritar. O tráfego fora desviado por cordões de isolamento e a multidão se apertava ansiosa contra eles e os policiais que mantinham a ordem. Acenaram com as mãos, as tabuletas, os vidros de loções bronzeadoras.

A mulher que gritara era grandalhona, de rosto vermelho. Lançou-se contra um dos cavaletes de isolamento, que chegava à altura da cintura, derrubou-o e puxou com ele um bocado de metros da corda amarela viva do isolamento. Logo depois, lutava, unhava e gritava com os policiais que a continham. Os policiais grunhiam com o esforço.

Eu a conheço, pensou Garraty. De onde?

O lenço azul. Os olhos faiscantes, beligerantes. Até mesmo o vestido azul-marinho com a bainha torta. Tudo aquilo era muito conhecido. Os gritos da mulher tornaram-se incoerentes. Uma das mãos da mulher arrancou fitas de sangue do rosto de um dos policiais que a prendiam — tentavam prendê-la.

Garraty passou a uma distância de três metros dela. Nesse momento, lembrou-se de onde a vira — era a mamãe de Percy, claro. Percy que tentara escapulir para os bosques e, em vez disso, entrara direto no outro mundo.

— Eu quero meu filho! — gritou ela. — Eu quero meu filho!

A multidão aplaudiu, entusiástica e imparcialmente. Um menininho atrás da mulher cuspiu nas pernas dela e depois fugiu dali correndo.

Jan, pensou Garraty, estou andando para ir ao seu encontro, Jan, esta outra merda que se dane, juro por Deus que estou indo para junto de você. Mas McVries tivera razão. Jan não quisera que participasse. Chorara. Implorara que ele mudasse de ideia. Eles podiam esperar, ela não queria perdê-lo, por favor, Ray, não seja estúpido, a Longa Marcha nada mais é do que assassinato...

Estavam sentados em um banco ao lado do coreto. Isso acontecera há um mês, em abril, e enlaçava-a pela cintura. Usando o perfume que ele lhe dera de presente de aniversário.

O perfume parecia realçar um secreto cheiro de mulher nela, um cheiro sombrio, carnal, embriagante. Vou ter que ir, dissera, vou ter que ir, você não compreende, vou ter que ir.

Ray, você não compreende o que está fazendo. Ray, por favor, não vá. Eu o amo.

Bem, pensou nesse momento, continuando a descer a estrada, ela estava certa a esse respeito. Eu de jeito nenhum compreendia o que estava fazendo.

Mas não entendo nem mesmo agora. Esse é que é o problema. O puro e simples problema.

— Garraty?

Levantou bruscamente a cabeça, sobressaltado. Estivera novamente semi-adormecido.

Reconheceu McVries, andando a seu lado.

— Como é que está se sentindo?

— Sentindo? — repetiu cauteloso Garraty. — Muito bem, acho. Acho que estou muito bem.

— Barkovitch está nas últimas — disse McVries com uma tranquila alegria. Tenho certeza disso. Está falando sozinho. E mancando.

— Você está mancando, também — lembrou Garraty. — E Pearson. E eu, também.
— O pé está doendo, só isso. Mas Barkovitch... está esfregando a perna o tempo todo. Acho que está com um estiramento muscular.

— Por que você o odeia tanto? Por que não Collie Parker? Ou Olson? Ou todos nós?

— Porque Barkovitch sabe o que está fazendo.

— Ele joga para ganhar, é isso que você quer dizer?

— Você não entende o que quero dizer, Ray.

— Duvido que você mesmo se entenda — retrucou Garraty. — Claro, ele é um calhorda.

Talvez seja preciso ser calhorda pra vencer.

— Os bons rapazes chegam por último?

— Como posso saber?

Passaram por uma escola de madeira, de um único cômodo. Reunidos no pátio de recreio, as crianças acenaram. Vários meninos haviam subido para os aparelhos de ginástica e se postavam ali como sentinelas. Garraty lembrou-se dos operários no depósito de madeira, a uma grande distância para trás.

— Garraty! — gritou um deles. — Ray Garraty! Garra-tyy!

Um menino de cabelos desgrenhados saltava para cima e para baixo no nível mais alto do aparelho, gesticulando com ambos os braços. Meio sem graça, Garraty retribuiu o aceno. O menino deu uma cambalhota, ficou pendurado peia parte traseira das pernas e continuou a acenar. Sentiu-se um pouco aliviado quando ele e o pátio de repente ficaram para trás. Essa última manifestação fora um pouco demais para nela pensar por muito tempo.

Pearson reuniu-se a eles.

— Andei pensando...

— Poupe suas forças — aconselhou McVries.

— Essa foi fraca, homem, foi fraca.

— No que foi que você andou pensando? — perguntou Garraty.

— Como vai ser duro para o penúltimo cara.

— Por que tão duro? — quis saber McVries.

— Bem... — Pearson esfregou os olhos e depois olhou com as pálpebras apertadas para um pinheiro que fora atingido por um raio há muito tempo. — Vocês sabem, vencer todo mundo na marcha, absolutamente todo mundo, menos aquele último cara. Devia haver um Prêmio para o segundo colocado, é isso o que eu penso.

— O quê? — perguntou McVries em voz sem expressão.

— Não sei.

— Que tal ele ganhar a vida? — perguntou Garraty.

— Quem é que andaria para ganhar isso?

— Ninguém, antes de a Marcha começar, talvez. Mas, neste momento, eu ficaria muito feliz apenas com isso, o diabo que levasse o Prêmio, que levasse o que mais quero. E você?

Pearson pensou muito tempo na pergunta.

— Eu simplesmente não consigo ver o sentido disso — respondeu finalmente, em tom de desculpa.

— Diga a ele, Pete — convidou Garraty.

— Dizer a ele o quê? Ele tem razão. A banana inteira ou nada de banana.

— Você está louco — disse Garraty, mas sem muita convicção.

Sentia muito calor e estava muito cansado e identificou os começos remotos de uma dor de cabeça no fundo dos olhos. Talvez seja assim que começa um ataque de insolação, pensou. Talvez essa fosse a melhor maneira, também. Simplesmente cair em uma sonhadora meia consciência, em câmara lenta, e acordar morto.

— Certo — disse amigavelmente b4cVries. — Nós todos somos loucos, ou não estaríamos aqui. Eu achava que havíamos esclarecido isso há muito tempo. Nós queremos morrer, Ray. Será que não meteu isso ainda em sua cabeça dura e doente? Olhe para Olson. Um crânio no alto de uma vara. Diga-me que ele não quer morrer. Você não pode. Segundo lugar? Já é muito ruim que mesmo um de nós tenha que ser esbulhado do que realmente quer.

— Não entendo nada dessa história de doido — disse finalmente Pearson. Simplesmente não acho que um cara deva ser eliminado porque chegou em segundo lugar.

Garraty explodiu numa gargalhada.

— Você está doido — disse.

McVries riu também.

— Agora você está começando a ver as coisas de meu jeito. Pegue um pouco mais de sol, cozinhe um pouco mais o cérebro e vamos transformá-lo num verdadeiro crente.

A Marcha continuou.

O sol parecia elegantemente equilibrado no telhado do mundo. A temperatura chegou aos 27,5°C (um dos rapazes tinha um termômetro de bolso) e alcançou os 28°C durante alguns escaldantes minutos. Vinte e oito graus, pensou Garraty. Vinte e oito graus. Não tão quente assim. Em julho a temperatura chegava a 32°C. Exatamente a temperatura certa para sentar-se no quintal sob um olmo e comer uma salada de galinha sobre alface.

Trinta e dois graus. Exatamente o certo para dar um mergulho de barriga no trecho mais próximo do rio Royal, oh, Jesus, isso não seria uma gostosura? A água era quente na superfície, mas era fria à altura dos pés e a gente podia sentir a corrente puxando um pouco e havia sugadouros junto as pedes, mas o cara podia identificá-los se não fosse um boboca. Toda aquela água, bancando a pele, os cabelos, a virilha. A carne trêmula tremeu ao pensar nisso. Trinta e dois graus. Exatamente o certo para vestir calção de banho e deitar-se na rede do fundo do quintal com um bom livro nas mãos. E, talvez, cochilar um pouco. Certa vez, puxara Jan para a rede com ele e tinham ficado deitados a!i juntos, balançando-se e bolinando até que seu pau se transformou numa longa pedra quente. Ela não parecera importar-se. Trinta e dois graus. Cristo em um Chevrolet, trinta e dois graus.

Esqueça isso, esqueça isso.

— Nunca senti tanto calor em toda minha vida — disse Scramm, falando através do nariz entupido. O rosto largo estava vermelho e gotejava suor. Tirara a camisa para ventilar o tronco cabeludo. O suor corria por todo o seu corpo como se fossem pequenos regatos nas inundações de primavera.

— É melhor voltar a vestir a camisa — aconselhou Baker. — Vai pegar um resfriado quando o sol começar a descer. Aí você vai se meter realmente numa fria.

— Essa droga de código — disse Scramm. — Eu estou queimando.

— Vai chover— consolou-o Baker. Olhou para o céu vazio. — Tem que chover.

— Não tem que haver coisa nenhuma — explodiu Collie Parker. — Nunca vi um estado mais ordinário do que este.

— Se não gosta dele, por que não vai pra casa? — perguntou Garraty, e sorriu tolamente.

— Meta essa gracinha no eu.

Garraty obrigou-se a beber um pouco de água no cantil. Não queria cólicas estomacais pela água. Essa seria uma maneira péssima de comprar um bilhete azul. Tivera isso certa vez e uma única experiência era o bastante. Estivera ajudando os vizinhos, os Elwells, a recolher o feno. A temperatura estivera explosivamente quente no alto do celeiro dos Elwells e o pessoal trabalhava guardando os fardos de feno, movendo-os de cima para baixo, usando uma fila de gente. Ele, Garraty, cometera o erro tático de beber três conchas cheias de água gelada que a sra. Elwells trouxera para ali. Sentira uma dor súbita e lancinante no peito, barriga e cabeça, escorregara sobre o feno solto e despencara como uma trouxa mole pela janela do sótão do celeiro e caíra no caminhão.

O sr. Elwells o segurara com suas mãos calejadas de trabalho enquanto ele vomitava num dos lados do caminhão, fraco de dor e vergonha. Mandaram-no para casa, um garoto que fracassara em seu primeiro teste de masculinidade, urticária produzida pelo feno nos braços e os cabelos cheios de palha. Fora a pé para casa e o sol batera em sua nuca queimada como se fosse um martelo de cinco quilos.

Estremeceu convulsivamente e o corpo sacudiu-se por um momento sob o efeito do calor. A dor de cabeça latejava ameaçadoramente atrás de seus... Como seria fácil perder toda a esperança.

Olhou para Olson. Continuava ali, a língua enegrecendo, o rosto sujo, os olhos cegamente fixos. Eu não estou igual a ele. Deus querido, eu não estou igual a ele. Por favor, não quero acabar como Olson.

— Esse calor vai acabar com toda a energia da gente — prognosticou, sombrio, Baker. — Não vamos chegar a New Hampshire. Aposto meu dinheiro nisso.

— Há dois anos houve uma chuva de pedras — lembrou-se Abraham. — Eles conseguiram atravessar a fronteira. Quatro deles, pelo menos.

— Certo, mas o calor é diferente — protestou Jensen. — Quando sente frio, a gente pode andar mais rápido e aquecer-se. Quando está quente, a gente pode andar mais devagar... e termina no gelo. o que é que a gente pode fazer?

— Não há justiça — explodiu furioso Collie Parker. — Por que não podiam realizar esta merda de Marcha em Ilinois, onde o terreno é plano?

— Eu gosto do Maine — disse Scramm. — Por que é que você diz tanto palavrão, Parker?

— Por que é que você tem que tirar tanta catota de seu nariz? — reagiu Parker. Porque é assim que eu sou, só por isso. Alguma objeção?

Garraty olhou para o relógio, que parara às 10:16h. Esquecera de dar-lhe corda. — Alguém sabe que horas são? — perguntou.

— Deixe eu ver — olhos apertados, Pearson consultou o relógio. — Meia hora depois do eu, Garraty.

Todos riram.

— Ora, vamos — respondeu Garraty. — Meu relógio parou.

Pearson olhou novamente.

— Dois minutos depois das duas horas. — Levantou a vista para o céu. — O sol não vai baixar ainda por muito tempo.

O sol se postara malevolamente sobre a franja superior dos bosques. Não se encontrava ainda em ângulo suficiente para lançar sombra na estrada e não se encontraria ainda por outra hora ou duas. Bem ao sul, Garraty pensou que podia divisar manchas de cor púrpura que poderiam ser nuvens de tempestade, ou então isso era apenas um desejo seu.

Abraham e Collie Parker discutiam apaticamente os méritos de carburadores com quatro tubos de difusão. Ninguém mais parecia muito disposto a conversar e em vista disso Garraty desviou-se para o outro lado da estrada, onde ficou sozinho, acenando de vez em quando para alguém, mas de modo geral não se dando a esse trabalho.

Os caminhantes não estavam nesse momento tão espalhados como antes. A vanguarda era bem visível: dois rapazes altos e bronzeados, com jaquetas de couro preto amarradas em volta da cintura. O boato era que se tratava de bichas amantes, mas Garraty acreditava tanto nisso como acreditava que a lua era feita de queijo verde. Não pareciam efeminados e tinham pinta de rapazes muito legais... não que qualquer uma dessas coisas tivesse a ver com o fato de serem ou não bichas. E não que fosse assunto seu, se fossem. Mas...

Barkovitch seguia atrás dos rapazes de couro, McVries à sua retaguarda, fitando-lhe as costas. O chapéu de chuva amarelo ainda pendia do bolso traseiro da calça de Barkovitch e não lhe deu a impressão de que estivesse entregando os pontos. McVries, sim, era que parecia nas últimas.

Atrás de McVries e Barkovitch seguia um frouxo bolo de sete ou oito rapazes, o tipo de confederação mal costurada que parecia formar-se e reformar-se ao longo da Marcha, novos e velhos membros constantemente entrando e saindo. Atrás dele arrastava-se um grupo menor e, atrás desse grupo, Scramm, Pearson, Baker, Abraham, Parker e Jensen.

O seu grupo. Houvera outros nesse grupo à época da partida, mas nesse momento quase nem lhe podia lembrar os nomes.

Dois outros grupos vinham atrás do seu e, dispersos por todo o comprimento da coluna maltrapilha, como pimenta no sal, os solitários. Alguns, como Olson. enfurnados em si mesmos e catatônicos. Outros, como Stebbins, preferiam realmente sua própria companhia, ao que parecia. E quase todos tinham aquela aparência séria, assustada, em suas fisionomias. Ele, Garraty, passara a conhecer muito bem aquela expressão.

Os fuzis desceram, procurando um dos solitários que estivera observando, um rapaz baixo e entroncado, vestido com um arruinado colete de seda verde. Achou Garraty que ele recebera a advertência final cerca de meia hora antes. Lançou um olhar rápido e apavorado aos fuzis e apressou os passos. As armas perderam para ele o interesse horripilante, pelo menos por algum tempo.

De repente, sentiu um súbito e incompreensível recrudescimento de coragem. Eles não podiam estar a muito mais de 65km de Oldtown e da civilização — se o cara queria chamar uma fábrica, um sapato, uma canoa, de civilização. Chegariam lá pelo fim da noite e entrariam na estrada expressa, que seria uma maré mansa em comparação com aquilo. Na via expressa, o cara podia, se quisesse, andar de pés descalços na grama do canteiro central. Sentir o orvalho frio. Deus do céu, isso seria maravilhoso. Enxugou a testa com o antebraço. Talvez as coisas fossem acabar certo, afinal de contas. As manchas púrpura estavam um pouco mais perto e eram, definitivamente, nuvens de chuva.

Os fuzis dispararam e nem mesmo saltou. O garoto de colete verde recebera seu bilhete azul e nesse momento olhava fixamente para o sol. Nem mesmo a morte era tão ruim assim, talvez. Todos, até mesmo o próprio major, teriam que enfrentá-la mais cedo ou mais tarde. De modo que, quem estava empulhando alguém, quando se pensava bem no caso? Tomou uma nota mental para dizer isso a McVries na próxima vez em que se falassem.

Levantou um pouco mais os calcanhares e resolveu acenar para a próxima moça bonita que visse. Mas, antes da garota bonita houve o pequeno italiano.

Ele era uma caricatura de italiano, um cara baixinho de chapéu amassado e bigode virado nas pontas. Estava ao lado de um velho furgão que tinha aberta a porta traseira.

Acenava e sorria com dentes incrivelmente brancos e quadrados.

Uma esteira Isolante fora colocada no piso do compartimento de carga do furgão. O homem colocara ali uma pilha enorme de gelo pisado e, olhando pelo gelo em dezenas de lugares, como se fossem largos sorrisos verde-menta, as bordas de pedaços

de melancias.

Garraty sentiu o estômago dar duas cambalhotas, exatamente como um mergulhador que dá um salto com duplo giro de um trampolim de piscina. Um cartaz no alto do furgão anunciava: DOM L'ANTIO AMA TODOS OS PARTICIPANTES DA LONGA MARCHA — MELANCIA GRATUITA!!!

Vários caminhantes, entre eles Abraham e Collie Parker, trotavam para o acostamento.

Foram todos advertidos. Estavam indo a mais de 6,5km por hora, mas indo na direção errada. Dom L'Antio viu-os chegar e riu — um som cristalino, alegre, descomplicado.

Bateu palmas, enfiou as mãos no gelo e tirou-as com dois punhados de sorridentes melancias cor-de-rosa. Garraty sentiu a boca babar de vontade. Mas não permitiriam isso, pensou. Exatamente como não haviam deixado que aquele dono de loja distribuísse garrafas de soda. Mas, oh Deus, como seria gostoso. Seria demais para eles, Deus, se atrasarem um pouco com o gancho naquela vez? E por falar nisso, onde fora que o italiano arranjara melancia nessa época do ano?

Os caminhantes continuaram a andar penosamente entre os cordões de isolamento, a pequena multidão em volta de Dom enlouqueceu de felicidade, segundas advertências foram feitas e três milicianos estaduais apareceram miraculosamente para controlar

Dom, cuja voz ouviram alta e clara:

— O que significa isso? O que significa isso de dizer que não posso? Essas melancias são minhas, seu guarda burro!

Um dos milicianos procurou tomar o pedaço de melancia que tinha na mão. Outro abotoou o italiano e fechou com um estrondo a porta do furgão.

— Seus calhordas! — gritou Garraty com toda força.

O berro cortou veloz o dia claro como se fosse uma lança. Um dos milicianos olhou em volta. surpreso e... bem, quase envergonhado.

— Filhos da puta fedorentos! — gritou agudamente Garraty. — Eu queria era que suas mães tivessem abortado vocês, seus filhos da puta!

— Diga a eles, Garraty! — gritou alguém. Barkovitch, sorrindo com uma boca que parecia ter pregos em vez de dentes e sacudindo ambos os pulsos na direção dos milicianos. — Diga a...

Todos gritavam neste momento e os milicianos não eram soldados escolhidos a mão nos Esquadrões Nacionais. Embora vermelhos e embaraçados, estavam levando dali em acelerado o italiano Dom e suas mãos cheias de frios sorrisos cor-de-rosa.

Dom ou esqueceu seu inglês ou desistiu de todo de falá-lo. Prorrompeu numa série

de sonoros impropérios em italiano. A multidão vaiou os milicianos. Uma mulher usando um chapéu de sol esfarrapado jogou neles um radinho transistor. O radinho atingiu um dos milicianos na cabeça e lhe derrubou o quepe. Garraty sentiu pena do homem mas continuou a gritar palavrões. Aparentemente não podia deixar de fazê-lo. Nunca pensara que viesse a gritar essas palavras tão publicamente.

Exatamente no momento em que parecia que o pequeno italiano ia ser tirado dali de uma vez por todas, Dom L'Antio escapou e voltou correndo na direção deles, a multidão fazendo magicamente causa comum com ele e se fechando— ou parecendo — contra a polícia. Um dos milicianos mergulhou na direção dele, pegou-o pelos joelhos e derrubou-o de cara no chão. No último instante, Dom lançou seus belos sorrisos cor-de-rosa em um alto arremesso.

— DOM L'ANTIO AMA TODOS VOCES! — gritou ele.

A multidão aplaudiu histericamente. Dom aterrou de cabeça na terra e suas mãos foram algemadas num abrir e fechar de olhos. As fatias de melancia subiram e giraram no ar claro. Garraty riu alto, ergueu as mãos para o céu e sacudiu triunfantemente os punhos quando viu Abraham pegar um dos pedaços com uma fácil agilidade.

Outros rapazes ganharam terceiras advertências por terem parado a fim de pegar os pedaços de melancia, mas, espantosamente, ninguém foi fuzilado e cinco — não, seis, contou Garraty — dos rapazes terminaram com pedaços de melancia nas mãos. O restante alternadamente aplaudiu os que haviam conseguido pegar alguma coisa ou insultaram os soldados de fisionomias impassíveis, cujas expressões não foram convincentemente interpretadas como exibindo leves sorrisos.

— Eu amo todo mundo! — mugiu Abraham, o rosto sorridente estriado de suco rosado de melancia. Cuspiu três caroços no ar.

— O diabo me leve — disse, feliz, Collie Parker. — O diabo me leve se não consegui! —

Enfiou a cara na melancia, arrancou pedaços vorazes e depois quebrou o pedaço em dois. Jogou uma metade para Garraty, que quase o deixou cair, tal a surpresa. Tome aí, matuto! — berrou Collie. — E não diga que nunca lhe dei nada, caipira de merda!

Garraty gargalhou.

— Vá tomar no cu! — disse.

A melancia estava fria, oh, como estava fria. Um pouco de suco entrou-lhe pelo nariz, um pouco desceu pelo queixo, e, oh, que coisa gostosa e doce na garganta, descendo pela garganta.

Mas só comeu metade do pedaço

— Pete! — berrou e lhe atirou o pedaço restante.

McVries pegou-o com uma cortada, demonstrando o tipo de perícia que faz a glória de jogadores de segunda base nos times de faculdade e talvez astros das grandes ligas.

Sorriu para Garraty e comeu a melancia.

Garraty olhou em volta e sentiu uma alegria louca inundando-o, acelerando-lhe o coração, fazendo-o querer correrem círculos com as mãos no chão e os pés no ar. Quase todos haviam pegado um naco de melancia, mesmo que não fosse mais do que um pouco de carne rosada agarrada a um caroço.

Stebbins, conto sempre, foi a exceção. Olhava para a estrada, nada nas mãos, nenhum sorriso nos lábios.

Ele que se foda, pensou Garraty. Mas ainda assim um pouco da alegria deixou-o. Sentiu novamente um peso. Sabia que não era porque Stebbins nada pegara. Ou que Stebbins não quisesse coisa nenhuma. Stebbins não precisava de coisa alguma.

Duas horas e trinta minutos da tarde. Já haviam caminhado 195km. As nuvens de chuva aproximaram-se mais. Uma brisa começou a soprar, um frescor na pele quente. Vai chover novamente, pensou. Ótimo.

As pessoas ao lado da estrada começavam a enrolar cobertores, recolher pedaços de papel, recarregar as cestas de piquenique. A chuva aproximou-se, preguiçosa, deles, imediatamente a temperatura despencou e o tempo deu a impressão de outono. Garraty abotoou rapidamente a jaqueta.

— Lá vem ela novamente — disse a Scramm. — É melhor vestir a camisa.

— Você está brincando? — sorriu Scramm. — Este é o melhor momento do dia todo, para mim.

— Vai ser um toró! — gritou alegremente Parker.

Estavam nesse momento no alto de um platô que se inclinava gradualmente e dali podiam ver a cortina de chuva caminhando na direção deles, embaixo das nuvens.

Diretamente acima, o céu adquirira uma doentia coloração amarela. Um céu de tornado, pensou Garraty. Aquilo não seria um fim espetacular? O que fariam se um tornado descesse a estrada derrubando tudo e levasse todos eles para a Terra de Oz em uma rodopiante nuvem de poeira, couro solto de sapato e caroços de melancia.

Riu. O vento arrancou-lhe o riso da boca.

— McVries!

McVries cruzou a estrada em ângulo a fim de ir ao seu encontro, encurvado contra o vento, a roupa colada ao corpo na frente e voando atrás. Os cabelos pretos e cicatriz branca no rosto moreno faziam-no parecer um capitão curtido pelas intempéries, um pouco louco, as pernas abertas na ponte de comando de seu navio.

— O quê? — mugiu ele.

— Há nas regras alguma coisa sobre motivos de força maior?

McVries pensou um pouco.

— Não, acho que não.

Começou a abotoar a jaqueta.

— O que é que acontece se formos atingidos por um raio?

McVries jogou a cabeça pata trás e soltou uma risada.

— Agente morre.

Garraty resmungou e afastou-se. OS rapazes olhavam ansiosamente para o céu nesse instante. Aquilo não ia ser nenhuma chuvazinha passageira, do tipo que os refrescara depois do calor do dia anterior. O que fora que Parker dissera? Um toró. Sim, certamente ia ser um toró.

Um boné de beisebol passou rolando por entre suas pernas e, olhando para trás, Garraty viu um rapaz baixinho olhando para ele com tristeza. Scramm pegou-o e tentou entregá-lo ao garoto, mas o vento levou-o em um grande arco de bumerangue e o boné acabou chocando-se contra uma árvore que balançava loucamente.

O trovão ribombou. Unta linha branco-púrpura de raio riscou o Horizonte O ciciar confortante do vento nos pinheiros se transformara em centenas de fantasmas enlouquecidos, batendo as mortalhas e assoviando.

Os fuzis dispararam, um som baixo de espingarda de rolha perdido no trovão do vento. Garraty girou rapidamente a cabeça, com a premonição de que Olson atraíra finalmente sua bala. Mas ele continuava ali, as roupas chicoteantes revelando com que espantosa rapidez seu peso se derretera. Olson perdera a jaqueta em algum lugar e os braços que saíam das mangas curtas da camisa eram ossudos e finos como lápis.

Era outra pessoa que estava sendo arrastada da estrada, rosto miúdo, exausto e definitivamente morto sob os cabelos que esvoaçavam.

— Se fosse um vento de cauda poderíamos chegar a Oldtown às 4:30h! — disse alegremente Barkovitch.

Enfiara o chapéu mole de chuva até as orelhas e o rosto de linhas nítidas parecia jubiloso e demente. Garraty, bruscamente, compreendeu. Lembrou a si mesmo que devia falar com McVries. Barkovitch estava louco.

Minutos depois, o vento subitamente esmoreceu. Os trovões caíram para o nível de surdos murmúrios. O calor voltou e começou a sugá-los, pegajoso e quase insuportável após a inesperada frieza do vento.

— O que diabo foi que aconteceu com ela? — zurrou Collie Parker. — Garraty! Esta merda de estado também se acovarda com suas tempestades?

— Acho que você vai conseguir o que quer— respondeu Garraty. —,Mas não sei se vai querer quando receber.

— Hei, você aí! Raymond Garraty!

Garraty levantou vivamente a cabeça. Durante um horrível momento penou que era sua mãe e visões de Percy dançaram em sua cabeça. Mas era apenas uma senhora idosa, fisionomia suave, que o fitava embaixo de um número da revista Vogue que

usava como chapéu de chuva.

— Megera — murmurou Art Baker a seu lado.

— Ela me parece bem boazinha. Você a conhece?

— Conheço o tipo — disse malevolamente Baker. — Ela parece igualzinha a minha: tia Hattie. Gostava de ira enterros, de ouvir gente chorando e gemendo e exatamente com aquele mesmo sorriso. Exatamente igual a um gato que entrou ria gaiola do passarinho.

— Ela é, provavelmente, a mãe do major — sugeriu Garraty.

Disse isso com a intenção de ser engraçado, mas ninguém riu. O rosto de Baker estava tenso e pálido sob a luz moribunda do sol turbilhante.

— Tia Hattie teve nove filhos. Nove, Garraty, enterrou quatro deles com, exatamente, a mesma expressão. Seus próprios filhos. Algumas pessoas gostam de ver outras morrerem. Não posso entender isso, você pode?

— Não — retrucou Garraty. — Baker estava deixando-o nervoso. O trovão voltara a arrastar seu vagão pelos céus. — Essa sua tia Hattie, ela já morreu?

— Não. Baker olhou para o céu. — Está em casa. Provavelmente, na varanda, em sua cadeira de balanço. Não pode mais andar. Fica simplesmente sentada ali, balançando-se e escutando o noticiário no rádio. E sorrindo toda vez que ouve a notícia do numero de mortos. — Esfregou os cotovelos nas palmas das mãos. — Você já viu uma gata comer gatinhos, Garraty?

Garraty não respondeu. Havia nesse momento uma tensão elétrica no ar, alguma coisa na tempestade parada sobre eles, e mais alguma coisa. Não conseguiu identificar o que era. Quando fechava os olhos, parecia que via os olhos desencontrados de Aborto D'Allessio fitando-o de dentro da escuridão.

Finalmente, respondeu a Baker:

— Todo mundo em sua família cultiva o estudo da morte?

Baker sorriu lividamente.

— Bem, ando pensando em entrar para a escola de embalsamadores de cadáveres, dentro de alguns anos. Bom trabalho. Embalsamadores continuam a comer nas épocas de depressão.

— Eu sempre pensei que ia entrar na fabricação de mictórios — disse Garraty. Conseguir contratos de cinemas, galerias de boliche, coisas assim. Sucesso certo. Quantas fábricas de mictórios pode haver no país?

— Acho que não vou continuar a querer ser embalsamador — resolveu Baker. Não que isso tenha alguma importância agora.

Um relâmpago enorme rasgou o céu, seguido por um ribombo gigantesco do trovão. O vento aumentou em rajadas violentas. Nuvens correram pelo céu como bucaneiros loucos em um mar de pesadelo de ébano.

— Está chegando — disse Garraty. — Ela está chegando, Art.

— Algumas pessoas dizem que não se importam — recomeçou bruscamente Baker. — "Alguma coisa simples, isso é tudo o que quero quando morrer, Don". É isso o que dizem a ele. A meu tio. Mas a maioria se importa, e muito. Foi isso o que ele sempre me disse. Dizem "Apenas um caixão de pinho será ótimo". Mas terminam tendo um caixão e tanto... com revestimento de chumbo, se têm dinheiro para isso. Um bocado de gente deixa até o número do modelo em seus testamentos.

— Por quê? — quis saber Garraty.

— Lá em minha terra, a maioria quer ser enterrada em mausoléus. Acima do chão. Não querem ficar lá embaixo porque a lâmina d'água é muito alta lá na minha terra. As coisas apodrecem rápido na umidade. Mas se o cari é enterrado acima do chão tem que se preocupar com os ratos. Grandes, enormes ratos dos alagados da Louisiana. Ratos de cemitério. Num abrir e fechar de olhos roeriam o caixão de pinho e entrariam.

O vento puxou-os com mãos invisíveis. Garraty queria que a tempestade despencasse logo. Aquilo era como um carrossel louco. O que quer que conversassem, acabavam voltando sempre para a mesma droga de assunto.

— O diabo me leve se eu fizer uma coisa dessas — disse Garraty. — Gastar 1.500 dólares ou por aí apenas para manter longe os ratos depois que eu morrer.

— Não sei — respondeu Baker, os olhos semicerrados, sonolento. — Eles preferem as partes macias, isso é o que me preocupa. Posso vê-los abrindo um buraco no meu caixão, alargando-o, finalmente se espremendo para dentro e indo direto para os meus olhos, como se eles fossem jujubas. Comeriam meus olhos e então eu seria parte daquele rato.

Não é assim?

— Não sei — respondeu, enjoado, Garraty.

— Não, obrigado. Fico com aquele caixão com tela de chumbo. Sempre.

— Embora você só fosse precisar dele uma única vez — comentou Garraty com um risinho de horror.

— Isso é verdade — concordou solenemente Baker.

O raio ramificou-se novamente em riscos quase cor-de-rosa que deixaram o ar cheirando o ozônio. Um momento depois, a tempestade voltou a encharcá-los. Mas não era chuva dessa vez. Era granizo.

No espaço de cinco segundos estavam sendo bombardeados com pedras do tamanho de pequenos seixos. Vários rapazes gritaram e Garraty protegeu os olhos com uma mão. O vento transformou-se num guincho. As pedras de gelo batiam e se estilhaçavam tia estrada, atingindo rostos e corpos.

Em pânico total, Jensen correu num círculo enorme e irregular, os pés batendo e tropeçando um no outro. Finalmente saiu do acostamento da estrada e os soldados a

bordo da meia-lagarta dispararam uma meia dúzia de tiros antes de poderem ter certeza.

Adeus, Jensen, pensou Garraty. Sinto muito, cara.

A chuva começou a cair entre o granizo, descendo em catadupas o morro que estavam subindo, derretendo as pedras de gelo espalhadas aos seus pés. Outra onda de pedras atingiu-os, mais chuva, outra saraivada de granizo e em seguida a chuva caindo novamente em lençóis ininterruptos, com o contraponto de fortes estrondos da trovoada.

— Merda! — berrou Parker, aproximando-se em grandes passadas de Garraty. Com o rosto coberto de manchas vermelhas, ele parecia um ratão d'água afogado. Garraty, este é sem dúvida nenhuma...

— Isso mesmo, o mais fodido dos 51 estados — terminou Garraty. — Vá molhar a cabeça.

Parker jogou a cabeça para trás, abriu a boca e deixou a chuva fria entrar.

— Estou deixando, droga, estou deixando!

Garraty se encurvou contra o vento e emparelhou-se com McVries.

— O que é que você acha disso? — perguntou.

McVries abraçou o próprio corpo e estremeceu.

— A gente não pode nunca ganhar. Agora eu queria que o sol estivesse fora.

— A tempestade não vai demorar muito — consolou-o Garraty.

Mas enganou-se. Às 4:00h da tarde ainda continuava a chover.

CAPÍTULO 10

"Sabe por que me chamam de o Contador?
Porque eu gosto de contar! Ah-hah-hah."

— O Contador
Sesame Street

Não houve por do sol quando, andando, entraram em sua segunda noite na estrada. Por volta das 4:30h, a tempestade transformou-se num chuvisco gelado. A garoa persistiu até quase oito horas da noite. Nessa ocasião, as nuvens começaram a se separar e a mostrar estrelas brilhantes, a tremeluzir friamente.

Garraty acomodou-se o melhor que pôde dentro das roupas úmidas e não precisou de um meteorologista para saber para onde soprava o vento. A primavera caprichosa puxara baixo deles, como se fosse um tapete velho, o calor agradável que os acompanhara até então.

Talvez as multidões fornecessem algum calor. Calor radiante, ou coisa assim. Um número cada vez maior de pessoas ocupava os lados da estrada. Reuniam-se em grupos para conservar a quentura, mas não demonstraram entusiasmo. Observaram os caminhantes passarem e voltaram para casa ou correram para o melhor ponto de observação seguinte. Se era sangue o que as multidões queriam, não tinham conseguido muita coisa. Só haviam perdido mais dois desde a morte de Jensen, ambos rapazes muito moços que haviam simplesmente desmaiado e sido executados. Essas mortes colocavam-nos exatamente a meio caminho. Não... realmente mais da metade.

Cinquenta mortos e 49 para morrer ainda.

Nesse momento Garraty andava isolado dos outros. Sentia frio demais para ter sono.

Apertava com força os lábios para que não tremessem. Olson continuava lá atrás.

Apostas sem entusiasmo haviam sido feitas no sentido de que Olson seria o quinquagésimo a comprar seu bilhete, o número de desempate. Mas não comprara. A grande honra coubera ao número 13, Roger Fenum. O velho e infeliz 13. Garraty começava a pensar que Olson aguentaria infinitamente. Talvez até que morresse de fome. Ele se fechara em segurança num lugar além da dor. De certa maneira, achava que seria uma justiça perfeita se Olson ganhasse. Podia até ler as manchetes: LONGA MARCHA VENCIDA POR UM MORTO!

Sentiu dormentes os dedos dos pés. Mexeu-os contra o forro em pedaços dos sapatos e não sentiu coisa alguma. A verdadeira dor não estava mais nos dedos, mas nos arcos dos pés. Uma dor violenta, insistente, subia até a panturrilha toda vez que dava uma passada. O fato lembrou-lhe uma história que a mãe lhe lera quando era pequeno. Era sobre uma sereia que queria ser mulher. Apenas, tinha cauda e uma boa

fada, ou foi qualquer outra pessoa, disse que ela poderia ganhar pernas se desejasse isso com ardor suficiente. Cada passo que desse em terra firme seria como andar sobre pontas de facas, mas ela poderia tê-las, se as quisesse, e ela disse, sim, quero, tudo bem, e isso era a Longa Marcha. Em poucas palavras...

— Advertência! Advertência, número 47!

— Estou ouvindo — respondeu irritado Garraty, e estugou o passo.

Os bosques tornaram-se mais rarefeitos. A autêntica região norte do estado ficara para trás. Haviam passado por duas tranquilas cidades-dormitórios, a estrada cruzando-as de uma ponta a outra, as calçadas cheias de pessoas que pouco mais eram do que sombras embaixo dos postes de luz difundidas pela garoa. Ninguém aplaudiu muito. Estava frio demais para isso, pensou. Frio demais, escuro demais, e, Jesus Cristo, tinha agora outra advertência para descartar e se isso não era um verdadeiro azar, nada mais era.

Os pés começaram novamente a abrandar a marcha e obrigou-os andar mais depressa.

Em algum lugar bem à frente Barkovitch disse alguma coisa e concluiu com uma curta rajada de seu riso desagradável. Claramente ouviu a resposta de McVries:

— Cale essa boca, assassino.

Barkovitch disse a McVries que fosse pro inferno e nesse momento parecia muito agitado com aquilo tudo. Garraty sorriu lividamente na escuridão.

Caíra quase para a rabeira da coluna e relutantemente compreendeu que se dirigia novamente para o lugar onde estava Stebbins. Havia em Stebbins alguma coisa que o fascinava. Mas chegou à conclusão de que não se importava muito com o que aquilo fosse Era tempo de parar de conjeturar sobre uma porção pie coisas. Não Havia vantagem nisso. Era apenas outra grande perda de tempo.

À frente, na escuridão, viu uma enorme e luminosa flecha. Que brilhava como espírito maligno. De repente, uma banda de metais começou a tocar uma marcha. O ar encheu-se de fragmentos voadores e durante um alucinado momento pensou que estava nevando. Mas não era neve. Era confete. Estavam mudando de estrada. A velha encontrava-se com a nova em ângulo reto e outro cartaz de propaganda da Estrada Expressa do Maine anunciava que Oldtown ficava a apenas 25km de distância. Sentiu um pouco de emoção, talvez mesmo de orgulho. Depois de Oldtown conhecia bem o caminho. Poderia até traçá-lo na palma da mão.

— Talvez esta seja a sua vantagem. Não acho que seja, mas talvez seja.

Deu um salto. Era como se Stebbins houvesse levantado a tampa de sua mente e olhado para dentro.

— O quê?

— É a sua região, não?

— Não aqui em cima. Nunca estive ao norte de Greenbush em toda minha vida, exceto quando fomos até o marco do lugar da largada. E não fomos por essa estrada.

Deixaram para trás a banda, suas tubas e clarinetas brilhando suavemente na noite úmida.

— Mas vamos passar por sua cidade natal, não?

— Não, mas perto.

Stebbins grunhiu qualquer coisa. Garraty olhou para os pés de Stebbins e viu com surpresa que ele tirara os sapatos de tênis e estava usando um par de mocassins macios.

Os sapatos de tênis tinham sido colocados dentro da camisa de cambraia.

— Estou economizando os sapatos de tênis — explicou Stebbins — apenas por precaução.

Mas acho que os mocassins vão me levar até o fim.

— Oh!

Passaram por uma torre de rádio que se erguia como um esqueleto num campo vazio, uma luz pulsando em seu topo tão regular como uma batida cardíaca.

— Esperando com ansiedade o momento de rever as suas pessoas queridas?

— Sim, estou — disse Garraty.

— O que é que vai acontecer depois disso?

— Acontecer? — Garraty encolheu os ombros. — Continuar na estrada, acho. A menos que você tenha consideração suficiente para comprar antes seu bilhete azul.

— Oh, acho que não vou fazer isso — redarguiu Stebbins, um sorriso distante nos lábios. — Tem certeza de que não vai pifar? Depois de vê-las?

— Homem, eu não tenho certeza de nada — afirmou Garraty. — Não sabia muita coisa quando comecei e sei menos ainda agora.

— Você acha que tem uma chance?

— Também não sei. Nem mesmo sei por que me dou ao trabalho de falar com você. Isso é a mesma coisa que falar com fumaça.

Muito longe, à frente, sirenes da polícia uivaram na noite.

— Alguém invadiu a estrada lá na frente, em um ponto em que havia menos polícia — explicou Stebbins. — Os nativos estão ficando inquietos, Garraty. Simplesmente pense em toda aquela gente abrindo caminho para você lá na frente.

— E para você, também.

— Eu, também — concordou Stebbins e não disse mais nada durante muito tempo. A gola de sua camisa batia com um som oco no pescoço. — É espantoso como a mente dirige o corpo — disse ele finalmente. — É espantoso como pode assumir o

controle e dar ordens ao corpo. Uma dona-de-casa comum pode talvez andar uns 20km diariamente, da geladeira à tábua de passar, do telefone ao varal de roupa. Ao fim do dia, quer levantar os pés para o ar, mas não está exausta. Um vendedor que trabalha de porta em porta pode andar 35km diários. Um garoto de escola secundária treinando para o time de futebol pode andar 40km a 60km por dia... isso é, em um dia, desde que se levanta pela manhã até que vai deitar-se à noite. Todos ficam cansados, mas nenhum fica exausto.

— É isso mesmo.

— Mas suponhamos que dissessem à dona-de-sasa: você vai ter que andar 20km antes de poder cear.

Garraty inclinou a cabeça.

— Ela ficaria exausta, em vez de cansada.

Stebbins ficou calado. Garraty teve a sensação perversa de que Stebbins ficara desapontado com ele.

— Bem... não ficaria?

— Você não acha que ela preferia fazer os 20km até o meio-dia, de modo que pudesse tirar os sapatos e passar o resto da tarde assistindo às novelas? Eu acho. Está cansado, Garraty?

— Estou — respondeu, seco, Garraty. — Estou cansado.

— Exausto?

— Bem, estou chegando lá.

— Não, você não está ficando exausto ainda, Garraty. — Indicou com o polegar a silhueta de Olson. — Aquilo é que é estar exausto. Ele está quase no fim agora.

Garraty observou Olson, fascinado, quase esperando vê-lo cair ao som das palavras de Stebbins.

— O que é que você está insinuando?

— Pergunte àquele seu amigo branco pobre do Sul, Art Baker. Uma mula não gosta de puxar arado. Mas gosta de cenoura. De modo que você bota uma cenoura na frente dos olhos dela. Sem a cenoura, a mula fica exausta. Uma mula atrás de uma cenoura passa um bocado de tempo para cansar. Entendeu?

— Não.

Stebbins voltou a sorrir.

— Vai entender. Observe Olson. Ele perdeu o apetite pela cenoura. Não sabe disso ainda, mas perdeu. Observe Olson, Garraty. Você pode aprender com ele.

Garraty fitou-o, sem saber bem até que ponto levá-lo a sério. Stebbins riu alto. O riso foi sonoro e cheio — um som surpreendente que fez com que outros caminhantes virassem a cabeça para olhar para trás.

— Vá em frente. Vá conversar com ele, Garraty. E se ele não quiser falar, simplesmente aproxime-se o bastante e olhe bem. Nunca é tarde demais para aprender.

Garraty engoliu em seco.

— Você diria que é uma lição muito importante?

Stebbins parou de rir. Agarrou Garraty com uma forte empunhadura.

— Talvez a lição mais importante que você jamais aprenderá. O segredo da vida sobre a morte. Resolva essa equação e pode dar-se ao luxo de morrer quando quiser, Garraty.

Poderá gastar sua vida como um bêbado num pileque sem fim.

Stebbins deixou cair a mão. Garraty. lentamente. massageou o pulso. Stebbins parecia, mais uma vez, tê-lo afastado de seus pensamentos. Nervoso, Garraty afastou-se dele e dirigiu-se para Olson. Achou que estava sendo puxado para Olson como se por um fio invisível. Aproximou-se de lado. Procurou sondar-lhe o rosto.

Certa vez, há muito tempo, fora assustado por um filme que o levara a passar uma longa noite acordado — um filme estrelado por quem? Robert Mitchum, não? Estava fazendo o papel de um implacável ministro revivalista do Sul que foram também um assassino compulsivo. Em silhueta, Olson parecia-se nesse momento um pouco com ele. Sua forma parecia alongar-se à medida que perdia peso. A pele se tornara escamosa com a desidratação, os olhos afundavam em órbitas vazias. O cabelo esvoaçava no crânio, barbas de milho tocadas pelo vento.

Ora, ele nada mais é do que um robô, nada mais que um autômato, realmente. Pode haver ainda um Olson escondido aí dentro? Não. Ele morreu. Tenho certeza de que o Olson que se sentou na grama, contou piadas e falou no rapaz que ficou paralisado na linha de partida e recebeu seu bilhete azul ali mesmo, que aquele Olson morreu. Isso aí é uma coisa de barro, sem vida.

— Olson? — sussurrou.

Olson continuou a andar. Era uma casa assombrada andando trôpega sobre pernas.

Olson defecara na calça. Olson cheirava mal.

— Olson, você pode falar?

Olson continuou a andar para a frente. Seu rosto estava virado para a escuridão, mas ele estava se movendo, sim ele eslava se movendo. Alguma coisa estava acontecendo ali, alguma coisa estava ainda tiquetaqueando, mas...

Alguma coisa, sim, havia alguma coisa, mas o quê?

Chegaram ao alto de outra elevação. A respiração tornou-se cada vez mais curta nos pulmões de Garraty, até que ele passou a ofegar como um cão. Pequenas nuvens de vapor subiam de suas roupas molhadas. Viu um rio embaixo, cortando a escuridão

como uma serpente de prata. O Stillwater, pensou. O Stillwater corria perto de Oldtown.

Ouviu alguns desanimados aplausos, mas não muitos. Mais adiante, ria margem mais distante da curva (talvez fosse Penobscot, afinal de contas), havia um aglomerado de luzes. Oldtown. Um grupo de luzes na outra margem seria Milford e Bradley. Oldtown.

Haviam chegado a Oldtown.

— Olson — disse. — Aquilo ali é Oldtown. Aquelas luzes são Oldtown. Estamos chegando lá, cara.

Olson continuou calado. E nesse momento conseguiu lembrar-se do que estivera lhe escapando e que, afinal de contas, não era nada tão vital assim. Apenas que Olson lhe lembrava o Holandês Voador, que continuava a navegar enquanto toda a tripulação desaparecera.

Desceram rapidamente um. longo morro, passaram por uma curva em S e cruzaram a ponte que passava, segundo a tabuleta, pelo riacho Meadow. No outro lado da ponte outra tabuleta: COLINA ÍNGREME. CAMINHÕES: SUBAM EM PREMERÁ. Alguns caminhantes soltaram gemidos.

E era na verdade um morro íngreme. Parecia erguer-se à frente deles como o escorrega de um tobogã. Não era uma ladeira comprida. Mesmo ria escuridão podiam ver o cume.

Mas era íngreme, lá isso era. Subida pra valer.

Começaram a subir.

Garraty inclinou o corpo para a frente a fim de compensar o gradiente sentindo-se perder quase imediatamente o controle sobre a respiração. Vou chegar ofegante como um cão lá em cima, pensou... e, em seguida, se eu chegar lá. Um clamor de protesto apareceu nas pernas. Começava nas coxas e descia. As pernas gritavam com ele que simplesmente não iam mais fazer aquela merda.

Mas vão, disse-lhe Garraty. Ou fazem ou morrem.

Não me importo, responderam as pernas. Não me importo se vou morrer, morrer, morrer.

Os músculos pareciam estar amolecendo, derretiam como geleia ao sol quente. Tremiam quase incontrolavelmente. Contorciam-se como títeres mal controlados.

Advertências estalaram à direita e à esquerda, e compreendeu que ia receber uma também antes de muito tempo. Manteve os olhos fixos em Olson, obrigando-se a ajustar seu ritmo ao dele. Fariam isso juntos, transporiam o cume do morro assassino e então obrigaria Olson a lhe contar seu segredo. Em seguida, tudo ficaria bem e não teria que preocupar-se mais com Stebbins, McVries, Jan ou seu pai, não, nunca mais com Aborto D'Allessio, que espalhara os miolos em cima de uma pedra ao lado da estrada U.S. 1, como se fosse um pedaço de cola.

O que significava isso, mais uns trinta metros? Cinquenta? Quanto?

Nesse momento começou a ofegar.

Ouviu os primeiros tiros. Um grito alto, espremido, foi abafado por mais tiros. E no cocuruto do morro, mais um. Não conseguia ver coisa alguma na escuridão. As pulsações sob tortura martelavam-lhe as têmporas. Descobriu que não dava a mínima para quem comprara o bilhete azul dessa vez. Isso não tinha importância. Só a dor importava, a dor lancinante nas pernas e pulmões.

O morro arredondou-se, nivelou-se e arredondou-se ainda mais na descida. O lado mais distante inclinava-se suavemente, perfeito para recuperar o fôlego. Mas aquela geleia mole nos músculos não queria ir embora. Minhas pernas vão desmoronar, pensou calmamente. Elas nunca me levarão até Freeport. Nem mesmo acredito que possa chegar a Oldtown. Estou morrendo, acho.

Nesse momento um som começou a abrir caminho na noite, selvagem e orgiástico. Era uma voz, muitas vozes e repetia incessantemente a mesma coisa.

Garraty! Garraty! GARRATY! GARRATY! GARRATY!

Era Deus, ou seu pai, prestes a decepar-lhe as pernas antes que pudesse aprender o segredo, o segredo, o segredo de...

E como se fosse um trovão: GARRATY! GARRATY! GARRATY!

Não era o pai nem era Deus. Era o que parecia ser todo o corpo estudantil da Oldtown High School, cantando-lhe o nome em uníssono. Ao lhe verem o rosto branco, cansado, tenso, o grito contínuo e ritmado transformou-se em loucos aplausos. Chefes de torcida agitavam pompons. Rapazes assoviavam e beijavam suas namoradas. Garraty retribuiu com um aceno, sorriu, inclinou a cabeça e sorrateiramente aproximou-se mais de Olson.

— Olson — sussurrou. — Olson.

Os olhos de Olson podem ter batido um pouco, uma fagulha de vida como a única virada de um velho motor de arranco em um carro abandonado.

— Diga-me, Olson — murmurou. — Diga-me o que eu devo fazer.

Os rapazes e moças da escola (estudei por acaso em escola secundária? pensou, ou teria isso sido um sonho) haviam ficado para trás mas continuavam a aplaudi-lo delirantemente.

Os olhos de Olson mexeram-se em sacudidelas dentro das órbitas, como se há muito enferrujados e precisando de óleo lubrificante. A boca abriu-se com uma batida quase audível.

— É isso — ciciou ansiosamente Garraty. — Fale, fale comigo, Olson. Diga. Diga.

— Ah — disse Olson. — Ah, ah.

Garraty aproximou-se mais. Pôs a mão no ombro de Olson, inclinou-se e entrou em um nimbo maléfico de suor, mau hábito e urina.

— Por favor — disse Garraty. — Faça força.

— De. De. Deus. O jardim de Deus...

— O jardim de Deus — repetiu em dúvida Garraty. — O que é que há com o jardim de Deus, Olson?

— Está cheio. De. Ervas daninhas — disse tristemente Olson. A cabeça caiu sobre o peito.

— Eu.

Garraty nada disse. Não podia. Subiam nesse momento outro morro e ofegava novamente. Olson não parecia absolutamente com falta de fôlego.

— Eu não. Quero. Morrer — terminou Olson.

Os olhos de Garraty estavam soldados à ruína escura que era o rosto de Olson. Olson virou-se, rangendo, para ele.

— Ah? — Olson levantou a cabeça bamboleante. — Ga. Ga. Garraty?

— Sim, sou eu.

— Que horas são?

Garraty dera corda e acertara o relógio antes. Só Deus sabia por quê.

— Um quarto para 9:00h.

— Não. Não mais tarde. Do que isso?

Uma leve surpresa espalhou-se pelo devastado rosto de velho de Olson.

— Olson... — Sacudiu suavemente o ombro de Olson e todo o corpo dele pareceu tremer, como uma grua móvel em vento forte. — O que significa tudo isso? — De repente, Garraty estourou numa risadinha maluca. — O que é que significa tudo isso, Alfie?

Olson fitou-o com calculada astúcia.

— Garraty — murmurou.

Sua respiração era como um hálito de esgoto.

— O quê?

— Que horas são?

— Droga! — gritou-lhe Garraty.

Virou rapidamente a cabeça, mas Stebbins olhava para a estrada. Se estava rindo de Garraty, estava escuro demais para ver.

— Garraty?

— O quê? — respondeu Garraty, mais calmo.

— Jesus salvará você.

A cabeça de Olson levantou-se toda. Começou a sair da estrada. Dirigia-se para a

meia lagarta.

— Advertência. Advertência, número 70!

Olson não diminuiu a marcha. Havia nele uma arruinada dignidade. A algaravia da multidão cessou e ela passou a observá-lo, olhos esbugalhados.

Olson nem por um único momento hesitou. Chegou ao acostamento de areia. Colocou as mãos sobe o lado da meia-lagarta. Começou a subir com dificuldade pela borda de veículo.

— Olson! — gritou Abraham, sobressaltado. — Hei, aquele ali é Hank Olson!

Os soldados baixaram seus fuzis em uma harmonia perfeita em quatro movimentos.

Olson agarrou o cano do mais próximo e arrancou-o das mãos que o seguravam, como se fosse um pauzinho de picolé. A arma caiu com um som metálico no meio da multidão, que se afastou dela, gritando, como se fosse uma víbora pronta para atacar.

Nesse momento, um dos três outros fuzis disparou. Garraty viu com toda clareza o relâmpago na boca do cano. viu a ondulação repentina da camisa de Olson quando a bala entrou por sua barriga e saiu pelas costas.

Olson não parou. Chegou ao alto da meia-lagarta e agarrou o cano do fuzil que acabara de atirar nele. E ergueu-o no ar no momento em que a arma disparava novamente.

— Pegue-os! — gritava selvagemente McVries lá na frente. — Pegue-os, Olson! Mate-os! Mate-os!

Os dois outros fuzis dispararam em uníssono e o impacto de projéteis de alto calibre lançou Olson voando para fora da meia-lagarta. Tocou a terra com pernas e braços abertos, como um homem pregado na cruz. Um dos lados de sua barriga era uma ruína preta e despedaçada. Mais três balas foram disparadas contra ele. O guarda que Olson desarmara puxara (sem esforço) outra arma de dentro da meia-lagarta.

Olson sentou-se. Levou as mãos à barriga e olhou calmamente para os soldados equilibrados no convés do atarracado veículo. Os soldados retribuíram o olhar.

— Seus calhordas! — soluçou McVries. — Seus malditos calhordas!

Olson começou a levantar-se. Outra salva de tiros derrubou-o novamente.

Nesse momento, Garraty ouviu outro som às suas costas. Não precisou virar-se para saber que era Stebbins, que ria baixinho.

Olson sentou-se mais uma vez. As armas continuavam apontadas para ele, mas os soldados não atiraram. Suas silhuetas na meia-lagarta pareciam quase sugerir curiosidade.

Lenta, ponderadamente, Olson pôs-se de pé, as mãos cruzadas na barriga. Pareceu farejar o ar à procura de direção, virou-se lentamente na direção do eixo da Marcha e começou a andar, cambaleando.

— Acabem com o sofrimento dele! — gritou uma voz rouca, chocada. — Pelo amor de Deus, acabem com o sofrimento dele!

As serpentes azuis dos intestinos de Olson escapavam lentamente por entre seus dedos.

Caíam como se fossem salsichas contra a virilha, onde ficavam batendo obscenamente.

Parou, inclinou-se para a frente como se para recuperá-las (recuperá-las, pensou Garraty em um quase transe de espanto e horror) e vomitou uma grande borra de sangue e bile.

Voltou a caminhar, encurvado, uma suave calma no rosto.

— Oh, meu Deus — disse Abraham e virou-se para Garraty, tapando a boca com as mãos.

O rosto de Abraham estava branco, caseoso, olhos esbugalhados, cheios de terror.

— Oh, meu Deus, Ray, que morte mais nojenta, oh, Jesus!

Abraham vomitou, o vômito escorrendo-lhe pelos dedos.

Bem, bem, o velho Abe devolveu seus biscoitos, pensou remotamente. Essa não é a maneira de observar a Sugestão 13, Abe.

— Atiraram na barriga dele — disse Stebbins às costas de Garraty. — Farão isso outra vez. É um ato pensado. Fazem isso para desestimular outras pessoas que queiram tentar montar aquele velho número da Carga da Brigada Ligeira.

— Afaste-se de mim — silvou Garraty. — Ou arranco sua cabeça!

Stebbins recuou rapidamente.

— Advertência! Advertência, número 88!

O riso de Stebbins chegou baixo a seus ouvidos.

Olson caiu de joelhos, a cabeça entre os braços, que se apoiavam na estrada.

Um dos fuzis detonou e uma bala mordeu o asfalto ao lado da mão esquerda de Olson e rebotou com um silvo. Ele começou, mais uma vez, a levantar-se devagar, cansadamente. Estão brincando com ele, pensou Garraty. Tudo isso deve ser horrivelmente maçante para eles, de modo que estão brincando com Olson. O Olson é engraçado, rapazes? Ele os está divertindo?

Garraty começou a chorar. Correu para Olson, caiu ajoelhado ao seu lado e apertou contra o peito a face cansada e febrilmente quente do companheiro. Soluçou dentro do cabelo seco e que cheirava mal.

— Advertência! Advertência, número 47!

— Advertência! Advertência, número 61!

McVries estava puxando-o dali. McVries, novamente.

— Levante-se, Ray, levante-se, você não pode ajudá-lo, pelo amor de Deus, levante-se!

— Não é justo! — chorou Garraty. Sentiu no rosto uma mancha pegajosa do sangue de Olson. — Simplesmente, não é justo!

— Eu sei. Vamos. Vamos.

Garraty levantou-se. Ele e McVries começaram a andar rapidamente para trás, observando Olson, nesse momento de joelhos. Com os joelhos abertos, de cada lado da linha branca. Ergueu as mãos para os céus. A multidão suspirou baixinho.

— EU FIZ ISSO ERRADO! — gritou trêmulo Olson, e caiu estirado, morto.

Os soldados no alto da meia-lagarta dispararam mais dois tiros contra ele e em seguida puxaram rapidamente o corpo para fora da estrada.

— Bem, isso é o rim.

Andaram calados durante uns dez minutos, Garraty obtendo um leve consolo com a presença de McVries.

— Estou começando a ver alguma coisa nisso, Pete — disse finalmente. — Há um modelo.

A coisa não é inteiramente sem sentido.

— É mesmo? Não conte com isso.

— Ele falou comigo, Pete. Não estava morto, até que atiraram nele. Ele estava vivo. —

Nesse momento, aquilo parecia a coisa mais importante sobre a experiência de Olson. Repetiu: — Vivo.

— Não acho que isso faça a menor diferença — respondeu McVries com um cansado suspiro. — Ele é apenas um número. Parte da contagem de participantes. Número 53. significa que estamos um pouco mais perto, e isso é tudo.

— Você não pensa realmente isso.

— Não me diga o que penso e o que não penso — retrucou zangado McVries. Esqueça isso, será que não pode?

— Acho que estamos a uns 20km de Oldtown — disse Garraty.

— Boa merda!

— Sabe como está Scramm?

— Não sou o médico dele. Por que você mesmo não cai fora?

— O que diabo está roendo em você?

McVries riu selvagemente.

— Aqui estamos, aqui estamos e você quer saber o que está me roendo! Estou preocupado com meu imposto de renda no próximo ano, é isso o que está me roendo.

Estou chateado com o preço dos cereais na Dakota do Sul, é isso o que está me roendo.

Olson, com as tripas caindo, Garraty, no fim ele estava andando com as tripas caindo, e é isso o que está me roendo, é isso o que está me roendo... Interrompeu-se e Garraty viu que ele lutava para não vomitar. Bruscamente, McVries disse: Scramm vai mal.

— Vai?

— Collie Parker botou a mão na testa dele e disse que ele está queimando em febre. Está dizendo bobagens. Sobre a mulher, sobre Phoenix, Flagstaff, coisas esquisitas sobre os índios hopis, navajos e bonecas kachina... é difícil entender.

— Quanto mais ele pode aguentar?

— Quem pode saber? Ele pode ainda sobreviver a todos nós. Tem um corpo de búfalo e está dando o máximo de si mesmo. Oh, Jesus, como estou cansado.

— E Barkovitch?

— Está começando a compreender. Sabe que um bocado de nós ficará feliz quando ele comprar um bilhete azul para ir visitar o Reino dos Céus. E resolveu que ia durar mais do que eu, o filho da putazinha safado. Não gosta que eu siga atrás dele. Filho da puta duro, certo, isso eu sei. — McVries soltou novamente aquele riso selvagem. Garraty não gostou daquele som. — Mas ele está com medo. Está diminuindo em energia pulmonar e dependendo de energia das pernas.

— Bem, todos nós estamos.

— Isso mesmo. Estamos nos aproximando de Oldtown, então. Vinte quilômetros. — Isso mesmo.

— Posso lhe contar uma coisa, Garraty?

— Claro. Prometo levá-la comigo para a sepultura.

— Acho que é verdade.

Alguém perto da primeira fila da multidão soltou um buscapé e Garraty e McVries saltaram com o susto. Várias mulheres gritaram agudamente. Um homem entroncado na primeira fila disse “Droga!” com uma boca cheia de pipoca.

— A razão por que tudo isso é tão horrível — disse McVries —, é que é simplesmente trivial, sabia? Nós nos vendemos, negociamos nossa alma por trivialidades. Olson, ele era trivial. Era magnífico, também, mas essas coisas não são mutuamente exclusivas.

Ele era magnífico e trivial. Uma ou outra coisa, ou ambas, ele morreu como um inseto sob um microscópio.

— Você é tão ruim como Stebbins — disse, ressentido, Garraty.

— Eu queria que Priscilla tivesse me matado — continuou McVries. — Pelo menos

isso não teria sido...

— Trivial — concluiu Garraty para ele.

— Sim. Acho que...

— Ouça, quero cochilar um pouco, se puder. Você se importa?

— Não, sinto muito.

McVries falara em tom formal e ofendido.

— Eu sinto muito — desculpou-se Garraty. — Ouça, não leve isso a sério. Foi realmente...

— Trivial — terminou McVries para ele.

Pela terceira vez soltou aquela risada selvagem e se afastou. Garraty desejou — e não pela primeira vez — não ter feito amigos na Longa Marcha. Isso ia torná-la mais difícil.

Na verdade, já tornara.

Sentiu uma movimentação preguiçosa nos intestinos. Eles logo teriam que ser esvaziados. O pensamento fê-lo rilhar os dentes mentais. Pessoas apontariam para ele e ririam. Deixaria a merda cair na rua como se fosse um vira-lata. Depois, pessoas pegariam a bosta com lenços de papel e a guardariam em garrafas como souvenirs.

Pareciam impossível que gente fizesse coisas assim, mas sabia que isso acontecia.

Olson, com as tripas caindo.

McVries e Priscilla na fábrica de pijamas.

Scramm, com o brilho da febre tio rosto.

Abraham... Quanto vale a cartola, plateia?

A cabeça lhe caiu sobre o peito e cochilou. A Marcha prosseguiu.

Através de morros, através de várzeas, através de passagens de nível, através de montanhas. Sobre cristas de montes e sob pontes e passando pela fonte de minha dama.

Soltou uma risadinha nos recessos obscuros do cérebro. Os pés batiam no piso da estrada e o salto frouxo afrouxou mais, como uma velha sanefa numa casa morta.

Penso, logo existo. Primeiro ano da classe de latim. Velhas canções em uma língua morta. Ding-dong-a-cachorra-tá-no-fundo-do-buraco. Quem, porra, a empurrou? O pequeno Jackie Caco.

Existo, logo sou.

Estourou outro buscapé. Gritos e aplausos. A meia-lagarta movia-se e emitia sons metálicos e Garraty ouviu, cochilando, o seu número numa advertência.

Papai, não fiquei contente quando você teve que ir, mas nunca senti realmente falta quando foi. Sinto muito. Mas essa não é a razão por que estou aqui. Não sinto

nenhuma ânsia subconsciente de cometer suicídio, desculpe, Stebbins. Sinto muito, mas...

Os fuzis novamente, acordando-o com um sobressalto e o som conhecido de um saco que cai e outro rapaz indo pra casa, para os braços de Jesus. A multidão gritou de horror e rugiu sua aprovação.

— Garraty! — berrou esganiçada uma mulher. — Ray Garraty! — A voz dela era rouca e quebradiça. — Nós estamos com você, rapaz! Nós estamos com você, Ray!

A voz dela abafou o barulho da multidão e cabeças se viraram, pescoços se espicharam, de modo que todos pudessem ver melhor O Favorito do Maine. Vaias isoladas foram submergidas por aplausos crescentes.

A multidão voltou a cantar. Garraty ouviu seu nome até que ele foi reduzido a uma confusão de sílabas absurdas que nada tinham a ver com ele.

Acenou por um instante para a multidão e voltou a cochilar.

CAPÍTULO 11

“Vamos, seus bundas-moles: Vocês querem viver para sempre?”

— Primeiro-sargento desconhecido,
Primeira Guerra Mundial

Passaram por oldtown por volta de meia-noite. Entraram por duas estradas vicinais, desembocaram na Estrada 2, e cruzaram o centro da cidade.

Para Ray Garraty, toda a travessia daquele local foi um pesadelo vago, distorcido pelo sono. Os aplausos cresceram e incharam até que pareceram eliminar qualquer possibilidade de pensamento ou razão. A noite foi transformada em um dia ofuscante, sem sombras, por lâmpadas de arco voltaico de sódio que emitiam uma estranha luz alaranjada. Confete, jornais, pedaços picados de catálogos telefônicos e longas fitas de papel higiênico desceram e flutuaram caindo de janelas de segundos e terceiros andares.

Era um desfile de celebridades de Nova York numa cidade do interior dos Estados Unidos.

Ninguém morreu em Oldtown. As lâmpadas alaranjadas de arco voltaico desbotaram e a multidão diminuiu um pouco quando seguiram pela margem do Stillwater River nos começos da manhã. Haviam iniciado o dia 3 de maio. Um cheiro velho de fábrica de papel sufocou-os. Era um cheiro suculento de produtos químicos, fumaça de madeira, rio poluído e câncer de estômago prestes a eclodir. .As pilhas cônicas de serragem de madeira eram mais altas do que os prédios do centro da cidade. Tulhas de madeira para fabricação de papel delineavam-se contra o céu como se fossem monólitos. Garraty cochilou e teve sonhos vagos de alívio e redenção e, após o que pareceu um longo tempo, alguém começou e cutucar-lhe as costelas. McVries.

— O que é que há?

— Vamos entrar na via expressa — disse McVries. Estava agitado. — Chegou agora a informação. Botaram uma guarda de honra na rampa de entrada. Vamos receber uma salva de 400 tiros de canhão!

— “E para o vale da morte cavalgaram os quatrocentos”, — murmurou Garraty, esfregando os olhos para afastar o sono. — Já ouvi salvas demais de três canhões hoje à noite. Não estou interessado. Deixe-me dormir.

— Isso não ê o importante. Depois que fizerem parte deles, nós vamos presenteá-los com uma salva.

— Vamos?

— Vamos. Uma vaia insultuosa de 46 homens.

Garraty sorriu um pouco. Achou o sorriso duro e inseguro nos lábios.

— Está falando sério?

— Claro que estou. Bem... uma vaia de 46 caras. Alguns caras estão quase acabados agora.

Garraty teve uma curta visão de Olson, o Holandês Voador humano.

— Bem, bote meu nome entre eles — disse.

— Nesse caso, junte-se a nós ainda por algum tempo.

Garraty aumentou o passo. Ele e McVries adiantaram-se e formaram um grupo mais fechado com Pearson, Abraham, Baker e Scramm. A distância que os rapazes de casaco de couro da vanguarda levava em relação a eles diminuíra.

— Barkovitch esta nessa? — perguntou Garraty.

— Ele acha que é a maior de todas as ideias desde que inventaram as latrinas pagas — resmungou McVries.

Garraty apertou um pouco mais o corpo frio contra si mesmo e soltou uma risadinha sem alegria.

— Aposto que ele vai vaiar de uma forma danada de perversa.

Nesse momento andavam paralelos na estrada expressa. Garraty viu um íngreme terrapleno à direita e acima o brilho vago de mais lâmpadas de arco voltaico — desta vez brancos como osso. A distância à frente, talvez a uns 800m, a rampa de acesso bifurcava-se e subia.

— Lá vamos nós — disse McVries.

— Cathy! — gritou Scramm de repente, provocando um sobressalto em Garraty. Eu não desisti ainda, Cathy!

Virou para Garraty olhos vazios, lustrosos de febre. Nele não havia a menor expressão de reconhecimento. Tinha o rosto afogueado, os lábios rachados com pênfigo agudo.

— Ele não está nada bem — desculpou-se Baker, como se fosse a causa daquilo. Estamos dando água a ele de vez em quando e também derramando um pouco sobre a cabeça dele. Mas o cantil dele está quase vazio e se quiser outro vai ter que gritar pedindo, ele mesmo. São as regras.

— Scramm — chamou Garraty.

— Quem está falando? — perguntou Scramm, os olhos rolando alucinados nas órbitas.

— Eu, Garraty.

— Oh, você viu Cathy?

— Não — respondeu embaraçado Garraty. — Eu...

— Lá vamos nós — repetiu McVries.

Os aplausos da multidão aumentaram novamente em volume e um fantasmagórico cartaz surgiu nas trevas: ESTRADA INTERESTADUAL 95 AUGUSTA PORTLAND PORTSMOUTI1 DIREÇÃO SUL.

— Somos nós — murmurou Abraham. — Deus nos ajudou e aponta para o sul.

A rampa de acesso inclinou-se, subindo, sob os pés dos caminhantes. Passaram pela primeira explosão de luz produzida pelas luzes aéreas a arco voltaico. Sentiram mais macio sob os pés o novo piso da estrada e Garraty experimentou aquela emoção conhecida de exaltação e depressão.

Os soldados da guarda de honra haviam deslocado a multidão ao longo da rampa de acesso em espiral. Nesse momento, silenciosamente, portavam seus fuzis em posição de apresentar armas. Seus uniformes de gala brilhavam resplandecentes e seus colegas, na meia-lagarta empoeirada, pareciam mendigos em comparação.

Aquilo foi como subir de um imenso e agitado mar de ruídos para o ar calmo. O único som ouvido era o das passadas dos caminhantes e o ritmo apressado da respiração. A rampa de acesso parecia alongar-se para sempre e o caminho era ladeado ininterruptamente pelos soldados de uniformes escarlates, os fuzis em posição de apresentar armas.

Nesse momento, de algum lugar na escuridão, veio a voz do major, eletronicamente amplificada:

Apresentar, armas!

Armas bateram em carne.

— Preparar!

Fuzis ao ombro, apontando para o céu acima deles, em um arco de aço. Todos eles, instintivamente, aproximaram-se uns dos outros em busca de proteção contra o estrondo que significava morte — um reflexo que fora pavlovianamente inculcado neles.

— Fogo!

Quatrocentos fuzis troaram na noite, estupendos, num som de estourar tímpanos.

Garraty reprimiu a ânsia de levar as mãos aos ouvidos.

— Fogo!

Mais uma vez o cheiro de fumaça de pólvora, acre, forte em cordita. Em que livro atiravam na água para trazer à superfície o corpo de um homem afogado?

— Minha cabeça — gemeu Scramm. — Oh, Jesus, minha cabeça está doendo.

— Fogo!

Os fuzis estrugiram pela terceira e última vez.

McVries, imediatamente, virou-se e começou a andar de costas, o rosto avermelhado com o esforço que lhe custava gritar.

— Apresentar, armas!

Quarenta línguas umedeceram quarenta conjuntos de lábios.

— Preparar!

Garraty puxou a respiração para os pulmões e lutou para conservá-la ali.

— Fogo!

Foi de dar pena, realmente. Um pequeno e deplorável som de desafio na escuridão. E que não se repetiu. Os rostos impassíveis dos soldados da guarda de honra não mudaram, mas, ainda assim, pareciam sugerir uma sutil repreensão.

— Oh, foda-se tudo isso — exclamou McVries, virando-se e começando a andar para a frente, a cabeça caída sobre o peito.

O leito da estrada nivelou. Estavam na via expressa. Tiveram uma curta visão do jipe do major partindo a toda velocidade na direção sul, um lampejo de fria luz fluorescente nos óculos de sol pretos, e a multidão aproximou-se novamente deles, embora a maior distância nessa ocasião porque a via expressa tinha uma largura de quatro pistas, cinco se contada a faixa gramada no meio.

Garraty dirigiu-se imediatamente para o canteiro central e começou a andar sobre a grama cortada rente, sentindo o orvalho infiltrar-se pelos sapatos rachados e chegar-lhes aos tornozelos. Alguém recebeu uma advertência. A via expressa estendia à frente, plana e monótona, trechos de língua de concreto dividida por essa inserção verde, tudo costurado por faixas de luz branca emitida pelas lâmpadas de arco voltaico de sódio. As sombras que lançavam eram nítidas, claras e longas, como se produzidas por uma luz de verão.

Garraty virou o cantil para cima, tomou um profundo gole, tapou-o voltou a cochilar.

Cento e vinte e cinco, talvez 135km até Augusta. A grama úmida produzia uma sensação tranquilizante.

Tropeçou, quase caiu e acordou com um sobressalto. Algum idiota plantara pinheiros no canteiro central. Sabia que o pinheiro era a árvore-símbolo do estado, mas aquilo não significava levar as coisas um pouco longe demais? Como era que podiam esperar que o cara andasse sobre a grama se...

Não esperavam, claro.

Passou para a pista à esquerda, por onde a maioria caminhava. Mais duas meias-lagartas subiram barulhentas a estrada pela rampa de Orono a fim de cobrir completamente os 46 caminhantes que restavam. Não esperavam que você andasse sobre a grama. Outra piada às suas costas, Garraty, meu velho. Nada vital, apenas outro pequeno desapontamento. Trivial, realmente. Apenas... não ouse desejar coisa nenhuma e não conte com coisa nenhuma. As portas estão se fechando. Uma após outra, elas estão se fechando.

— Vão morrer como moscas hoje à noite — disse. — Hoje à noite vão morrer como insetos.

— Eu não contaria com isso — retrucou Collie Parker e nesse momento parecia gasto e cansado — contido, finalmente.

— Por que não?

— Isso é como querer peneirar uma caixa de biscoitos, Garraty. O farelo cai logo, rápido.

Depois, os pequenos pedaços se quebram e eles caem, também. Mas os biscoitos grandes — o sorriso de Parker foi um relâmpago em forma de crescente de dentes umedecidos de saliva na escuridão, os biscoitos inteiras têm que se quebrar um de cada vez.

— Mas com tanta distância... ainda a percorrer...

— Eu ainda quero viver — disse grosseiramente Parker. — E você também, Garraty. Você e esse cara McVries podem descer a estrada e um enganar o universo e o outro, é tudo conversa fiada mas dá pra matar o tempo. Mas não venha com essa merda pra cima de mim. O fundamental é que você continua a querer viver. E também a maioria dos outros. Vão morrer devagar. Vão morrer um pedaço de cada vez. Posso receber meu bilhete azul, mas neste momento eu me sinto como se pudesse andar o caminho todo até Nova Orleans antes de cair de joelhos diante daqueles safados no seu carrinho de brinquedo.

— Você está falando sério? — Sentiu uma onda de desespero encharcá-lo. — Sério, mesmo?

— Estou, mesmo. Calma aí, Garraty. Nós ainda temos uma longa distância a percorrer.

Afastou-se em passos largos, na direção dos rapazes de jaqueta de couro, Mike e Joe, que nesse momento iam à frente do grupo. A cabeça de Garraty pendeu para o peito e ele cochilou novamente.

A mente começou a destacar-se do corpo, uma imensa câmera cheia de filmes virgens a tirar instantâneos de tudo e de nada, correndo livre, sem dor, sem atrito. Lembrou-se do pai indo embora, usando grandes botas de borracha verde. Pensou em Jimmy Owens, tinha atingido Jimmy com o cano de sua espingarda de ar comprimido, e, sim, quisera fazer isso, fora de propósito, porque aquilo fora ideia de Jimmy, a de tirarem as roupas e se apalparem; fora ideia de Jimmy, fora ideia de Jimmy. A espingarda girando em um arco faiscante, um arco faiscante e intencional, o salpico de sangue (“Desculpe, Jim, oh, Jesus, você precisa de band-aid”) no queixo de Jimmy, ajudando-o a entrar na casa... Jimmy chorando... chorando aos berros.

Ergueu a vista meio estupidificado e um pouco suado a despeito do frio da noite.

Alguém berrara. Os fuzis estavam apontados para um tipo baixo, quase entroncado.

Parecia Barkovitch. Atiraram todos juntos e a pequena figura quase entroncada foi jogado a uma distância de duas pistas, onde caiu como um saco de roupa suja. A cara de lua cheia eriçada de espinhas não era de Barkovitch. Para Garraty, o rosto pareceu descansado, em paz.

Descobriu-se perguntando a si mesmo se não seria melhor que todos eles estivessem mortos e afastou medrosamente o pensamento. Mas não era verdade? O pensamento era inexorável. A dor nos pés duplicaria, talvez triplicasse antes que chegasse o fim, e ela já parecia insuportável nesse momento. E nem mesmo era a dor o que parecia pior. Era a morte, a morte constante, o fedor de carniça que se instalara em suas narinas. Os aplausos da multidão formavam um pano de fundo constante para seus pensamentos. O som acalentava-o. Começou a cochilar novamente e desta vez surgiu a imagem de Jan.

Durante algum tempo, a esquecera inteiramente. De certa maneira, pensou, sem lógica, era melhor cochilar do que dormir. A dor nos pés e nas pernas parecia pertencer a outra pessoa a quem estava frouxamente ligado e pouco, um pouco de esforço podia controlar os pensamentos. Pô-los a trabalhar para si mesmo.

Lentamente, construiu na mente a imagem. de Jan. Os pés pequenos. As pernas robustas mas inteiramente femininas — panturrilhas pequenas que engrossavam até se tornarem grossas coxas de camponesa presa à terra. A cintura era fina e, os seios, cheios e empinados. Os planos inteligentes, arredondados do rosto. Os longos cabelos louros.

Cabelos de prostituta, pensara por alguma razão. Certa vez lhe dissera isso — as palavras haviam simplesmente escapado e pensara que ela ficaria zangada mas ela nem respondera, absolutamente. Achara que, por dentro, ela gostara...

Nesse momento, foi acordado pela contração regular, relutante, dos intestinos. Teve que rilhar os dentes a fim de continuar a andar rápido até que a sensação passasse. O mostrador fluorescente do relógio disse-lhe que era quase uma hora da manhã.

Oh, Deus, por favor, não me obrigue a cagar na frente de todas essas pessoas. Por favor, Deus. Eu lhe darei metade de tudo que ganhar se vencer; apenas, por favor, me dê uma prisão de ventre. Por favor. Por favor. Por fa...

Os intestinos contraíam-se outra vez, com força e dolorosamente, talvez demonstrando o fato de que ele continuava fundamentalmente sadio, a despeito da surra que o corpo levara. Obrigou-se a continuar até sair de baixo do fulgor implacável do poste mais próximo. Nervosamente, desafivelou o cinto, parou e, fazendo uma careta, arriou a calça, uma mão cobrindo protetoramente os órgãos genitais, e acocorou-se. Os joelhos estalaram explosivamente. Os músculos das coxas e panturrilhas protestaram aos gritos e ameaçaram se enodoar ao serem empurrados brutalmente em uma nova direção.

— Advertência! Advertência, número 47!

— John! Hei Johnny, olhe para aquele pobre filho da puta ali.

Dedos apontando, meio vistos e meio imaginados, na escuridão. Flashes de fotógrafos espocaram e Garraty desviou envergonhado a cabeça. Nada podia ser pior do que aquilo. Nada.

Quase caiu para trás, mas conseguiu aprumar-se com auxílio de um braço.

Uma voz de moça, aguda:

— Estou vendo! Estou vendo a coisa dele!

Baker passou por ele sem um olhar.

Por um apavorante momento, pensou que, afinal de contas, tudo aquilo ia ser por nada — um falso alarma — mas depois tudo correu bem. Conseguiu defecar. Em seguida com um meio soluço engolido, levantou-se e iniciou uma meia marcha, meia corrida, afivelando com força as calças, deixando atrás uma parte de si fumegando na noite, olhada avidamente por milhares de olhos — botem dentro de uma garrafa, coloquem em cima da cornija da lareira! A merda de um homem com a vida estirada numa linha! É isso aí, Betty, eu lhe disse que nós tínhamos uma coisa especial na sala de jogos... bem ali em cima, em cima do estéreo. Ele foi morto vinte minutos depois...

Emparelhou-se com McVries e começou a andar ao lado dele, cabeça baixa.

— Foi duro? — perguntou McVries.

Havia uma inconfundível admiração na voz dele.

— Duro, mesmo — respondeu Garraty e soltou um suspiro trêmulo. — Eu sabia que tinha esquecido uma coisa.

— O quê?

— Deixei em casa meu papel higiênico.

McVries soltou uma casquinada.

— Como dizia meu velho avô, se você não tem uma espiga de milho para arrolhar o eu, então simplesmente deixe que a merda corra solta.

Garraty estourou numa gargalhada, um riso gostoso, sem nenhuma histeria. Sentiu-se mais leve, mais frouxo. Por pior que as coisas se tornassem, ele não teria que passar por aquilo novamente.

— Bem, você conseguiu — disse Baker, acertando o passo com eles.

— Jesus! — exclamou Garraty, surpreso. — Por que vocês todos, caras, simplesmente não me enviam um cartão com votos de felicidade, ou coisa assim?

— Não é nada engraçado, com toda aquela gente olhando pra nós — disse, sombrio, Baker.

— Escute, acabo de ouvir um troço. Não sei se acredito ou não. Nem mesmo sei se quero acreditar.

— O que é? — perguntou Garraty.

— Joe e Mike... Os caras de jaqueta de couro que todo mundo pensava que eram amantes? Eles são índios hopis. Acho que era isso o que Scramm estava tentando nos dizer antes e a gente não estava entendendo. Mas... vejam... o que ouvi dizer é que são irmãos.

O queixo de Garraty caiu.

Fui até a frente e dei uma boa olhada neles — continuou Baker. — E o diabo me leve se eles não parecem irmãos.

— Isso é uma deformação — disse furioso McVries. — Uma deformação horrorosa! Os pais dele deviam ser justiçados pelo Esquadrão por permitirem uma coisa dessas!

— Você já conheceu algum índio? — perguntou tranquilamente Baker.

— Não, a menos que sejam de Passaic — respondeu McVries, ainda zangado.

— Há uma reserva seminole na minha terra, do outro lado da fronteira do estado contou Baker. — Eles são uns tipos esquisitos. Não pensam em coisas como "responsabilidade" da mesma maneira que nós. São orgulhosos. E pobres. Acho que essas coisas são as mesmas tanto para hopis como para seminoles. E eles sabem como morrer.

— Nada disso torna a coisa certa — declarou McVries.

— Eles são do Novo México — explicou Baker.

— Isso é um aborto — rematou McVries.

Garraty inclinou-se a concordar com ele.

As conversas diminuíram ao longo da linha, em parte por causa do barulho da multidão, embora mais, desconfiou Garraty, por causa da monotonia da própria via expressa. As colinas eram compridas e baixas, mal parecendo colinas. Os caminhantes cochilavam, fungavam espasmodicamente e pareciam apertar mais os cintos e se resignarem a uma longa e mal-entendida amargura à frente. Os pequenos aglomerados de humanidade se dissolveram e transformaram em três, duas, ilhas solitárias.

A multidão não conhecia fadiga. Aplaudia ininterruptamente com uma única voz rouca, agitando cartazes ilegíveis. O nome de Garraty era berrado com monótona frequência, embora blocos de gente de fora do estado gritassem animando Barkovitch, Pearson, Wyman. Outros nomes passavam rápidos com a velocidade alucinante de neve em tela de televisão.

Fogos de artifícios e buscapés estalavam em estacato. Alguém disparou um foguete de sinalização rodoviária para o céu frio e a multidão dispersou-se, gritando, quando o foguete começou a descer e caiu, a luz vermelha chiando, na areia do acostamento. Mas houve outras manifestações da multidão. Viram um homem munido de alto-falante a bateria que alternativamente elogiava Garraty e anunciava sua própria

candidatura como representante do segundo distrito; uma mulher com uma pequena gaiola com um grande corvo dentro e que apertava contra os seios enormes; uma pirâmide humana constituída de alunos da Universidade de New Hampshire em uniformes de ginástica; um homem de rosto encovado, sem dentes, usando fantasia de Tio Sam e portando um cartaz que dizia: ENTREGAMOS O CANAL DO PANAMÁ AOS CRIOULOS COMUNISTAS.

Mas, à parte isso, a multidão parecia tão monótona e chata como a própria via expressa.

Garraty cochilou intermitentemente e as visões em sua mente alternavam horror com amor. Em um dos sonhos, uma voz baixa e monótona perguntava incessantemente:

Você tem experiência? Você tem experiência? Você tem experiência? e não podia saber se a voz era de Stebbins ou do major.

CAPÍTULO 12

"Desci a estrada, a estrada enlameada.
O sangue correu quando dei uma topada.
Vocês estão todos aqui?"

— Canção infantil na brincadeira de esconde-esconde

Aos trancos e barrancos conseguiram chegar às 9:00h da manhã seguinte.

Ray Garraty virou o cantil sobre a cabeça, inclinando-a para trás até que o pescoço estalou. A temperatura aumentara o suficiente apenas para que o cara não visse mais a condensação do hálito e a água estava gelada; o que afastou um pouco a sonolência constante.

Examinou um a um os companheiros de viagem. McVries exibia nesse momento uma barba bem visível, tão preta como seus cabelos. Collie Parker parecia encovado, embora mais resistente do que nunca. Baker dava a impressão de uma criatura quase etérea.

Scramm não parecia tão afogueado, mas tossia sem parar — uma tosse profunda e trovejante que lembrou a Garraty a si mesmo, há muito tempo. Sofrera uma pneumonia aos cinco anos de idade.

A noite passara em uma sucessão onírica de nomes estranhos nas placas suspensas refletoras de luz: Veazle, Bangor, Hermon, Hampden, Winterport. Os soldados haviam feito apenas duas execuções e Garraty começava a aceitar a verdade da antologia de Parker sobre biscoitos.

E, naquele momento, voltara o dia ensolarado e claro. Haviam-se recomposto os pequenos grupos de proteção, caminhantes dizendo piadas sobre barbas, mas não sobre pés... nunca sobre pés. Garraty sentira, durante a noite, várias pequenas bolhas se rompendo no calcanhar direito, mas a meia macia, absorvente, protegera um pouco a carne viva. Nesse momento passaram por uma placa que dizia: AUGUSTA 75km PORTLAND 190km.

— É mais longe do que disse — censurou-o Pearson.

Horrivelmente abatido, o cabelo escorria-lhe pelo rosto.

— Eu não sou um mapa rodoviário ambulante — protestou Garraty.

— Ainda assim... este é o seu estado.

— É duro.

— Sim, acho que é. — Não havia rancor na voz cansada de Pearson. — Rapaz, eu nunca voltaria a fazer isto nem em mil anos.

— Você deveria viver esse tempo todo.

— É isso aí. — Pearson baixou a voz: — Já resolvi, porém. Se ficar tão cansado que não possa continuar, vou correr para lá e me misturar com a multidão. Eles não terão coragem de atirar. Talvez eu possa escapulir.

— Vai ser a mesma coisa que saltar numa cama elástica — avisou Garraty. — A multidão vai jogá-lo de volta ao leito da estrada para que possa vê-lo sangrar. Já se esqueceu de Percy?

— Percy não estava pensando. Tentava somente correr para o bosque. Acabaram com a raça de Percy, certo. — Olhou curioso para Garraty. — Você não está cansado, Ray?

— Merda, não. — Garraty bateu os braços com fingida energia. — Estou deslizando com as asas paradas, não está vendo?

— Eu estou péssimo — confessou Pearson, passando a língua pelos lábios. — Estou com a maior dificuldade até pra pensar coerentemente. E quanto às pernas, parece que têm arpões enfiados nelas até os...

McVries aproximou-se por trás deles.

— Scramm está morrendo — disse em voz brutal.

Juntos, Garraty e Pearson disseram:

— Ahn?

— Está com pneumonia — explicou McVries.

Garraty inclinou a cabeça.

— Eu tinha medo que fosse isso.

— A gente pode ouvir os pulmões dele a metro e meio de distância. Parecia que alguém bombeou o Gulf Stream para dentro deles. Se ele tiver febre hoje, vai simplesmente queimar até acabar.

— Pobre sacana — disse Pearson e o tom de alívio em sua voz foi simultaneamente e inconsciente e inconfundível. — Ele poderia ter derrotado todos nós, acho. E é casado. O que é que a mulher dele vai fazer?

— O que é que ela pode fazer? — perguntou Garraty.

Nesse momento andavam bem perto da multidão, nem notando mais as mãos estiradas que tentavam tocá-los — o indivíduo tem que conhecer a distância segura depois que unhas lhe arrancaram pedaços da pele uma ou duas vezes. Um garotinho chorou, dizendo que queria ir pra casa.

— Estive falando com todo mundo — disse McVries. — Bem, praticamente todo mundo. Acho que o vencedor deve fazer alguma coisa por ela.

— Tal como, — perguntou Garraty.

— Isso vai ter que ser resolvido entre o vencedor e a mulher de Scramm. E se o

sacana refugar, todos nós podemos voltar do além e assombrá-lo.

— Tudo bem — concordou Pearson. — O que importa perder?

— Ray?

— De acordo. Claro. Falou com Gary Barkovitch?

— Aquele safado? Ele não aplicaria respiração artificial nem na mãe se ela estivesse morrendo de afogamento.

— Eu falo com ele — resolveu Garraty.

— Não vai conseguir nada.

— Ainda assim vou falar. Agora.

— Ray, por que você não fala também com Stebbins? Parece que você é o único com quem ele conversa.

— Posso lhe dizer agora mesmo o que ele vai dizer— resmungou Garraty.

— Não?

— Ele vai dizer "por quê?" E quando terminar, não vou ter a menor ideia do que ele disse.

— Ignore-o, então.

— Não posso. Garraty começou a andar obliquamente em direção à figura pequena e encurvada de Barkovitch. — Ele é o único cara que ainda pensa que vai ganhar.

Barkovitch estava cochilando. Com os olhos quase fechados e uma leve penugem de barba cobrindo o rosto cor de azeitona, ele parecia um ursinho de pelúcia muito maltratado. Perdera o chapéu de chuva ou o jogara fora.

— Barkovitch.

Barkovitch acordou bruscamente.

— O quê? Quem é? Garraty?

— Eu. Escute, Scramm está morrendo.

— Quem? Oh, certo. Um débil mental. Bom pra ele.

— Está com pneumonia. Provavelmente, não vai durar até o meio-dia.

Lentamente, Barkovitch olhou em volta de Garraty com seus olhos pequeninos que pareciam botões pretos. Sim, naquela manhã ele se parecia demais com o destrutivo ursinho de pelúcia de algum garoto.

— Olhe só pra você, com sua cara comprida e séria toda caída, Garraty. Qual é sua cantilena de venda?

— Bem, se você não sabe, ele é casado e...

Os olhos de Barkovitch se esbugalharam e pareceram correr o risco de cair das

órbitas.

— Casado? CASADO? VOCÊ ESTÁ ME DIZENDO QUE AQUELE ESTÚPIDO É...

— Cale essa boca, seu safado! Ele vai ouvi-lo!

— Eu não dou a menor merda para isso! Ele é louco. — Barkovitch olhou indignado para Scramm — O QUE FOI QUE VOCÊ PENSOU QUE IA FAZER, SEU IMBECIL, JOGAR CARTAS? — gritou a plenos pulmões.

Scramm fitou Barkovitch, olhos vermelhos e ergueu a mão em um aceno apático.

Aparentemente, pensou que Barkovitch era um espectador. Abraham, que andava junto a Scramm, com um gesto de dedo em riste mandou Barkovitch tomar no cu. Barkovitch respondeu com o mesmo gesto e virou-se depois para Garraty. Inesperadamente, sorriu.

— Ah, bondade — disse. — Ela brilha em sua estúpida cara de matuto, Garraty. Passando o chapéu para ajudar a mulherzinha do cara que está morrendo, certo? Mas isso não é uma graça!

— Então você está de fora, abri? — disse formalmente Garraty. — Tudo bem.

Começou a afastar-se.

O sorriso de Barkovitch tremeu nos cantos da boca. Agarrou a manga da camisa de Garraty.

— Espere, espere. Eu não disse não, disse? Você me ouviu dizer não?

— Não...

— Não, claro que eu não disse. — O sorriso de Barkovitch reapareceu, mas nesse momento havia alguma coisa desesperada. A arrogância desaparecera. — Escute aqui, comecei com o pé esquerdo com vocês, caras. Não foi essa minha intenção. Merda, sou um cara bastante legal quando a pessoa vem a me conhecer, estou sempre começando com o pé esquerdo, e nunca tive uma turma lá em casa. Em minha escola, quero dizer. Cristo, não sei por quê. Sou um cara bastante legal quando você me conhece, tão legal como qualquer outro, mas eu, sempre, sabia?, parece que começo sempre com o pé esquerdo.

Quero dizer, um cara precisa ter uns dois amigos em um troço como este. Não é bom ficar sozinho, certo? Jesus Cristo, Garraty, você sabe disso. Aquele Rank. Foi ele quem começou, Garraty. Queria me enrabar. Os caras querem sempre me enrabar. Na escola secundária eu andava sempre com um canivete de mola para me defender de caras que queriam me enrabar. Aquele Rank. Eu não queria que ele morresse, essa não foi a ideia, absolutamente. Quero dizer, não foi culpa minha. Vocês caras simplesmente viram o fim da coisa, não a maneira como ele estava... me enrabando, você sabe... — E a voz de Barkovitch morreu.

Sim, acho que sim — respondeu Garraty, sentindo-se hipócrita. Talvez Barkovitch pudesse reescrever a história a seu próprio gosto, mas ele se lembrava bem demais do

incidente com Rank. — Bem, o que é que você quer fazer, afinal de contas? Topa o que combinamos?

— Claro, claro. — A mão de Barkovitch fechou-se convulsivamente na manga da camisa de Garraty, puxando-a como se fosse um cordão de parada de emergência num ônibus. — Enviarei a ela pão suficiente para mantê-la bem alimentada pelo resto da vida. Eu só queria lhe dizer... fazer com que você compreendesse... um cara precisa de amigos... um cara precisa de uma turma, entendeu? Quem quer morrer odiado, se tiver que morrer, é assim que eu vejo a coisa. Eu... eu...

— Claro, certo. — Garraty começou a recuar, sentindo-se como um covarde, ainda odiando Barkovitch, mas, de certo modo, sentindo pena dele também. — Muito obrigado.

Era o toque de humanidade em Barkovitch que o assustava. Por alguma razão, assustava-o. Não sabia por quê.

Recuou depressa demais, recebeu uma advertência, e passou os dez minutos seguintes reduzindo a marcha gradualmente até o ponto onde se encontrava Stebbins.

— Ray Garraty— cumprimentou-o Stebbins. — Feliz 3 de maio, Garraty.

Garraty inclinou desconfiado a cabeça.

— O mesmo pra você.

— Eu estava contando os dedos dos pés — disse afavelmente Stebbins. — São uma companhia admiravelmente boa porque a soma deles sempre é a mesma. O que é que você quer?

E assim, pela segunda vez, Garraty falou do caso de Scramm e da mulher dele e, enquanto fazia isso, outro rapaz recebeu o bilhete azul (OS ANJOS DO INFERNO SOBRE RODAS escrito nas costas de sua esmolambada jaqueta jeans) e conseguiu que a história toda parecesse sem sentido e banal. Ao terminar, esperou tenso que Stebbins começasse a anatomizar a ideia.

— Por que não? — respondeu amavelmente Stebbins.

Olhou para Garraty e sorriu. Garraty notou que a fadiga começava a cobrar um preço, mesmo a Stebbins.

— Você dá a impressão de que não tem nada a perder — observou.

— Exatamente — continuou jovialmente Stebbins. — Nenhum de nós tem realmente qualquer coisa a perder. Isso torna mais fácil fazer doações.

Garraty fitou-o, deprimido. Havia verdade demais no que ele dissera. E tornava pequenino o gesto que pensavam em fazer em favor de Scramm.

— Não me entenda mal, Garraty, meu velho. Sou um pouco esquisito mas não sou mesquinho. Se pudesse fazer Scramm morrer mais cedo recusando colaborar, eu faria isso. Mas não posso. Não tenho certeza, mas aposto que em toda Longa Marcha aparece algum pobre cão como Scramm e o pessoal faz um gesto como esse, Garraty, e aposto

ainda que isso acontece sempre mais ou menos nesta altura da Marcha, quando as velhas realidades e mortalidades estão começando a se fazer sentir. Nos velhos dias, antes da Mudança e dos Esquadrões, quando havia ainda milionários, eles construíram fundações, criaram bibliotecas e faziam toda essa merda meritória. Todo mundo quer uma proteção contra a mortalidade, Garraty. Algumas pessoas se enganam dizendo a si mesmas que a têm nos filhos. Mas nenhum desses pobres filhos perdidos... — Stebbins levantou um braço magro, indicando os outros caminhantes, e riu, mas Garraty achou que ele estava triste — ... eles nunca vão deixar nenhum filho espúrio. — Piscou o olho para Garraty. — Está chocado?

— Eu... eu acho que não.

— Você e seu amigo McVries sobressaem nesta turma variada, Garraty. Não compreendo como qualquer um de vocês se meteu nisto. Estou disposto a apostar que a coisa vai mais fundo do que você pensa. Você levou a sério na noite passada, não? Sobre Olson.

— Suponho que sim — confirmou Garraty com voz arrastada.

Stebbins riu, deliciado. — Você é a exceção, Ray. Olson não tinha segredos.

— Não acho que você estivesse zombando na noite passada.

— Oh, mas eu estava.

Garraty sorriu secamente.

— Quer saber o que é que penso? Acho que você teve uma espécie de introvisão e agora quer negá-la. Talvez ela o tenha assustado.

Os olhos de Stebbins tornaram-se vazios.

— Entenda como quiser, Garraty. O enterro é o seu. Agora, que tal cair fora? Já recebeu a promessa que queria.

— Você quer roubar. Talvez este seja seu problema. Você gosta de pensar que o jogo é manipulado. Mas talvez seja um jogo honesto. Isso o assusta, Stebbins?

— Caia fora.

— Vamos, admita.

— Não admito coisa nenhuma, exceto sua imbecilidade básica. Vá em frente e diga a si mesmo que é um jogo Honesto. — A cor voltara ao rosto de Stebbins. — Todo jogo parece honesto se todo mundo é roubado imediatamente.

— Você está todo mijado — disse Garraty, mas nesse momento a voz carecia de convicção.

Stebbins sorriu levemente e voltou a olhar para os pés.

Estavam saindo nesse momento de uma longa bacia no terreno e Garraty sentiu o suor escorrer quando se apressou para voltar através da linha para o local onde estavam reunidos McVries, Pearson, Abraham. Baker e Scramm — ou, mais

exatamente, os outros estavam reunidos em torno de Scramm. Pareciam preocupado segundos em volta de um boxeador grogue de tanta pancada.

— Como está ele? — perguntou Garraty.

— Por que está perguntando a eles? — disse Scramm.

A antiga voz rouca reduzira-se a um mero murmúrio. A febre passara, deixando-lhe o rosto pálido e ceroso.

— Tudo bem, estou perguntando a você.

— Ah, nada mal — disse Scramm. Tossiu. Um som áspero e borbulhante que parecia vir de baixo d'água. — Não estou tão ruim assim. É bacana o que vocês, caras, estão fazendo por Cathy. Um homem gosta de cuidar de sua gente, mas acho que não estaria certo se desse uma de orgulhoso. Não da maneira como as coisas estão agora.

— Não fale tanto — aconselhou Pearson. — Assim, você vai se esgotar.

— Qual é a diferença? Agora ou depois, qual é a diferença? — Scramm fitou-os embotadamente e sacudiu a cabeça de um lado para o outro. — Por que eu tinha que adoecer? Eu estava indo bem. Estava, realmente. Era um favorito, disparado. Mesmo quando estou cansado, gosto de andar. Olhar pras pessoas, sentir o cheiro do ar... Por quê? Foi Deus? Foi Deus quem fez isso comigo?

— Não sei — respondeu Abraham.

Garraty sentiu a fascinação da morte novamente e ficou enojado. Tentou afastá-la.

Aquilo não era justo. Não, quando a vida de um amigo estava por um fio.

— Que horas são? — perguntou de repente Scramm e Garraty, lugubremente, lembrou-se de Olson.

— Dez e dez — respondeu Baker.

— Mais ou menos 320km de estrada — acrescentou McVries.

— Meus pés não estão cansados — informou Scramm. — Isso é alguma coisa.

Um garotinho estava berrando a plenos pulmões às margens da estrada. Sua voz abafou o ronco da multidão em virtude de sua pura estridência:

— Hei, mãe! Olhe pra aquele cara grandalhão! Olhe pra aquele alce, mãe! Hei, mãe! Olhe!

Garraty virou os olhos por um momento para a multidão e identificou o garotinho, na primeira fila. Usava uma camisa de meia com um desenho de Randy, o Robô, e olhava esbugalhado em volta de um sanduíche meio comido. Scramm acenou para ele.

— Meninos são coisas boas — disse. — Isso mesmo. Tomara que Cathy tenha um menino. Nós dois queremos um menino. Uma menina também seria legal, mas vocês, caras, sabem... um menino... ele tem o nome da gente e o passa adiante. Não que Scramm seja lá grande coisa como nome.

Riu e Garraty pensou no que Stebbins dissera sobre proteções contra a

mortalidade.

Um caminhante rosado, usando suéter azul caída sobre os quadris, retardou os passos até ser alcançado por eles e passou a informação. O Mike, da dupla Mike e Joe, os rapazes de casaco de couro, começara de repente a sentir cólicas na barriga.

Scramm passou a mão pela testa. O peito subiu e desceu num espasmo de tosse forte, ao qual ele, de alguma forma, conseguiu sobreviver e disse:

— Aqueles caras são da minha região. A gente poderia ter vindo juntos, se eu soubesse. São hopis.

— É isso aí — disse Pearson. — Você nos contou.

Scramm pareceu confuso.

— Contei? Bem. não tem importância. Afinal de contas, parece que não vou fazer a viagem sozinho. Eu gostaria de saber...

Uma expressão de determinação formou-se no rosto de Scramm. Começou a acelerar as passadas. Depois, reduziu a marcha por um momento e virou-se para olhá-los. A situação parecia calma nesse momento, resolvida. Garraty fitou-o, fascinado sem querer.

— Acho que não voltar a ver vocês, caras. — Não havia nada mais na voz de Scramm que não fosse uma dignidade simples. — Adeus.

McVries foi o primeiro a responder:

— Adeus, cara — disse em voz rouca. — Boa viagem.

— Isso mesmo, boa viagem — acrescentou Pearson, e desviou a vista.

Abraham tentou falar e não conseguiu. Virou a cabeça para um lado, pálido, os lábios tremendo.

— Vá com calma — disse Baker, o rosto solene.

— Adeus — disse Garraty através dos lábios paralisados. — Adeus Scramm, boa viagem, bom descanso.

— Bom descanso? — Scramm sorriu ligeiramente. — A verdadeira Marcha pode estar ainda para começar.

Estugou o passo até emparelhar-se com Mike e Joe, os de rostos impassíveis e surrados casacos de couro. Mike não permitiria que as cólicas o dobrassem em dois. Andava com as mãos apertando o baixo-ventre. Mantendo velocidade constante.

Scramm falou com eles.

Todos ali ficaram observando-os. Pareceu que os três conferenciaram durante muito tempo.

— Agora, o que diabo eles estão pensando em fazer? — murmurou medrosamente Pearson para si mesmo.

De repente, a conversa acabou. Scramm afastou-se a alguma distância de Mike e Joe.

Mesmo dali de trás Garraty podia ouvir a tosse seca e dilacerante de Scramm. Os soldados observavam atentamente os três. Joe pôs uma mão no ombro do irmão e apertou com força. Entreolharam-se. Garraty não conseguiu ver emoção alguma em seus rostos bronzeados. Em seguida, Mike apressou-se um pouco e emparelhou-se com Scramm.

Um momento depois, Mike e Scramm fizeram uma abrupta meia-volta e começaram a andar na direção da multidão, que, sentindo neles a fisgada dolorosa da mortalidade, gritou agudamente, abertamente, como se eles estivessem contaminados pela peste.

Garraty olhou para Pearson e viu os lábios do amigo se contraírem.

Os dois rapazes receberam advertências e quando alcançaram as cercas de proteção que fechavam a estrada, deram outra marcial meia-volta e começaram a andar na direção da meia-lagarta que avançava. Dois dedos médios, imitando o membro, ergueram-se ao mesmo tempo no ar.

— Eu fodi sua mãe e gostei paca! — gritou Scramm.

Mike disse alguma coisa em sua própria língua.

Um tremendo grito de aplauso dos caminhantes e Garraty sentiu fracas lágrimas embaixo das pálpebras. A multidão caiu no silêncio. O espaço atrás de Mike e Scramm ficou estéril e vazio. Receberam a segunda advertência, sentaram-se juntos, de pernas cruzadas, e começaram a conversar tranquilamente. E aquilo foi danado de estranho, pensou Garraty quando passaram por eles, porque parecia que Scramm e Mike não falavam na mesma língua.

Não olhou para trás. Nenhum deles olhou, nem mesmo quando acabou.

— Quem quer que vença — disse de repente McVries — é melhor que cumpra sua palavra. É melhor.

Ninguém disse nada.

CAPÍTULO 13

"Joanie Greenblum, desça para aqui!"

— JOHNNY OLSEN
The New Price Is Right

Duas da tarde.

— Você está roubando, seu safado! — berrou Abraham.

— Não estou roubando, coisa nenhuma. — respondeu calmo Baker. — Um dólar e 40 centavos é o que você me deve, seu sacana.

— Eu não pago a ladrões.

Abraham apertou com força a moeda de 10 centavos que estivera guardando na mão fechada.

— Eu em geral não jogo cara ou coroa com caras que me tratam assim — respondeu sombrio Baker, mas depois sorriu. — Mas no seu caso, Abe, vou abrir uma exceção.

Você tem tantas maneiras de ganhar que eu simplesmente não posso evitar.

— Cale essa boca e jogue — disse Abraham.

— Oh, por favor, não fale comigo nesse tom — disse abjetamente Baker, rolando os olhos para cima. — Posso até desmaiar e morrer!

Garraty riu.

Abraham resmungou e jogou a moeda no ar, pegou-a e bateu-a com força no pulso.

— Jogue.

— Tudo bem.

Baker jogou a moeda mais alto, pegou-a com mais habilidade e, teve certeza Garraty, espalmou-a pela borda.

— Você fala primeiro — disse Baker.

— Nada disso, Abe, antes desta vez eu falei primeiro três vezes. Talvez seja você quem está roubando.

Abraham murmurou entre os dentes, pensou e mostrou a moeda. Coroa, mostrando o rio Potomac emoldurado por folhas de loureiro.

Baker ergueu a mão, olhou embaixo e sorriu. Sua moeda mostrava também coroa.

— Agora é um dólar e cinquenta centavos que você me deve.

— Deus do céu, você tem que pensar que eu sou tapado! — uivou Abraham. — Acha que eu sou algum tipo de idiota, certo? Vamos, confesse! Simplesmente limpando

cura caipira burro, certo?

Baker pareceu pensar no caso.

— Bem, agora que você pergunta — disse —, se você é ou não um caipira é um assunto que nunca me ocorreu artes. Quanto a ser burro, isso está mais do que comprovado. Quanto a limpar você — pôs a mão em cima do ombro do Abraham —, até que você merece uma boa faxina.

— Vamos — propôs astutamente Abraham —, o dobro ou nada. E, desta vez, você mostra primeiro.

Baker pensou novamente. Olhou para Garraty.

— Ray, você toparia?

— Toparia o quê?

Garraty perdera o fio da conversa. A perna esquerda tinha, decididamente, parecido esquisita.

— Você jogaria o dobro ou nada com esse cara?

— Por que não? Afinal de contas, ele é burro demais para enganar você.

— Garraty, eu pensei que você era meu amigo — disse friamente Abraham.

— Tudo bem, um dólar e cinquenta centavos, o dobro ou nada— concordou Baker e foi nesse momento que a dor monstruosa chegou com uma ferroada na perna esquerda de Garraty, fazendo com que toda a dor das ultimas trinta horas parecesse uma carícia em comparação.

— Minha perna, minha perna, minha perna! — gritou, incapaz de controlar-se.

— Oh, Jesus, Garraty — teve ainda Baker tempo de dizer.

Nada havia na voz dele, exceto uma leve surpresa e logo todos o deixaram para trás, pareceu que todos o passavam e ele ficava ali com a perna transformada em duro e sofredor mármore, ultrapassando-o, deixando-o para trás—

— Advertência! Advertência, número 47!

Não entre em pânico. Se entrar agora; está perdido.

Sentou-se no leito da estrada, a perna esquerda estirada à frente do corpo como se fosse um pedaço de madeira. Começou a massagear os grandes músculos, tentou amassá-los e achou que aquilo era como tentar amassar marfim.

— Garraty? — Era McVries. Parecia assustado... Claro, isso era uma ilusão, não? O que é?

Um estiramento?

— Sim, acho que sim. Continue a andar. Vou ficar bom logo.

Tempo. O tempo estava correndo contra ele, mas todo mundo mais parecia ter reduzido a marcha a um arrastamento. McVries estava andando lentamente, um salto

de sapato mostrando-se, depois o outro, uma faísca da tachas Bastas, um vislumbre da sola rachada e fina como papel higiênico. Barkovitch passou devagar, um pequeno sorriso nos lábios. Lentamente, um silêncio tenso desceu sobre a multidão, movendo-se como unta onda em ambas as direções a partir do lugar onde estava sentado, como se fossem grandes vagalhões a caminho da praia. Minha segunda advertência, pensou, minha segunda advertência chega já, vamos, perna, vamos perna de merda. Não quero morrer, o que é que você acha, vamos, me dá uma oportunidade.

— Advertência! Segunda advertência, número 47!

Sim, eu sei, vocês acham que eu não sei contar, pensam que estou aqui tentando pegar um bronzeado de sol?

O conhecimento da morte, tão verdadeiro e indiscutível como uma fotografia, procurava instalar-se nele e dominá-lo. Tentava paralisá-lo. Expulsou-o com uma desesperada frieza. A coxa era uma dor cruciante, mas, na sua concentração, mal a sentiu. Um minuto de sobra. Não, cinquenta segundos, não, 45, escoando-se, meu tempo está acabando.

Com uma expressão abstrata, quase professoral no rosto, enfiou os dedos tias paralisadas correias e arreios do músculo. Amassou-o, como se faz com massa de pão.

Flexionou-o. Mentalmente, falou com a perna. Vamos, vamos, vamos, sua ordinária. Os dedos começaram a doer e também pouco notou. Stebbins passou por ele e murmurou alguma coisa. Não entendeu o que ele disse. Podia ter sido boa sorte. depois ficou sozinho, sentado na linha branca interrompida, entre a pista de rodagem e a pista de ultrapassagem.

Todos foram embora. O mafuá simplesmente deixou a cidade, puxou as estacas no meio de tudo e deixou a cidade e ninguém mais ficou ali salvo aquele garoto Garraty para enfrentar o vazio do papel de embrulho de balas, pontas de cigarro pisadas e prêmios sem valor jogados fora.

Todos se foram, menos um soldado, jovem, louro e, de uma forma remota, até bonitão, na mão o cronômetro de prata e na outra o fuzil. Não havia compaixão naquele rosto.

— Advertência! Advertência, número 47! Terceira advertência, número 47!

O músculo não estava se soltando, absolutamente. Ia morrer. Depois de tudo aquilo, depois de dar o máximo de si, aquele era o fato irresponsável, afinal de contas.

Soltou a perna e olhou calmamente para o soldado. Perguntou a si mesmo quem iria ganhar. Conjeturou se McVries conseguiria sobreviver a Barkovitch. Especulou como seria uma bala na cabeça, se seria apenas uma súbita escuridão ou se realmente sentiria os pensamentos sendo despedaçados.

Os últimos segundos começaram a esgotar-se.

A câimbra afrouxou. O sangue fluiu de volta ao músculo, provocando um formigamento que parecia produzido por agulhas e alfinetes, aquecendo-o. O soldado

louro com o rosto remotamente bonitão guardou o cronômetro no bolso. Seus lábios moveram-se silenciosamente enquanto contava os segundos.

Mas não consigo me levantar, pensou Garraty. É bom demais simplesmente ficar sentado. Simplesmente ficar sentado e deixar o telefone tocar, droga, por que não tirou o fone do gancho?

Deixou a cabeça cair para trás. Achou que o soldado olhava-o de cima para baixo, como se da boca de um túnel ou por cima da borda de um poço findo. Em movimento lento, ele segurou o fuzil com ambas as mãos, o indicador da mão direita acariciou o gatilho, dobrou-se em volta dele e o cano da arma começou a girar lentamente. Com a mão esquerda, o soldado segurava firme a coronha. Uma aliança brilhou ao sol. Tudo era lento. Tão lento. Apenas... espere no telefone.

É isso, pensou.

A coisa e assim. Morrer.

Com uma estranha lentidão, o polegar direito do soldado girava a trava de segurança para a posição de tiro. Três mulheres magrelas se encontravam imediatamente atrás do soldado, três estranhas irmãs, esperem o telefone. Simplesmente, esperem no telefone um minuto mais, tenho alguma coisa para morrer aqui. Luz do sol, sombra, céu azul.

Nuvens correndo por cima da estrada. Stebbins nesse momento era apenas costas, apenas uma camisa de trabalho azul com manchas de suor entre as omoplatas, adeus Stebbins.

Sons atingiram-no, trovejantes. Não tinha ideia se era sua imaginação, sensibilidade intensificada ou simplesmente o fato de a morte estender para ele os braços. A trava de segurança da arma soltou-se com um som de galho que se quebra. O jato de ar sugado pelos seus dentes foi o som de um túnel aerodinâmico. A pulsação era um tambor. E havia um alto som, não nos ouvidos, mas entre eles, subindo e descendo em espiral e teve a certeza maluca de que aquele era o som autêntico de ondas cerebrais.

Levantou-se de arranco, em um convulsivo movimento voador, gritando. Lançou-se em uma corrida cada vez mais acelerada, deslizaste. Seus pés eram como que feitos de penas. O dedo do soldado endureceu no gatilho e embranqueceu. Olhou para o computador eletrônico preso ao cinto, um dispositivo que incluía um minúsculo mas sofisticado aparelho de somar. Certa vez, Garraty lera um artigo sobre eles na Popular Mechanics. Podiam lera velocidade de um único caminhante com toda a exatidão que se poderia desejar, com uma margem de precisão de até quatro casas decimais.

O soldado afrouxou o dedo.

Garraty reduziu a corrida para uma marcha muito rápida, a boca seca como algodão, o coração batendo com a rapidez de um martelete automático, relâmpagos brancos irregulares surgindo diante dos olhos e, durante um agoniado momento, teve

certeza de que ia desmaiar. A crise passou. Os pés, aparentemente zangados por lhes ter sido negado o repouso a que tinham direito, gritavam furiosos com ele. Rilhou os dentes e aguentou a dor. O grande músculo da perna esquerda ainda tremia alarmantemente, mas ele não estava mancando. Até esse momento.

Olhou o relógio. Duas horas e 17 minutos da tarde. Na próxima hora estaria a menos de dois segundos da morte.

— De volta à terra dos vivos — disse Stebbins quando se emparelhou com ele.

— É mesmo — disse letargicamente Garraty.

Sentiu uma súbita sensação de ressentimento. Eles teriam continuado a andar mesmo que ele houvesse recebido o bilhete azul. Nenhuma lágrima por ele. Apenas um nome e um número anotados nos registros oficiais: GARRATY, RAYMOND, NÚMERO 47, ELIMINADO NO QUILÔMETRO 350. E uma matéria de interesse humano nos jornais do estado durante dois dias: GARRATY MORTO. O "FAVORITO DO MAINE" TORNA-SE O 61º A CAIR!

— Tenho esperança de vencer— murmurou.

— Você acha que conseguirá?

Garraty lembrou-se do rosto do soldado louro. Exibira tanta emoção como um prato de batatas.

— Duvido — reconheceu. — Já tenho três advertências contra. Isso significa que se errou, não?

— Considere a última como um falso palpite — retrucou Stebbins, que nesse momento voltara a olhar para os pés.

Garraty levantou mais os próprios pés, sua margem de dois segundos pesando-lhe na cabeça como uma pedra. Na próxima vez não haveria aviso. Nem mesmo tempo para alguém dizer, é melhor pegá-lo, Garraty, você vai receber mesmo o bilhete.

Emparelhou-se com McVries, que olhou em volta.

— Pensei que você estivesse fora do páreo, garoto — disse McVries.

— Eu, também.

— Tão perto assim?

— Uns dois segundos, acho.

Os lábios de McVries formaram um assovio silencioso.

— Acho que não gostaria de ser você neste exato momento. Como vai a perna?

— Melhor. Escute, não posso conversar. Vou seguir na frente durante algum tempo.

— Isso não ajudou Harkness em coisa nenhuma.

Garraty sacudiu a cabeça.

— Tenho que ter certeza de que estou ultrapassando a velocidade mínima.

— Tudo bem. Quer companhia?

— Se você tiver energia para isso.

McVries riu.

— Tenho tempo se você tem dinheiro, amor.

— Vamos, então. Vamos acelerar enquanto tenho saco para isso.

Garraty aumentou o ritmo até as pernas chegarem ao ponto de rebeldia e ele e McVries passaram rápidos pelos vanguardeiros. Havia um espaço entre o rapaz que seguia em segundo lugar, um tipo desengonçado de rosto perverso chamado Harold Quince, e o sobrevivente dos dois rapazes de jaqueta de couro, Joe. Vista mais de perto, a tez dele era surpreendentemente bronzeada, olhos fixos no horizonte e feições destituídas de expressão. Os inúmeros zíperes da jaqueta tilintavam como se fossem o som de música distante.

— Oi, Joe — disse McVries.

Garraty sentiu uma necessidade histérica de acrescentar: O que é que você acha disto?

— Oi — respondeu secamente Joe.

Passaram por ele e a estrada se tornou propriedade de ambos, uma faixa dupla dividida em duas faixas brancas de concreto armado manchado de óleo e interrompida pela graxenta faixa central, margeada em ambos os lados por uma sólida parede de gente.

— Para a frente, sempre para a frente — disse McVries. — Soldados cristãos, marchando como para a guerra. Já ouviu essa, Ray?

— Que horas são?

McVries lançou um olhar ao relógio.

— Duas e 20. Olhe aqui, Ray, se você vai... — Deus, só isso? Eu pensava...

Sentiu o pânico crescer na garganta, graxento e grosso. Não ia conseguir. A margem era simplesmente estreita demais.

— Escute, se vai continuar a pensar no tempo, vai ficar doido, tentará correr para a multidão e eles o matarão como se você fosse um cão. Atirarão em você enquanto você está com a língua de fora e com a saliva escorrendo pelo queixo. Veja se esquece isso.

— Não posso. — As coisas todas estavam se engarrafando dentro dele, dando-lhe a impressão de que ia ter uma convulsão, enchendo-o de calor e vontade de vomitar. — Olson... Scramm... morreram. Davidson morreu. Eu posso morrer também, Pete.

Acredito nisso agora. Essa ideia está me perseguindo.

— Pense em sua namorada, Jan, no rosto dela. Ou em sua mãe. Ou na droga do gato de sua casa. Ou não pense em nada. Simplesmente suba e desça os pés. Simplesmente

continue a andar. Concentre-se nisso.

Garraty lutou para controlar-se. Talvez tenha até conseguido, um pouco. Mas continuava, ainda assim, a desmilinguir-se. As pernas não queriam mais responder prontamente ao comando da mente, pareciam tão velhas e bruxuleantes como lâmpadas antigas.

— Ele não vai durar muito mais — disse em voz bastante audível uma mulher na primeira fila.

— Seus seios também não vão durar muito mais! — disse-lhe secamente Garraty e a multidão aplaudiu.

— A multidão é deformada — murmurou Garraty, dirigindo-se a McVries. — Ela é realmente tarada, pervertida. Que horas são, McVries?

— Qual foi a primeira coisa que você fez quando recebeu sua carta de confirmação da inscrição? — perguntou baixinho McVries. — O que foi que fez quando teve certeza de que estava realmente na marcha?

Garraty franziu as sobrancelhas, passou rapidamente o antebraço pela testa e deixou a mente voar do presente terrível e suado para aquele momento inesperado, estonteante. .

— Eu estava sozinho. Minha mãe trabalha fora. Foi numa tarde de sexta-feira. A carta estava na caixa do correio e tinha carimbo de Wilmington, Delaware, de modo que tive certeza do que era. Mas tinha certeza também que fora reprovado no exame físico ou no mental, ou nos dois. Tive que lê-la duas vezes. Não entrei em acessos de alegria, mas fiquei satisfeito. Realmente satisfeito. E confiante. Meus pés não doíam na ocasião nem parecia que alguém havia enfiado um ciscador com cabo quebrado nas minhas costas.

Eu era um em um milhão. Faltou-me inteligência para compreender que a mulher-montanha do circo também é.

Interrompeu-se por um momento, lembrando-se, sentindo o cheiro de princípios de abril.

— Eu não podia desistir. Havia gente demais olhando. Acho que a coisa deve funcionar mais ou menos do mesmo jeito com todo mundo. É uma das maneiras que usam para viciar o jogo. Deixei que passasse o dia 15 de abril, o primeiro dia em que poderia desistir, e depois me ofereceram um grande jantar de homenagem tia prefeitura — todos os meus amigos compareceram e, depois da cerimônia, todo mundo começou a gritar:

Um discurso! Um discurso! Levantei-me e disse alguma coisa, como que ia fazer o melhor que pudesse se conseguisse entrar e todo mundo me aplaudiu feito louco. Era como se eu houvesse acabado de pronunciar aquela droga do Discurso de Gettysburg.

Entende o que estou querendo dizer?

— Entendo, sim — respondeu McVries, e sorriu, mas seus olhos ficaram sombrios.

Detrás deles, os fuzis tonitruaram subitamente. Garraty deu um salto convulsivo e quase imobilizou-se. De algum modo, continuou a andar. Por puro instinto cego desta vez, pensou. E na próxima vez?

— Filho da puta — disse baixinho McVries. — Foi o Joe.

— Que horas são? — perguntou Garraty.

Antes que McVries pudesse responder, lembrou-se de que também tinha relógio. Eram 2:38h. Cristo. Sua margem de dois segundos pesava-lhe como um haltere de ferro em cima das costas.

— Ninguém tentou convencê-lo a desistir? — perguntou McVries. Nesse momento, estavam bem à frente do grupo, mais de 100m à frente de Harold Quince. Um soldado fora despachado para mantê-los sob vigilância. Garraty sentiu satisfação porque não era aquele cara louro. — Ninguém tentou convencê-lo a usar o último dia de desistência, que eles chamam de 31 de abril?

— Não, no começo. Minha mãe, Jan e o dr. Patterson — ele é um amigo especial de minha mãe, sabia?, têm uma transa há uns cinco anos — eles levam a coisa numa boa. Estavam satisfeitos e orgulhosos porque a maioria dos garotos no país de mais de 12 anos fazem os testes mas só passa um em 50. E isso deixa elegíveis milhares de garotos e eles só podem usar 200 — cem caminhantes e cem reservas. E não há protecionismo na escolha, como você sabe.

— Claro, tiram os nomes de dentro daquele tambor de merda. Um grande espetáculo na TV — disse McVries, a voz falhando um pouco.

— É isso aí. O major tira 200 nomes, mas só anunciam os nomes. O cara não sabe se é um participante ou um reserva.

— E nenhuma notificação do que o cara é até a data final de desistência concordou McVries, falando como se a data final tivesse transcorrido há anos, e não há apenas quatro dias. — Isso mesmo, eles gostam de arrumar as cartas do baralho ao modo lá deles.

Alguém na multidão acabara de soltar uma flotilha de balões. Os balões subiram para o céu em um arco de vermelhos, azuis, verdes e amarelos que se dissolviam. O vento firme que vinha do sul levou-os para longe com uma velocidade irritante, fácil.

— Acho que sim — concordou Garraty. — Estávamos assistindo à TV quando o major tirou os nomes. Eu fui o número 73 a sair do tambor. Caí literalmente da cadeira. Não consegui acreditar.

— Não, não podia ser você — reconheceu McVries— Coisas assim sempre acontecem ao outro cara.

— Sim, é essa a sensação. E foi nesse momento que todo mundo começou a me pressionar. Não foi como na primeira data, quando tudo era conversa e possibilidades róseas. Jan...

Interrompeu-se. Por que não? Contara tudo mais. Não importava. Ou ele ou

McVries iam morrer antes que aquilo terminasse. Provavelmente, os dois.

— Jan disse que toparia tudo comigo, a qualquer tempo, de qualquer jeito, todas as vezes que eu quisesse, se aproveitasse a última desistência, no dia 30 de abril. Eu disse a ela que isso me faria sentir como um oportunista e um safado, ela ficou uma fera comigo e disse que isso era melhor do que se sentir morto, e depois chorou um bocado. E me implorou. — Ergueu a vista para McVries. — Não sei. Tudo mais que ela tivesse me pedido, eu teria tentado fazer. Mas essa única coisa... Eu não poderia. Era como se houvesse uma pedra atravessada em minha garganta. Depois de algum tempo, ela compreendeu que eu não poderia desistir, não dizer tudo bem, vou ligar para o número 800. Acho que ela começou a compreender. Posso dizer que tal como eu, o que Deus sabe que não era lá muito bem.

— Em seguida, chegou a vez do dr. Patterson. Ele é clínico e tem uma mente lógica inflexível. Ele disse: "Escute aqui, Ray. Figurando no grupo principal e de reservas, sua chance de sobrevivência é de 50 a 1. Não faça isso com sua mãe, Ray." Fui atencioso com ele tanto quanto pude, mas, finalmente, disse-lhe que fosse pra aquele lugar. Disse que achava que as chances de ele casar com minha mãe eram muito baixas, mas que nunca o vira deixando de procurá-la por causa disso.

Garraty passou as mãos pelos cabelos cor de palha. Esquecera tudo sobre a margem de dois segundos.

— Deus, como ele ficou passado. Delirou, esbravejou, disse que se eu queria quebrar o coração de minha mãe que fosse em frente. Disse que eu era tão insensível como... como um percevejo do mato. Acho que foi isso o que ele disse, insensível como um percevejo do mato, talvez seja um dito familiar de parte dele, ou outra coisa qualquer.

Perguntou como me sentia fazendo uma coisa dessas com minha mãe e com uma garota bacana como Janice. De modo que respondi com minha própria lógica irresponsável.

— Sim? — comentou McVries, sorrindo. — O que foi?

— Disse que se ele não saísse dali, eu ia lhe dar urnas porradas.

— E sua mãe?

— Não disse muito, absolutamente. Acho que ela não conseguia acreditar que eu topasse.

E o pensamento do que eu receberia se ganhasse o Prêmio — tudo que o cara possa querer pelo resto da vida — isso também a cegou, acho. Eu tive um irmão, Jeff. Morreu de pneumonia quando tinha seis anos de idade e — é cruel dizer isso não sei como a gente teria conseguido levar a vida se ele tivesse sobrevivido. E... acho que ela continuava a pensar que eu poderia desistir se entrasse no grupo principal. O major é um homem decente. Era isso o que ela dizia. Tenho certeza de que ele o dispensará se compreender as circunstâncias. Mas os Esquadrões pegam o cara com tanta rapidez

por querer fugir de uma Longa Marcha quanto por falar contra ela. Nessa ocasião, recebi o telefonema e soube que era um dos caminhantes. Eu estava no grupo principal.

— Eu, não.

— Não?

— Não. Doze dos caminhantes iniciais usaram o 31 de abril para desistirem. Eu era o reserva número 12. Recebi a convocação pouco depois de 11:00h da noite, há quatro dias.

— Jesus! Foi assim?

— Ahn, ahn. Tão perto assim.

— E isso não o deixa... amargurado?

McVries simplesmente encolheu os ombros.

Garraty consultou o relógio. Eram 3:02h. Tudo ia correr bem. Sua sombra encompridava-se ao sol da tarde, parecendo mover-se com um pouco mais de confiança.

Fazia um frio e agradável dia de primavera. A perna estava em boas condições nesse momento.

— Você ainda acha que poderia apenas... sentar-se? — perguntou a McVries. Você sobreviveu à maioria deles.

— A quantos você e eu sobrevivemos não importa, acho. Vai chegar um momento em que a vontade acabará. Não importa o que eu penso, entendeu? Antigamente, eu me divertia um bocado fazendo umas borrações com tintas a óleo. E eu não era dos piores.

Então, certo dia... aconteceu, não comecei com o tempo a perder o gosto. Simplesmente parei. Aconteceu. Não havia vontade de continuar nem mesmo por mais um minuto. Fui dormir uma noite gostando de pintura e quando acordei o gosto tinha desaparecido.

— Continuar vivo dificilmente pode ser comparado a um hobby.

— Quando a isso, não sei. O que é que você me diz de caçadores submarinos? Caçadores de animais de grande porte? Alpinistas? Ou mesmo algum operário meio débil mental cuja ideia de divertimento é arranjar brigas nos sábados à noite? Todas essas coisas reduzem a sobrevivência à condição de hobby. Parte do jogo.

Garraty ficou calado.

— Melhor acelerar um pouco — aconselhou suavemente McVries. — Estamos perdendo velocidade. Não podemos permitir isso.

Garraty aumentou o ritmo das passadas.

— Meu pai é sócio de um cinema drive-in — continuou McVries. — Ele ia me amarrar e me amordaçar e me prender no porão que existe sob a lanchonete do drive-in para me impedir de participar da Marcha, com Esquadrões ou sem Esquadrões.

— O que foi que você fez? Venceu-o simplesmente pelo cansaço?

— Não havia tempo para isso. Ao chegar a convocação, só me restavam dez hora.

Providenciaram passagem num avião e um carro de aluguel no aeroporto de Presque Isle. Papai delirou e deblaterou, eu fiquei simplesmente sentado ali, inclinando a cabeça, concordando, logo depois ouvimos uma batida à porta e quando minha mãe abriu-a, ali no terraço estavam os dois soldados mais grandalhões e de aparência mais patibular que você já viu. Homem, eles eram tão feios que doía só em olhar para eles. Meu pai deu um olhar neles e disse: "Petie, é melhor você subir e pegar sua mochila de escoteiro". — McVries sacudiu para cima e para baixo nos ombros a mochila e riu com a recordação. — E quando menos esperávamos, estávamos todos no avião, até mesmo minha irmãzinha Katrina. Ela só tem quatro anos de idade. Aterramos às 3:00h da manhã e fomos de carro até o marco da partida. Acho que Katrina foi a única que compreendeu. Ela dizia sem cessar: "Petie vai começar uma aventura". McVries bateu as mãos de uma maneira estranhamente incompleta. — Eles estão hospedados em um motel em Presque Isle. Só querem voltar para casa quando tudo terminar. De uma ou de outra maneira.

Garraty voltou a consultar o relógio: 3:20h.

— Obrigado — disse.

— Por salvar novamente sua vida — e McVries riu gostosamente.

— Sim, exatamente por isso.

— Você tem certeza de que isso foi mesmo um favor?

— Não sei. — Garraty parou por um momento para pensar. — Mas vou-lhe dizer uma coisa.

A vida nunca mais vai ser a mesma para mim. Isto é a coisa que marca o limite de tempo. Mesmo quando a gente anda sem advertências, há apenas dois minutos entre a gente e o lado de dentro do muro do cemitério. isso não é muito tempo.

Como se aquilo fosse uma deixa, os fuzis troaram novamente. O caminhante atingido emitiu um som de gorgolejo, como um peru agarrado subitamente por um fazendeiro que veio por trás em passos silenciosos. A multidão produziu um ruído baixo que poderia ter sido um suspiro, um gemido, ou quase uma liberação sexual de prazer.

— Nenhum tempo, absolutamente — concordou McVries.

Continuaram a andar. As sombras tornaram-se mais compridas. Jaquetas apareceram no meio da multidão quase como se houvessem sido tiradas do nada por um mágico. Em certa ocasião, Garraty sentiu um cheiro quente de fumaça de cachimbo que lhe trouxe uma recordação agridoce do pai. Um cachorrinho de estimação escapou do controle de alguém e correu para a estrada, a coleira vermelha arrastando, a língua pendendo rosada, espuma pingando da boca. Ganiu, correu feito maluco em volta da cauda cortada rente e foi morto a tiros quando arremeteu sem saber o que fazia para

Pearson, que insultou com uma série de palavrões o soldado que o matara. A força do projétil de alto calibre lançou o animal até perto da multidão, onde ele ficou caído, olhos mortiços, ofegando e tremendo. Ninguém pareceu ansioso em reclamar a propriedade do bichinho. Um menininho, porém, passou pelo cordão da polícia, foi até a pista externa da estrada e ficou ali chorando. Um soldado avançou para ele.

A mãe do menino gritou em voz aguda no meio da multidão. Durante um horrorizado momento, Garraty pensou que o soldado ia fazer com o menino o que fizera com o cãozinho. O soldado, porém, apenas empurrou indiferentemente a criança para a multidão.

Às 6:00h, o sol tocou o horizonte e pintou de alaranjado o céu do oeste. O ar esfriou.

Golas foram viradas para cima, espectadores bateram os pés e esfregaram as mãos.

Collie Parker repetiu a queixa habitual sobre a droga do tempo no Maine.

Quando faltar um quarto para as 9:00h estaremos em Augusta, pensou Garraty. E de lá apenas um pulo, um salto, um arranco até Freeport. A depressão envolveu-o. O que faria, nessa ocasião? Dois minutos seriam tudo o que teria para vê-la, a menos que a perdesse na multidão — Deus me livre disso. E depois? Morrer?

De repente, teve certeza de que, afinal de contas, nem a mãe nem Jan estariam lá. Veria apenas seus ex-colegas de escola, ansiosos para verem o monstro suicida que haviam sem saber alimentado em seu seio. E a Associação Feminina de Ajuda. Elas estariam lá.

Elas lhe haviam dado um chá duas noites antes do começo da Marcha. Naquela época remota do passado.

— Vamos começar a reduzir o passo — sugeriu McVries. — Devagar. Fazer companhia a Baker. Entraremos em Augusta juntos. Os Três Mosqueteiros iniciais. O que é que você acha, Garraty?

— Tudo bem — respondeu Garraty.

Á proposta parecia boa.

Começaram a reduzir, lentamente, acabando por deixar que Harold Quince, o de cara sinistra, liderasse a parada. Tiveram certeza de que haviam voltado à sua gente quando Abraham, saindo da escuridão, perguntou:

— Resolveu finalmente voltar e fazer um visitinha aos parentes pobres?

— Je...sus, ele se parece mesmo com um — observou McVries, olhando para o rosto cansado, coberto com uma barba de três dias de Abraham. — Especialmente a esta luz.

— Há 87 anos — entoou Abraham e, por um momento sobrenatural, foi como se um espírito tivesse se infiltrado no Abraham de 17 anos —, nossos pais puseram o pé

neste continente... ah, merda. Esqueci o resto. Tínhamos que aprender o “Discurso de Gettysburg” de cor no oitavo período de história, se queríamos uma nota 10.

— A cara de um dos Patriarcas e a mentalidade de um jumento sifilítico — disse triste McVries. — Abraham, como foi que você se meteu numa embrulhada como esta?

— Entrei às custas de fanfarronadas — respondeu imediatamente Abraham.

Fez menção de continuar mas os fuzis interromperam-no. Eles ouviram o som conhecido de um saco que caía.

— Aquele foi o Gallant — esclareceu Baker, olhando para trás. — Esteve andando morto o dia inteiro.

— Entrou na base da garganta — comentou pensativo Garraty, e riu.

— Exato. — Abraham ergueu a mão e coçou uma depressão cavernosa sob um olho. —

Lembram-se daquele trabalho escrito que serve de teste?

Todos eles inclinaram as cabeças. Uma redação, Por Que Você se Sente Qualificado para Participar da Longa Marcha? era parte padrão da Seção Mental do exame. Garraty sentiu alguma coisa escorrer quente no calcanhar direito e perguntou a si mesmo se aquilo era sangue, pus, suor, ou todos ao mesmo tempo. Não havia dor, embora a meia estivesse puída naquele lugar.

— Bem — continuou Abraham —, a coisa era que eu não me sentia particularmente qualificado para participar de troço nenhum. Fiz o exame atendendo a uma inspiração do momento. Ia para o cinema e por acaso passei pelo ginásio, onde estavam realizando o teste. A gente tem que mostrar sua Permissão de Trabalho para entrar, como vocês sabem. Aconteceu que, naquele dia, eu estava com a minha no bolso. Se não estivesse, não teria me dado ao trabalho de voltar para casa e pegá-la. Teria ido simplesmente ao cinema e não estaria aqui agora, morrendo numa companhia tão alegre como esta.

Os rapazes ficaram pensando em silêncio no que ele dissera.

— Fiz exame de saúde, passei rápido pela parte de múltipla escolha e, no fim, lá estavam aquelas três páginas em branco no final da pasta. “Por favor, responda a esta pergunta de modo tão objetivo e honesto como puder, utilizando no máximo 1.500 palavras”.

Santa merda, pensei. O resto foi fácil. Que perguntas mais bestas aquelas.

— É isso aí, quantas vezes você defeca por dia? — lembrou-se secamente Baker. Já cheirou pó alguma vez?

— Isso mesmo, troços desse tipo — concordou Abraham. — Eu havia esquecido tudo sobre aquela pergunta sobre pó. Fui simplesmente em frente, sacando em boa ordem, vocês sabem, e depois cheguei a essa redação sobre o motivo por que eu me sentia qualificado para participar. Não consegui pensar em nada. Finalmente, um filho

de uma égua usando casaco do exército andou pela sala dizendo: “Cinco minutos. Podem fazer o favor de concluir em cinco minutos?” Em vista disso, eu simplesmente escrevi: “Sinto-me qualificado para participar da Longa Marcha porque sou um filho da puta inútil e o mundo ficaria melhor sem mim, a menos que eu consiga vencer e ficar rico, caso em que eu compraria um Van Gogh pra pendurar em todos os cômodos de minha mansão, pediria sessenta bolinhas das mais finas que houvesse e não chatearia ninguém.” Pensei nisso durante um minuto e em seguida acrescentei entre parênteses: “(Eu desistiria também de minha pensão aos sessenta de idade)”. Pensei que isso ia realmente enfurecê-los. De modo que, um mês depois — eu já havia me esquecido de tudo aquilo —, quando recebi uma carta dizendo que fora aprovado, quase me caguei na calça.

— E você foi em frente? — quis saber Colhe Parker.

— Fui e isso é difícil de explicar. O problema foi que todo mundo achava que aquilo era uma grande piada. Minha namorada queria fotografar a carta e transformá-la em estampa de camisa de meia para usá-la no Shirt Shack, como se pensasse que eu conseguiria pregar nos caras a pior peça do ano. Todo mundo a mesma coisa. Eu me safaria e era isso que todo mundo andava dizendo: “Hei, Abe, você conseguiu mesmo torcer os colhões do major, não foi?” A coisa era tão engraçada que eu simplesmente fui em frente. Podem crer. — Abraham sorriu, morbidamente. — Todo mundo pensava que eu ia continuar torcendo os colhões do major até o fim. O que foi o que eu fiz. Aí, certa manhã, acordei e estava metido nisto. Eu era um caminhante, o 16° a ser sorteado, por falar nisso. De modo que, no fim, o major é que terminou torcendo os meus colhões.

Um pequeno viva sem animação subiu das fileiras dos caminhantes. Garraty ergueu a vista. Uma grande tabuleta refletora informava: AUGUSTA, 16km.

— Você poderia morrer rindo, certo? — disse Collie.

Abraham olhou durante um longo tempo para Parker.

— O Patriarca não achou graça — respondeu em voz oca.

CAPÍTULO 14

"E lembrem-se: se usarem as mãos, gesticularem com qualquer parte do corpo, ou utilizarem qualquer sílaba da palavra, perderão a oportunidade de ganhar dez mil dólares. Simplesmente, forneçam uma lista. Boa sorte.

— DICK CLARE
The Ten Thousand Dollar Pyramid

Todos eles haviam praticamente concordado que pouco lhes restava de tolerância emocional ou capacidade de recuperação. Mas, aparentemente, pensou cansado Garraty quando mergulhavam na escuridão fechada pela estrada U.S. 202, Augusta já a 1,5km atrás, não era assim. Tal como uma guitarra muito maltratada que fora surrada por um músico insensível, as cordas não estavam quebradas, mas apenas dasafinadas, discordantes, caóticas.

Augusta não fora igual a Oldtown. Esta lembrava uma Nova York caipira, falsa.

Augusta era uma cidade nova, uma cidade que uma vez por ano se enchia de farristas alucinados, uma cidade de festa inchada por um milhão de bêbados, cucos e maníacos completos.

Ouviram Augusta e a viram muito antes de chegar lá. A imagem de ondas martelando uma praia distante chegou-lhe com frequência. Escutaram o urro da multidão a uns 8km de distância. Luzes enchiam os céus com um brilho borbulhante de cor pastel, assustador e apocalíptico, lembrando-lhe ilustrações que vira em livros de história sobre a blitz aérea alemã sobre a Costa Leste americana nos últimos dias da Segunda Guerra Mundial.

Entreolharam-se inquietos e se juntaram mais como menininhos em uma tempestade de raios ou vacas em uma chuva de granizo.

Havia uma vermelhidão de carne viva naquele som cada vez mais alto da Multidão.

Uma fome que embrutecia. Formou-se em sua mente uma vívida e apavorante imagem de um grande deus Multidão, deixando a bacia de Augusta, rastejando sobre garras finas de aranha e devorando-os vivos.

A cidade em si fora engolida, estrangulada, e enterrada. Em um sentido muito real, não havia Augusta, e nem mais mulheres gordas, moças bonitas, homens pomposos ou crianças com as calças mijadas acenando com nuvens de algodão-doce. Não havia um agitado italiano ali para jogar-lhes fatias de melancia. Apenas a Multidão, uma criatura destituída de corpo, cabeça ou mente. A Multidão nada mais era que uma Voz e um Olho, e não surpreendia que fosse ao mesmo tempo Deus e Mammon. Sentiu-os. Sabia que os outros sentiam-nos também. Era como se estivessem caminhando entre gigantescos pilones elétricos, sentindo o formigamento e choques que eriçavam cada fio de cabelo, faziam a língua tremer incontrolavelmente na boca e os olhos como que

estalarem e dispararem fagulhas enquanto rolavam em seus berços de umidade. A Multidão tinha que ser agradada, adorada e temida. Em última análise, tinham que ser sacrificados a ela.

Continuaram a andar penosamente através de uma camada de confete que lhes chegava ao tornozelo. Perderam-se uns dos outros e voltaram a se encontrarem uma chuva de folhas de papel e quando deu por si, Garraty estava olhando para o anúncio de cultura corporal de Charles Atlas. Pegou outro e encarou John Travolta.

No auge da excitação; no cume da primeira ladeira na 202, acima da via expressa congestionada de gente atrás e a cidade cheia e saturada de pessoas até o gogó embaixo, dois imensos holofotes, púrpura e branco, fenderam o ar à frente deles e lá estava o major, afastando-se no jipe como se fosse uma alucinação, mantendo a continência, duro como uma vareta de espingarda, incrível, fantasticamente ignorante da multidão que por toda parte em volta dele sofria gigantescas dores de parto.

E os caminhantes... As cordas não se quebraram sobre suas emoções, estavam apenas horrivelmente desafinadas. Com uma voz rouca que não fora ouvida, eles aplaudiram delirantemente, em resposta, os 37 que ainda restavam. A multidão não podia saber que eles estavam aplaudindo, mas, de alguma forma, faziam isso, de alguma maneira haviam compreendido que se fechara por mais um ano o ciclo entre o culto da morte e o desejo de morrer, e a multidão enlouqueceu inteiramente, entrando em convulsões cada vez maiores. Sentiu uma ponta, uma agulhada no lado esquerdo do peito, mas, nem assim, pôde deixar de aplaudir, embora compreendesse que estava à própria beira do desastre.

Um caminhante de olhos evasivos clamado Milligan salvou-os ao cair de joelhos, os olhos fechados fortemente, as mãos nas têmporas, como se estivesse segurando ali dentro o cérebro. Escorregou para a frente e caiu sobre a ponta do nariz, arranhando-a na estrada como se fosse um giz mole em um quadro-negro duro — que coisa mais espantosa, pensou Garraty, aquele garoto gastando o nariz na estrada — e em seguida Milligan foi misericordiosamente fuzilado. Depois disso, os caminhantes deixaram de aplaudir. Garraty ficou apavorado com a dor no peito, que só diminuiu parcialmente.

Prometeu a si mesmo que aquilo era o fim daquela loucura.

— Estamos chegando perto de sua namorada? — perguntou Parker.

Ele não enfraquecera, mas amadurecera. Garraty passara a considerá-lo um cara okay.

— Uns 80km. Talvez 95km. Um pouco mais, um pouco menos.

— Você é o filho da puta de sorte, Garraty — continuou em tom desejoso Parker.

— Sou?

Surpreso, virou-se para ver se Parker estava rindo dele. Não estava.

— Vai ver sua namorada e sua mãe. O que diabo é que eu vou ver entre agora e o fim? Ninguém, a não ser esses porcos. — Gesticulou para a multidão com o dedo médio

e ela aparentemente interpretou o gesto como uma saudação e aplaudiu-o delirantemente. — Estou com saudade de casa — disse. — E com medo. — De repente, gritou para a multidão:

— Porcos! Seus porcos!

A multidão aplaudiu-o mais do que nunca.

— Eu também estou com medo. E com saudades de casa. Eu... quero dizer, nós... —

Procurou as palavras: — Todos nós estamos longe demais de casa. A estrada nos mantém distantes. Poderei vê-los, mas não poderei tocá-los.

— As regras dizem...

— Eu sei o que as regras dizem. Contacto corporal com qualquer pessoa, enquanto eu não sair da estrada. Mas não é a mesma coisa. Há uma parede.

— Isso é danado de fácil para você dizer. Ainda assim, vai vê-las.

— Talvez isso apenas piore a situação — interveio McVries, que se aproximara silenciosamente por trás deles.

Acabavam de passar por um sinal amarelo pisca-pisca no cruzamento de Winthrop.

Garraty viu-o aparecendo e desaparecendo no piso da estrada quando passaram, um olho amarelo assustador, abrindo e fechando.

— Vocês todos estão loucos — disse afavelmente Parker. — Vou cair fora daqui.

Aumentou um pouco a velocidade e logo depois desaparecia em meio às sombras piscantes.

— Ele acha que nós dois somos bichas que se amam — disse divertido McVries.

— Ele o quê?

Garraty levantou bruscamente a cabeça.

— Ele não é um cara de todo mau — continuou pensativo McVries. Fechou um olho risonho para Garraty. — Talvez ele esteja até parcialmente certo. Talvez seja por isso que salvei sua bunda. Talvez eu tenha uma quedinha por você.

— Com uma cara como a minha? Eu pensava que pervertidos como você gostavam de tipos delicados.

Ainda assim, ficou subitamente, embaraçado.

De repente, chocantemente, McVries perguntou:

— Você deixaria que eu batesse uma punheta em você?

Entre dentes, Garraty silvou:

— O que diabo...

— Oh, cale essa boca — cortou-o irritado McVries. — Quando é que você vai acabar com essa merda hipócrita? Não vou nem mesmo facilitar as coisas para você

dizendo que estou brincando. O que é que você acha?

Garraty sentiu uma secura pegajosa na garganta. A coisa era que ele queria ser tocado.

Bicha ou não, isso não parecia importar nesse momento em que todos eles estavam muito ocupados morrendo. Tudo o que importava era McVries. Não queria que McVries tocasse nele, não dessa maneira.

— Bem, acho que você de fato salvou minha vida... — disse, e deixou a coisa no ar.

McVries riu.

— Eu devia me sentir como um calhorda porque você me deve alguma coisa e eu estou tirando vantagem. É isso?

— Faça o que quiser— respondeu secamente Garraty. — Mas deixe de me enganar.

— Isso significa sim?

— O que quiser! — berrou Garraty. Pearson, que estivera olhando, quase hipnotizado, para os próprios pés, levantou a vista, sobressaltado. — O que diabo você quiser! — gritou novamente Garraty.

McVries riu outra vez.

— Você é um cara legal, Ray. Nunca duvide disso.

Apertou-lhe o ombro e recuou.

Garraty acompanhou-o com os olhos, sem entender nada.

— Ele simplesmente nunca consegue o suficiente — disse cansadamente Pearson.

— Ahn?

— Quase 400km — gemeu Pearson. — Meus pés parecem chumbo, com veneno dentro.

Minhas costas estão queimando. E aquele safado do McVries não teve ainda o suficiente. Parece um homem faminto tomando laxativos sem parar.

— Ele quer ser machucado, é isso o que você pensa?

— Jesus, o que é que você acha? Ele devia estar usando uma tabuleta com as palavras BATA COM FORÇA EM MIM. Eu gostaria de saber qual é a dívida que ele está tentando pagar.

— Não sei — disse Garraty.

Ia acrescentar mais alguma coisa, mas notou que Pearson não o escutava mais.

Observava novamente os pés, as feições cansadas contraídas em rugas de horror.

Perdera os sapatos. As meias brancas de atletismo que usava deixavam arcos branco acinzentados na escuridão.

Passaram por uma placa que dizia LEWISTON 47km e, quilômetro e meio adiante,

um letreiro elétrico em arco em letras formadas com lâmpadas elétricas GARRATY 75km.

Quis cochilar mas não conseguiu. Sabia o que Pearson quisera dizer quando mencionara as costas. Sua própria espinha parecia uma barra em fogo. Os músculos na parte traseira das coxas eram feridas abertas, em chamas. A dormência nos pés estava sendo substituída por uma dor muito mais nítida e definida do que qualquer uma que sentira antes. Embora não sentisse fome, comeu ainda assim alguns concentrados. Vários caminhantes nada mais eram do que esqueletos vestidos horrores de campos de concentração. Não queria ficar assim... mas claro que já estava assim. Passou a mão por um lado do peito e tocou xilofone nas costelas.

— Não tive notícias de. Barkovitch ultimamente — disse, num esforço para arrancar Pearson de sua pavorosa concentração — ele lhe lembrava demais Olson reencarnado.

— Não, inteiramente. Alguém disse que uma das pernas dele ficou dura no momento em que ele passou por Augusta.

— Mesmo?

— Pelo menos, foi isso o que me contaram.

Garraty sentiu uma ânsia súbita de reduzir a marcha e dar uma olhada em Barkovitch.

Teve dificuldade em localizá-lo na escuridão e recebeu uma advertência, mas finalmente localizou-o, nesse momento, bem atrás da turma da retaguarda. Barkovitch andava mancando, o rosto duro em rugas tensas de concentração, os olhos tão apertados que pareciam moedas de dez centavos vistas pela borda. A jaqueta desaparecera. Nesse momento ele falava consigo mesmo em uma cantilena baixa, tensa, monótona.

— Olá, Barkovitch — disse.

Barkovitch contorceu-se, tropeçou e foi advertido... pela terceira vez.

— Está vendo! — gritou furioso Barkovitch. — Está vendo o que você fez? Você e seus amigos de merda estão agora satisfeitos?

— Você não me parece lá muito bem — observou Garraty.

Barkovitch sorriu astuciosamente.

— Tudo isso fez parte do Plano. Lembra-se de quando lhe falei sobre o Plano? Você não acreditou em mim. Nem Olson. E também não Davidson e Gribble. — A voz de Barkovitch desceu para um sussurro espesso, cheio de ódio: — Garraty, eu dancei nas sepulturas deles.

— Sua perna está doendo? — perguntou baixinho Garraty. — Hei, mas isso não é uma coisa horrível.

— Só sobraram 35 para continuar a Marcha. E vão começar a cair aos pedaços hoje

à noite. Você vai ver. Não haverá uma dúzia na estrada quando o sol nascer. Vai ver. Você e aqueles seus amigos sacanas, Garraty. Vão estar mortos lá pela meia-noite.

De repente, Garraty sentiu-se muito forte. Teve certeza naquele instante que Barkovitch não ia durar muito. Sentiu vontade de começar a correr, a despeito dos rins doloridos, espinha machucada e pés aos gritos, correr e contar a McVries que ele ia poder cumprir sua promessa.

— O que é que você vai pedir? — perguntou em voz alta. — Quando vencer?

Barkovitch sorriu alegremente como se houvesse estado à espera da pergunta. À luz fraca, seu rosto pareceu amassar-se e apertar-se como se pressionado e socado por mãos gigantes.

— Pés de plástico — murmurou. — Pés de plástico, Garraty. Vou simplesmente mandar cortar estes, o diabo que os leve se eles não conseguem aguentar a parada. Vou mandar instalar pés de plástico e enfiar estes numa máquina de lavar numa laundromat e observar eles girarem, girarem e girarem...

— Eu pensava que você ia querer amigos — comentou triste Garraty.

Um embriagante senso de triunfo, sufocante e fascinante, rugia em seu corpo.

— Amigos?

— Porque você não tem nenhum — disse cheio de pena Garraty. — Todos nós ficaremos contentes em vê-lo morrer. Ninguém vai sentir falta de você, Gary. Talvez eu ande atrás de você e cuspa em seus miolos depois que os espalharem por cima de toda a estrada.

Talvez eu faça isso. Talvez todos nós façamos isso.

Aquilo era uma coisa louca, louca, como se toda sua cabeça estivesse voando, era como daquela vez em que virara o cano da espingarda de ar comprimido para Jimmy; o sangue... Jimmy gritara... toda sua cabeça ficara quente e nebulosa com a justiça selvagem, primitiva, do que fizera.

— Não me odeie — Barkovitch, nesse momento, estava choramingando —, por que você quer me odiar? Eu não quero mais morrer do que você quer. O que é que você quer?

Quer que eu me arrependa? Eu me arrependo! Eu... eu...

— Todos nós vamos cuspirem seus miolos — repetiu alucinado Garraty. — Você também quer cuspir em mim.

Barkovitch fitou-o lividamente, olhos confusos e vazios.

— Eu... eu sinto muito — murmurou Garraty.

Sentiu-se degradado e sujo. Afastou-se apressado dali. O diabo o leve, McVries, pensou, por quê? Por quê?

No mesmo instante os fuzis troaram, dois deles tombaram mortos e um tinha que

ser Barkovitch, tinha que ser. E dessa vez a culpa fora sua, ele era o assassino.

Depois, ouviu Barkovitch rindo, Barkovitch cacarejando, mais alto, mais louco e mesmo mais audível do que a loucura da multidão.

— Garraty! Gaaaarraatyy! Eu vou dançar sobre sua sepultura, Garraty! Eu vou daaaaaançar...

— Cale essa boca! — berrou Abraham. — Cale essa boca, seu safadinho!

Barkovitch parou e depois começou a soluçar.

— Vá pro inferno — murmurou Abraham.

— Agora, você conseguiu — disse Collie Parker em tom de repreensão. — Você o fez chorar, Abe, seu menino mau. Agora ele vai pra casa contar à mamãezinha dele.

Barkovitch continuou a soluçar, um som vazio, seco, que provocou arrepios em Garraty.

Não havia esperança naquilo.

— O nenenzinho vai contar à mamãezinha dele? — gritou Quince falando para trás. — Ahhhh, Barkovitch, mas isso não é uma pena?

Deixem-no em paz, gritou Garraty dentro de sua mente, deixem-no em paz, vocês não têm ideia de como ele está sofrendo. Mas que pensamento hipócrita nojento era aquele?

Queria que Barkovitch morresse. Era melhor reconhecer isso. Queria que Barkovitch entregasse o ouro ao bandido e morresse.

E Stebbins, provavelmente, estivera ali na escuridão rindo deles todos.

Estugou o passo, emparelhou-se com McVries, que andava mancando e olhando preguiçosamente para a multidão. A multidão, por seu lado, olhava-o avidamente.

— Por que você não me ajuda a chegar a uma conclusão? — perguntou McVries.

— Claro. Qual é o tópico para decisão?

— Quem está na gaiola. Nós ou eles?

Garraty riu com autêntico prazer.

— Todos nós. E a gaiola está no puteiro do major.

McVries não se juntou ao riso de Garraty.

— Barkovitch está nas últimas, não está?

— Acho que está.

— Eu não quero ver mais isso. É uma cagada. É um roubo. A gente constrói tudo em volta de alguma coisa... a gente se dedica a alguma coisa... e depois não quer mais a tal coisa. Não é uma pena que todas as grandes verdades sejam, todas elas, grandes mentiras?

— Nunca pensei muito nisso. Sabe que já são quase dez horas?

— É como a gente treinar salto com vara a vida inteira, chegar às Olimpíadas e dizer:

“Por que diabo vou querer saltar por cima daquele sarrafo idiota?”

— Isso mesmo.

— Você quase que se importou, certo? — provocou-o McVries.

— Está ficando mais difícil me provocar — reconheceu Garraty. Fez uma pausa. Uma coisa vinha pertubando-o muito já há algum tempo. Baker se reunira aos dois.

Garraty olhou de Baker para McVries e voltou a falar: — Vocês viram o... vocês viram os cabelos de Olson? Antes de ele receber o bilhete azul?

— O que era que tinha o cabelo dele? — perguntou Baker.

— Estava ficando grisalho.

— Não, isso é loucura — retrucou McVries, mas, de repente, pareceu muito assustado. — Não, era apenas poeira ou alguma outra coisa.

— Estava grisalho — insistiu Garraty. — Parece que estamos nesta estrada a vida inteira. Foi o cabelo de Olson ficando... ficando daquele jeito que me fez pensar nisso pela primeira vez, mas... mas talvez isso seja algum tipo maluco de imortalidade.

O pensamento era terrivelmente deprimente. Olhou direto para a escuridão, sentindo no rosto o vento suave.

— Eu ando, andei, andarei, terei andado — cantarolou McVries. — Querem que traduza isso para o latim?

Nós estamos vivendo em tempo suspenso, pensou Garraty.

Seus pés se moviam, mas eles não. Os brilhos cor de cereja de cigarros na multidão, a lanterna ou luz rotativa de um carro de polícia poderiam ter sido estrelas, estranhas constelações baixas que lhes assinalava a existência à frente e atrás, estreitando-se no nada em ambas as direções.

— Poxa — disse Garraty, arrepiando-se. — Um cara poderia enlouquecer.

— É isso aí — concordou. Pearson e depois riu nervosamente. Nesse momento começavam a subir uma ladeira longa e em curva. A estrada nesse trecho era de placas de concreto com juntas de expansão, dura sob os pés. Garraty achou que podia sentir cada seixo do concreto armado através das solas finas como papel dos sapatos. O vento forte espalhara uma chuva rala de papel de embrulho de balas, saquinhos de pipoca e outro lixo variado do mesmo tipo. Mas em alguns lugares, quase que tinham que abrir caminho pelo bombardeio. Isso não é justo, pensou Garraty, sentindo pena de si mesmo.

— Como é o terreno em frente? — perguntou-lhe McVries, em tom de desculpa.

Garraty fechou os olhos e tentou desenhar um mapa na mente.

Não consigo me lembrar de todas as cidadezinhas. Vamos chegar a Lewiston, que

é a segunda maior cidade do estado, maior do que Augusta. Vamos passar pela rua principal. Antigamente, ela se chamava Lisbon Street, mas agora é a Cotter Memorial Avenue. Reggie Cotter foi o único cara do Maine a vencer a Longa Marcha. Isso aconteceu há muito tempo.

— Ele morreu, não? — perguntou Baker.

— Morreu. Teve hemorragia em um olho e terminou a Marcha meio cego. Descobriu-se que ele tinha um coágulo sanguíneo no cérebro. Morreu mais ou menos uma semana depois da Longa Marcha. — E num frágil esforço para aliviar a moral da história, acrescentou: — Isso aconteceu há muito tempo.

Ninguém falou durante algum tempo. Papel de embrulho de bombons estalava sob seus pés com o som de um distante incêndio em floresta. Um buscapé estourou no meio da multidão. Garraty viu uma luz fraca no horizonte. Provavelmente eram as cidades geminadas de Lewiston e Ausburn, a terra dos Dussettes, Àubuchons e Lavesques, a terra do Nous parlons français ici. De repente, sentiu um desejo quase obsessivo de uma tira de goma de mascar.

— E depois de Lewiston?

— Descemos a Estrada 196 e pegamos em seguida a 126 para Freeport, onde vou ver minha mãe e minha namorada. É lá também que passamos para a estrada U.S. 1. E é nesta que vamos continuar até que tudo acabe.

— A grande estrada real — murmurou McVries.

— Isso.

Os fuzis detonaram e todos eles saltaram.

— Foi Barkovitch ou Quince — disse Pearson. — Não posso saber... um deles continua andando... é...

Da escuridão saiu a risada de Barkovitch, um som agudo, de gorgolejo, fino e apavorante.

— Ainda não, seus putos! Eu não morri ainda! Aiinnnda não...

A voz começou a subir cada vez mais, parecendo uma sirene de bombeiros que enlouquecera. As mãos de Barkovitch subiram de repente como pombas assustadas que levantam voo a ele agarrou a própria garganta.

— Meu Jesus! — gemeu Pearson, e vomitou sobre si mesmo.

Fugiram dele, fugiram e se dispersaram, à frente e para trás. Barkovitch continuou a gritar, a unhar a garganta e a andar, o rosto de fera virado para o céu, a boca uma curva torta na escuridão.

Depois o som de sirene começou a esmorecer e Barkovitch esmoreceu com ele. Caiu a atiraram nele, estivesse morto ou ainda vivo.

Garraty virou-se e voltou a adiantar-se. Sentiu uma leve satisfação por que não fora advertido. Viu uma cópia a carbono de seu horror em todos os rostos em volta. A

parte de Barkovitch na Marcha terminara. Pensou que aquilo não augurava bem para o resto deles, para o futuro deles naquela estrada escura e sanguinolenta

— Não me sinto bem — disse Pearson. Falava em voz sem expressão. Vomitou em seco e andou curvado em dois por um momento. — Oh, não me sinto nada bem. Oh, Deus. Não me sinto. Sinto. Tão bem. Oh.

McVries olhou direto para a frente.

— Eu acho... acho que desejaria estar louco — disse pensativo.

Baker foi o único que nada disse. E aquilo foi estranho porque, de repente, Garraty sentiu uma lufada de madressilva da Louisiana. Ouviu o coaxar de rãs nos alagados.

Sentiu o zumbido suado, preguiçoso, das cigarras perfurando o tronco duro dos ciprestes antes de iniciar seu sono sem sonhos de 17 anos. E viu a tia de Baker balançando-se para a frente e para trás, olhos sonhadores, sorridentes e vazios, sentada no alpendre, escutando a estática, o zumbido e as vozes distantes em um velho rádio Philco, com uma caixa lascada e rachada de mogno. Balançando-se, balançando-se, balançando-se, sorridente, sonolenta. Tal como uma gata que tomara seu pires de leite e estava satisfeita.

CAPÍTULO 15

“Não me interessa se vocês ganham ou perdem, contanto que ganhem.”

— VICE LOMBARDI
Ex-treinador do Green Bay Packers

A luz do dia chegou insinuando-se por um mundo branco e silencioso de nevoeiro. Mais uma vez, Garraty andava sozinho. Nem sabia quantos mais haviam sido exterminados naquela noite. Cinco, talvez. Seus pés tinham dores de cabeça.

Enxaquecas terríveis. Sentia-os incharem toda vez que neles punha o peso. As nádegas doíam. A espinha era gelo em fogo. Os pés, porém, tinham dor de cabeça e o sangue estava coagulando-se neles, inchando-os e transformando as veias em espaguete ai dente.

E ainda assim um verme de emoção crescia em suas tripas: estavam nesse momento e apenas 20km de Freeport. Passavam nesse momento por Porterville e a multidão mal podia divisá-los através do denso nevoeiro, mas vinha cantando-lhe ritmicamente o nome desde Lewiston, como se fosse a pulsação de um coração gigantesco.

Freeport e Jan, pensou.

— Garraty? — A voz era conhecida, mas quase não se ouvia. McVries, o rosto transformado numa caveira peluda, olhos brilhando febris. — Bom dia. — grasnou ele. — Estamos vivos para lutar durante mais um dia.

— É isso aí. Quantos se foram na noite passada, McVries?

— Seis. — McVries tirou um pote de bacon do cinto e começou a levá-lo com o dedo à boca. Com mãos que tremiam muito. — Seis, desde Barkovitch. — Recolocou o potinho no cinto com um tremor de ancião. — Pearson recebeu também o bilhete azul.

— Mesmo?

— Não sobraram muitos de nós, Garraty. Apenas 26.

— Não, não são muitos.

Andar pelo nevoeiro era como passar por nuvens imponderáveis de pó de naftalina.

— Não muitos de nós, também. Os Mosqueteiros. Você e eu, Baker e Abraham, Collie Parker. E Stebbins, se o conta também. Por que não? Por quê, merda, não? Vamos incluir Stebbins, Garraty. Seis Mosqueteiros e 20 carregadores de lança.

— Você ainda pensa que eu vou ganhar?

— Fica sempre tão nevoento por aqui na primavera?

— O que isso quer dizer?

— Não, não acho que você vá ganhar. Quem vai ganhar é Stebbins, Ray. Nada pode cansá-lo. Ele é como um diamante. O que se diz é que Vegas aposta nele agora, dando uma vantagem de nove a um, desde que Scramm foi eliminado. Cristo, ele parece quase o mesmo agora como quando começou.

Garraty inclinou a cabeça, como se esperasse isso. Puxou do cinto o tubo de concentrado de bife e começou a comê-lo. O que não teria dado por um pouco do hambúrguer de carne crua de McVries, que acabara há tanto tempo.

McVries fungou um pouco e passou a mão pelo nariz.

— Não lhe parece estranho? Voltar à sua zona depois de tudo isto?

Garraty sentiu o verme de emoção contorcer-se e virar-se novamente.

— Não — respondeu. — Parece a coisa mais natural do mundo.

Desceram uma longa ladeira e McVries ergueu a vista para a tela vazia de um cinema drive-in.

— O nevoeiro está piorando.

— Não é nevoeiro — corrigiu-o Garraty. — É chuva agora.

A chuva caiu miúda, como se não tivesse a menor intenção de parar por muito tempo.

— Onde está Baker?

— Em algum lugar lá pra trás.

Sem pronunciar palavra — palavras eram quase desnecessárias nessa ocasião Garraty começou a reduzir a marcha. A estrada levou-os além de uma ilha de tráfego, do raquítico Porterville Rec Center, com suas cinco pistas de boliche e um deserto e escuro prédio de venda de artigos excedentes do governo.

No nevoeiro, não conseguiu encontrar Baker e acabou andando ao lado de Stebbins.

Duro como diamante, dissera McVries. Mas esse diamante estava mostrando algumas imperfeições, pensou. Nesse momento acompanhavam o caudaloso, morto e poluído Androscoggin River. Na outra margem, a Porterville Weaving Company, uma fábrica têxtil, erguia suas torres pequenas dentro do nevoeiro como se fosse um sujo castelo medieval.

Embora Stebbins não erguesse a vista, Garraty sabia que Stebbins sabia que ele estava ali. Continuou calado, tolamente resolvido a obrigar Stebbins a pronunciar a primeira palavra. A estrada entrou em curva outra vez. Durante um momento, quando cruzavam a ponte sobre o Androscoggin, a multidão desapareceu. Embaixo deles a água fervia, escura e salgada, coberta de espuma amarela cerosa.

— Bem?

— Economize fôlego por um minuto — disse Garraty. — Vai precisar dele.

Chegaram ao fim da ponte e reencontraram a multidão ao virarem para a esquerda e começaram a subir a Brickyard Hill. Era uma subida longa, íngreme e alta. O rio se afastava abaixo deles, à esquerda, e à direita deles erguia-se uma encosta quase perpendicular. Espectadores agarravam-se a árvores, moitas, uns aos outros, e entoavam o nome de Garraty. Certa vez, saíra com uma pequena que morava em Brickyard Hif, uma pequena chamada Carolyn. Casara. Tinha um filho. Poderia ter deixado que ele metesse com ela, mas ele naquele tempo era muito moço e muito estúpido.

À frente, Parker estava murmurando um fraco e apagado droga! que mal conseguiu ouvir acima dó ruído da multidão. As pernas tremeram-lhe e ameaçaram transformar-se em geleia, mas essa era a última ladeira antes de Freeport. Depois dessa cidade, não importava mais. Se fosse para o inferno, iria para o inferno.

Finalmente, chegaram ao alto (Carolyn tinha belos seios e frequentemente usava suéteres de cashmere) e Stebbins, arquejando um pouco, repetiu:

— Bem?

Os fuzis troaram. Um rapaz chamado Charlie Field fez sua última mesura para o público e deixou a Marcha.

— Bem, nada — respondeu Garraty. — Eu estava procurando Baker e acabei encontrando você. McVries diz que acha que você pode ganhar.

— McVries é um idiota — respondeu em tom indiferente Stebbins. — Você pensa, realmente, que vai ver sua namorada, Garraty? No meio dessa gente toda?

— Ela vai ficar na primeira fila — lembrou Garraty. — Tem um passe.

— Os policiais vão ficar ocupados demais contendo a multidão para poder levá-la até a primeira fila.

— Isso não é verdade — retrucou áspero, porque Stebbins previra seu medo mais profundo.

— Por que você quereria dizer uma coisa como essa?

— Afinal de contas, é sua mãe quem você quer realmente ver.

Garraty encolheu-se fortemente.

— O quê?

— Você não vai casar com ela quando crescer, Garraty? É isso o que a maioria dos garotos quer.

— Você está louco.

— Estou?

— Está!

— O que é que o faz pensar que merece vencer, Garraty? Você é um intelecto de

segunda classe, um espécime físico de segunda classe e, provavelmente, tem uma libido de segunda classe. Garraty, aposto meu cachorro e um bocado de coisas que você nunca meteu naquela sua namorada.

— Cale essa boca suja!

— Donzelo, não é? Talvez, de quebra, um pouco bicha? Um pouquinho veado? Não tenha receio. Pode contar tudo ao papai Stebbins.

— Eu vou sobreviver a você mesmo que tenha que andar até a Virgínia, seu ordinário! — disse Garraty, tremendo de raiva.

Não conseguia lembrar-se de ter sentido tanta fúria em toda a vida.

— Tudo bem — tranquilizou-o Stebbins. — Eu compreendo.

— Seu filho da puta! Seu...

— Bem, essa é uma expressão interessante. Por que usou essa expressão?

Durante um momento, Garraty teve certeza de que precisava agredir Stebbins ou desmaiaria de raiva, mas não fez nem uma coisa nem outra.

— Mesmo que eu tenha que andar até a Virgínia — repetiu. — Mesmo que tenha que andar o caminho todo até a Virgínia.

Stebbins espreguiçou-se nas pontas dos pés e sorriu sonolento.

— Eu acho que aguentaria andar o caminho todo até a Flórida, Garraty.

Garraty mergulhou na noite, afastando-se dele, à procura de Baker, sentindo ao mesmo tempo a raiva e a fúria morrerem numa espécie de latejar envergonhado. Achou que Stebbins pensara que ele era um alvo fácil. Talvez fosse.

Baker andava nesse momento ao lado de uma rapaz que Garraty não conhecia, cabeça baixa, os lábios movendo-se um pouco.

— Hei, Baker — disse.

Baker sobressaltou-se e em seguida sacudiu-se todo, como se fosse um cão.

— Garraty — disse. — Você.

— Sim, eu.

— Eu estava sonhando... um sonho horrivelmente real. Que horas são?

Garraty olhou o relógio.

— Quase vinte pras sete horas.

— Você acha que vai chover o dia todo?

— Eu... ahn! — Garraty caiu para a frente, perdendo momentaneamente o equilíbrio. — A droga de um salto soltou — disse.

— Livre-se do outro — aconselhou Baker. — As tachas vão começar a furar. E você tem que fazer mais força quando está desequilibrado.

Garraty chutou o sapato, que voou em cambalhotas até quase junto da multidão, onde ficou como um pequeno cachorrinho aleijado. As mãos da Multidão estenderam-se avidamente para pegá-lo. Uma agarrou-o, outra disputou-o e houve uma luta violenta e enrolada para pegar o sapato. O outro sapato não quis sair com um chute, o pé inchara muito. Ajoelhou-se, recebeu uma advertência, desamarrou-o e tirou-o. Pensou em jogá-lo para a multidão mas terminou por deixá-lo ali na estrada. Uma grande e irracional onda de desespero envolveu-o de repente e pensou: Perdi meus sapatos. Perdi meus sapatos.

Sentiu nos pés o frio do leito da estrada. Os restos esmolambados das meias logo depois se empaparam de água. Os pés pareceram-lhe estranhos, esquisitamente encaroçados. O desespero transformou-se em compaixão pelos pés. Emparelhou-se rapidamente com Baker, que andava também descalço.

— Estou praticamente no fim — disse Baker, com simplicidade.

— Todos nós estamos.

— Ando me lembrando de todas as coisas boas que me aconteceram. Tal como a primeira vez em que levei uma garota para dançar e houve aquele cara grandalhão bêbado que continuava a pedir sua vez. Levei-o lá pra fora e dei-lhe uma surra. Só consegui fazer isso porque ele estava muito bêbado. A garota olhou para mim como se eu fosse a coisa mais importante que acontecera no mundo desde o aparecimento do motor de combustão interna. Minha primeira bicicleta. A primeira vez em que li Me Woman in White, de Wilkie Collins... que é o meu livro favorito, Garraty, se alguém jamais lhe perguntar isso. Deitar no quintal e dormir com uma revistinha de Popeye em cima da cara. Eu penso nessas coisas, Garraty. Apenas ultimamente. Como se estivesse velho e ficando senil.

A chuva de começos da manhã caía prateada em volta deles. Até a multidão parecia mais silenciosa, mais recolhida. Rostos puderam ser vistos novamente, meio apagados, tal como caras atrás de vidraças molhadas pela chuva. Rostos pálidos, olhos escuros com expressões pensativas sob chapéus e guarda-chuvas gotejantes, ou então jornais abertos. Sentiu uma dor profunda dentro do corpo e pensou que a aliviaria se pudesse gritar, mas não podia fazer isso, como também não podia consolar Baker e lhe dizer que ele tinha todo direito de morrer. Podia ser assim, mas, também podia não ser.

— Tomara que não seja escuro — disse Baker. — Essa é toda minha esperança. Se houver um... um além, espero que não seja escuro. E espero que você possa lembrar-se disso.

Eu odiaria vaguear para sempre na escuridão, sem saber quem era ou o que estava fazendo ali ou nem mesmo sabendo que já tivera alguma coisa diferente.

Garraty começou a filar, mas foi silenciado pelos tiros. Os negócios estavam se reativando novamente. O hiato que Parker previra com tanta exatidão quase terminara.

Os lábios de Baker subiram numa careta.

— É disso que eu tenho mais medo. Desse som. Por que foi que nós fizemos isto, Garraty? Devíamos ter estado loucos.

— Não acho que tenha havido qualquer boa razão.

— Nós somos apenas camundongos numa ratoeira.

A Marcha continuou. A chuva caiu. Passaram por lugares que Garraty conhecia cabanas em ruínas onde não vivia ninguém, uma escola abandonada de um cômodo que fora substituída por um novo prédio pré-fabricado, galinheiros, velhos caminhões sobre suportes, campos recém-gradeados. Aparentemente, lembrava-se bem de cada campo, de cada casa. Nesse momento formigava de excitação. A estrada como que parecia voar, e as pernas a ganhar uma nova e falsa vivacidade. Mas talvez Stebbins tivesse razão — talvez ela não estivesse lá. Essa possibilidade tinha que ser prevista e preparar-se para ela, pelo menos.

Chegou a notícia através das fileiras ralas de que uma rapaz na frente acreditava estar sofrendo um ataque de apendicite.

Antes, poderia ter-se assustado com isso, mas, naquele momento, aparentemente nada mais importava que não fosse Jan e Freeport. Os ponteiros do relógio corriam com uma demoníaca vida própria. Só oito quilômetros agora, Já haviam ultrapassado os limites da cidade de Freeport. Em algum lugar lá à frente, Jan e sua mãe já estariam em frente ao Woolman's Free Trade Center Market, como haviam combinado.

O céu clareou um pouco mas permaneceu nublado. A chuva transformou-se numa teimosa garoa. Nesse instante a estrada era um espelho escuro, gelo preto no qual podia quase ver o reflexo deformado de seu próprio rosto. Passou a mão pela testa. Sentiu-a quente e febril. Jan, oh, Jan, você tem que saber que eu...

O rapaz com uma dor no lado era o número 59, Klingerman. Começou a gritar, gritos que rapidamente se tornaram monótonos. Lembrou-se da única Longa Marcha que vira — também em Freeport — e de um rapaz que monotonamente dizia: .Não posso. Não posso. Não posso.

Klingerman, pensou, feche essa matraca.

Klingerman, porém, continuou a andar e a gritar, as mãos apertando um lado do corpo, enquanto continuavam a correr os ponteiros de seu relógio. Oito horas e 15 minutos nessa ocasião. Você estará lá, não, Jan? Certo. Okay. Não sei o que você significa mais para mim, mas sei que ainda estou vivo e que preciso que você esteja lá, para me dar um sinal, talvez. Simplesmente esteja lá. Esteja lá.

Oito horas e trinta minutos.

— Estamos nos aproximando dessa droga de cidade, Garraty? — uivou Parker.

— O que é que isso importa para você? — escarneceu McVries. — Você certamente não tem nenhuma garota à espera.

— Eu tenho garotas em toda parte, seu estúpido — respondeu Parker. — Elas dão uma olhada no meu rosto e cagam na calcinha.

O rosto a que ele se referia estava nesse momento abatido e encovado, apenas uma sombra do que fora.

Oito horas e 45 minutos.

— Calma aí, meu chapa — disse McVries quando Garraty emparelhou-se com ele e começou a ultrapassá-lo. — Economize um pouco hoje à noite.

— Não posso. Stebbins disse que ela não estaria lá. Que não teriam um policial desocupado para ajudá-la a atravessar a multidão. Tenho que descobrir. Tenho que...

— Simplesmente vá na calma, é tudo o que estou dizendo. Stebbins obrigaria a mãe a tomar um coquetel de Lysol se isso o ajudasse a vencer. Não dê atenção a ele. Ela estará lá. No mínimo, isso dá tinta grande RP.

— Mas...

— Mas não me venha mais com nenhum mas, Ray. Modere o passo e viva.

— Você pode meter no cu esses seus chavões de merda! — berrou Garraty. Apertou com força os lábios e levou a mão trêmula ao rosto. — Eu... eu sinto muito. O que eu disse não tem desculpa. Stebbins, de qualquer modo, disse que, na realidade, eu só queria mesmo era ver minha mãe.

— E não quer?

— Claro que quero vê-la! O que diabo você pensa que eu... não... sim... não sei. Eu tive um amigo. E ele e eu... nós... nós tiramos a roupa... e ela... ela...

— Garraty — interrompeu-o McVries e estendeu a mão para tocar-lhe o ombro.

Klingerman estava gritando muito alto nesse momento. Alguém perto da primeira fila da multidão perguntou-lhe se ele queria um Alka-Seltzer. Essa tirada provocou risos gerais. — Você está caindo aos pedaços, Garraty. Controle-se. Não bote tudo a perder.

— Deixe-me em paz! — berrou Garraty. Enfiou com força um punho na boca e mordeu-o.

Após um segundo, disse: — Simplesmente, não me encha!

— Tudo bem. Claro.

McVries afastou-se. Garraty quis chamá-lo de volta mas não pôde.

Em seguida, pela quarta vez, o relógio marcou nove horas da manhã. Viraram à esquerda e a multidão ficou novamente abaixo dos 24 restantes quando eles cruzaram a passagem de nível 295 e entraram na cidade de Freeport. À frente ficava a Dairy Joy, onde ele e Jan às vezes paravam após o cinema. Dobraram à direita e passaram à estrada U.S. 1, o que alguém clamara de a grande autoestrada. Grande ou pequena, era a última autoestrada. Os ponteiros de seu relógio pareceram saltar em sua direção. O centro da cidade ficava bem à frente. O Woolman's ficava à direita. Já podia vê-lo, um prédio baixo e feio escondido atrás de uma falsa fachada. Os papéis picados começaram a cair.

A chuva tomavas empapados, pegajosos, mortos. A multidão aumentava. Alguém ligou a sirene de bombeiros da cidade e seus lamentos misturaram-se e confundiram-se com os de Klingerman. Klingerman e a sirene dos bombeiros de Freeport cantavam um dueto de pesadelo.

A tensão encheu-lhe as veias, entupiu-as inteiramente de fios de cobre. Sentia o coração batendo forte, ora nas tripas, ora na garganta, em seguida bem entre os olhos. Duzentos metros (RAY-RAY-SEMPRE-RAY), mas não vira ainda na multidão nenhum rosto conhecido.

Gradualmente passou à direita, até que as mãos em garras da Multidão ficaram a centímetros de distância — um braço longo e moreno chegou a puxar-lhe a camisa e ele saltou para trás como se estivesse sendo puxado para dentro de uma máquina picotadora — ao mesmo tempo que os soldados lhe apontavam as armas, prontos para atirar se ele tentasse mergulhar naquela onda de humanidade. Só mais uns cem metros. Viu o grande letreiro marrom de Woolman's, mas nenhum sinal da mãe ou de Jan. Deus, oh, Deus, Deus, Stebbins tivera razão... e mesmo que estivessem ali, como poderia vê-las nessa massa mutável, de mãos prontas para agarrar?

O gemido trêmulo deixou-lhe o peito, como se fosse um pedaço vomitado de carne.

Tropeçou e quase caiu por cima das próprias pernas bambas. Stebbins tivera razão.

Queria parar ali, não dar mais nenhum passo à frente. O desapontamento, o senso de perda, eram tão arrasadores que se tomavam vazios. Qual era o propósito? Qual era o propósito agora?

Sirene de incêndio tocando a todo vapor. Multidão se esgoelando, Klingerman uivando, chuva caindo, e sua pobre pequena alma torturada batendo dentro da cabeça e se chocando cegamente com suas paredes.

Não posso continuar. Não posso, não posso, não posso. Mas os pés continuaram a arrastá-lo aos trombolhões. Onde estou eu? Jan? Jan?.. Jan?

Viu-a. Estava agitando o cachecol azul que lhe dera no aniversário e a chuva reluzia em seus cabelos como se fossem joias. Sua mãe, ao lado dela, usava o casaco preto simples.

Haviam sido imprensadas pela multidão e nesse momento balançavam-se impotentes de um lado para o outro. Um câmara de TV enfiou por cima do ombro de Jan o nariz idiota.

Uma grande bolha em algum lugar de seu corpo pareceu que estourava nesse momento.

A infecção escorreu dele com uma inundação verde. Começou a correr, saltitando nas pontas dos pés, como se fosse um pombo. As meias rasgadas batiam no chão e lhe açoitavam os pés inchados.

— Jan! Jan!

Ouviu o pensamento mas não as palavras na boca. Entusiasticamente a câmara de TV seguia-lhe os passos. O barulho era ensurdecedor. Viu os lábios dela formando-lhe o nome. Tinha que tocar nela, tinha que...

Um braço deteve-o. McVries. Um soldado, falando através de um alto-falante assexuado, fazia a ambos a primeira advertência.

— Não entre na multidão! —

Os lábios de McVries estavam colados no ouvido de Garraty e ele berrava. Um bisturi de dor penetrou na cabeça de Garraty.

— Solte-me!

— Eu não vou deixar que você se mate, Ray!

— Solte-me, droga!

— Quer morrer nos braços dela? É isso?

O tempo era fugidio. Jan chorava. Viu as lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto. Soltou-se violentamente de McVries. Começou a dirigir-se novamente para ela. Sentiu dolorosos e furiosos soluços subindo de dentro do corpo. Queria sono. Encontrá-lo-ia nos braços dela. Amava-a.

Ray, amo-o.

Leu-lhe as palavras nos lábios.

McVries continuava a seu lado. A câmera de TV fitou-os, zangada. Nesse momento, perifericamente, viu sua turma da escola secundária e eles estavam desfraldando uma enorme faixa e nela havia seu retrato, o retrato do anuário escolar, ampliado até ficar do tamanho de Godzilla, ele rindo do alto para si mesmo enquanto chorava e lutava para chegar junto de Jan.

Segunda advertência, berrada pelo alto-falante, como se fosse a voz de Deus.

Jan...

Ela estendia os braços para ele. Mãos se tocando. A fria mão de Jan. As lágrimas de...

A mãe. As mãos dela, estendendo-se...

Agarrou-as. Em uma mão segurou a de Jan, na outra, a da mãe. Tocou-as. Enfim.

E tocou-as até que o braço de McVries desceu novamente em torno de seus ombros, o cruel McVries.

— Solte-me! Solte-me!

— Homem, você deve realmente odiá-la! — gritou McVries em seu ouvido. — O que é que você quer? Morrer sabendo que as duas vão ficar fedendo com seu sangue? É isso o que você quer? Pelo amor de Deus, venha!

Lutou, mas McVries era forte. Talvez McVries tivesse mesmo razão. Olhou para Jan e nesse momento os olhos dela estavam esbugalhados de alarme. A mãe fazia gestos mandando-o afastar-se. E nos lábios de Jan leu palavras que soaram como uma danação: Continue! Continue!

Claro que tenho que continuar, pensou embotadamente. Eu sou o Favorito do Maine. E nesse segundo odiou-a, embora, se tinha feito alguma coisa, não fora mais do que prendê-la — e a sua mãe também — na armadilha que preparara para si mesmo.

Terceira advertência para ele e McVries, rolando majestosa como um trovão. A multidão baixou um pouco o tom e olhou-o com uma ansiedade de olhos úmidos. Nesse momento, viu pânico nos rostos de Jan e de sua mãe. As mãos da mãe voaram para o rosto e lembrou-se das mãos de Barkovitch voando para o pescoço como pombas assustadas e rasgando a própria garganta.

— Se tem que fazer isso, faça na próxima esquina, seu merdinha barato! — gritou McVries.

Começou a choramingar. McVries derrotara-o novamente. McVries era muito forte.

— Tudo bem — disse, sem saber se McVries podia ouvi-lo ou não. Começou a andar. — Tudo bem, tudo bem, solte-me antes que me quebre a clavícula.

Soluçou, engoliu e limpou o nariz.

McVries soltou-o, cauteloso, pronto para agarrá-lo novamente.

Quase como numa reflexão tardia, virou a cabeça e olhou para trás, mas elas já haviam se perdido novamente na multidão. Achou que nunca esqueceria aquela expressão de pânico aparecendo nos olhos delas, aquele sentimento de confiança e certeza que fora tão brutalmente chutado para longe. Não conseguiu outra coisa que o vislumbre de um cachecol azul agitado no alto.

Endireitou a cabeça, novamente de frente para a estrada, sem olhar para McVries. Os pés trôpegos e traidores levaram-no, e eles finalmente saíram da cidade.

CAPÍTULO 16

"O sangue começa a correr! Liston está cambaleando!

Clay está abalando-o com uma combinação de cruzados... penetrantes! Clay o está matando! Clay o está matando!

Senhoras e senhores, Liston caiu!

Sonny Liston caiu! Clay está dançando... acenando... berrando para a multidão!

Oh, senhoras e senhores, não sei como descrever esta cena!"

— Comentarista de rádio
Segunda luta Clay-Liston

Tubbins enlouquecera.

Tubbins era um rapaz baixote que usava óculos e tinha o rosto coberto de sardas. Vestia blue jeans que lhe escorriam pelos quadris e que ele subia e apertava constantemente na cintura. Não falara muito, mas antes de enlouquecer fora um cara suficientemente legal.

— PROSTITUTA! — balbuciava insanamente para a chuva. Virara o rosto para ela e a água gotejava dos óculos para o rosto e bochechas, passava pelos lábios e descia para queixo quadrado. — A PROSTITUTA DA BABILÔNIA ESTÁ ENTRE NÓS! DEITA NAS RUAS E ABRE AS PERNAS EM CIMA DA SUJEIRA DAS LAJES! DEPRAVADA! DEPRAVADA! CUIDADO COM A PROSTITUTA DA BABILÔNIA! DE SEUS LÁBIOS PINGA O MEL MAS SEU CORAÇÃO ESTÁ CHEIO DE FEL E ABSINTO ....

— E tem gonorreia — acrescentou cansadamente Collie Parker. — Jesus, ele é pior do que Klingerman. — Ergueu a voz. — Caia morto, Tubby!

— DEVASSA E LIBERTINA! — gritou agudamente Tubbins. — INFAME!

— Diabos o levem — murmurou Parker. — Vou matá-lo se ele não calar essa boca.

Passou trêmulos dedos esqueléticos pelos lábios, deixou-os cair para o cinto e passou os trinta segundos seguintes obrigando-os a soltar o fecho que lhe prendia o cantil. Quase deixou-o cair ao levá-lo à boca e derramou metade da água. Começou a chorar debilmente.

Eram 3:00h da tarde e haviam deixado para trás Portland e South Portland. Mais ou menos 15 minutos antes tinham se arrastado por uma faixa molhada e estalante que proclamava que a fronteira de New Hampshire estava a apenas 70km de distância.

Apenas, pensou Garraty. Apenas, que palavrinha estúpida essa. Quem fora o idiota que metera na cabeça que precisávamos de uma palavrinha estúpida como essa?

Andava nesse momento perto de McVries, mas o amigo falara apenas em monossílabos desde Freeport. Mal ousava dirigir-lhe a palavra. Estava mais uma vez em dívida e isso o envergonhava. Envergonhava-o porque sabia que não ajudaria McVries se chegasse a oportunidade. Nesse instante, Jan era uma figura do passado, a

mãe também.

Irrevogavelmente e para toda a eternidade. A menos que ganhasse. E nesse momento queria isso com todo seu coração.

Era estranho. Esta era a primeira vez que conseguia lembrar-se de querer vencer. Nem mesmo na partida, quando estivera cheio de energia na época em que os dinossauros ainda andavam pela Terra — quisera conscientemente vencer. Naquela ocasião houvera apenas o desafio. Os fuzis, porém, não disparavam pequenas bandeiras com a palavra BANGUE escrita nelas. Nem as balas eram bolinhas de gude.

Ou teria sabido disso o tempo todo?

Aparentemente os pés haviam começado a doer duas vezes mais desde que resolvera vencer e sentia uma dor lancinante no peito toda vez que tomava longas respirações. A sensação de febre aumentava também. Talvez Houvesse pegado alguma coisa com Scramm.

Queria vencer, mas nem mesmo McVries poderia carregá-lo por cima da invisível linha de chegada. Não achava que fosse vencer. No sexto grau, fora reprovado na prova de ortografia e mandado para a sala de recuperação, mas o encarregado da sala não era a srta. Petrie, que dava uma segunda chance ao cara. A bondosa srta. Petrie. Ficara ali, magoado, incrédulo, certo de que devia ter havido algum erro, mas não havia. Não fora julgado suficientemente bom na divisão silábica e não ia ser suficientemente bom neste momento. Bom o suficiente para sobreviver, a maioria achava que era, mas não todos.

Pés e pernas haviam ultrapassado o estágio de irada rebelião e nesse momento o motim estava a apenas alguns passos de distância.

Só três haviam sido executados desde a saída de Freeport. Um deles, o infeliz Klingerman. Sabia o que o resto estava pensando. Um número grande demais de bilhetes azuis tinham sido emitidos para que eles simplesmente desistissem, qualquer um deles. Não com apenas vinte para ir até o fim. Iam andar agora até que corpos e mentes se despedaçassem.

Passaram por uma ponte que atravessava um pequeno e plácido riacho, a superfície ligeiramente pipocada pela chuva. Os fuzis troaram, a multidão aplaudiu e sentiu no fundo da mente a greta de esperança abrir-se um infinitesimal pouquinho mais.

— Você achou sua namorada com bom aspecto?

Era Abraham quem falava e parecia uma vítima da Marcha de Bataan. Por alguma razão inconcebível, jogara fora a jaqueta e a camisa, deixando expostos o peito ossudo e a caixa torácica.

— Achei — respondeu. — Tomara que possa voltar pra junto dela.

Abraham sorriu.

— Tomara? Isso mesmo, estou começando também a me lembrar como soletrar

essa palavra. — Aquilo era uma leve ameaça. — Aquele foi o Tubbins?

Garraty apurou o ouvido. Nada ouviu, senão o tugido incessante da multidão.

— Sim, foi. Parker botou mau-olhado nele, acho.

— Continuo a dizer a mim mesmo — continuou Abraham — que tudo o que tenho que fazer é botar um pé na frente do outro.

— É isso aí.

Abraham pareceu aflito.

— Garraty... é uma sujeira dizer isso...

— O quê?

Abraham ficou calado durante muito tempo. Como sapatos usava enormes Oxfords que Garraty achava que deviam ser horrivelmente pesados (seus próprios pés nesse momento estavam descalços, sentindo frio e em carne viva). Batiam e se arrastavam pelo leito da estrada, que se expandira e nesse momento era constituída de três pistas. A multidão não parecia tão esganiçada ou tão assustadoramente perto quanto em Augusta.

Abraham pareceu mais aflito do que nunca.

— É uma sujeira. Eu simplesmente não sei como dizer.

Garraty deu de ombros, confuso.

— Acho que simplesmente deve dizer.

— Bem, escute aqui. Acho que todos chegamos à unanimidade a respeito de uma coisa.

Todos os que sobraram.

— Safar-se como puder?

— Isso é uma espécie de... promessa.

— Oh, é...

— Nenhuma ajuda para ninguém. Faça sozinho ou não faça.

Garraty olhou para os pés. Perguntou a si mesmo quanto tempo passara desde que sentira fome, quanto tempo demoraria antes de desmaiar se não comesse alguma coisa.

Achou que os Oxfords de Abraham eram semelhantes a Stebbins — aqueles sapatos poderiam leva-lo até a ponte Golden Gate sem mesmo romper um cadarço... ou pelo menos era isso o que parecia.

— Isso parece uma insensibilidade muito grande — disse finalmente.

— Esta situação acabou tornando-se muito cruel.

Abraham, porém, não teve coragem de fita-lo.

— Conversou com todos os outros a esse respeito?

— Ainda não. Apenas com uma dúzia, mais ou menos.

— Bem, a situação é realmente difícil. Entendo como é difícil pra você falar a esse respeito.

— A coisa parece que se torna mais difícil do que mais fácil.

— O que foi que eles disseram?

Sabia o que eles haviam respondido, o que deviam ter respondido.

— Eles topam.

Garraty abriu a boca mas fechou-a em seguida. Olhou para Baker à frente. Baker usava a jaqueta que trouxera e que estava encharcada. Andava de cabeça encurvada sobre o peito. Um quadril oscilava e o outro se projetava desajeitado para a frente. A perna esquerda dele endurecera muito.

— Por que foi que você tirou a camisa? — perguntou subitamente a Abraham.

— Estava fazendo coceira em minha pele. Provocando urticária ou coisa assim. Era de material sintético, talvez eu tenha alergia a tecidos sintéticos, como, diabo, é que vou saber? O que é que você acha, Ray?

— Você parece um penitente religioso ou coisa assim.

— O que é que você diz, Ray? Sim ou não?

— Talvez eu deva uns dois favores a McVries.

McVries continuava próximo a eles, mas era impossível saber se ele podia ouvir a conversa dos dois no meio do vozerio da multidão. Venha até aqui, McVries, pensou.

Diga a ele que eu não lhe devo nada. Venha até aqui, seu filho da puta. McVries, porém, continuou calado.

— Tudo bem, pode me incluir— disse.

— Esfrie aí.

Agora eu sou um animal, nada mais que um animal sujo, cansado, estúpido. Você fez.

Você se vendeu.

— Se você tentar ajudar alguém, nós não vamos poder impedi-lo. Isso é contra as regras.

Mas todos nós o botaremos no gelo. E você terá quebrado sua promessa.

— Não vou tentar.

— O mesmo vale para todos que quiserem ajudar você.

— Tudo bem.

— Não é nada pessoal. Você sabe disso, Ray. Mas estamos resolvidos a isso agora. —

Aguente ou morra.

— É isso aí.

— Nada de pessoal. Apenas a volta à selva.

Durante um segundo, pensou que Abraham ia virar fera, mas a respiração bruscamente sugada saiu em um suspiro inócuo. Talvez ele esteja cansado demais para se enfurecer.

— Você topou. Vou cobrar essa promessa, Ray.

— Talvez eu devesse dar uma de importante e dizer que cumpro minhas promessas porque minha palavra é minha honra — respondeu Garraty. — Mas vou ser honesto. Quero ver você receber aquele bilhete, Abraham. Quanto mais cedo, melhor.

Abraham passou a língua pelos lábios.

— Eu sei.

— Esses sapatos parecem muito bons, Abe.

— E são. Mas são danados de pesados. A gente compra distância mas ganha peso. — Simplesmente não é uma cura para a tristeza de verão, certo?

Abraham riu. Garraty observou McVries, que mantinha uma expressão inescrutável.

Talvez tivesse ouvido. Talvez não. A chuva caía em linhas retas contínuas, mais forte nesse momento, mais fria. A pele de Abraham estava branca como barriga de peixe.

Sem camisa, Abraham lembrava mais um presidiário. Teria alguém alertado Abraham para o fato de que ele não tinha a menor chance de sobreviver à noite sem a camisa? O anoitecer já parecia estar chegando devagarinho. McVries? Você ouviu o que nós conversamos? Eu o vendi, McVries. Um por todos, todos por um, para sempre.

— Eu não quero morrer desta maneira — disse Abraham, chorando. — Não em público, com as pessoas torcendo para a gente se levantar e andar mais alguns quilômetros. Isso é uma coisa tão insensata. Tão estupidamente insensata. Isso tem mais ou menos tanta dignidade quanto um idiota mongoloide estrangulando-se com a própria língua e se cagando ao mesmo tempo.

O relógio marcava 3:15h quando fizera sua promessa de não ajudar ninguém. Às 6:00h daquela tarde, só mais um recebera o bilhete azul. Ninguém disse nada. Parecia haver uma embaraçosa conspiração em andamento para ignorarem os últimos centímetros puídos de suas vidas, pensou Garraty, simplesmente fingir que nada está acontecendo.

Os grupos — o triste pouco que restava deles — haviam se dissolvido inteiramente. Todos haviam concordado com a proposta de Abraham. McVries,

inclusive. Baker, também.

Stebbins rira e perguntara a Abraham se queria que ele furasse o dedo para poder assinar com sangue.

Estava esfriando muito. Garraty começou a se perguntar se havia essa tal coisa de sol, ou se sonhara apenas com isso. Até mesmo Jan era para ele um sonho nesse momento — um sonho de verão, de um verão que nunca existira.

Não obstante, parecia ver o pai com uma clareza cada vez maior. O pai com os cabelos abundantes que ele mesmo Herdara e os largos e carnudos ombros de motorista de caminhão. O pai possuíra um corpo de zagueiro de futebol. Lembrava-se do pai levantando-o do chão, balançando-o loucamente no ar, desmanchando-lhe os cabelos, beijando-o. Amando-o.

Não vira realmente a mãe, absolutamente, lá em Freeport, reconheceu triste, mas ela estivera lá — usando seu casaco preto barato, para "dar sorte", aquele que exibia uma branca queda de neve de caspas impregnada na gola, por mais que ela lavasse os cabelos com xampu. Provavelmente a ofendera muito ao ignorá-la em favor de Jan. Talvez tivesse sido mesmo sua a intenção de magoá-la. Mas isso não importava mais nesse momento. Era coisa do passado. Era o futuro que estava se desemaranhando antes mesmo de ter sido tricotado.

A gente afunda cada vez mais, pensou. Nunca se toma pé, afunda-se sempre mais, até que o cara está fora da baía e nadando no oceano. Certa vez, tudo aquilo parecera simples. Muito engraçado. Conversara com McVries e o amigo lhe dissera que, da primeira vez, salvara-o em um puro ato reflexo. Depois, em Freeport, fora para impedir uma feiura em frente a uma moça bonita que ele nunca conheceria. Da mesma maneira que nunca conheceria a mulher de Scramm, já adiantada na gravidez. Sentiu uma pontada de dor ao pensar nisso e uma súbita tristeza. Não pensara em Scramm durante muito tempo. Achou que McVries era um cara muito amadurecido, realmente. Por que ele não conseguira amadurecer?

A Marcha continuou. Pequenas cidades passaram em desfile.

Caiu em um estado de espírito melancólico, estranhamente agradável, mas que era quebrado com grande subtaneidade pelo crepitar irregular de tiros e gritos roucos da multidão. Quando se virou, viu atônito Collie Parker no alto da meia-lagarta com um fuzil nas mãos.

Um dos soldados fora abatido e estava estirado no chão olhando fixamente para o céu com olhos vazios e sem expressão. No centro da testa ele exibia um buraco azul cercado por uma coroa de queimaduras de pólvora.

— Filhos da puta nojentos! — gritava nesse momento Parker. Os demais soldados haviam saltado da meia-lagarta. Parker estendeu a vista para os atordoados caminhantes. —

Vamos, caras! Venham! Nós podemos...

Os caminhantes, Garraty inclusive, olharam para Parker como se ele houvesse começado a falarem idioma estrangeiro. Um dos soldados que pulara quando Parker subira subitamente pelo lado da meia-lagarta, apontou com cuidado e atirou nas costas dele.

— Parker! — gritou McVries. Era como se só ele compreendesse o que acontecera, a oportunidade que poderia ter sido perdida. — Oh, não! Parker!

Parker grunhiu como se alguém o tivesse atingido nas costas com uma maça de ginástica acolchoada. A bala se expandiu e lá estava Collie Parker, no alto da meia lagarta, as entranhas espirrando da camisa cáqui e do jeans azul rasgados. Uma mão ficou imóvel no ar, em meio a um gesto amplo e imperativo, como se estivesse prestes a pronunciar uma irada filípica.

— Deus.

— Droga — disse Parker.

Disparou duas vezes na estrada o fuzil que arrancara das mãos do soldado morto. Os projéteis bateram no concreto e assoviaram. Garraty sentiu um deles dar um puxão no arem frente a seu rosto. Na multidão, alguém gritou. Em seguida, o fuzil escorregou das mãos de Parker. Ele deu uma meia-volta quase marcial e caiu na estrada, onde ficou estirado sobre um lado, arquejando rapidamente como um cão que fora atingido e mortalmente ferido por um carro que passava. Seus olhos queimavam. Abriu a boca e em meio ao sangue que saía lutou para pôr um fecho no seu discurso.

— Seus filhos... filhos, filhos, fi...

Morreu olhando fixamente para eles enquanto passavam.

— O que foi que aconteceu? — gritou Garraty dirigindo-se a ninguém em particular. — O que foi que aconteceu com ele?

— Ele os pegou desprevenidos — respondeu McVries. — Foi isso o que aconteceu. Ele devia ter sabido que podia fazer isso. Surpreendeu-os por trás e pegou-os sonolentos na mudança de guarda. — A voz de McVries enrouqueceu. — Ele queria todos nós lá em cima com ele, Garraty. E eu acho que nós poderíamos ter conseguido isso.

— Do que é que você está falando? — perguntou Garraty, subitamente apavorado.

— Você não sabe? — disse McVries. — Você não sabe?

— Lá em cima com ele?... O quê?...

— Esqueça. Simplesmente, esqueça.

McVries afastou-se. Garraty sofreu um súbito ataque de calafrios. Não pôde controlá-los.

Não sabia ao que era que McVries aludira. Não queria saber o que McVries tinha em mente. Ou mesmo pensar nisso.

A Marcha continuou.

Às 9:00h da noite a chuva parou mas o céu escondeu suas estrelas. Ninguém mais fora abatido, mas Abraham começara a falar incoerentemente. Fazia muito frio mas ninguém ofereceu a Abraham coisa alguma para vestir. Garraty tentou convencer-se de que aquilo fora apenas justiça poética, mas o esforço apenas fê-lo sentir-se mal. A dor dentro do corpo transformara-se em doença, uma sensação doentia, podre, que parecia estar crescendo nos espaços ocos do corpo como se fosse um fungo verde. O cinto de concentrados estava quase cheio, mas só conseguiu mesmo comer um pequeno tubo de pasta de atum sem vomitar.

Baker, Abraham e McVries. O círculo de amigos reduzira-se àqueles três. E Stebbins, se é que ele era amigo de alguém. Conhecido, então. Ou um semideus. Ou um demônio.

Ou o que quer que fosse. Especulou se algum deles estaria vivo na estrada na manhã seguinte e se ele continuaria vivo para saber.

Pensando nisso, quase se chocou com Baker na escuridão. Alguma coisa tilintou, metálica, nas mãos de Baker.

— O que é que você está fazendo? — perguntou.

— Ahn? — respondeu Baker inocentemente.

— O que é que você está fazendo? — repetiu, impaciente, Garraty.

— Contando meus trocados.

— Quanto você tem?

Baker tilintou o dinheiro na mão em concha e sorriu.

— Um dólar e 22 centavos — respondeu.

Garraty sorriu.

— Uma fortuna. O que é que você vai fazer com ela?

Baker não retribuiu o sorriso. Sonhadoramente, olhou para a fria escuridão.

— Comprar um dos grandes — respondeu. O leve sotaque sulista acentuara-se muito. — Comprar um forrado de chumbo, seda por dentro e com um travesseiro de cetim. — Piscou com os olhos vazios e tão sem expressão como maçanetas de porta. — Nunca vou apodrecer, não até a Trombeta do juízo final, quando seremos o que éramos. Vestidos de carne incorruptível.

Garraty sentiu uma quente sensação de horror.

— Baker? Você endoidou, Baker?

— A gente não pode vencer. Nós fomos loucos em tentar isso. Não se pode vencer a podridão disto. Não neste mundo. Caixão forrado de chumbo, essa é que é a solução...

— Se não se controlar, você não chega ao amanhecer.

Baker inclinou a cabeça, concordando, a pele estirada sobre os malares, dando-lhe o aspecto de caveira.

— Essa é a solução. Eu queria morrer. Você, não? Não é esse o motivo por que estamos aqui?

— Cale essa boca! — berrou Garraty.

Começou a tremer novamente.

A estrada nesse trecho subia em ladeira íngreme e isso acabou com a conversa. Garraty inclinou-se para a frente a fim de subir melhor o aclive, sentindo frio e calor, a espinha doendo, o peito doendo. Tinha certeza de que os músculos se recusariam categoricamente a levá-lo mais adiante. Pensou no caixão de Baker, forrado de chumbo, vedado à espera que passassem escuros milênios e perguntou-se se isso seria a última coisa em que pensaria. Teve esperança que não e lutou para encontrar outra trilha mental.

Advertências eram feitas esporadicamente. Os soldados na meia-lagarta estavam novamente com efetivos completos. O que Parker matara fora substituído discretamente.

A multidão aplaudia monotonamente. Garraty perguntou como seria jazer no maior e mais empoeirado silêncio de biblioteca de todos, sonhando sonhos infindáveis sem pensamentos, por trás de pálpebras coladas, vestido para sempre com suas roupas domingueiras. Nenhuma preocupação sobre dinheiro, sucesso, alegria, dor, pesar, sexo, ou amor. Zero absoluto. Nem pai, nem mãe, nem namorada, nem amante. Os mortos são órfãos. Nenhuma companhia, mas o silêncio. Fim à agonia do movimento, ao longo pesadelo de descer a estrada. O corpo em paz, silêncio, e ordem. A escuridão perfeita da morte.

Como seria isso? Exatamente, como seria isso?

E de repente os músculos massacrados, sofridos, o suor escorrendo pelo rosto, a própria dor — tudo aquilo lhe pareceu muito doce e real. Esforçou-se mais. Lutou até o alto da ladeira e arquejou asperamente até o fim da descida no outro lado.

Às 11:40h Marty Wyman comprou seu buraco no chão. Esquecera tudo a respeito de Wyman, que nem falara nem fizera o menor gesto nas últimas 24 horas. Não morreu espetacularmente. Simplesmente deitou-se e foi morto a tiro. Alguém murmurou: aquele foi o Wyman. E mais alguém murmurou: ele foi o 83º, não? E isso foi tudo.

À meia-noite chegaram a apenas 13km da fronteira de New Hampshire. Passaram por um cinema drive-in, um imenso oblongo branco na escuridão. Na tela uma única faixa luminosa: A ADMINISTRAÇÃO DESTE CINEMA SAÚDA OS CAMINHANTES DESTE ANO! Aos vinte minutos da manhã, voltou a chover e Abraham começou a tossir — o mesmo tipo de tosse úmida, áspera, que atacara Scramm não muito tempo antes de ele receber seu bilhete azul. À 1:00h da manhã, a chuva se transformara num toró incessante que lhe picava os olhos e fazia o corpo doer com uma espécie de sezão interna. O vento empurrava-os pelas costas.

À 1:45h, Bobby Sledge tentou escapulir silenciosamente para dentro da multidão,

sob proteção da noite e da chuva que caía. Foi fuzilado rápida e eficientemente. Garraty especulou se o soldado louro que quase lhe vendera o bilhete azul fora o autor do tiro.

Sabia que o louro estava de serviço: vira-lhe claramente o rosto no brilho dos holofotes do drive-in. Desejara ardentemente que o louro fosse o soldado que Parker matara.

Aos vinte minutos para as duas horas, Baker caiu e bateu com a cabeça no piso da estrada. Sem pensar, Garraty fez menção de ir socorrê-lo. Uma mão, ainda forte, fechou-se em torno de seu braço. McVries. Claro, tinha que ser McVries.

Continuaram a andar sem olhar para trás.

Baker recebeu as três advertências e o silêncio prolongou-se em seguida indefinidamente. Garraty ficou à espera do troar dos fuzis e quando não o ouviu consultou o relógio. Só haviam passado quatro minutos. Não muito tempo depois, Baker passou por ele e McVries, sem olhar para coisa nenhuma. Tinha um ferimento feio e sanguinolento na testa, mas os olhos pareciam mais normais. Desaparecera aquela expressão vazia, de aturdimento.

Um pouco antes das duas horas da manhã entraram em New Hampshire em meio ao maior pandemônio que haviam enfrentado até então. Canhões dispararam. Fogos de artifício explodiram na noite chuvosa, iluminando uma multidão que se estendia tão longe quanto a vista podia acompanhar naquela luz ofuscante. Bandas de metais competiam entre si tocando dobrados marciais. Os aplausos eram trovões. Uma grande explosão no alto desenhou em fogo o rosto do major, levando Garraty embotadamente a pensar em Deus. A efígie do major foi seguida do rosto do governador de New Hampshire, um homem famoso por ter tomado de assalto a base nuclear alemã em Santiago quase sozinho em 1953. Perdera uma perna devido a envenenamento por radiação.

Garraty cochilou novamente. Os pensamentos tornaram-se incoerentes. Aborto D'Allessio apareceu acocorado embaixo da cadeira de balanço da tia de Baker, enrodilhado em um pequeno caixão mortuário. Seu corpo era o de um gordo gato Cheshire. Sorria, desdentado. Quase apagada, no meio da pelagem entre seus olhos verdes ligeiramente descentrados, havia a cicatriz sarada de um velho ferimento produzido por bola de beisebol. Os dois estavam olhando o pai de Garraty ser levado para uma caminhonete preta fechada sem marcas. Um dos soldados que flanqueavam seu pai era aquele louro. O pai usava apenas cueca. O outro soldado olhou por cima do ombro e por um momento Garraty pensou que era o major. Depois viu que era Stebbins.

Voltou a olhar para trás e o gato Cheshire com a cara de Aborto desaparecera — desaparecera todo ele, menos o sorriso, que continuava pendurado no ar, em forma de crescente, sob a cadeira de balanço como se fosse a borda externa de uma melancia...

Os fuzis detonaram novamente. Deus, estavam atirando nele nesse momento, sentiu o ar deslocado por aquela bala, acabara, tudo acabara...

Acordou com um choque e deu dois passos de corrida, provocando pontadas de dor que subiram dos pés até a virilha, antes de compreender que os soldados estavam atirando em outra pessoa, que essa outra pessoa estava morta, caída de bruços na chuva.

— Ave Maria... — murmurou McVries.

— Cheia de graça — disse a voz de Stebbins atrás deles. Ele havia se adiantado, aproximado mais para ver a execução e sorria nesse momento como o gato Cheshire no sonho de Garraty. — Ajude-me a vencer esta corrida de stock-cars.

— Pare com isso — disse McVries. — Deixe de se meter a engraçado.

— Eu não sou mais engraçado do que você — retrucou solenemente Stebbins.

McVries e Garraty riram — um pouco contrafeitos.

— Bem — disse Stebbins —, eu talvez faça isso, um pouco.

— Levante-os, derrube-os, cale essa boca — entoou McVries.

Passou a mão trêmula pelo rosto e continuou a andar, olhos diretamente à frente, os ombros parecendo um arco quebrado.

Mais um recebeu o bilhete azul antes de três horas — abatido na chuva e na escuridão com ventania quando caiu de joelhos em algum lugar perto de Portsmouth. Abraham, tossindo sem parar, andava com um brilho irremediável de febre no rosto, uma espécie de incandescência mortal, uma rutilação que fez Garraty pensar em meteoritos riscando o céu. Ele ia queimar por dentro em vez de ser queimado por fora — tal era a situação em que se encontrava nesse momento.

Baker caminhava com uma determinação sombria e regular, tentando livrar-se de suas advertências antes que elas se livrassem dele. Garraty mal conseguia vê-lo através dos açoites da chuva, mancando sem parar com as mãos fechadas em punho ao lado do corpo.

E McVries estava esmorecendo. Não tinha certeza de quando isso começara, poderia ter acontecido em um segundo, quando virara as costas. Em um momento ainda se conservava forte (Garraty lembrou-se do aperto dos dedos de McVries em seu antebraço quando Baker caíra) e naquele momento ele parecia um velho. Aquilo amedrontava qualquer um.

Stebbins era Stebbins. Continuava a andar, a resistir, como os sapatos de Abraham.

Parecia estar poupando ligeiramente uma perna, mas isso também podia ser imaginação sua.

Entre os outros dez, cinco pareciam ter-se retirado para aquele reino dos mortos especial que Olson descobrira — um passo além da dor e da compreensão do que lhes ia acontecer. Andavam pela escuridão chuvosa como esgalgados fantasmas e não gostou de olhar para eles. Eram mortos ambulantes.

Pouco antes do amanhecer, três deles tombaram simultaneamente. A boca da multidão rugiu e arrotou novamente com entusiasmo quando os corpos giraram sobre si mesmos e caíram como pedaços de madeira cortada e empilhada. Achou que aquilo marcava o início de uma pavorosa reação em cadeia que poderia empolgá-los e acabar com todos eles. Mas terminou. Terminou com Abraham rastejando sobre os joelhos, olhos erguidos cegamente para a meia-lagarta e a multidão do outro lado, descortiçado e o corpo todo tomado por uma dor difusa. Eram olhos de uma ovelha presa numa cerca de arame farpado. Depois, caiu sobre o rosto. Seus pesados Oxfords bateram espasmodicamente no piso molhado da estrada e em seguida pararam.

Pouco depois, começou a sinfonia aquosa do amanhecer. O último dia da Marcha chegou úmido e nublado. O vento uivava pelo beco quase vazio da estrada como um cão perdido que estava sendo açoitado através de um lugar estranho e terrível.

PARTE TRÊS

O COELHO

CAPÍTULO 17

"Mãe! Mãe! Mãe! Mãe!"

*— Palavras do reverendo Jim Jones
no momento de sua apostasia.*

Os concentrados estavam sendo distribuídos pela quinta e última vez. nesse momento um único soldado era suficiente para fazer esse serviço. Restavam apenas nove caminhantes. Alguns olharam embotadamente para os cintos, como se nunca houvessem visto tais coisas e deixaram-se cair como se fossem serpentes escorregadias. Garraty levou o que lhe pareceram horas para obrigar as mãos a realizarem o complicado ritual de prender o cinto em volta da cintura e o mero pensamento de comer fez com que o estômago paralisado por câimbras e encolhido se sentisse mal e enojado.

Nesse momento Stebbins caminhava a seu lado. Meu anjo da guarda, pensou ironicamente. Enquanto o observava, Stebbins sorriu largamente e enfiou na boca dois biscoitos barrados com manteiga de amendoim. Mastigou ruidosamente. Garraty sentiu vontade de vomitar.

— Qual é o problema?. — perguntou Stebbins, a boca pegajosa de comida. — Não pode aguentar isso?

— O que é que você está pretendendo?

Stebbins engoliu com o que pareceu a Garraty um verdadeiro esforço.

— Nada. Se você desmaia de desnutrição, melhor para mim.

— Nós vamos conseguir chegar a Massachusetts, acho — disse debilmente McVries.

Stebbins concordou com um aceno de cabeça.

— A primeira Marcha a conseguir isso em 17 anos. A multidão vai enlouquecer.

— Como é que você sabe de tanta coisa sobre a Longa Marcha? — perguntou bruscamente Garraty.

Stebbins deu de ombros.

— Está tudo nos anais. Os organizadores não têm nada de que se envergonharem. Ou têm?

— O que é que você vai fazer se ganhar, Stebbins? — perguntou McVries.

Stebbins riu. Sob a chuva, o rosto magro, peludo, riscado por rugas de cansaço, parecia leonino.

— O que é que você acha? Vou comprar um grande Cadillac amarelo com capota púrpura e um aparelho de TV estéreo para cada cômodo da casa?

— Eu estava esperando — disse McVries — que você doasse uns trezentos mil dólares à Sociedade para Intensificação da Crueldade com Animais.

— Abraham parecia uma ovelha — disse bruscamente Garraty — ,uma ovelha presa em arame farpado. Foi isso o que pensei.

Passaram por uma imensa faixa que proclamava que eles se encontravam nesse momento a apenas 25km da fronteira de Massachusetts — não havia realmente muita coisa de New Hampshire ao longo da estrada U.S. 1, apenas uma estreita língua de terra separando o Maine de Massachusetts.

— Garraty — perguntou afavelmente Stebbins —, por que você não fez amor com sua mãe?

— Lamento dizer, mas você não está mais apertando o botão certo. — Cuidadosamente, escolheu no cinto uma barra de chocolate e encheu com ela toda a boca. O estômago deu um nó furioso, mas ainda assim engoliu. Depois de uma curta e tensa luta com as próprias entranhas, teve certeza de que ia segurá-lo. — Acho que posso andar outro dia inteiro se tiver que fazer isso — observou em tom indiferente — e mais dois se for necessário. Resigne-se a isso, Stebbins. Desista da velha guerra psicológica. Não funciona. Coma mais um pouco de biscoito com manteiga de amendoim.

A boca de Stebbins contraiu-se ligeiramente — apenas por um momento, mas Garraty viu aquilo. Conseguira penetrar na armadura de Stebbins. Sentiu uma incrível sensação de júbilo. O filão principal.

— Vamos, Stebbins — provocou. — Conte à gente por que você está aqui. Desde que não vamos continuar juntos por muito tempo. Conte. Apenas entre nós três, agora que sabemos que você não é o Super-Homem.

Stebbins abriu a boca e com uma chocante brusquidão vomitou os biscoitos e a manteiga de amendoim que comera, quase inteiros e aparentemente sequer tocados pelos sucos digestivos. Cambaleou e apenas pela segunda vez desde o início da Marcha foi advertido.

Garraty sentiu o sangue latejar na cabeça.

— Vamos, Stebbins. Você vomitou. Agora, dê o serviço. Conte.

O rosto de Stebbins tinha ficado da cor de musselina de algodão, mas ele recuperara a compostura.

— Por que estou aqui? Quer saber?

McVries fitou-o curioso. Não havia ninguém perto. O mais próximo, Baker, vagueava ao longo da borda da multidão, olhando atentamente para seu rosto de massa.

— Por que estou aqui ou por que eu ando? Qual das coisas vocês querem saber?

— Quero saber tudo — respondeu Garraty, dizendo a pura verdade.

— Eu sou o coelho — respondeu Stebbins.

A chuva caía ininterruptamente, pingando de seus narizes, pendurando-se em gotas nos lobos de suas orelhas como se fossem brincos. À frente deles, um rapaz descalço, os pés transformados numa colcha de retalhos de veias estouradas, caiu de joelhos, continuou rastejando com a cabeça subindo e descendo loucamente, tentou levantar-se, caiu e finalmente conseguiu. E voltou a andar. É o Pastor, notou surpreso Garraty: Ele continua conosco.

— Eu sou o coelho — repetiu Stebbins. — Você o conhece, Garraty. É o pequeno coelho mecânico cinzento que os galgos perseguem nas corridas de cães. Por mais rápido que os cães corram, eles nunca conseguem alcançar o coelho. Isso porque o coelho não é de carne e sangue, e eles são. O coelho é apenas uma silhueta em cima de um bastão ligado a um bocado de engrenagens e rodas. Nos velhos dias, na Inglaterra, usavam um coelho vivo, mas, às vezes, os cães o pegavam. É mais seguro da nova maneira.

— Ele me enganou.

Os olhos azul-claros de Stebbins fixaram-se na chuva que caía.

— Talvez você pudesse mesmo dizer que... ele me inventou. Ele me transformou num coelho. Lembra-se daquele no Alice no País das Maravilhas? Mas talvez você tenha razão, Garraty. Chegou a hora de deixarmos de ser coelhos, porcos grunhidores e ovelhas, e passar a ser gente... mesmo que possamos subir apenas até o nível dos libertinos e pervertidos das galerias dos teatros da 42nd Street.

Os olhos de Stebbins tornaram-se selvagens e jubilosos. Fitaram Garraty e McVries — e eles desviaram a vista. Stebbins estava louco. Naquele instante não podia haver dúvida a esse respeito. Stebbins estava inteiramente louco.

Sua voz de timbre baixo subiu para as proporções de grito de púlpito.

— Como é que eu sei tanta coisa sobre a Longa Marcha? Eu sei de tudo sobre a Longa Marcha! Tenho que saber! O major é meu pai, Garraty! Ele é meu pai!

A voz da multidão alteou-se em um aplauso insensato, imenso e descorticado em sua intensidade. Poderia estar aplaudindo o que Stebbins dissera, se pudesse ter-lhe escutado as palavras. Os fuzis estrugiram. Era isso o que a multidão estava aplaudindo.

Os fuzis troaram e Pastor rolou no chão, morto.

Garraty sentiu um arrepio nas entranhas e no saco.

— Oh, meu Deus!— exclamou McVries. — Isso é verdade? — e passou a língua pelos lábios rachados.

— É verdade — retrucou Stebbins, quase alegre. — Sou filho ilegítimo dele.

Compreendam... não acho que ele soubesse. Não acho que ele soubesse que era filho dele. Foi aí que cometi meu erro. Ele é um filho da puta devasso, o major. Sei que ele tem uma dezena de filhos ilegítimos por aí. O que eu queria era fazer uma surpresa a

ele... ao mundo. Surpresa, surpresa. E quando eu ganhasse, o Prêmio que eu ia pedir era ser aceito na casa de meu pai.

— Mas ele sabia de tudo? — sussurrou McVries.

— Ele me transformou em seu coelho. Um pequeno coelho cinzento para obrigar o resto dos cães a correr mais rápido... e mais longe. E acho que a coisa funcionou. Vamos conseguir chegar a Massachusetts.

— E agora? — perguntou Garraty.

Stebbins encolheu os ombros.

— Afinal de contas, os coelhos acabam se transformando em carne e sangue. Eu ando.

Falo. E acho que se isto não terminar logo vou acabar rastejando sobre a barriga como um réptil.

Passaram por baixo de um grande emaranhado de linhas de transmissão. Certo número de homens usando botas de escalada agarravam-se aos postes que sustentavam as linhas, bem acima da multidão, como se fossem grotescos louva-a-deus.

— Que horas são? — perguntou Stebbins.

Seu rosto parecia ter-se dissolvido na chuva e se transformado no rosto de Olson, de Abraham, de Barkovitch... e depois, assustadoramente, no rosto dele, Garraty, desesperançado, esgotado, encolhido e de cristas afundadas, o rosto de um espantalho apodrecido em um campo há muito tempo ceifado.

— Faltam vinte minutos para as dez horas — respondeu McVries. Sorriu, uma imitação fantasmagórica do velho sorriso cínico. — Feliz dia 5 para vocês, seus trouxas.

Stebbins inclinou a cabeça, concordando.

— Vai chover o dia todo, Garraty?

— Vai, acho que vai. É o que parece.

Stebbins baixou lentamente a cabeça.

— É o que penso, também.

— Bem, vamos sair da chuva — disse de repente McVries.

— Tudo bem. Obrigado.

Continuaram a andar, mais ou menos em compasso, embora todos os três estivessem para sempre encurvados em formas diferentes pelas dores que os rebocavam.

Ao cruzarem a fronteira para o Massachusetts, havia ainda sete deles: Garraty, Baker, McVries, um esqueleto de olhos ocos, esforçado, clamado George Fielder, Bill

Hough ("pronuncie como Huff", dissera ele muito tempo antes a Garraty), um tipo alto e musculoso chamado Milligan, que não parecia estar ainda em estado realmente sério, e Stebbins.

A pompa e os trovões do cruzamento da fronteira ficaram lentamente para trás. A chuva continuou, constante e monótona. O vento uivou e rasgou, com toda a jovem e inocente crueldade da primavera. Arrancava bonés da multidão e atirava-os, girando como pires, em curtos e violentos arcos pelo céu caiado de branco.

Pouquíssimo tempo antes — exatamente depois de Stebbins ter feito aquela confissão — Garraty experimentara um leve e estranho reerguimento de todo seu ser. Os pés aparentemente lembraram-se do que haviam sido outrora. Ocorreu uma espécie de gelada cessação das dores cegantes nas costas e pescoço. Era a sensação de ter afinal completado a escalada de um paredão rochoso, liso e ter chegado ao pico — fora da umidade mutável das nuvens e dentro de luz solar fria e revigorante ar rarefeito... sem nenhum outro lugar para onde ir, exceto descer e isso a uma velocidade de voo.

A meia-lagarta deslocava-se a uma pequena distância à frente. Garraty olhou para o soldado louro, agachado sob o grande guarda-chuva amarelo na caçamba do veículo.

Fez um esforço para projetar toda sua dor, todo seu sofrimento encharcado de chuva, no assecla do major. Indiferente, o louro retribuiu-lhe o olhar.

Relanceou a vista para Baker e notou que o nariz do amigo sangrava abundantemente. O sangue escorria pelos lados da boca e pingava da ponta do queixo.

— Ele vai morrer, não vai? — perguntou Stebbins.

— Claro que vai — respondeu McVries. — Todos eles vêm morrendo, não sabia?

Uma rajada forte de vento lançou contara eles um lençol de chuva e McVries cambaleou. Recebeu uma advertência. A multidão aplaudiu, indiferente e aparentemente insensível. Pelo menos naquele dia fora menor o número de buscapés. A chuva pusera fim àquela felicidade de merda.

A estrada levou-os em uma curva ampla e inclinada e Garraty sentiu o coração dar um salto. Vagamente, ouviu Milligan murmurar:

— Bom Jesus!

A estrada espremia-se nesse ponto entre duas colinas íngremes, como se fosse uma separação entre dois seios empinados, colinas pretas de tanta gente e que parecia crescer nelas e em volta delas como paredes vivas de um imenso e escuro charco.

George Fielder despertou bruscamente para a vida. A cabeça-caveira moveu-se vagarosamente de um lado para o outro em cima do pescoço fino como haste de cachimbo.

— Eles vão nos devorar — murmurou. — Vão cair em cima de nós e nos devorar.

— Acho que não — disse secamente Stebbins. — Nunca houve um...

— Eles vão nos devorar! Devorar até não sobrar nada! Devorar! Todos! Todos!

George Fielder girou em volta de si mesmo e em um círculo vasto, batendo alucinado os braços. Seus olhos queimavam com o terror de camundongo que caíra em ratoeira.

Garraty achou que ele se parecia com um videogame que enlouquecera.

— Deeeeeeeeeevoooooooooooraaaaaaaaaar...

Gritava a plenos pulmões, mas Garraty mal conseguiu compreender a palavra. As ondas de som que ricocheteavam das colinas batiam neles como se fossem martelos. Nem mesmo conseguiu ouvir os tiros quando Fielder recebeu seu bilhete azul. Só ouviu o grito selvagem que partiu da garganta da Multidão. O corpo de Fielder dançou uma desconjuntada mas estranhamente graciosa cumba no centro da estrada, os pés chutando à frente, o corpo se contorcendo, os ombros se sacudindo. Depois, aparentemente cansado demais para continuar a dançar, sentou-se, as pernas bem abertas e morreu assim, sentado, o queixo repousando no peito como um cansado menininho colhido por joão-pestana na hora da brincadeira.

— Garraty — disse Baker —, Garraty, estou sangrando.

As colinas haviam ficado para trás e Garraty pôde ouvi-lo — mal.

— Está... — disse.

Foi uma luta para manter a voz normal. Alguma coisa dentro de Art Baker se rompera, o nariz esguichava e rosto e pescoço já estavam lambuzados de sangue coagulado. E também a gola da camisa.

— Não é grave, é? — perguntou Baker.

Chorava nesse momento de medo. Sabia que era grave.

— Não, nada de muito grave — tranquilizou-o Garraty.

— A chuva está parecendo tão quente — continuou Baker. — Mas sei que é apenas chuva. É apenas chuva, certo, Garraty?

— Certo — retrucou debilmente Garraty.

— Eu gostaria de ter um pouco de gelo para pôr em cima disso — queixou-se Baker, e afastou-se. Garraty acompanhou-o com os olhos.

Bill Hough (“pronuncie como Huff”) recebeu bilhete azul a um quarto para onze horas e Milligan às 11:30h, pouco depois de os Ases Voadores, a equipe acrobática aérea de precisão, passarem como foguetes por cima deles em seus F-111s azul-ferrete. Garraty esperara que Baker morresse antes de qualquer um daqueles dois. Baker, porém, continuava a andar, embora toda a parte superior de sua camisa estivesse nesse momento já empapada de sangue.

A cabeça de Garraty parecia estar tocando jaza: Dave Brubeck, Thelonius Monk,

Cannonball Adderly — os Barulhentos Proscritos que todos guardavam embaixo da mesa e que punham para tocar apenas quando a festa se transformava em algazarra e bebedeira.

Parecia que antigamente ele fora amado, que ele mesmo amara. Naquele momento, porém, era só jazz e o som crescente da bateria em sua cabeça e sua mãe fora apenas palha socada em um casaco de pele, Jan nada mais do que um manequim para vestidos de loja de departamentos. Acabara. Mesmo que conseguisse sobreviver a McVries, a Stebbins e a Baker, acabara. Nunca mais voltaria para casa.

Começou a chorar baixinho. A visão borrou-se, os pés se emaranharam um no outro e caiu. Caiu no piso duro, chocantemente frio e incrivelmente repousante. Recebeu mais duas advertências antes que conseguisse levantar-se fazendo uma série de movimentos de bêbado, desarticulados. Obrigou novamente os pés a trabalhar. Soltou uma ventosidade — um crepitar longo estéril que não parecia ter a menor relação com um peido honesto.

Baker ziguezagueava em passos de bêbado de uma lado a outro da estrada. McVries e Stebbins estavam nesse momento com as cabeças juntas e de repente teve certeza de que os dois estavam conspirando para matá-lo, da mesma maneira que um alguém chamado Barkovitch matara outrora um número sem feições reconhecíveis chamado Rank.

Forçou-se a andar mais depressa e emparelhou-se com eles. Sem uma palavra, os dois abriram espaço para ele. (Pararam de falar a meu respeito, não pararam? Mas estavam falando. Pensam que não sei? Pensa que eu sou louco?), mas havia conforto nisso.

Queria ficar com eles, permanecer com eles, até que morresse.

Passaram por uma placa que nesse momento parecia sumarizar para seus olhos estupidamente indagadores toda a insanidade alucinante que poderia haver no universo, todo o agudo riso idiota das esferas, e essa placa dizia: 80km PARA BOSTON! CAMINHANTES, VOCÊS PODEM CHEGAR LÁ! Teria estourado numa gargalhada aguda se tivesse forças para tanto. Boston! O próprio som da palavra era mítico, repleto de incredibilidade.

Novamente ao seu lado, Baker disse:

— Garraty?

— O quê?

— Estamos no páreo?

— Ahn?

— No páreo, estamos no páreo? Garraty, por favor.

— Sim, estamos no páreo. Estamos no páreo, Art.

Não tinha a menor ideia do que Baker estava falando.

— Eu vou morrer agora, Garraty.

— Tudo bem.

— Se vencer, você faz uma coisa por mim? Estou com medo de pedir isso a

qualquer outra pessoa.

Baker fez um gesto vasto para a estrada deserta, como se a Marcha ainda estivesse rica com suas dezenas de participantes. Por um apavorante momento, Garraty pensou se, talvez, eles não estariam todos ainda ali, fantasmas ambulantes que Baker podia ver agora em seu momento de extremis.

— Qualquer coisa.

Baker pôs a mão em seu ombro e Garraty começou a chorar incontrolavelmente. Achou que o coração explodiria para fora do peito e choraria suas próprias lágrimas.

Baker disse:

— Revestido de chumbo.

— Ande um pouco mais — pediu Garraty entre lágrimas. — Ande um pouco mais, Art.

— Não... não posso.

— Tudo bem, então.

— Talvez a gente se veja, homem — disse Baker e distraidamente enxugou sangue no rosto.

Garraty baixou a cabeça e chorou.

— Não olhe quando me matarem — continuou Baker. — Prometa isso, também.

Garraty abaixou a cabeça, além da capacidade de falar.

— Obrigado. Você foi meu amigo, Garraty.

Baker fez um esforço para sorrir. Cegamente estendeu a mão e Garraty pegou-a com as duas.

— Em alguma outra ocasião, em outro lugar — disse Baker.

Garraty cobriu o rosto com as mãos e teve que se dobrarem dois para continuar a andar.

Os soluços provocaram-lhe uma dor que foi muito além de tudo o que a Marcha pudera até então infligir.

Alimentou a esperança de não ouvir os tiros. Mas ouviu.

CAPÍTULO 18

"Proclamo que a Longa Marcha deste ano chegou ao fim. Senhoras e senhores — cidadãos —, eis o vencedor!"

— O Major

Estavam nesse momento a 65km de Boston.

— Conte uma história pra gente, Garraty — disse bruscamente Stebbins. — Conte uma história que nos distraia de nossos problemas.

Envelhecera inacreditavelmente; Stebbins era um velho.

— Isso mesmo — concordou McVries. Ele parecia também um ancião, murcho. Uma história, Garraty.

Garraty olhou embotado de um para o outro, mas não conseguiu ver duplicidade neles, apenas um cansaço até os ossos. Nesse momento estava caindo de seu próprio pico de revitalização e todas as dores lancinantes, incessantes, voltavam em tropelada.

Fechou os olhos durante muito tempo. Ao abri-los, o mundo duplicara e só relutantemente voltou a foco.

— Muito bem — disse.

McVries bateu solene as mãos, três vezes. Caminhava levando nas costas três advertências; Garraty, uma; Stebbins, nenhuma.

— Era uma vez...

— Bolas, quem é que quer ouvir uma merda de história de fadas? — perguntou Stebbins.

McVries soltou uma risadinha.

— Vocês vão ouvir o que eu quiser contar — disse irritado Garraty. — Querem ouvir ou não?

Stebbins tropeçou em Garraty. Os dois foram advertidos.

— Acho que uma história de fadas é melhor do que nenhuma.

— De qualquer maneira, não é uma história de fadas. Simplesmente porque ocorre em um mundo que nunca existiu não quer dizer que seja unta história de fadas. Não significa...

— Você vai contar ou não vai? — interrompeu-o, aborrecido, McVries.

— Era uma vez — começou Garraty — um cavaleiro andante de armadura branca que saiu pelo mundo em uma Busca Sagrada. Deixou o castelo onde vivia e andou pela floresta encantada...

— Cavaleiros andam a cavalo — objetou Stebbins.

— Cruzou montado em seu corcel a Floresta Encantada, então. Montado. E teve muitas estranhas aventuras. Venceu milhares de gigantes e duendes e um navio cheio de lobos.

Certo? Finalmente, chegou ao castelo do rei e pediu permissão para levar Gwendolyn, a famosa fada, pra dar um passeio pela aí.

McVries soltou uma risadinha.

— O rei, porém, não caiu nessa, pensando que não havia ninguém suficientemente bom pra sua filha Gwen, a famosa fada, mas a fadinha amava tanto o Cavaleiro de Armadura Branca que ameaçou se mandar se... se... se...

Uma onda de tonteira envolveu-o, preta, dando-lhe a impressão de que estava flutuando.

O rugido da multidão chegou-lhe aos ouvidos como o bramido do mar descendo um longo túnel em forma de cone. Depois, passou, mas devagar.

Olhou em volta. A cabeça de McVries tombara sobre o peito e ele andava na direção da multidão, em sono profundo.

— Hei! — berrou Garraty. — Hei, Pete! Pete!

— Deixe-o sozinho — lembrou Stebbins. — Você fez a promessa, como o resto.

— Foda-se — disse em voz muito clara e correu para o lado de McVries.

Tocou-lhe o ombro, colocando-o novamente na direção certa. McVries ergueu para ele olhos sonolentos e sorriu.

— Não, Ray. Chegou a hora de sentar.

O pavor esmurrou o peito de Garraty.

— Não! De jeito nenhum!

McVries fitou-o por um momento, sorriu outra vez e sacudiu a cabeça. Sentou-se de pernas cruzadas no leito da estrada. Parecia um monge derrotado pelo mundo. A cicatriz no rosto era um rasgão branco na escuridão chuvosa.

— Não! — gritou Garraty.

Tentou erguê-lo, mas, magro como estava, McVries era pesado demais. McVries nem mesmo o olhou. Os olhos continuavam fechados. De repente, dois soldados puxaram

McVries para longe e encostaram as bocas de sua arenas na cabeça do amigo.

— Não! — gritou novamente Garraty. — Eu! Eu! Atirem ara mim!

Mas em vez de fazerem isso deram-lhe o terceiro aviso.

McVries abriu os olhos e sorriu novamente. No instante seguinte, estava morto.

Garraty continuou a andar sem saber a que estava fazendo. Olhou cegamente para Stebbins, que o fitou curioso. Garraty sentiu-se cheio de um vazio estranho e

tonitruante.

— Termine a história — disse Stebbins. — Termine a história, Garraty.

— Não — respondeu Garraty. — Acho que não vou terminar.

— Desista, então — sugeriu Stebbins e sorriu cativantemente. — Se há essas coisas de almas, ele ainda está por perto. Você poderia emparelhar-se com ele.

Garraty encarou-o e disse:

— Vou andar até que você morra.

Oh, Pete, pensou. Nem mesmo tinha mais lágrimas para chorar.

— Vai? — perguntou Stebbins. — Veremos.

Às 8:00h daquela noite passaram por Danvers e Garraty teve finalmente certeza. A Marcha estava quase no fim para ele porque Stebbins não podia ser derrotado.

Passei tempo demais pensando nela. McVries, Baker, Abraham... não pensaram, simplesmente marcharam. Como se ela fosse uma coisa natural. E é natural. De certa maneira, é a coisa mais natural do mundo.

Continuou a se arrastar, olhos saltados, boca aberta e caída, a chuva entrando por ela.

Durante um enevoado momento, rápido como o obturador de uma câmera fotográfica, pensou que via alguém que conhecia tão bem como a si mesmo, chorando e acenando na escuridão à frente, mas não adiantou. Não podia continuar.

Diria simplesmente isso a Stebbins. Ele estava um pouco adiantado, mancando muito nesse momento, parecendo emaciado. Garraty sentia-se muito cansado, mas o medo o abandonara. Estava calmo. Sentia-se bem. Obrigou-se a andar mais rápido até que conseguiu pôr a mão em cima do ombro de Stebbins.

— Stebbins — disse.

Stebbins virou-se e fitou-o com olhos enormes, flutuantes, que nada viram durante um momento. Depois, houve reconhecimento, ele estendeu a mão e agarrou-lhe a camisa, abrindo-a. A multidão gritou, furiosa, com essa interferência, mas só ele estava perto o suficiente para ver o horror nos olhos de Stebbins, o horror, a escuridão, e só ele soube que o agarrar de Stebbins era o último desesperado gesto em busca de ajuda.

— Oh, Garraty! — exclamou ele, e caiu.

Nesse momento, o som da multidão assumiu dimensões apocalípticas. Era o som de montanhas caindo e quebrando, a terra despedaçando-se. O som esmagou-o facilmente embaixo de sua imensa massa. Tê-lo-ia morto se o tivesse ouvido. Mas nada ouviu, senão sua própria voz.

— Stebbins? — disse curioso.

Abaixou-se e, de alguma maneira, conseguiu virar o corpo de Stebbins, que

continuava a fitá-lo, mas o desespero já transbordara. A cabeça rolou frouxamente no pescoço.

Pôs a mão em concha em frente à boca de Stebbins.

— Stebbins? — repetiu.

Stebbins, porém, estava morto.

Perdeu o interesse. Levantou-se e começou a andar. Nesse momento, aplausos enchiam a terra e fogos de artifício enchiam os céus. À frente, um jipe rugiu na sua direção.

Nada de veículos na estrada, seu grandessíssimo idiota. Isso é um crime capital, podem fuzilá-lo por isso.

Em pé no jipe, o major prestava-lhe uma rígida continência. Pronto para conceder o primeiro desejo, todos os desejos, qualquer desejo, o desejo de morrer. O Prêmio.

Às suas costas, os soldados terminaram a obra atirando no já morto Stebbins e nesse momento só havia ele, sozinho na estrada, andando para o lugar onde o jipe do major parara em diagonal atravessado sobre a linha branca. O major descia nesse momento e vinha em sua direção, o rosto bondoso e indecifrável por trás dos óculos espelhados.

Garraty deu um passo para trás. Não estava sozinho. A figura escura voltara, lá na frente, não muito longe, acenando. Conhecia aquela figura. Se pudesse chegar um pouco mais perto, poderia distinguir-lhe as feições. Qual fora aquele que não conseguira vencer na marcha? Barkovitch? Collie Parker? Percy Qual-é-o-Nome-Dele? Quem?

— GARRATY — gritou em delírio a multidão. — GARRATY, GARRATY, GARRATY

Seria Scramm? Gribble? Davidson?

Uma mão no ombro. Impaciente, desvencilhou-se com uma sacudidela. A figura escura acenava, acenava na chuva, acenava chamando-o, dizendo-lhe que andasse, que viesse e continuasse o jogo. E era tempo de começar. Havia ainda muito chão a cobrir.

Olhos cegos, mãos suplicantes estendidas como se pedindo esmolas, andou na direção da figura escura.

E quando a mão tocou-lhe novamente o ombro, conseguiu, de alguma maneira, encontrar forças para correr.

FIM

Versão ePub: AZ